

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Humberto Rocha Cunha

PEDAGOGIA INTERGERACIONAL
NUMA FAMÍLIA TRABALHADORA NEGRA NO RIO GRANDE DO SUL

Tese de Doutorado

Porto Alegre

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Humberto Rocha Cunha

PEDAGOGIA INTERGERACIONAL
NUMA FAMÍLIA TRABALHADORA NEGRA NO RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre

2008

Humberto Rocha Cunha

PEDAGOGIA INTERGERACIONAL
NUMA FAMÍLIA TRABALHADORA NEGRA NO RIO GRANDE DO SUL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador:

Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer

Porto Alegre

2008

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

- C972p Cunha, Humberto Rocha
Pedagogia intergeracional numa família trabalhadora negra no Rio Grande do Sul [manuscrito] / Humberto Rocha Cunha; orientador: Nilton Bueno Fischer. – Porto Alegre, 2008.
f.+ Anexos.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, 2008, Porto Alegre, BR-RS.
1. Relações familiares. 2. Relações intergeracionais. 3. Construção do conhecimento – Classe trabalhadora. 4. Educação – Negro. I. Fischer, Nilton Bueno. II. Título.

CDU – 316.356.2:37

Humberto Rocha Cunha

PEDAGOGIA INTERGERACIONAL
NUMA FAMÍLIA TRABALHADORA NEGRA NO RIO GRANDE DO SUL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada em 07 mar 2008.

Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer – UFRGS (Orientador)

Profa. Dra. Maria Stephanou – UFRGS

Profa. Dra. Leunice Martins de Oliveira – PUCRS

Prof. Dr. Danilo Romeu Streck – UNISINOS

Profa. Dra. Jaqueline Moll – UFRGS (Suplente)

Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva – UNILASALLE (Suplente)

Agradecimentos

À Cecília, companheira.

Ao Nilton Bueno Fischer, pela orientação segura e estimulante.

À Família Dornelles, sem a qual esta tese não existiria.

À minha família, pela compreensão e incentivo.

Aos professores, pelo empenho na construção do conhecimento.

Aos funcionários, pela eficácia e presteza.

À Vanessa Gil, pelo apoio na organização final da tese.

*A vó da mãe da Léia já dançava
toda escrava no passado é princesa nos cordões
a Mulata Cheirosa tem espírito guerreiro
seu folclore verdadeiro atravessa gerações*

Maria Lídia

RESUMO

CUNHA, Humberto Rocha. **Pedagogia Intergeracional Numa Família Trabalhadora Negra no Rio Grande Do Sul.** – Porto Alegre, 2008. f.+ Anexos. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2008.

O saber operário, no caso estudado nesta tese, nasce na família, no trabalho e nas escolas profissionalizantes, reproduz-se pelas relações familiares e dissemina-se através dos ambientes de trabalho dos membros da família. A reprodução no seio da família não é reprodução simples, mas reprodução ampliada e sofisticada, uma vez que, de um lado, o mundo da produção tem evoluído de um mercado primordialmente de bens tangíveis para um mercado que privilegia bens intangíveis; de outro lado, os sujeitos das novas gerações não se vinculam necessariamente ao ambiente do trabalho físico ou fabril, mas diversificam suas inserções, inclusive no mundo docente e acadêmico. O caso estudado é a Família Dornelles, tomando como membro fundador Armando Dornelles e focando o pensamento e a ação de sua filha Leni Vieira Dornelles e de sua neta Amanda Eccel Dornelles, ambas pedagogas com estudos pós-graduados. As entrevistas realizadas com esses três membros da Família Dornelles permitem concluir que é possível afirmar a existência de uma pedagogia intergeracional na família, estruturada sobre cinco pilares: responsabilidade, respeito, honestidade, amorosidade e solidariedade. Adicionalmente, é possível concluir que o pensamento gerado na família operária amplia-se e dissemina-se através da ação dos seus membros nos respectivos ambientes de trabalho. Privilegia-se, para a investigação, dois membros docentes, e o que se constata é que uma das possíveis conexões pedagógicas do pensamento operário se dá pela ação docente, de pesquisa e de extensão. Os valores adquiridos na família acompanham os sujeitos em sua vida adulta e são operacionalizados e disseminados através da prática acadêmica no âmbito da Universidade e nos eventos profissionais e científicos internos ou externos à instituição onde se dá o vínculo profissional. As entrevistas permitem, também, detectar que, entre as três dimensões – operário, gaúcho, negro – o ser negro, na Família Dornelles, tem menor peso específico do que ser gaúcho ou ser operário (trabalhador). Ser gente vem primeiro, depois vem o ser operário (trabalhador), ser gaúcho, ser negro. Cada uma destas dimensões da cultura e da personalidade dos sujeitos pesquisados participa do seu condicionamento social, todavia o que os impulsiona é o sentir-se em condição de disputa com outros que nasceram privilegiados pela cor ou situação econômico-social. A condição genérica do humano é que dá consistência à formulação e vivência dos valores, subsidiada pela situação de classe, etnia e pertencimento territorial. Estudos como este, têm uma forte referência na contribuição de Boaventura Sousa Santos e Carlo Ginzburg, que, respectivamente, nos seus estudos *“Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências revisitado”* e *“El queso y los gusanos”*, conectam um foco a um período histórico. Santos preocupa-se em produzir, a partir da ausência, a emergência do sujeito. Ginzburg propõe um método de estudo de caso em que busca relações genéricas com totalidades, permitindo abstrair generalidades, sem

com isto ter a pretensão de obter generalizações, que, supostamente, seriam válidas para outras circunstâncias, concomitantes no tempo ou no espaço de ocorrência do caso em estudo.

Palavras-chave: **1. Relações familiares. 2. Relações intergeracionais. 3. Construção do conhecimento – Classe trabalhadora. 4. Educação – Negro.**

ABSTRACT

CUNHA, Humberto Rocha. **Pedagogia Intergeracional Numa Família Trabalhadora Negra no Rio Grande Do Sul.** – Porto Alegre, 2008. f.+ Anexos. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2008.

The workers knowledge case studied in this thesis is born in the family, in vocational schools and at work settings. It is approached by family relationships and spreads through the family members' work environment. Its reproduction in the family range is not an easy issue but broadened and sophisticated since, on one side, the production world has grown from a primary tangible goods market to an intangible goods privilege market; on the other hand, the new generations subjects do not necessarily bind to the hand work or manufacturing environment, but diversify their inserts, including teaching and academic world. This thesis study is the Dornelles Family case, taking as the founding member Mr. Armando Dornelles and focusing his daughter Leni Vieira Dornelles and granddaughter Amanda Eccel Dornelles thinkings and actions, both post-graduate pedagogists. The interviews conducted with these three members of the Dornelles Family brings to conclude that it is possible to affirm the existence of a intergeneracional pedagogy in the family, structured on five pillars: responsibility, respect, honesty, loveliness and solidarity. Additionally, it is possible to conclude that the thoughts born in the worker family extend up and spread by the action of its members through their workplaces. Two members of the family who are teachers are special in this research. What is reached is that one of the possible pedagogical connections of the workers thoughts is given by the action teaching, research and extension. It also found that the values acquired among the familyhood follow the subjects on their adult life and are operationalised and disseminated through the practice at the University academic ambit and at the internal or external professional events of the scientific institution they have professional bond. Interviews may, also, notice that between the three dimensions - worker, "gaúcho" and black - the being black in Dornelles Family has lower specific gravity than being "gaúcho" or worker (employee). Being people comes first, then comes being worker (employee), "gaúcho", and black. Each of these culture and personality dimensions of the subjects participate in their social conditioning, but what drive them is the feeling that they are prepared to dispute with others privileged born by color or economic-social situation. Is the human generic condition that gives consistency to the values and living formulations, subsidised by the class status, ethnicity and territorial membership. Studies like this have a strong reference to the contribution of Boaventura Sousa Santos and Carlo Ginzburg. The studies of both authors, respectively "*Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências revisitado*" and "*El queso y los gusanos*", connect a focus to a historical period. Santos is concerned in producing, from the absence, the emergence of the subject. Ginzburg proposes a method of case study in seeking relations with all generic, allowing abstract generalities, without having the intention

of obtaining generalizations, which, supposedly, would be valid for other circumstances, concurrent in time or area of occurrence of the event studied.

Keywords - **1. Family relationships. 2. Family relationships. 3. Construction of knowledge – Class worker. 4. Education Black.**

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Correlações no mundo da vida	4
Tabela 2	– Mundo da vida.....	6
Tabela 3	– Relações familiares.....	10
Tabela 4	– Escopo da pesquisa em 2005.....	11
Tabela 5	– Razão indolente	25
Tabela 6	– Lógicas restritivas e seus contrapontos	30
Tabela 7	– Sociologia das ausências e das emergências.....	32
Tabela 8	– O Trabalho de tradução	34
Tabela 9	– Situação de contato / Cultura do contato	46
Tabela 10	– Reposição da ordem africana no Brasil	48

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

CTG – Centro de Tradição Gaúcha

FACED – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor

MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho

SAMDU – Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência

SMED – Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre

UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 SITUANDO O TEMA	2
1.2 QUESTÕES METODOLÓGICAS	13
2. A PRODUÇÃO DA EMERGÊNCIA DE UM OPERÁRIO NEGRO	24
2.1 RAZÃO INDOLENTE	24
2.1.1 Razão Metonímica	25
2.1.2 Razão Proléptica	31
2.2 O TRABALHO DE TRADUÇÃO	32
3. VALORES FAMILIARES E EDUCAÇÃO INFANTIL	51
3.1 FAMÍLIA E VALORES	52
3.2 OS DORNELLES E A PEDAGOGIA NO AMBIENTE FAMILIAR	61
4. CONSTRUÇÃO DE SABERES NA FAMÍLIA DORNELLES	70
4.1 SABER OPERÁRIO, UM FUNDAMENTO	71
4.1.1 O Papel da empresa e da escola	73
4.1.2 O Papel da greve e da associação	76
4.1.3 O Papel da família e da religiosidade	79
4.2 LIMITES DA NEGRITUDE E DO GAUCHISMO NOS DORNELLES .	85
4.3 PEDAGOGIA INTERGERACIONAL	91
5. CONCLUSÃO	102
REFERÊNCIAS	109
ANEXOS	113
ANEXO 1 – Modelo do Termo de Consentimento Informado	114
ANEXO 2 – Fluxograma da Geração e Difusão do Pensamento Operário – Família Dornelles	116
ANEXO 3 – Fotos	118
ANEXO 4 – ENTREVISTA 1: Amanda Eccel Dornelles, em 05/04/2004 ..	121
ANEXO 5 – ENTREVISTA 2: Amanda Eccel Dornelles, em 15/04/2004 ..	124
ANEXO 6 – ENTREVISTA 3: Amanda Eccel Dornelles, em 22/04/2004 ..	127
ANEXO 7 – ENTREVISTA 4: Amanda Eccel Dornelles, em 09/05/2004 ..	129
ANEXO 8 – ENTREVISTA 5: Amanda Eccel Dornelles, em 20/12/2007 ..	131

ANEXO 9 – ENTREVISTA 6: Armando Dornelles, em 09/12/2005	138
ANEXO 10 – ENTREVISTA 7: Armando Dornelles, em 09/12/2005.....	143
ANEXO 11 – ENTREVISTA 8: Armando Dornelles, em 22/10/2007.....	155
ANEXO 12 – ENTREVISTA 9: Armando Dornelles, em 07/11/2007.....	172
ANEXO 13 – ENTREVISTA 10: Leni Vieira Dornelles, em 29/10/2007 ...	186
ANEXO 14 – ENTREVISTA 11: Leni Vieira Dornelles, em 29/10/2007 ...	199
ANEXO 15 – ENTREVISTA 12: Leni Vieira Dornelles, em 26/12/2007 ...	211
ANEXO 16 – ENTREVISTA 13: Valdemar Marques Severo, em 07/12/2007.....	213

1. INTRODUÇÃO

A gente está sempre aprendendo. Esta afirmação é proferida pelo Senhor Armando Dornelles, sujeito desta pesquisa, sobre cuja ação e família esta tese pretende dizer algo. A frase representa, de algum modo, os caminhos percorridos pela mesma, desde a etapa de formulação do pré-projeto até a construção da tese. É uma história de negros bem sucedidos em seus projetos: aprender sempre para enfrentar a vida, aprender para firmar o passo em busca de novos sucessos. Este parece ser o ponto nodal da atitude familiar no enfrentamento do preconceito e do desfavorecimento a que o negro no Brasil tem sido relegado.

A família Dornelles assume sua condição mestiça, com forte acento negro. Sua concepção ideológica apresenta desde momentos de não percepção do que a dimensão cor da pele tem significado na vida social brasileira até um olhar mais atento sobre esta e outras diferenças presentes na nossa sociedade.

O encontro de um tema de pesquisa acadêmica não ocorre sempre de forma planejada, segundo ritos e cânones. Ele pode surgir, simplesmente, de uma prática social. Ele pode convidar o pesquisador a um passeio conjunto, uma parceria, uma aventura prazerosa até então sequer suspeitada. Deciframe! Esta é uma frase antiga, sempre renovada quando o estranhamento e o espanto convocam o pesquisador.

Aceitar o desafio implica aceitar dificuldades, superar limites, como Fernão Capelo Gaivota (Cf. BACH, 197_). O ambiente escolar está repleto de momentos desafiantes, nem sempre aproveitados pelos professores e estudantes para debruçar sua curiosidade epistemológica (Cf. FREIRE, 1999) sobre temas inusitados e sujeitos silenciados. A liberdade de pensar tem suas próprias dores e recompensas. Conhecer, refletir, decidir, escolher são verbos nem sempre fáceis de conjugar. Não há, todavia, pesquisa sem escolha.

1.1 SITUANDO O TEMA

A família Dornelles surge como tema e sujeito de pesquisa de forma progressiva. O momento inicial desse aparecer se dá em 2002, quando o pesquisador leciona o eixo temático “Pesquisa Educacional” na Unidade Cidreira da UERGS-Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. A jovem estudante Amanda Eccel Dornelles, recém-saída da adolescência, ao fazer a sua apresentação no primeiro dia de aula do primeiro semestre do curso de Pedagogia, demonstra capacidade de crítica social e diz que está tentando construir suas análises além do empírico, por isto busca o aprofundamento teórico.

Ao professor-pesquisador surgem questionamentos: Como se forma essa criticidade? Por quê alguns jovens sentem necessidade de aprofundar os conceitos e outros se conformam com a formatação conceitual que a empiria possibilita, sem superá-la pela reflexão e pelo estudo? O humano é paradoxal, a liberdade e a reflexão que lhe abrem o caminho para criar o estudo e a ética são as mesmas que lhe facultam abster-se do estudo ou violar a ética.

Hannah Arendt indica a distinção entre o julgamento e a compreensão de uma dada situação: *“La différence entre cette perspicacité jugeante et la pensée spéculative réside en ce qu’on appelle d’habitude le sens commun, tandis que l’autre le transcende constamment”*¹ (ARENDR, 2005, p. 282-283). No compartilhamento do mundo, julgar é talvez a atividade mais importante entre aquelas que nos permitem os cinco sentidos. Entretanto, nesse julgamento interfere nosso gosto, nosso senso estético, produto, ele mesmo, da nossa vivência numa sociedade de massas, a qual não é uma nova sociedade, mas um momento do processo evolutivo da sociedade.

La société de masse et la culture de masse semblent être des phénomènes corrélatifs, mais leur commun dénominateur n’est pas tant la masse, que la société dans laquelle les masses aussi ont été incorporées. Historiquement, comme conceptuellement, la société de masse a été précédée par la société, et société n’est pas plus un terme générique que société de masse ; elle aussi peut être datée et historiquement décrite ; elle est plus vieille, certes, que la société de

¹ Tradução livre: A diferença entre esta perspicácia de julgamento e o pensamento especulativo reside em que a primeira apela habitualmente ao senso comum, enquanto o outro constantemente o transcende.

masse, mais non plus vieille que l'âge moderne². (ARENDR, 2005, p. 255).

Ernani Maria Fiori (1991), analisando a cultura e o conhecimento, propõe a compreensão da historicidade humana como a possibilidade que se constrói no espaço situado entre a natureza que nos produz e condiciona e o sonho postulado pela liberdade.

Adriano Vieira (2008), desenvolve a reflexão de Fiori: para que ocorra a consciência, a razão deve abrir-se a formas de pensar que, num momento específico, não cabem no espaço da racionalidade.

O pensamento de outrem, que pode estar fora de minha racionalidade, enquanto compreensão mais ampla, é acolhido como outro pensar, é a ciência do outro que se agrega à minha sem negá-la. Nessa compreensão a razão passa a ser instrumento da consciência e não o inverso. (VIEIRA, 2008, p. 44)

Há que pensar, nesta perspectiva, que alguns supervalorizam a razão, desqualificando e despotencializando o humano, coisificando-o, reduzindo-o a uma de suas dimensões, apenas, enquanto outros trabalham a razão a partir da consciência, abrindo a possibilidade de se pensar a intersubjetividade como consciência histórica coletiva: *“Pensar o sujeito e sua práxis como exercício de uma liberdade construída no cotidiano do pensar-agir-criar, tendo a consciência como referência dessa práxis, [é] proposta de busca que se realiza na própria prática”* (VIEIRA, 2008, p. 44).

Um projeto de ensino pode definir eixos geradores de conhecimento e cuidar para que os conhecimentos gerados sejam significantes para os sujeitos ensinantes e aprendentes. A aplicação desta matriz a um caso escolar pode ser encontrado em VIEIRA (2008). Todavia, é importante estar atento aos conhecimentos significantes que perpassam os processos de ensino/aprendizagem em ambientes não escolares.

Jovino Pizzi (2006) alerta para outro aspecto do estudo do cotidiano: o mundo imaginário. O humano não se subsume na objetividade de um mundo amorfo; ao contrário, sua capacidade de imaginação lhe propicia transcender o

² Tradução livre: A sociedade de massa e a cultura de massa parecem ser fenômenos correlacionados, mas o seu denominador comum não é tanto a massa, mas a sociedade em que as massas também foram incorporadas. Historicamente, como conceitualmente, a sociedade de massa foi precedida pela sociedade, e sociedade é um termo tão genérico quanto sociedade de massa; ela também pode ser datada e descrita historicamente; é mais antiga, é claro, que a sociedade de massa, mas não é mais velha que a idade moderna.

imediatamente e vivenciar dimensões que poderão ser ou não ser compartilhadas com os seus semelhantes. As dimensões compartilhadas são, inicialmente, pela via das interlocuções do cotidiano.

Estas, em sua maior parte, são falas não problematizadas, embasadas em certezas consentidas com anterioridade. Certezas assentadas num “adiantamento de validade”, como define Jürgen Habermas (2002, p. 89), emanado do mundo da vida.

O mundo da vida está presente no cotidiano de modo implícito e pré-reflexivo, aproximando-se de uma cosmovisão. Este saber estável é assentado em certezas, familiaridades, concordâncias e habilidades, e constitui o pano de fundo que sustenta o agir no dia-a-dia:

O saber que serve de pano de fundo carece de ligação interna com a possibilidade de problematização, pois, ele só entra em contato com pretensões de validade criticáveis no instante da pronúncia, quando é transformado em saber falível. (HABERMAS, 1990, p. 92)

Não há monolitismo nem imobilismo nessa concepção. O mundo da vida é formado por três componentes originalmente entrecruzados e interativos – a cultura, a sociedade e o indivíduo. Estes componentes “*formam conjuntos de sentido complexos e comunicantes, embora estejam incorporados em substratos diferentes*” (HABERMAS, 1990, p. 98) e se mantêm por conta da estabilização de solidariedades grupais, da formação de atores responsáveis e da continuidade do saber aceito como válido.

São esses componentes especializados (ver Tabela 1, abaixo) que permitem a formação do entendimento, da coordenação da ação e da socialização.

Tabela 1
Correlações no mundo da vida

COMPONENTES		PROCESSOS
Modelos culturais	(Cultura, tradições culturais)	Entendimento
Ordens legítimas	(Sociedade, Direito)	Coordenação da ação
Estruturas de personalidade	(Indivíduo)	Socialização

Fonte: Jürgen HABERMAS, *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*.

A encarnação dos componentes do mundo da vida em formas simbólicas (cultura), em ordens, normas e costumes (sociedade), e no substrato do organismo humano (indivíduo) constituem conteúdos semânticos

que, embora formando grandezas ontologicamente distintas, podem dissolver-se e circular na linguagem comum, na prática comunicativa cotidiana.

Os componentes especializados operam através de sistemas de ação especializados. A escola gerencia a reprodução cultural, o Direito gerencia a integração social, enquanto a família gerencia a socialização. Entrelaçando os três componentes e os três sistemas, o mundo da vida constitui uma complexa estrutura simbólica que busca responder a duas questões clássicas: como possível a ordem social e como se dá a relação entre o indivíduo e a sociedade.

A interação dialética, o jogo conjunto da reprodução cultural, da interação social e da socialização com a prática comunicativa cotidiana constitui o centro para onde se orienta o mundo da vida. Aí se concentram as certezas, inabaláveis até o momento em que falham nos procedimentos da comunicação e se decompõem abruptamente, exigindo a reconstrução do saber.

O saber acerca de um pano de fundo, próprio do mundo da vida, passa por confronto com outros saberes em momentos de dois tipos: a situação e a tematização.

O saber acerca de um horizonte é o saber que se refere a uma situação. Tende à aceitabilidade e à não problematização, embora se atualize implicitamente com o que é dito.

O saber acerca de um contexto é referido à tematização. É um saber dependente de temas e produz-se num embate com um horizonte de vivências.

O saber que serve de pano de fundo possui uma estabilidade maior, uma vez que é imune à pressão problematizadora das experiências que produzem contingência. [...] Essa camada de saber elíptico e sempre pressuposto só pode ser retirada do modo inacessível ou do fundo inquestionável onde se encontra e transformada em tema através de um *esforço metódico* e, mesmo assim, pedaço por pedaço. (HABERMAS, 1990, p. 91)

Desta forma, é do saber acerca de um pano de fundo que os outros saberes haurem sua construção e é no embate com estes outros saberes que o pano de fundo pode modificar-se e novamente estabilizar-se. Os conteúdos semânticos, ao fragmentar-se e constituírem temas, a partir de um esforço metódico, tornam-se suscetíveis à problematização, a que, até então, estavam imunes.

A busca da tematização recorre ao substrato do mundo da vida e este possui recortes, podendo-se identificar quatro dimensões, cujas características são listadas na Tabela 2, abaixo.

Tabela 2
Mundo da vida

DIMENSÃO	CARACTERÍSTICAS
Circundante	É aquele que está aí, é auto-evidente, não precisa da consciência para estar; é o ponto de partida natural do trabalho de reflexão
Concreto	Mescla ao mundo circundante os fatos individualizados, todavia não escolhidos intencionalmente; é também ponto de partida do trabalho de reflexão, todavia não mais apenas natural, mas natural-histórico
Originário	Agrega a intencionalidade: ao invés do caos, os fatos escolhidos; é o mundo das evidências originárias e dos juízos
Primordial	Mundo da construção do eu, que integra a natureza, os fatos ocasionais, os fatos intencionalmente escolhidos, os juízos e a relação de tudo com a vida interior

Fonte: Jovino PIZZI, O mundo da vida: Husserl e Habermas.

É aos processos que se passam no mundo da vida primordial do Senhor Armando e de dois de seus familiares que esta tese dirigirá a atenção. O que se busca é uma racionalidade ampla, não cingida ao observável, mas acolhendo sujeitos de razão e dando-lhes a palavra. É preciso escutar as pessoas, pois são elas que constituem a cultura e a sociedade e agem na socialização dos indivíduos.

A construção da subjetividade dá-se em interação e interlocução com outras subjetividades, configurando a produção da intersubjetividade, processos de aprendizagem intramundos. Entender o papel dos membros da família implica em assumir que cada um desses membros não é o iniciador, mas o continuador de tradições, solidariedades, socialização e aprendizagem. Como continuador e agente, incentivado pelo contexto, pode tematizar e produzir reflexão, assumindo atos de fala, ao mesmo tempo produtos e produtores de comunicação intersubjetiva.

A tese incidirá sobre alguns temas que emergem dos relatos de três membros da família Dornelles. A contextualização dessas falas tornará possível abordar em linhas gerais a relação familiar com e, em alguma medida, o seu prolongamento na linha do tempo.

As relações que se processam no aparecer da sociedade civil perante a sociedade política produzem tensões no Estado moderno, oportunizando aos movimentos sociais e às manifestações culturais o estar juntos no enfrentamento da fala estatal e a construção de utopias de igualdade, de liberdade e de felicidade. Jörn Rüsen trabalha a utopia como a consciência baseada num *“superavit de carência com respeito aos meios dados de sua satisfação”* (RÜSEN, 2007, p. 138). A função da utopia é negar as circunstâncias atuais da vida e projetar circunstâncias desejáveis no futuro.

Não se trata, para a pedagogia, de compreender as utopias apenas no plano dos grandes discursos ou das metanarrativas, mas buscar seu fundamento na práxis das sociedades realmente existentes. Ao invés de classes sem sujeitos, que se digladiam num plano etéreo, cabe estudar os sujeitos que, na construção da sua existência e subsistência, formam os grupos ativos e efetivos, inclusive as classes. Cabe, então, perguntar: Qual a consonância entre o discurso e a prática dos direitos? Como os sujeitos constroem, na cotidianidade, os valores que orientam a sua relação social? Como os transmitem?

Estas reflexões conduzem o pesquisador à observação das pessoas, em sua representação social, mas, igualmente, em suas individualidades. A pergunta acerca da origem de uma dada situação tem esta dupla condicionalidade: o social e o individual se interconectam e potencializam a subjetividade além do empírico.

A continuidade da observação da fala de Amanda em sala de aula conduz a uma primeira formulação do pré-projeto de doutorado³, cujo escopo seria o estudo comparado de duas pequenas comunidades, com o entendimento das questões extra-econômicas que influenciam na educação das classes populares e setores excluídos e marginalizados. Tais comunidades, Balneário Pinhal-Rio Grande do Sul-Brasil e Arbúcies-Catalunya-Espanha, são constituídas por cidades diferentemente situadas, quer do ponto de vista geográfico e histórico, quanto de progresso material, embora de mesmo volume de população. Haveria aqui uma especial preocupação com a história das cidades, a partir de Richard Sennet (2003), enfocando os aspectos

³ Denominado *“Educação, linguagem e identidade: vivências comunitárias em dois continentes”*.

educativos que a relação entre as pessoas e destas com as instituições, bem como o contato com os sítios de interesse histórico-cultural da cidade produzem na cidadania.

Há injunções do Estado que interferem na ordenação pessoal do pesquisador, seus interesses de estudo e disposição de tempo. O doutorado deveria ser um momento volitivo do estudante, canalizado para a produção de uma tese acadêmica. No Brasil contemporâneo, além de um excessivo número de créditos exigidos do estudante, que nem sempre o aproximam do caudal central da sua tese, também as bolsas e outras condições de estudo com subsídio público estabelecem a idade do estudante como fator limitante. O autor desta tese já tem sessenta anos. Está, portanto, fora das condições estabelecidas pelo centro do poder. A idéia de fazer a comparação entre dois locais em países distintos tem que ser abandonada e o projeto refeito.

A partir dos contatos e das informações acumuladas, inicia-se a construção de novo escopo, que, inicialmente, propõe-se que seja *“Existe uma pedagogia de bar?”*, pois Amanda em comentário casual, no ano de 2003, menciona *“O bar do meu pai”* e, num momento seguinte, *“A bem dizer, eu fui criada no bar”*.

Novas falas da estudante colocam em cena o papel destacado dos bares na formação da cidade de Balneário Pinhal, o reforço das relações de vizinhança e de solidariedade propiciadas pelo bar, a articulação de formas de lazer e de cultura que um bar propicia. Uma dessas falas casuais dá conta de que um famoso conjunto de rock se forma freqüentando o Balneário e, por extensão, seus integrantes fazendo compras no bar, junto com a mãe ou a mando da mãe. Este fato inusitado torna-se relevante na sua vida: amigos de infância, freqüentadores do bar do seu pai são agora artistas famosos, como no passado uma vizinha de suas tias torna-se cantora de expressão nacional (Elis Regina).

A empiria condiciona a pergunta e esta é a base para o novo projeto. Todavia, ao formulá-lo, percebe-se que o universo temático ainda está muito amplo. É necessário focá-lo. O foco evolui do bar para a família dona do bar: numa família operária, negra, gaúcha, podemos falar na existência de uma pedagogia familiar? Motivada pelo estudo das técnicas de pesquisa

embasadas no registro das tradições, em certo momento do ano de 2003 Amanda comenta: *“Professor, o senhor precisa conhecer meu Vô”*.

Nas culturas antigas, o velho é o sábio, tem responsabilidade sobre o destino da sociedade e o respeito desta. Jan Myrdal (1966) relata sua observação sobre o papel social dos velhos na primeira aldeia onde o Partido Comunista Chinês estabeleceu o processo revolucionário que o levaria ao poder em 1949. Num determinado dia, uma menina recusa-se a ir à escola. Inúmeras reuniões e conversas são feitas, para tratar da questão. Reuniões da cooperativa, reuniões do partido, a própria direção partidária se reúne com a criança para convencê-la a voltar às aulas. Nada adianta. Chamam a avó e esta conversa longamente com a criança, diariamente, durante muitos dias. Então, consegue o retorno da menina à sala de aula.

Aqui entra em cena a experiência do pesquisador com o seu próprio avô, no início da década de 1960. Uma convivência de menos de dois anos propicia a ressignificação do saber adquirido na família, na escola, na cidade. À criança que frequenta os anos finais do ensino fundamental o avô aparece como o sábio, aquele cujos anos de vida trouxe acúmulo de conhecimento e de paciência, nem sempre encontrável na geração dos pais, muito envolvida nas atividades produtivas, na garantia da sobrevivência imediata. O avô já está numa fase da vida em que pode voltar-se mais para a sobrevivência futura, a transcendência.

Marco Túlio Cícero (1997), no segundo século da nossa era, analisa os estereótipos que se criam contra a velhice. Embora justas certas assertivas, elas podem conter equívocos e Cícero adverte acerca dessa possibilidade. Entre estes estereótipos, estão os seguintes: a velhice nos afasta da vida ativa; enfraquece o nosso corpo; priva-nos dos melhores prazeres e nos aproxima da morte. Todos eles convergem para o último. Ocorre que a morte não pode ser encarada como um acontecimento que está por vir. Ela que está acontecendo a cada instante em nossa vida e tem que ser vivida como um processo contínuo. A arte de envelhecer é, então, encontrar o prazer que todas as idades proporcionam, pois todas têm as suas virtudes.

O encontro de idades pode ser estimulante para ambas as faixas etárias. A relação dos avós com os netos pode ser muito intensa. Eles estão ali, têm tempo, estão disponíveis. A criança anseia por essa disponibilidade do

adulto. A criança adora histórias e o velho é um grande contador de história. Histórias que não estão nos livros, histórias vividas por ele, às vezes confirmadas pelos demais adultos, às vezes rejeitadas como fantasias da senilidade. Esse mundo de mistério com sabor de verdade, mundo de aventura contada pelo próprio aventureiro, atrai a criança e participa da sua formação.

Nos rumos do projeto de pesquisa, o interesse passa, então, a se concentrar na relação avô-neta: como se dá a transmissão de tradição entre duas gerações com décadas de separação? Numa família operária, negra, gaúcha, é possível identificar uma pedagogia familiar intergeracional? O bar é um elemento chave desse processo? Valeria mais focar a cidade educadora ou a família educadora?

Uma cidade compreende diversas facetas, lugares, pedaços, cada qual contendo *loci* diversificados, nos quais os sujeitos se encontram, casualmente ou por acordo prévio. A pesquisa educacional voltada à compreensão da pedagogia desses encontros requer a definição do *locus* a ser pesquisado, sujeitos a serem privilegiados na investigação, aspectos qualitativos e quantitativos a investigar.

Um encontro é marcado num sábado pela manhã, no bar do Ramão, pai de Amanda, em Balneário Pinhal, permitindo visualizar a jovem no seu contexto familiar e travar conhecimento com o avô, o pai, a mãe, a irmã, o namorado e alguns fregueses de longa data, amigos da família.

Ao analisar as relações familiares, obtém-se a sua classificação em quatro categorias, que são registradas na Tabela 3, abaixo:

Tabela 3
Relações familiares

CLASSE	CARACTERÍSTICA
Intrageracional	No interior da mesma geração
Intergeracional	Entre gerações
Intrafamiliar	Interna à família
Extrafamiliar	Externa à família

O interesse está voltado para as relações intrafamiliares/intergeracionais. Qual a amplitude do leque de investigação dessas relações? Como articular este foco com o estudo das relações

extrafamiliares? Como selecionar estas relações externas para integrá-las ao estudo?

Naquele momento, as anotações pessoais do pesquisador indicam que tais questões ainda não estão resolvidas. A pesquisa, segundo a concepção esboçada naquelas anotações, teria que dar conta dos objetivos representados na Tabela 4, abaixo:

Tabela 4
Escopo da pesquisa em 2005

COMPREENDER	CARACTERÍSTICAS
Construtos sociais	Interface bar/vizinhança, em especial evidências de ações solidárias (considerando a história da cidade-balneário e o papel dos bares nessa história)
Repercussões da experiência	Como a experiência acumulada pelos sujeitos das gerações mais velhas (avô-pai) incidem sobre a formação da identidade do sujeito da geração mais nova (neta)

Essa dispersão de foco produz um projeto ainda excessivamente amplo em seu escopo, com enfoque metodológico calcado na História. Os estudos realizados para a qualificação do projeto⁴ definem a necessidade de melhor aprofundamento da metodologia. Ao examinar as metodologias da pesquisa histórica, o pesquisador sente necessidade de revisar os seus objetivos, concluindo por entender que o escopo do projeto estaria mais bem relacionado aos fundamentos da educação que à história da educação ou à sociologia da educação.

Fundamentos da educação é um campo singular do conhecimento em que se entrecruzam focos de interesse da teoria do conhecimento, da ética, da estética, da história, da sociologia, da antropologia, da educação. A metodologia não deveria, portanto, privilegiar a pesquisa histórica, mas compô-la com procedimentos aceitos na etnografia e na filosofia. Um novo esforço passa a ser feito, não mais para a produção de um novo projeto, mas para a construção da tese, cujo título⁵ é retirado de uma frase proferida pelo Sr.

⁴ Denominado “*Construindo o ofício e a família. Interfaces entre a educação para o trabalho e a educação operária numa família gaúcha negra*”.

⁵ “A gente está sempre aprendendo”.

Armando acerca do saber operário e cujo subtítulo⁶ procura representar uma síntese metodológica. Após a defesa, a tese recebe o título definitivo⁷.

A pesquisa é uma caixa de surpresas. De dentro da caixa surgem outras caixas, às vezes mais de uma caixa, que obriga o pesquisador a escolher caminhos diante do inusitado. O exame da empiria da família Dornelles aponta uma questão não colocada no início da pesquisa: a relação com a UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a disseminação, no mundo acadêmico, de valores gerados numa família operária. Opta-se pelo estudo dos mecanismos desta gênese e disseminação, com foco na transmissão intrafamiliar e intergeracional. Estende-se o universo dos entrevistados, com a inclusão de Leni entre os sujeitos da pesquisa.

Toma-se esta decisão no momento em que se evidencia que Leni Vieira Dornelles, filha de Armando, é inserida no mundo pedagógico gaúcho e brasileiro, numa carreira que vai da formação pedagógica de nível médio (Normalista) até o Doutorado em Educação. Leni leciona, dirige estabelecimentos educacionais⁸, promove pesquisa, escreve, faz palestras e conferências, participa de congressos e eventos normativos da educação no Brasil. Faz parte da sua biografia a participação, como da equipe dirigente da SMED – Secretaria Municipal de Educação, na disputa de poder pela definição dos rumos da educação de Porto Alegre.

Pretende-se, com esta reflexão, articular as falas do mundo da vida do Sr. Armando, pronunciadas por ele mesmo, com as falas de dois outros membros da família. A perspectiva de examinar a permanência de valores construídos numa geração anterior em indivíduos de gerações posteriores é mantida. O estudo das relações pedagógicas entre pai e filha, tia e sobrinha, avô e neta pode auxiliar no entendimento da produção e da disseminação de princípios éticos, hábitos e costumes na família e a partir dela.

⁶ “Lembranças pedagógicas, profissionais e familiares de um operário gaúcho negro”.

⁷ “Pedagogia intergeracional numa família trabalhadora negra no Rio Grande do Sul”.

⁸ No momento da produção desta tese, Leni Dornelles é Vice-Diretora da FACED-Faculdade de Educação da UFRGS.

1.2 QUESTÕES METODOLÓGICAS

A escolha recai sobre Armando como fulcro da investigação intergeracional por ser ele o mais velho membro vivo da família. Como Amanda é a primeira pessoa contatada e Leni aparece ao pesquisador como alguém que amplia no mundo acadêmico e educacional os valores vivenciados na família, fica configurada uma pirâmide geracional que se assemelha a uma família patriarcal. Todavia, transparece nas entrevistas um papel ativo das mulheres na economia familiar e na formação das gerações mais novas. Esta questão aparece no texto no limite do possível, sem perder de vista a centralidade, a figura do Senhor Armando como eixo estruturador.

No enfoque construído a partir de Ecléa Bosi (2004), dá-se a palavra aos que têm algo a dizer e estão ao alcance para serem ouvidos. Além do que, é ao Senhor Armando que a família hoje se referencia e é em torno dele que se os familiares se reúnem para o almoço mensal.

Dois outros aspectos devem ser destacados. Um deles, a vivência urbana da família. Não se está estudando negros rurais, mas negros da cidade, com profissões urbanas, pelo menos nas cinco últimas gerações, conforme se pode ver no fluxograma constante do Anexo 2. O outro aspecto a destacar é o fato de que se trata de uma família trabalhadora, de extração operária e recente ocupação de espaço em profissões de classe média, como a engenharia e o magistério.

A discussão acerca da pesquisa em educação como relação dialógica implica pensar o estatuto ontológico da relação e do diálogo. Bertilo Brod (2002, p. 25-46) propõe a relação como “*o modo de ser de se chegar dos objetos entre si*” (BROD, 2002, p. 26), constituída de reciprocidade, totalidade, presença e responsabilidade. Sendo o humano um ser de relação, esta vai se dar como eu-isso e será monológica, a relação homem-natureza, ou eu-outro (eu-tu) e será dialógica, a relação humana. Eu-outro será a relação fundamental da sociedade.

O diálogo é inerente ao humano. Se tu torna-se plural, o outro será nós e a relação interpessoal específica (eu-tu) se transforma em relação interpessoal genérica (eu-nós), isto é, uma relação social. Esta nem é uma relação sem conflitos nem é absolutamente conflituosa, não se trata de um coro de anjos ou

de uma legião de demônios, é humana: *“A experiência profundamente humana das nossas relações interpessoais e sociais consiste precisamente na busca de equilíbrio, de ruptura e de re-equilíbrios”* (BROD, 2002).

Esta experiência se faz pelo encontro e pelo diálogo. O encontro é gratuito e eventual e, por ser eu em presença do outro, produz abalo no mesmo, ameaça a ipseidade com o risco de absorver o outro no eu. O encontro esbarra na minha autonomia subjetiva, me desinstala e me desafia ao convívio com o outro (Cf. BROD, 2002). O encontro pode constituir-se de presenças ausentes e de ausências presentes, todavia a presencialidade dos corpos é que torna o encontro existencialmente denso e lhe permite durabilidade no tempo e no espaço. Aí entra em consideração o diálogo, complemento da presencialidade na intensidade e na durabilidade do encontro.

Diálogo é a qualidade humana que se expressa através da palavra (diá=através de; lógos=palavra). Ele é a palavra que comunica, eficaz e penetrante do ponto de emissão (eu) ao ponto de recepção (outro). No encontro dialogado, eu e tu, eu e outro nos reconhecemos mutuamente. *“O diálogo é fundamentalmente linguagem e comunicação, pensada e exteriorizada”* (BROD, 2002, p. 34). É ele que rompe a couraça da consciência, ligando interioridade e exterioridade da pessoa, *“revelando o homem ao mundo e o mundo ao homem”* (BROD, 2002, p. 34).

Há, no diálogo, uma afirmação de si, função expressiva, e procura do outro, função comunicativa. O diálogo é comunicação e expressão, de parte a parte, entre eu e o outro. Eu-tu, quando a relação é bilateral; eu-nós, quando a relação é social. Há que cuidar para que a expressão da palavra, todavia não comunicante, não venha a substituir o diálogo pelo monólogo múltiplo.

A relação possui dimensão educativa, enquanto transmissão de sabedoria e enquanto mediação na leitura do mundo. A relação entre eu e o mundo (leitura do mundo) pode tornar-se mais complexa se aí intervém um outro. A relação professor-aluno é, pois, a relação aluno-mundo mediada pelo professor. Por isto, entendida numa lógica dialética, a prática educativa emerge como *“uma prática mediadora no seio da prática social global de uma determinada formação social histórica”* (BROD, 2002, p.40).

A formulação da pesquisa como ação dialógica e procedimento mediado, versando sobre o papel pedagógico das relações familiares e das

formas que elas podem assumir numa família específica, fazem ressaltar a importância da memória como fonte de informação ao pesquisador. Se alguma razão assistir à tese de Hannah Arendt, acerca da busca humana pela imortalidade, mais importante há de ser o recurso à memória como construtora dos tempos da humanidade.

Imortalidade é o que a natureza possui sem esforço e sem assistência de ninguém, e imortalidade é, pois, o que os mortais precisam tentar alcançar se desejam sobreviver ao mundo em que nasceram, se desejam sobreviver às coisas que os circundam e em cuja companhia foram admitidos por curto tempo. A conexão entre História e natureza, pois, de maneira alguma é uma oposição. A História acolhe em sua memória aqueles mortais que, através de feitos e palavras, se provaram dignos da natureza, e sua fama eterna significa que eles, em que pese sua mortalidade, podem permanecer na companhia das coisas que duram para sempre. (ARENDR, 2003, p. 78)

O acúmulo do acervo tangível e a produção do intangível – memória, ética, valores, visão de mundo – estão entre os traços distintivos desta busca da imortalidade. O humano não necessita remontar todo o seu quadro de valores para agir. Esses valores estão ali e o impulsionam quando chega o momento da ação e captam os sinais da realidade tangível em seu processo de ressignificação permanente. A ação não é, nesta perspectiva, um ato irracionalista, mas a concretização do mundo valorativo.

Como nota Agnes Heller:

Seus atos concretos de escolha estão naturalmente relacionados com sua atitude valorativa geral, assim como seus juízos estão ligados à sua imagem do mundo. E reciprocamente: sua atitude valorativa se fortalece no decorrer dos concretos atos de escolha. (HELLER, 1992, p. 14)

Lúcio Anneo Sêneca (2007), em cartas a Paulino no primeiro século da Era Cristã, já percebia a importância do tempo e da ação na vida humana. Saber usar o tempo de que se dispõe seria a arte de bem viver: *“A vida, se bem empregada, é suficientemente longa e nos foi dada com muita generosidade para a realização de importantes tarefas”* (SÊNECA, 2007, p. 26). Criticando os reis que se aterrorizam com *“o fim de sua ventura”* (SÊNECA, 2007, p. 72) e mencionando o conflito ético de Xerxes, cobra coerência no agir, para que haja tranquilidade de espírito no cumprimento dos valores e objetivos no decorrer da ação.

Quando a ação se encerra, permanece a lembrança como concretude existencial do agente e pode ser inquirida, para o entendimento da racionalidade construída e constituída. Neste sentido, Márcia Taboada de Souza Sottili contribui com a reflexão sobre o tempo do velho. É outro, distinto do que fora em sua idade produtiva (Cf. SOTTILI, 2000): a memória é a presentificação de algo que, sendo passado, não mais existe, a não ser no presente, como lembrança.

José Luiz Zambiasi (2000) destaca a memória oral dos velhos trabalhadora, não como um depósito de dados estáticos, e sim como uma revisita e revalorização do vivido. Ela permite resgatar cenas da vida cotidiana e conhecer a visão que os segmentos populares têm de si mesmos, de suas vidas e do mundo que os cerca.

Ecléa Bosi (2004) trabalha com o indivíduo como testemunha, registrando as lembranças que os sujeitos têm de sua ação e vivência. Ela recupera lembranças de velhos moradores de São Paulo, com isto recompondo parte substancial de uma história que teve importância não só local, mas se constitui como parte da história nacional.

O ponto de partida de Bosi: o trabalho de reconstruir o passado é releitura. A lembrança do velho é uma nova leitura de um mesmo e antigo texto, o discurso presente não repõe a integralidade dos acontecimentos pretéritos. Cabe, então, aceitar esse limite e reconstruir, no que lhe for possível, a fisionomia dos acontecimentos (Cf. BOSI, 2004).

A memória do velho seria privilegiada para a busca de informações sobre o passado, pois ele já encerrou sua vida prática e tem uma vida mais contemplativa, nas suas memórias *“é possível verificar uma história social bem desenvolvida”* (BOSI, 2004, p. 60). As referências de cada um podem ter caráter meramente pessoal (a casa da infância), mas esta pode indicar uma tendência cultural da época (a arquitetura da casa), condição social (o desprezo dos freqüentadores da sala pelos que se ocupam da cozinha) ou situação política (as reuniões do Partido Comunista). Em todo o caso, as lembranças de velhos podem ajudar a recompor o cenário de uma época em que construíram suas vidas, suas famílias, seu patrimônio, sua herança. O tempo da construção da imortalidade, para recordar Arendt (2003).

Não há uma preocupação em confrontar o relatado, até porque parte-se da noção de que a história oficial também é uma opinião, também tem suas lacunas e distorções. Cabe ao pesquisador definir a amplitude da amostra, em função dos objetivos que se propõe atingir com o seu texto. Além do que, a memória é uma fonte inesgotável e a pesquisa tem um limite de tempo.

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria necessário um escutador infinito. (Bosi, 2003, p. 39)

Jaqueline Moll (2000) aponta ao trabalho de pesquisa educacional a tarefa de articular diversos olhares, e, assim, reconstituir nexos, redesenhar mapas sociais, aproximar sujeitos e autores, criando uma tessitura de vivências e de valores.

As pistas levantadas nesses diálogos permitiram a constituição de um inventário pelo mapeamento, descrição, análise de material documental e de recortes do cotidiano. [...] Um mosaico do mundo da vida, configurador desses espaços sociais [e] a identificação de outras fontes de informação que permitiram historiar, compor e descobrir fatos importantes na vida da comunidade. (MOLL, 2000, p. 31)

A oralidade pode trazer informações preciosas para a constituição do acervo: as lembranças dos atores, cuidadosamente inquiridas e devidamente registradas, podem se constituir em auxiliares inestimáveis na produção do dossiê a ser analisado. Da memória, assim registrada e refletida, emergem as categorias de análise a balizar o caminho do pesquisador na interação da empiria com a teoria já produzida.

Os dois itens finais mergulham na trajetória histórica do Morro Alto, recorrendo à trama de idéias de seus próprios atores sociais, tecendo-se na construção de sentidos que explicitam os espaços educativos para os moradores do nexo da vida comunitária e das práticas escolares, não pulverizadas e dissociadas entre si, mas (re)encantadas num projeto que inclua a todos. (MOLL, 2000, p. 18)

Anthony W Bartlett comenta a respeito da dissolução dos signos e perda de parâmetros tradicionais, inclusive o tempo. Este é cada vez mais

sincrônico ou simultâneo, semelhante à tecnologia presente no entorno e aos produtos disponíveis nas lojas.

This apocalypse of contemporary history and culture, a world at once transparent and hard, multiple and final, endless and ended, is a very recognizable if despairing version of what we see around us. It is itself simulation, parallel to and re-iterative of the world it describes, of the multiplexes, websites, shelf displays in superstores, animal and human cloning, jet travel, twenty four hour electronic communication to and from anywhere on the planet. (BARTLETT, 2002, p. 325)⁹

Contra o esquecimento, é preciso reconstruir histórias, ouvir e registrar lembranças, sem a pretensão de busca de uma verdade absoluta. As lembranças podem fazer nascer livros de história, mas também podem embasar a literatura de ficção, tanto quanto poderiam gerar textos pedagógicos.

Pela própria natureza lacunar da lembrança e pela possibilidade de ocultamentos propositais, é conveniente sempre trabalhar com a memória como versão, uma versão a mais, nem mais nem menos significativa do que a história oficial. Motivos de foro íntimo também podem levar o informante a ocultar dados, como Zeneida Lima:

Este livro conta minha vida. Há um caminho, escolha de vida com dificuldades, frustrações, tristezas, solidões, alegrias e amor. Conta a história de uma pajé, que, sou eu, Zeneida Lima. [,,] Nem todas as coisas da minha crença foram passadas para o papel. Muitos segredos de fé, práticas e rituais me foram revelados por Mestre Mundico, no compromisso de nunca revelar, porque somente poderão ser ditos a um futuro pajé. (LIMA, 1992, p. 9-10)

A abordagem de um contexto a partir do cotidiano de um personagem anônimo tem sido utilizado pela micro-história. Ronaldo Vainfas (2002) ressalta o trabalho de Carlo Ginzburg (1996):

Fica-se sabendo muito sobre a vida camponesa do norte da Itália quinhentista. A pobreza dos camponeses, o papel do moleiro em uma sociedade arcaica, ainda muito medieval, os lugares de sociabilidade, os valores sociais e espirituais. [...] Vida material, hierarquias sociais, crenças [...] tudo tem sua devida importância no texto de Ginzburg, desde que diretamente ligado ao enredo específico do livro. (VAINFAS, 2002, p. 81)

⁹ Tradução livre: Este apocalipse da história contemporânea e da cultura, um mundo a um só tempo transparente e rígido, múltiplo e final, interminável e terminado, é uma versão muito reconhecível do desespero que vemos à nossa volta. É a simulação de si mesmo, paralelo a e re-iterativo do mundo que descreve, dos multiplexes, websites, expostos em super lojas, clonagem humana e animal, viagens a jato, comunicações eletrônicas vinte quatro horas para e de qualquer lugar do planeta.

Outros três micro-enredos, corroboram esta hipótese:

O Martin Guerre, de Natalie Davis; a abadessa teatina Benedetta Carlini, estudada por Judith Brown; o pároco de Santena, Giovan Battista Chiesa, estudado por Giovanni Levi. Histórias algo novelescas, decerto, mas que, como adiante tentarei mostrar, situam-se além ou aquém da ficção. (VAINFAS, 2002, p. 78)

Pouca coisa existe em comum nestes quatro relatos. Pelo seu conteúdo, pode-se dizer que não pertencem a uma mesma unidade do conhecimento. É a forma de conceber e efetivar o relato que dá unidade a estas histórias tão díspares.

A micro-história não parte de uma grande narrativa¹⁰ para enquadrar as histórias singulares. O relato micro-histórico não nega que existem os contextos gerais nem os movimentos, as tendências e os espíritos do tempo, todavia não o apresentam como prévia sobredeterminação ao ato humano.

O que o pesquisador deve procurar é a maior quantidade possível de informações que lhe permitam formar o relato pretendido: Quem é este sujeito sobre quem estamos nos debruçando? O que ele faz? O que não faz? Ele é a favor de quê? Ele é contra o quê? Quais são suas relações pessoais, familiares, profissionais? Ele viaja ou se mantém preso ao lugar de nascença e residência? As respostas conseguidas para perguntas deste teor serão indicativos valiosos para o relato e pistas preciosas para outras perguntas que se possa fazer acerca da sociologia do lugar de pertença do sujeito, da moldura político-legal no interior da qual ele se move etc.

Ginzburg (1996), ao estudar um caso exemplar, busca generalidades de uma dada situação, sem fazer generalização de suas descobertas para toda a sociedade. Localizar o exemplo é a primeira parte do método, em seguida vem um esforço disciplinado para detectar os vínculos, conexões e articulações que caracterizam o contexto em que se situa o fato sob estudo. A pesquisa, em certas situações, apenas desarruma velhos arranjos e reordena o quebra-cabeças, com peças que já estavam dadas. A coisa nova se constitui deste rearranjo das velhas peças.

¹⁰ Entende-se por grande narrativa a constituição de um agente externo ou genérico (o Espírito, a personalidade de elite, a classe, a mentalidade tradicional ou progressista) que realiza a história e retira o sujeito da ação humana, negando a dialética, ao estabelecer de forma estrita, mecanicista e finalista a relação causa-efeito no processo histórico.

Muitas conexões ficam obscuras e deixam o estado atual da questão em nova posição para novos pesquisadores. Ginzburg adverte: “*Sabemos muchas cosas de Menocchio. De este Marcato, o Marco – y de tantos otros como él, que vivieron y murieron sin dejar huellas – no sabemos nada*”¹¹ (GINZBURG, 1996, p. 183). Vainfas ressalta a necessidade de compatibilização entre a história macro-social e a história micro-analítica, uma vez que uma alcança o que a outra oculta (Cf. VAINFAS, 2002).

O estudo de caso, nesta visão, não é uma caixa fechada, mas um veio aberto à fertilidade da pesquisa, com indicativos em várias direções. Do ponto de vista do método, equivale a estabelecer o cenário onde o sujeito até então invisível poderá dizer a sua palavra. Evidenciam-se tanto a sua condição individual quanto os processos coletivos no quais ele se envolve, como membro de uma sociedade e de uma classe, grupo, etnia, nessa sociedade.

Um caso clássico no Brasil de dar a voz ao sujeito até então invisível está em Roberto da Silva (1997), que dá voz a si próprio e a outros “filhos do Governo”, crianças internadas na FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, de São Paulo, nos anos da ditadura militar.

Silva relata sua trajetória pessoal de abandono, crime, prisão, recuperação por esforço próprio e por apoio de uma rede de solidariedade. Após tumultuada saga, forma-se em pedagogia, em 1993, pela UFMT- Universidade Federal de Mato Grosso. Consegue ser aprovado na seleção ao Mestrado da USP – Universidade de São Paulo, com um projeto que visa analisar as práticas pedagógicas da FEBEM “*que resultaram na criminalização de um número tão grande de crianças que antes não tinham nenhum histórico de infração ou de criminalidade*” (SILVA, 1997, p. 26).

Sobre o uso da história de vida, sua própria e de outros em situação semelhante à sua, como instrumento de pesquisa, Silva comenta:

Não cultivei o receio, tão comum nas análises do gênero, de confundir-me com o próprio objeto de estudo ou de não conseguir manter em relação a ele a necessária objetividade e equidistância ao analisá-lo. Usei e precisei da minha subjetividade, porque é ela, afinal, que faz a diferença entre uma pesquisa conduzida pelo seu próprio sujeito e outra levada a termo por um pesquisador estritamente acadêmico. (SILVA, 1997, p. 29)

¹¹ Tradução livre: Sabemos muitas coisas de Menocchio. Deste Marcato, ou Marco – e de tantos outros como ele, que viveram e morreram sem deixar pistas – não sabemos nada.

A opção desta pesquisa, ora relatada, também é pelo uso de histórias de vida de três membros da família Dornelles (Armando, operário, sua filha Leni, pedagoga e doutora em educação e sua neta Amanda, pedagoga e especialista em educação infantil) e do militante comunista e dirigente sindical Valdemar Marques Severo. As referências deste último visam trazer outras informações acerca do contexto e ação política dos ferroviários gaúchos, principal ocupação profissional do Senhor Armando.

Não são histórias exaustivas e verificadas em seus detalhes, mas histórias postas pelas lembranças das pessoas. As informações prestadas pelos entrevistados, configura-se o processo de geração de valores na vivência operária de Armando e sua transmissão intrafamiliar e intergeracional, bem como sua disseminação no âmbito da cultura erudita, a partir do trabalho docente e acadêmico de Leni e Amanda.

O instrumento de operacionalização do diálogo com os sujeitos da pesquisa é a entrevista semi-estruturada, caracterizada por permitir liberdade e espontaneidade ao sujeito entrevistado, garantindo, ao mesmo tempo a diretividade do pesquisador. Augusto Nivaldo Silva Triviños assim a define:

Podemos entender por *entrevista semi-estruturada*, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e, que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Dessa maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha do seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar da elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146)

São entrevistas levadas a efeito em Cidreira e em Porto Alegre entre os anos de 2004 e 2007 e estão anexadas à presente tese (anexos 4 a 16). Tendo havido preferência de parte do Sr. Armando de divulgação de seu próprio nome no documento final, este fato é informado aos demais entrevistados, havendo concordância de todos com a divulgação dos seus nomes próprios. Para tanto, todos recebem e assinam um Termo de Consentimento Informado, cujo modelo se encontra no Anexo 1. Está sendo, também, disponibilizada uma cópia da tese à família Dornelles e ao Sr. Valdemar Severo, como, anteriormente, o projeto.

Um diagrama denominado Fluxograma¹² da geração e difusão do pensamento operário – Família Dornelles, se encontra no Anexo 2. Ele é o produto da análise das entrevistas. O gráfico assim obtido constitui uma representação plástica das relações detectadas, oferecendo suporte à compreensão dos relatos e discussões presentes no trabalho.

O fluxograma não é um instrumento geral de compreensão da genealogia da família Dornelles, portanto não inclui parentesco colateral nem por afinidade. Nele não se representam esposas ou esposos dos sujeitos pesquisados. É estruturado por gerações, tendo o início de cada uma delas referido a uma década, oferecendo uma idéia básica de tempo na relação intergeracional. Com ele, não se pretende esgotar todos os papéis sociais dos membros da família, mas apenas destacar o fluxo de idéias entre os três familiares investigados.

Um conjunto de fotos ilustrativas podem ser vistas no Anexo 3.

As entrevistas estão incluídas nesta tese, como anexos 4 a 16, de modo a compor o acervo empírico a disposição do mundo acadêmico. A sua leitura pode estimular novas inquietações e evidenciar outros cones de sombra dos quais podem surgir pistas para novas pesquisas. Elas são numeradas em seqüência arábica, pela ordem em que os sujeitos surgiram para o pesquisador, o que, casualmente, coincide com a ordem alfabética (Amanda, Armando, Leni, Valdemar). Uma vez digitadas, procede-se ao tratamento de revisão e seleção dos fragmentos posteriormente utilizados na formulação dos capítulos.

Em vários momentos, faz-se a opção por apresentar conhecimentos tematizados ou itemizados sob a forma de tabelas. A função destas tabelas é a de permitir a mais rápida visualização, captação de sentido e comparação de conteúdos, conceitos ou características que se quer destacar.

A normatização do texto segue os parâmetros da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas, apresentados por Antônio Joaquim Severino (2007) e as orientações para a elaboração de trabalhos acadêmicos de Neliana

¹² Opta-se pela denominação Fluxograma, por ser este um tipo de gráfico que, nas empresas, constitui a representação espacial dos processos decisórios. Embora o cuidado e a educação não sejam processos finalistas, não contemplando, portanto, uma teleologia, são, contudo, compostos por ações providas de intencionalidade. Estas ações intencionais, mais o acaso, constituem o conduto por onde fluem os as idéias e os valores.

Schirmer Antunes Menezes e Denise Selbach Machado (2008). A produção do resumo considera as orientações aduzidas por Sabrina Abreu (2006). São apresentadas lista de tabelas, lista de siglas e ficha catalográfica.

Os resultados da pesquisa são apresentados em três capítulos. O primeiro alinha as bases conceituais a partir da qual é possível dar visibilidade social a um sujeito que a história oficial deixou de registrar. O segundo busca estabelecer um panorama compreensivo da educação infantil na família Dornelles. O terceiro reconstrói os processos de produção do saber operário, sua difusão nas gerações mais novas da família, através de uma pedagogia possível de ser identificada, e além da família, pelo recurso aos instrumentos disponíveis nos locais de trabalho dos sujeitos pesquisados, vida urbana, escola e academia. Seções especialmente dedicadas à introdução, conclusão, referências bibliográficas e anexos completam o trabalho.

2. A PRODUÇÃO DA EMERGÊNCIA DE UM OPERÁRIO NEGRO

Armando Dornelles é operário ferroviário e gráfico aposentado que, na duração da sua vida profissional e no aconchego da sua aposentadoria, vivencia as transformações tecnológicas, políticas, sociais e culturais do século XX. É um dos milhões de gaúchos e brasileiros que, fazendo parte dos eventos do seu tempo, são invisíveis para a sociedade. É um operário negro, o que faz crescer a sua opacidade para os registros oficiais.

A agenda do debate acadêmico sobre a questão do trabalhador negro no Brasil precisa incluir o problema da ciência, suas formas de abordagem das temáticas que se propõe e o tipo de conhecimento que produz. Boaventura Sousa Santos (2004) discute o fazer científico e o estatuto da ciência, seu potencial de esclarecimento, mas, também, a carga de imprecisão, gerando opinião e preconceito em nome do rigor e do método.

A história do negro africano e da sua diáspora nas Américas, em particular no Brasil, traz a marca da justificação teórica da escravidão. O acúmulo de bens culturais e materiais na Europa, financiado com o suor, o sangue, a humilhação, de milhões de africanos emigrados à força, é explicado pela ciência da época, criando um senso comum, uma ideologia, capaz de dificultar a assunção de uma idéia libertária entre a população de colonos, as autoridades e, parcialmente, a própria massa de escravos.

2.1 RAZÃO INDOLENTE

O difícil reconhecimento do trabalhador negro na tessitura da sociedade faz dele um invisível, que emerge parcialmente em locais e tempos de ruptura social. A invisibilidade de um sujeito social, em Santos (2004), decorre da era da razão indolente, na qual estamos imersos há duzentos anos.

A experiência humana é desperdiçada, sua multifacética vivência é reduzida à monofonia da razão dominante¹³. Em contrapartida, a razão

¹³ A compreensão do mundo é a compreensão do mundo ocidental, o tempo e a temporalidade estão alterados: o presente se contrai e o futuro se expande. Apenas a lógica do vencedor

cosmopolita, propõe o inverso: expandir o presente e contrair o futuro, com o objetivo de aproveitar as experiências contemporâneas e permitir a polifonia das racionalidades coetâneas.

A razão indolente apresenta-se sob quatro formas distintas, conforme Tabela 5, abaixo:

Tabela 5
Razão indolente

RAZÃO	CARACTERÍSTICA	MOTIVO
Impotente	Não se exerce	Julga-se incapaz de vencer ou convencer
Arrogante	Não sente necessidade de se exercer	Julga-se livre, inclusive livre de demonstrar a sua liberdade
Metonímica	Não sente necessidade de debater com outras razões	Julga-se a única portadora da racionalidade
Proléptica	Não se dedica a estudar o futuro	Julga o futuro uma decorrência inevitável do progresso automático, num tempo linear, um prolongamento infinito do presente

Fonte: Boaventura Sousa SANTOS, *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*.

Se as razões impotente e arrogante não se exercem, as outras duas, metonímica e proléptica, operam muito fortemente, configurando o pensamento social. Santos as enfrenta e propõe alternativas. Esse enfrentamento tem crucial importância para esta tese, pois fornece a postura com a qual se pode trazer para o plano visível sujeitos sociais até então ausente dos registros.

2.1.1 Razão metonímica

A razão metonímica “é obcecada pela idéia de totalidade sob a forma da ordem. Não há compreensão nem ação que não seja referida a um todo e o todo tem absoluta primazia sobre cada uma das partes que o compõe” (SANTOS, 2004, p. 782). Ela nega a importância de qualquer outra forma de racionalidade, nega a autonomia das partes, nega que a compreensão do mundo é maior do que a compreensão ocidental do mundo¹⁴.

¹⁴ conta na análise da sociedade e sua história.
¹⁴ A assimilação das partes por uma delas e a transformação desta em totalidade é que assemelha esta forma de pensar à metonímia. Se temos $A=\{B,C,\dots,Z\}$, B será chamado de A, pelo simples motivo de que entre eles há semelhança, e A excluirá qualquer outra parte que não seja B. Como decorrência da metonímia, $A=B$, e C,\dots,Z serão não-seres, partes invisíveis, elementos excluídos do universo.

Tudo existe em dicotomia, para a razão metonímica: nada há no Sul que não tenha relação com o Norte, nada há na mulher que não exista em relação ao homem. Essa razão se constitui em resposta à sua marginalidade cultural em relação ao Oriente, de onde vem o pensamento filosófico que seria a matriz fundadora totalizante, a qual, entretanto, não nega as diferenças e a multiplicidade dos mundos e tempos: *“o que é considerado contemporâneo é uma parte extremamente reduzida do simultâneo”* (SANTOS, 2004, p. 784).

Na família Dornelles, em que há quatro gerações vivas, distribuídas em territórios distintos e na qual se rememora com regularidade as histórias e anedotas familiares, há uma multiplicidade de tempos em coexistência. Esta tese levanta a ponta do véu, abrindo uma fresta capaz de mostrar alguns aspectos desses tempos simultâneos.

A razão metonímica constitui não-ser onde algo ou alguém é: *“Há produção de não existência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um modo irreversível”* (SANTOS, 2004, p. 787). Conforma-se como não existente aquilo que está ali, não como resquício, mas existindo hoje.

O operário é produtor, formalmente é sujeito de direitos tanto quanto o burguês que o emprega. Todavia, o modo de produção do capital reifica o produto do operário, retirando-lhe sua característica de relação social e apresenta-o como mercadoria. Preliminarmente, já reificara a pessoa do operário, ao tratá-lo como mero vendedor de força de trabalho. Ao construir esta alienação, submete o operário à aceitação dos termos do contrato ou à impossibilidade de reproduzir-se na sociedade. O ser do operário é negado, subsume no ser do patrão, empresário individual ou empresa. O operário, sendo, não é.

Roland Corbisier (1975) trabalha com a idéia de que a colonização (portuguesa) produz a alienação do colonizado (brasileiro). Este se nega como realidade em si e não se propõe para si, copia os modos, os problemas e as soluções ibéricas. Assimila as maneiras, os valores, os hábitos do colonizador, suas formas de vida pessoal e social. A subsunção do ser do colonizado no ser do colonizador o produz como não-ser. Neste sentido, o povo brasileiro é o não-ser da Metrópole. Um povo é apenas um agregado sem nação enquanto não toma consciência de si.

Uma nação não existe enquanto não toma consciência de si mesma e essa consciência não é apenas a consciência do passado, a memória coletiva, mas é também e principalmente a consciência do presente e do futuro. [...] Seremos uma nação menor, seremos um povo eternamente caudatário de outros povos, enquanto não formos capazes de tomar essa consciência do ser nacional, do ser brasileiro. A nação existe na medida em que é uma unidade ética, uma unidade espiritual. (CORBISIER, 1978, p. 137-138)

A dominação estabelece uma dialética específica, um consenso axiológico em que o dominado aceita os termos do dominante, imerge em alienação de si e se assume como consciência do outro.

Habitantes de um país sem tradições, [...] importando não só produtos manufaturados mas também idéias, e, o que é mais grave, problemas e soluções já prontas, participávamos, pela cultura, de outra vida, de outro mundo, que nada tinha em comum com aquele em que nos víamos obrigados a residir. [...] Numa posição aristocrática e marginal considerávamos com o maior desprezo os problemas do desenvolvimento econômico do país, como se fossem indignos da nossa atenção e do nosso interesse. (CORBISIER, 1978, p. 224-225)

Em relação aos indígenas, são exóticos os brancos descobridores o catolicismo romano, as culturas da cana e do café e a mão de obra escrava, importada da África. Esse estranhamento de si, a assunção do ser colonizador em detrimento do próprio eu, está na raiz da longa duração da nossa não-identidade, que só começa a ser superada em meados do século XX.

Retornando a Boaventura Sousa Santos e examinando as idéias que se proclamam como únicas e afirmam que fora delas não há alternativas, percebem-se ausências, cujo resultado é o desperdício da riqueza social constituída da vasta experiência acumulada pelas comunidades ao longo do mundo e que a tradição científica e filosófica ocidental desconhece ou considera sem importância.

É deste desperdício que se nutrem as idéias que proclamam que não há alternativa. [...] Para tornar visíveis as iniciativas e os movimentos alternativos e para lhes dar credibilidade, de pouco serve recorrer à ciência social tal qual conhecemos. (SANTOS, 2004, p. 778)

No caso do negro brasileiro, podemos constatar esse desperdício. Sua variada experiência de sobrevivência física, cultural, profissional, social, tem sido incorporada de forma pouco relevante ou pouco compreendida à cultura e à estrutura de poder econômico e político nacional. Como consequência, as políticas sociais atendem pouco às necessidades populares e as políticas

culturais e educacionais também atendem pouco ao imaginário social, à medida que afirmam a ideologia dominante, originária da cultura branca da Península Ibérica.

O desperdício da experiência pode ser constatado fortemente na questão do negro brasileiro, mas, igualmente, no pouco aproveitamento da experiência dos povos pré-cabralinos para a construção da nossa matriz econômica, industrial, educacional, cultural, farmacológica, culinária, entre outros exemplos que se poderia citar. A ciência social pode atender a essas carências?¹⁵

A formação de um pensamento nacional se dá, basicamente, a partir do final da Segunda Guerra. Em que pese alguns ensaios impressionistas anteriores, a progressiva superação da alienação intelectual, a compreensão de que não faz sentido levar uma existência de empréstimo, vem acontecendo de forma dinâmica nos últimos sessenta anos.

Desde 1930, ou mesmo antes, inicia-se, de parte da intelectualidade brasileira, uma busca pelo refinamento cultural, o que se confunde com a ampliação do acesso à cultura européia. Um fator limitante ao avanço da construção de um pensamento brasileiro tem sido o quadro teórico ainda inspirado em paradigmas europeus e sua razão indolente. A desconstrução/reconstrução desse paradigma é recente entre nós.

A dialética do desejo e da carência, aliás, nos mostra que só é possível procurar aquilo que não se tem ou aquilo que se perdeu, e se a função da filosofia é encontrar a certeza absoluta, o fundamento radical do conhecimento, essa procura só terá sentido e autenticidade quando corresponder à efetiva carência, e à conseqüente necessidade de recuperação da certeza. (CORBISIER, 1978, p. 161)

Boaventura Sousa Santos alerta para a necessidade e possibilidade da construção de alternativas e propõe uma sociologia das ausências, que se debruce sobre as partes que não são vistas pela razão metonímica e transforme as ausências em presenças (Cf. SANTOS, 2004). Cabe estudar o que independe, na mulher em relação ao homem, no Sul em relação ao Norte, no camponês em relação ao agronegócio, nas etnias subalternizadas em

¹⁵ Na proposição de Boaventura Sousa Santos, a ciência social existente é responsável por esconder ou desacreditar as alternativas. O camponês é visto como atrasado em relação ao agronegócio, as etnias não-brancas são explicadas como subalternas, sempre há uma hierarquia e tudo que estiver fora da totalidade não tem importância. Portanto, não basta propor um outro tipo de ciência social. É preciso outro modelo de racionalidade, combater o desperdício das experiências, tornar visíveis as diversas formas de saber e ver o mundo.

relação à razão branca, abrindo espaço, no debate acadêmico e na disputa política, às alternativas contra-hegemônicas.

Para tornar possível a sociologia das ausências, dois tipos de imaginação sociológica são necessários: a imaginação epistemológica, que permite diversificar os saberes, as perspectivas e as escalas de identificação, análise e avaliação das práticas; a imaginação democrática, que permite o reconhecimento de diferentes práticas e atores sociais.

Estas imaginações possuem funções desconstrutivas, em oposição às lógicas da razão metonímica, ou seja, despensar, desresidualizar, desracializar, deslocalizar, desproduzir, e funções reconstrutivas, realizadas pelas cinco ecologias que constituem a sociologia das ausências. A cada desconstrução corresponderá uma reconstrução.

A não-existência se produz através de cinco lógicas restritivas, cinco monoculturas, estereótipos divisados claramente nas posturas disseminadas na sociedade brasileira em relação ao negro e às etnias subalternizadas. Um quadro circunstanciado destas lógicas e seus contrapontos pode ser visto na Tabela 6, a seguir.

Tabela 6
Lógicas restritivas e seus contrapontos

RAZÃO METONÍMICA			SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS		
MONOCULTURA	CARACTERÍSTICA	O NÃO-SER É	O SER É	CARACTERÍSTICA	ECOLOGIA
Do saber e do rigor do saber	O que a ciência moderna não legitima é transformado em ignorância ou incultura	O ignorante	O portador de um saber relativo	Não há ignorância ou saber em geral. toda ignorância e todo saber se referem a uma ignorância e um saber definidos	Dos saberes
Do tempo linear	A história tem sentido e direção únicos e conhecidos, sempre em direção ao progresso, revolução desenvolvimento, globalização	O residual	O que vivencia tempos coetâneos	Articula o tempo linear com outras formas de temporalidade (sazonais, circulares) não-laicas, maneiras menos restritivas de medir o tempo	Das temporalidades
Da classificação social	Naturalização das diferenças. Hierarquia não intencional: relação de dominação é consequência e não causa da hierarquia	O inferior	O diferente com igualdade	Igualdade nas diferenças, não hierarquia	Dos reconhecimentos
Da escala dominante	A escala primordial – o universal, o global – torna irrelevantes todas as outras possíveis escalas	O local	O local com dimensão universal	Globalização solidária, valorizando o âmbito local	Das trans-escalas
Da produtividade	Afirma o crescimento econômico como objetivo, baseado no critério de produtividade	O improdutivo	O produtor solidário	Recuperação e revalorização dos sistemas alternativos de produção (empresas autogeridas, cooperativas, economia solidária, ...)	Das produtividades

Fonte: Boaventura Sousa SANTOS, *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências*

Esses contrapontos podem apoiar a produção da emergência do operário negro. Ao afirmar a positividade dos saberes diversos, os tempos coetâneos, o direito à diferença, a cultura local e a solidariedade da produção, abre-se o espaço para que o até então inferiorizado se apresente na arena social e afirme a sua presença.

2.1.2 Razão proléptica

A razão proléptica é *“a face da razão indolente quando concebe o futuro a partir da monocultura do tempo linear. [Por isto,] enquanto a crítica da razão metonímica tem por objetivo dilatar o presente, a crítica da razão proplética tem por objetivo contrair o futuro”* (SANTOS, 2004, p. 794)¹⁶. O Objetivo é tornar o futuro algo escasso, que exige atenção.

O futuro da sociedade depende do presente dos indivíduos, cujo futuro é curto. É inverter a lógica, esticar o presente, sabendo que o tamanho do futuro depende do hoje, da ação atual dos sujeitos, fazer aflorar a presença do até aqui ausente. A sociologia das ausências se completa com a sociologia das emergências, como *“a investigação das alternativas que cabem no horizonte das possibilidades concretas”* (SANTOS, 2004, p. 796).

Santos recorre a Ernst Bloch para estabelecer o conceito de ainda-não, que preside à sociologia das emergências. O ainda-não é mais complexo que o não, pois, enquanto este último exprime a falta de algo e a vontade de superar essa falta, o primeiro exprime o que existe apenas como tendência, um movimento latente no processo de se manifestar.

Haveria uma tendência de futuro (ainda-não), mas não certezas absolutas (sim e não). O ainda-não constitui a inscrição do futuro no presente e a sua ampliação. Não é um futuro determinado, nem indeterminado, nem infinito. *“É uma possibilidade e uma capacidade concretas que nem existem no vácuo, nem estão completamente determinadas”* (SANTOS, 2004, p. 795).

¹⁶ A analogia proposta entre esta forma de pensar e a prolepse se deve ao fato de que ela desloca características e possibilidades de um tempo a outro, tornando a história um simples caminho de passagem de um progresso irresistível. Para a razão proléptica, o progresso não tem limites e o futuro é infinito, infinitamente abundante e infinitamente igual. Se o futuro está dado, é simples prolongamento do presente, é, então, um tempo sem sabor ou cor, homogêneo e vazio, que só existe para se tornar passado.

Cabe verificar, numa dada prática, experiência ou forma de saber, o que nela existe apenas como tendência ou possibilidade futura¹⁷.

A emergência destas sociologias pode ocorrer em cinco campos sociais (Tabela 7, abaixo):

Tabela 7
Sociologia das ausências e das emergências

EXPERIÊNCIAS DE	DIÁLOGOS E CONFLITOS POSSÍVEIS
Conhecimentos	Entre formas de conhecimento diferentes, como por exemplo, medicina moderna e medicina tradicional
Desenvolvimento, trabalho e produção	Entre formas e modos de produção diferentes, como por exemplo, empresas autogeridas, economia solidária, experiência de comércio justa contraposta com mercado livre
Reconhecimento	Entre sistemas de classificação social, como por exemplo, racismo e discriminação positiva (afirmativa)
Democracia	Entre o modelo hegemônico de democracia e democracia participativa
Comunicação e informação	Derivados da revolução tecnológica de comunicação e de informação

Fonte: Boaventura Sousa SANTOS, *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*.

Nesta perspectiva, inexistente a grande teoria, pelo menos como hoje a conceituamos. Não é possível fazer uma teoria que se aplique a todo o mundo. Através das novas sociologias propostas, será possível um trabalho de tradução capaz de captar “a relação hegemônica entre as experiências e o que nestas está para além dessa relação” (SANTOS, 2004, p. 802), tanto no que se refere aos saberes quanto às práticas.

2.2 O TRABALHO DE TRADUÇÃO

O trabalho de tradução, nesta tese, consiste em trazer as práticas do Senhor Armando, profissional, reivindicatória, familiar, através das suas próprias falas, para um campo aberto em que se possa estabelecer a

¹⁷ A multiplicidade e a diversidade de experiências e conhecimentos podem emergir com seus conflitos, mas também com os diálogos, que permitem estabelecer entre diferentes formas de conhecimento. Na sociologia das ausências, a multiplicação e a diversificação se dão pela via da ecologia dos saberes, dos tempos, das diferenças, das escalas e das produtividades, enquanto na sociologia das emergências a amplificação simbólica das pistas ou sinais é que as revelará (Boaventura Sousa SANTOS, **Conhecimento prudente para uma vida decente**: Um discurso sobre as ciências revisitado, p. 799).

correlação entre os processos vividos na sociedade e com as falas dos outros membros da família.

A alternativa à razão indolente, na forma de razão cosmopolita, baseia-se na idéia base de que a justiça social global não é possível sem uma justiça cognitiva global. Todas as culturas são incompletas e podem enriquecer-se pelo diálogo e pelo confronto com outras culturas. Busca-se, com a tradução das práticas sociais, estabelecer inteligibilidade recíproca entre as formas de organização e entre objetivos de ação.

O trabalho de tradução permite criar sentido e direções precários mas concretos, de curto alcance mas radicais nos seus objetivos, incertos mas partilhados. O objetivo da tradução entre saberes é criar justiça cognitiva a partir da imaginação epistemológica. O objetivo da tradução entre práticas e seus agentes é criar as condições para uma justiça social global a partir da imaginação democrática. (SANTOS, 2004, p. 814)

A tradução dos saberes assume a forma de uma interpretação dos lugares comuns de duas ou mais culturas, em busca de identificar similaridades nas suas preocupações e nas diferentes respostas que fornecem para elas (hermenêutica diatópica).

A tradução inclui as diferentes partes inteligíveis dentro de uma totalidade maior, porém não fechada, tratando o subalternizado fora da relação de subalternidade, envolvendo aspectos que essa relação não é capaz de conter. Tal como acontece com o trabalho de tradução de saberes, o trabalho de tradução das práticas é particularmente importante entre práticas não-hegemônicas, uma vez que a inteligibilidade entre elas é uma condição da sua articulação recíproca.

O trabalho de tradução configura-se como um novo movimento contra-hegemônico ou anti-sistêmico, cujas principais características estão listadas na Tabela 8, abaixo:

Tabela 8
O trabalho de tradução

CONDIÇÃO	CARACTERÍSTICA
O que traduzir	Priorizar duas zonas de contato: a epistemológica, que confronta ciência moderna e saber ordinário, e a colonial, que confronta colonizado com colonizador ¹⁸ .
Entre quem traduzir	Saberes e práticas resultantes de convergência ou conjugação de sensações de experiência de carências, de inconformismo e da motivação para superá-las de uma forma específica.
Quando traduzir	É necessário uma conjugação de tempos, ritmos e oportunidades. Nem sempre uma cultura está disposta a dialogar. É necessário sensibilidade, para saber quando existe a possibilidade do trabalho de tradução.
Quem traduz	Intelectuais cosmopolitas – dirigentes de movimentos sociais ou ativistas de base – representantes de grupos sociais que usam ou exercem determinados saberes e práticas.
Como traduzir	Superando três dificuldades: a argumentação, a língua do debate, o silêncio ¹⁹ .

Fonte: Boaventura Sousa SANTOS, *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*.

Há que examinar como se dá, no caso brasileiro, a possibilidade de tradução, no contato conflituoso entre a cultura branca europeia e a cultura negra africana. Para o estudo da cultura brasileira, sem desconhecer outras contribuições, como a indígena, a árabe ou a japonesa, torna-se necessário compreender como esses dois dos seus grandes ramos constitutivos, o branco europeu e o negro africano, se põem, em sua originalidade e fricção.

1.3 Verdade seduzida

A família Dornelles constitui-se no espaço social e cultural do Rio Grande do Sul. As percepções e práticas em solo gaúcho são, por sua vez, integrantes do amplo espaço da formação cultural brasileira. Esta é um mosaico das mais diversas contribuições que possui, contudo, por razões vinculadas à formação econômico-social do Brasil calcada na produção escravista para o mercado mundial, um eixo centralizado na interação e fricção

¹⁸ Zonas de contato são campos sociais onde diferentes mundos-de-vida normativos, conhecimentos e práticas se encontram, chocam ou interagem. Cada saber ou prática deve decidir o que é posto em contato com o que, respeitando as zonas que, para determinada cultura, não são passíveis de exposição.

¹⁹ Cada grupo terá premissas, tidas como verdadeiras, que devem tornar-se argumentos passíveis de modificação no contato com o outro e adequados à zona de contato. O idioma poderá produzir um domínio desigual da fala ou a impronunciabilidade de aspirações centrais dos saberes e práticas que foram oprimidos na colonização. Há diferença nos ritmos com que os diferentes saberes e práticas sociais articulam as palavras com os silêncios e na eloquência (ou significado) que é atribuída ao silêncio por parte das diferentes culturas.

da cultura branca européia senhorial com a cultura negra africana submetida à escravidão. O produto, a formação cultural brasileira, tem a marca contraditória da verdade seduzida, herança conceitual da verdade absoluta do pensamento europeu e da sedução das formas de pensar provenientes do continente africano.

Gilberto Freyre (2002) afirma a cordialidade do homem brasileiro como produto da ação complementar e recíproca entre a casa grande e a senzala. Em que pese o acerto de algumas constatações centrais de sua tese, o olhar de Freyre sofre a limitação de quem vê o mundo do negro a partir das relações produzidas no interior da casa grande, vislumbrando a senzala pela janela da residência do senhor. O estudo deve ser valorizado pelo volume de informações sobre a vida da Colônia e pela interpretação das relações entre senhor e escravo na casa grande, que é parte integrante, embora incompleta, da cultura brasileira colonial. Faz-se mister buscar outros estudos sobre o negro brasileiro, tornando mais complexo o entendimento do tema.

Paulo Mercadante (1965) propõe o entendimento de que esta cordialidade é um sentimento da classe média, representada pela intelectualidade, que com ele rompe somente em momentos de crise. Nestas situações, a classe média brasileira é capaz de apoiar golpes de Estado, ditaduras e regimes autoritários. Nisto, é subsidiada espiritualmente pela corrente majoritária dos intelectuais, que rompe com os seus princípios de valorização da estética das leis (o Belo) para garantir a segurança do sistema sócio-econômico justificada num discurso moralizante (o Bem).

Este pensamento e ação conciliatórios da classe média brasileira é produto dos intensos debates filosóficos que se travam durante o período colonial-imperial. A disputa entre as correntes que se apóiam nos autores franceses e aqueles de inspiração inglesa geralmente converge, por pressão da produção escravista voltada ao mercado mundial, para soluções de conciliação no âmbito do ordenamento legal promovido pelo Estado. A conciliação colonial brasileira dá continuidade ao processo contraditório que vem sendo vivido por Portugal desde o século XIV.

É na transição feudal-capitalista em Portugal que se deve que buscar a origem da conciliação brasileira. A Europa, ao adentrar o século XV, é uma mescla de mercantilismo florescente e feudalismo em decomposição. Em

Portugal, se desde o século XIII as naus atingem Flandres em ativo comércio, os dois séculos que se seguem são de intenso desenvolvimento mercantil.

A classe dos comerciantes que se forma e enriquece financia atividades da Coroa, passando a dispor de poder político junto ao Rei. No entanto, a estratégia da nova classe, ao fortalecer a Coroa, fortalece também a nobreza feudal, pois no seio desta é que o centro do poder recruta os seus funcionários, especialmente o pessoal administrativo e militar que organiza a expansão marítima.

Aproveitando-se das fraquezas relativas dos mercadores e dos barões feudais, a dinastia de Avis constrói lentamente, de 1383, a base teórica para a manutenção do governo com base no compromisso das duas classes.

O compromisso entre a nobreza e os mercadores iria definitivamente empatar o destino histórico da burguesia portuguesa (*sic!*), pois a forma de explorar o comércio ultramarino não permitia a liberação das forças (*sic!*) econômicas em que devia apoiar-se uma classe aspirante ao domínio político no país. (MERCADANTE, 1965, p. 22)

O destino trágico da burguesia mercantil portuguesa em ascensão econômica de não produzir ideologia própria e ter de anuir ao pensamento cavalheiresco da nobreza decaída é herdado pelo projeto colonial. As contradições do sistema metropolitano são exportadas e se instalam na Colônia do Brasil. A dinâmica da compra e venda de mercadorias em larga escala e além-mar, só tornada possível pelo rápido e extenso progresso tecnológico do século XV, implanta-se, todavia, por métodos baronais.

Trazendo em seu espírito o reflexo das faces mercantil e feudal do domínio, teve a intelligentsia nacional que conciliar também o liberalismo econômico e o instituto da escravatura, procurando ajustá-los à realidade do país. Ademais, tudo leva a uma ideologia da mediação. (MERCADANTE, 1965, p. 7)

A manutenção da mentalidade cavalheiresca no auge do mercantilismo português tem outra consequência, importante para os estudos desenvolvidos nesta tese. Para o cavaleiro medieval, seu apanágio é a honra, agregada ao serviço de Deus. O soberano português acode ao apelo do Papa e prepara tropas e meios para a guerra contra os turcos. Fracassada a Cruzada e estando preparado para a guerra, os conselheiros reais conseguem convencê-lo a levar a expedição à África, pois seus habitantes seriam da mesma qualidade que os turcos. Mercantilismo, domínio dos mares, dominação dos

povos africanos, tudo pela honra do Rei e o serviço de Deus, se fundem numa única empreitada. Assim chega ao Brasil a ideologia, o preconceito e a prática do escravismo colonial voltado ao mercado mundial.

O ecletismo e a conciliação filosófica que se evidenciam em Portugal e se estendem à Colônia respondem, em grande parte, pelo atraso relativo da nação portuguesa e, depois, da nação brasileira em formação na disputa pela hegemonia econômica e política na transição feudal-capitalista. O protagonismo português na expansão marítima não avança em direção à ciência, contenta-se com a empiria da navegação. Quando a Europa prepara o salto teológico da Reforma para embasar a revolução tecnológica em andamento, Portugal adere à Contra-Reforma. Em breve, os holandeses lhes tomam a frente no domínio dos mares e, logo em seguida, serão os sócios-financiadores, colhendo lucros e juros, do empreendimento açucareiro no Brasil.

O empreendimento português em terras brasileiras será sempre marcado pela ambigüidade. Em que pese o terror senhorial necessário para manter o negro na condição de escravo, há freqüente intercuro sexual entre senhor branco e negra escrava, produzindo o mulato, o mestiço não só de pele, mas também de condição social. É escravo, mas é filho do senhor. É comum o pai-senhor dispensar tratamento diferenciado ao filho-escravo e, às vezes, à concumbina negra. Talvez por isto não há na Colônia a proibição da manumissão, como nos Estados Unidos.

A não-proibição da manumissão permite, quando apraz ao senhor, a prática da alforria sem indenização pelo capital investido. O senhor tanto pode livrar-se de escravos idosos, doentes ou inválidos, como pode pagar dívida de gratidão alforriando escravos. Mas a manumissão permite, também, alforriar seus filhos, protegê-los, educá-los, encaminhá-los a um bom emprego. Esta é uma das clivagens da estrutura social da Colônia, tanto na composição da classe dos senhores e dos homens livres quanto na dos negros escravos.

Clóvis Moura (1972) traça um panorama das formas de luta contra a escravidão, desde a negação da condição de escravo pela auto-mutilação e o suicídio ou pelo aquilombamento até as lutas de cunho institucional. As primeiras se concentram nas áreas rurais, nos séculos iniciais da Colônia, em especial no Nordeste. As últimas são lutas urbanas, características do século

XIX, no Rio de Janeiro e, especialmente, em São Paulo, embora também ocorram em outras capitais das províncias coloniais e imperiais.

O ecletismo vigente na institucionalidade brasileira reflete-se na organização das lutas anti-escravistas. Especialmente nas de segundo tipo, é evidente a participação dos livres, mulatos e brancos. A forma típica tanto da empiria escravista quanto das lutas abolicionistas preparam a forma como se dá a abolição da escravatura e a reação dos negros no momento do reconhecimento da sua liberdade e integração como pessoas de direito no ordenamento jurídico do país.

Fernando Henrique Cardoso (1977) alerta para outra dimensão dessa questão. A escravidão clássica não torna o escravo uma coisa, mas o reconhece como pessoa submetida ao mando de outrem, em decorrência de derrota militar, dívida ou outro motivo socialmente definido. É uma relação entre pessoas. Na escravidão mercantilista/capitalista a pessoa do escravo não existe. Existe um corpo animal dotado de força de trabalho capaz, nas condições tecnológicas da época, de produzir um valor além dos custos do seu consumo.

Fugindo de uma avaliação moralista, é forçoso reconhecer a contingência dos senhores em recorrer à escravidão. Não há, à época, outra possibilidade de produzir o açúcar e colocá-lo no mercado mundial. Os teólogos fazem enorme esforço para justificar a escravidão do negro, por este não ter alma, enquanto condenam a escravidão do indígena, dotado de alma. O que está por detrás desta disputa filosófico-teológica europeia é um sistema triangular de trocas que se forma e consolida.

Os artefatos da incipiente indústria europeia são negociados no continente africano em troca de escravos. Estes são vendidos no Brasil em troca de produtos de origem extrativista ou de fabricação local (açúcar). Os produtos coloniais são colocados na Europa em troca de bens de consumo manufaturados ou industrializados que serão levados à África. Para além das justificativas teológicas, ou de explicações que falam de um índio rebelde e de um negro submisso e afeito à escravidão, o que de fato abre um caminho ao explicativo à escravidão brasileira é o exclusivo colonial e seu comércio triangular, de interesse da Coroa e da classe dos mercadores portugueses.

Criadas as condições para a instalação e manutenção do mais duradouro escravismo colonial das Américas, esta ocorre através de contradições e dificuldades. Uma delas, a convicção de que negro não é gente, todavia dele dependendo para a produção de bens, além de, com certa freqüência, produzir filhos com as negras. A não-pessoa do/a escravo/a aparece com freqüência com face humana, um igual, em especial quando o senhor fita os seus filhos mulatos.

O reconhecimento da pessoa onde legalmente há uma não-pessoa vai se impondo também na produção. A sociedade torna-se complexa, a exigir alfaiates, tecelões e ferreiros. Com o passar do tempo, as modificações tecnológicas exigem um produtor direto dotado de maiores aportes culturais, educacionais e habilidades do que aquele do século XVI, que, dispondo de força de trabalho equivalente a uma besta de carga cumpre sua função. Uma pessoa em lugar de uma coisa.

Este conflito no sistema produtivo e social, se produz atitudes individuais de simpatia e ajuda de alguns brancos em relação a alguns negros ou mulatos, não muda o rumo básico da situação criada. Pelo contrário, a reforça. O escravo é representado como coisa e como homem-tornado-coisa.

Nada alterou substancialmente a orientação do comportamento dos brancos livres. Apenas tornou mais aguda a contradição entre os ideais professados e as formas de comportamento manifestadas pelos senhores, na medida em que continuavam a agir com relação ao escravo como se ele fosse uma mercadoria – força bruta para o trabalho – quando se impunha, socialmente, a obrigação moral de perceber no escravo as qualidades que aprovavam também para si. (CARDOSO, 1977, p. 238)

Importa destacar o fato peculiar de que a condução da luta abolicionista se dá em linhas gerais no interesse do modo de produção e sua evolução interna. O negro, reduzido a coisa, mercadoria, propriedade do senhor, não vivencia a dinâmica social a ponto de estar em condição de elaborar um projeto de sociedade. Em que pese o seu anseio de liberdade e o real sentimento e empenho de muitos abolicionistas, o caminho concreto do fim da escravidão no Brasil segue uma linha pendular, conciliatória e gradualista. O interesse do senhor de escravo é alçado a interesse geral e produz o atraso não apenas da liberdade do negro, mas também de generalização e domínio de relações de assalariamento típicas do capitalismo.

Durante a Colônia e o Império, constrói-se uma prática de branqueamento. Negros e mulatos livres compram escravos, procuram imitar o linguajar e os hábitos dos senhores. Quando possível, casam as filhas com brancos, buscando o clareamento da pele nas próximas gerações familiares. Após a abolição da escravatura, a ideologia do branqueamento se estende a toda a população negra. “*O negro de tez clara, sobretudo se tiver estudos ou dinheiro, se torna branco*” (SILVA, 1987, p. 6). Destaca-se a introdução do discurso do branco. O belo e o bom será o branco, o negro deve imitá-lo nas maneiras, linguagem e religião, conformando-se com os lugares subalternos no mundo do trabalho.

O discurso oriundo do período imperial, em especial na literatura, ressalta o carinho das mucamas, a fidelidade dos negros velhos e outras qualidades representativas do apego e da submissão aos brancos. Este discurso repercute e amplia no período posterior, quando a massa de ex-escravos em sua quase totalidade a prática do branqueamento, quando não no clareamento da tez, pelo menos na assunção da ideologia imposta pelo branco, do negro que sabe o seu lugar. Isto é, do negro que se conforma em ser o último na escala social, em ter o serviço mais pesado e pior remunerado, em não meter-se em baile de branco.

A avaliação do branqueamento não pode ser feita apenas pelo ângulo ético. Há que indagar se teria sido possível outra atitude. A submissão ao branqueamento se impõe (Cf. CARDOSO, 1977). Nem a abolição nem a República trazem a opção da disputa de espaço em igualdade com o branco.

A situação real após a abolição é que os ex-escravos ficam na obrigação de prestar serviços gratuitos ao antigo senhor durante um certo número de anos. Os que não o fazem e lançam-se para fora em busca de outra oportunidade, não a encontram, passando a vida num ócio sem dignidade, entregues à bebida e às constantes brigas e algazarras. Ao buscar a ruptura com o discurso branco, só conseguem reforçá-lo. Os mulatos e negros que têm um branco que os ajude, ao tentar a ascensão no mercado de trabalho e na sociedade, também reforçam o preconceito, pois representam o negro que não sabe o seu lugar.

Décio Freitas (1982) destaca a existência de negros entre os homens livres desde os primeiros séculos da Colônia. Todavia, a condição do negro

livre difere muito pouco do negro escravo. Outrossim, no cativo a condição também é desigual. Há negros proletários, dedicados à faina produtiva, e negros prestadores de serviços. Há, inclusive negros repressores, policiando os outros negros no interesse do senhor.

Mesmo no que respeita ao Quilombo dos Palmares, que representa o maior ato de resistência negra no Brasil, tendo durado cerca de cem anos, é importante destacar o seu ecletismo. O quilombo se constitui de índios, brancos e negros, estes últimos em maioria. As sucessivas levadas de repressão ao Quilombo também são compostas de índios, negros e brancos, sob direção destes últimos.

Palmares garante a sua sobrevivência por tanto tempo mantendo negócios com colonos brancos das redondezas e deles obtendo informações, armas e apoio. Os ex-escravos têm escravos no interior do Quilombo. Quando lhes faltam mulheres, praticam o rapto nos arredores, não importando se são negras ou brancas. Zumbi, seu principal líder, não é criado na senzala, mas na casa do padre, sabe ler, sabe latim, direito canônico e ajuda nas missas. A mulher de Zumbi é branca.

A formação da população brasileira parece seguir, portanto, o caminho da mestiçagem. Mestiça, mesclada e sincrética será, portanto a sua cultura. Mesclando a filosofia ocidental (verdade) e o modo de ser do negro (sedução), o balanço histórico produz a verdade seduzida, na fórmula proposta por Muniz Sodré (1983).

Cultura é produção social de sentido. Trata-se da organização do simbolismo acerca do mundo, do modo como os indivíduos e o grupo se relacionam com o real. Formam-se as normas do grupo, as sanções positivas e negativas. O relacionamento com o real constrói saberes e hábitos, falas e processos organizativos distintos ao longo do tempo e nos diferentes estratos sociais. A compreensão da relação estética/ conhecimento é apreendida por Heráclito de Éfeso como verdade²⁰ e por Platão como sedução²¹. São dois pólos de formulação do sentido do mundo.

Esta disputa entre o que é verdadeiro e o que é sedutor perpassa o tempo. A verdade da modernidade é o ideal burguês do progresso e da civilização, cuja ideologia representa o futuro sempre mais promissor que o passado. As burguesias nascentes na Europa assumem os termos civilização e cultura com significações nacionais específicas. Educação e cultura estão a serviço da dominação européia, pois a Civilização, o Homem e as Relações Sociais são medidas a partir do tipo de sociedade formada pela Europa.

Desde o Antigo Egito até as grandes navegações e a universalização do colonialismo europeu, as motivações para o preconceito étnico são de caráter religioso, econômico ou político. O século XIX inaugura o racismo doutrinário, com base em um conceito de cultura fundado na visão indiferenciada do humano. O século XX herda essas contradições, acrescidas das disputas teóricas entre a antropologia e a psicologia em torno dos processos constitutivos da vida simbólica.

Na tradição do Ocidente, constituída a partir da perspectiva platônica, a cultura tudo preenche, tudo identifica, tudo explica, tudo produz, movida pela identidade fixada sobre a base de uma verdade originária, que paira externamente às trocas humanas concretas. Assim, sentido transforma-se em valor, poder de centralização e de equivalência, instituindo uma cultura de

²⁰ Em Heráclito, o mundo é harmônico, poesia e filosofia se ligam; arte e ciência unidas por uma harmonia oculta. O esforço do pensamento deve dirigir-se à busca do verdadeiro conhecimento, tanto na ciência como na arte. Na estética heraclítica, a obra de arte, o belo, é “conhecimento da harmonia dos contrários [enquanto] o conhecimento filosófico corresponde à descoberta do fundamento do *cosmos*” (Muniz SODRÉ, **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil, p. 19-20).

²¹ Em Platão, a utilidade social valida o discurso. A virtude é o bem-estar comunitário. O discurso do artista não é verdadeiro, seduz, mas não produz verdade, por estar fechado em si mesmo, fechado à História (Muniz SODRÉ, **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil, p. 20).

sentido finalístico: o mundo é decifrável, o indivíduo é um enigma à espera de uma explicação que faça emergir a sua verdade. Não há lugar para o segredo, o inexplicável, o simples jogo do acaso.

Os povos negros constituem-se, historicamente, sobre outra base cultural, cujas representações estão muito próximas à natureza. O universo simbólico africano não estabelece ruptura entre o mundo das entidades cósmicas e o mundo terreno. São planos separados, que, todavia, se interpenetram.

As culturas negras, para aqui trazidas pelo colonizador a partir da escravização realizada sobre várias etnias e nações africanas durante quatro séculos, embora coexistindo e interpenetrando-se com a cultura branca, têm funcionado como uma fonte permanente de resistência à dominação branca e de equilíbrio do negro numa sociedade em que é inserido como dominado. Esta coexistência e interpenetração entre verdade e sedução constituem a verdade seduzida, forma específica da cultura nacional.

1.4 Emergência negra

A transformação da condição do negro brasileiro de sujeito ausente em sujeito emergente pode ser discutida a partir da abordagem de etnia e cultura proposta por Roberto Cardoso de Oliveira (1976). Numa sociedade constituída de fora, por um elemento de colonização cuja Metrópole é situada em outro continente, as classes aqui se estruturam sob a forma de escravismo colonial (Cf. GORENDER, 1985), justificado no plano ideológico pelas diferenças de cor, de crenças e de formas de vida a que se vinculam os participantes de uma e de outra classe dos dois pólos da dominação.

A sociedade colonial brasileira se constrói na formação de uma classe de senhores brancos que mandam e escravos negros que obedecem, quer na produção quer na vida social. Outros grupos sociais vão se estabelecendo na proximidade ou distância que mantêm com esse núcleo fundamental.

Os homens livres da Colônia, considerados aptos a desfrutar de liberdade jurídica, são senhores de engenho, pequenos lavradores, comerciantes, fidalgos, clérigos e funcionários. Sua liberdade, entretanto, não é comparável à liberdade metropolitana. É uma liberdade colonial, vassala e

fiadora de escravismo colonial. Os negros livres são em pequena quantidade e pouco diferem dos escravos em sua condição material e respeitabilidade social.

No momento em que a Europa está em transição para os rituais liberais da modernidade, a colonização se faz à custa do trabalho escravo e outras relações de trabalho da época pré-capitalista. A condição de escravo é transmitida aos herdeiros, até que, por iniciativa do proprietário, lhe seja concedida alforria. O corpo, o trabalho, a vontade pessoal do escravo pertencem ao seu proprietário. O escravo é coisa, mercadoria e pode, conforme o desejo de senhor, ser vendido, emprestado, alugado ou doado.

Em que pese esta condição absolutamente díspar entre colonos europeus (portugueses), indígenas e africanos, o resultado histórico é a diversidade étnica, decorrente do processo de miscigenação. A população e a cultura brasileiras são um *mix* das culturas indígena, africana e portuguesa. Os processos interativos que se dão nas culturas de contato (Cf. OLIVEIRA, 1976) abrem caminho à explicação do fenômeno.

A identidade social pode ser considerada uma ideologia e uma forma de representação coletiva (Cf. OLIVEIRA, 1976). Neste caso, a identidade étnica é um caso particular de identidade social que se exprime por contraste ou oposição a outros grupos humanos do entorno. Em isolamento, um grupo tribal não tem necessidade de uma designação. Ele se auto-designa quando se vê em confronto com outro(s) grupo(s), amigo(s) ou adversário(s). Portanto, um grupo só afirma sua etnia por contraste com uma etnia de referência. A identidade étnica será, então, uma identidade contrastiva²².

Quando uma pessoa ou grupo se afirmam como tais, o fazem por meio da diferenciação em relação a alguma outra pessoa ou grupo com que se defrontam; é uma identidade que surge por oposição, implicando a afirmação do *nós* diante do (*sic!*) *outros*, jamais se afirmando isoladamente. [...] O certo é que um membro de um grupo indígena não invoca sua pertinência tribal a não ser quando posto em confronto com membros de uma outra etnia. (OLIVEIRA, 1976, p. 36)

Um sistema monolítico baseado na gramaticalidade das identidades sociais, nas relações de *status*, é aplicável aos sistemas culturais com alto grau de congruência, em que o código social adquire equivalência ao idioma que

²² No caso do operário negro brasileiro, quando a pessoa se vê como brasileira, ela está se individualizando e se recompondo no contexto da nação; quando se vê como operário, também está se individualizando e se recompondo como classe; quando se vê como negro, está se vendo como grupo em oposição a outros grupos (brancos, indígenas, orientais etc).

perpassa o grupo. Um sistema classista, estamental ou de castas pode ser examinado com base nas relações de *status*, todavia não se dá o mesmo com um sistema interétnico, sincrético pela própria natureza das suas relações. Para estes casos, a cultura do contato, que se estabelece numa situação de contato, parece uma categoria de análise mais adequada.

Essa noção trabalha sobre a base empírica de que a etnia, em certa medida é uma escolha. Exemplificando: o negro reivindica sua situação, em certas circunstâncias de moreno, em outras de pardo, em outras de preto ou de negro, conforme o cálculo lhe ofereça maiores ou menores possibilidades de ganhos e perdas sociais. Etnia é, portanto, uma categoria manipulável.

Cabe refletir sobre a utilidade dos estudos étnicos, a chave dos limites e possibilidades deste tipo de conhecimento, se etnia é escolha, definição etnocêntrica e contrastiva de um grupo em presença de outro: *“esse sistema interétnico, constituído por processos de articulação étnica, não pode prescindir de ser referido a processos de articulação social de outro tipo”* (OLIVEIRA, 1976, p. 52).

A cultura do contato será entendida como um sistema de valores altamente dinâmico: *“Fenômenos como as ‘flutuações’ da identidade étnica [...] e o exercício da identificação (étnica), devem ser interpretados como o esforço muitas vezes dramático do indivíduo e do grupo para lograrem sua sobrevivência social”* (OLIVEIRA, 1976, p. 23-25).

Os tipos de situações de contato identificados por Oliveira (1976, p. 23-25) podem ser lidos na Tabela 9, abaixo:

Tabela 9
Situação de contato / Cultura do contato

TIPO	ENVOLVE	CARACTERÍSTICA
1	Unidades étnicas simetricamente relacionadas	Casos raros de sistemas de relações simétricas intertribais – figura teórica.
2	Unidades étnicas assimétrica e hierarquicamente justapostas	Emergência de sistemas de estratificação/status, tendo por marco diferencial a categoria étnica dos indivíduos ou grupos em contato. alguns contextos intertribais e sociedades de castas.
3	Unidades étnicas assimetricamente relacionadas, mas presas a um sistema de dominação e sujeição	Estrutura de classes: dinâmica das relações de dominação-sujeição são distintas das que têm lugar num sistema de estratificação.

Propriedades estruturais do processo de identificação étnica:

1. o caráter contrastivo da identidade étnica e seu forte teor de oposição com vistas à afirmação individual ou grupal;
2. a manipulação da etnia em situações de ambigüidade, quando abrem-se diante do indivíduo ou do grupo alternativas para a escolha de identidades étnicas na situação de contato à base de critérios de ganhos e perdas (critérios de valor e não mecanismos de aculturação).

Fonte: Roberto Cardoso de OLIVEIRA, Identidade, etnia e estrutura social.

A identidade étnica nasce a partir de uma situação de contato interétnico, principalmente quando ocorre como fricção interétnica, sendo esta definida como a situação em que grupos étnicos portadores de contradições (conflitos e tensões) são, entretanto, irreversivelmente vinculados entre si (Cf. OLIVEIRA, 1976).

Os três tipos de situações de contato estabelecidos na Tabela 9 são passíveis de estudos de identidade étnica, todavia, esta tese concorda com Oliveira (1976, p. 50) que é o terceiro tipo o que oferece um melhor campo de estudo das identidades em fricção, em crise e em transformação, em virtude das suas fricções, evidenciadoras de crises de identidade étnica.

As culturas negras sofrem mudanças na África, ainda antes de 1.500, sob influxo do processo civilizatório e das reorganizações do território. Os antigos reinos e impérios negros se transformam e são substituídos por dispositivos políticos de natureza estatal. Essas transformações são aceleradas a partir da sua subsunção nos mecanismos do tráfico escravocrata que os europeus montam entre África e América, a partir dos interesses da Europa.

Com a chegada dos escravos no Brasil, as mudanças nos dispositivos culturais negros são ainda mais profundas. Os proprietários de escravos evitam reunir a mesma etnia em número elevado, que torne difícil o controle. Com a mesma finalidade, estimulam as rivalidades entre etnias e dificultam a constituição de famílias. Permitem a brincadeira, os batuques, como válvulas de escape às pressões próprias da condição escrava e até os estimulam, para acentuar as diferenças entre as diversas nações escravas presentes na Colônia do Brasil. Como ressalta Aristeu Oliveira dos Santos, o Mestrinho:

Todo negro submetido ao sistema de escravidão era obrigado a privar-se de qualquer sentimento ou ato de sociabilidade: pois para tornar escravo um homem, o seu senhor proibia todos os seus laços sociais anteriores, esperando com isso fazer dos seus superiores o único elo do escravo com o mundo. (MESTRINHO, 1993, p. 54)

Os escravos são forçados, também, a se submeterem a situações humilhantes, que os tornem diferentes dos senhores. Uma dessas, a proibição de andar calçado, é imposta mesmo aos escravos de ganho²³. Por isto, tão logo adquirida a liberdade, a primeira providência é *“comprar o tão sonhado par de sapatos para exhibir a sua condição de liberto”* (MESTRINHO, 1993, p. 54).

Durante o século XIX, a evolução da base econômica do sistema social brasileiro introduz modificações no estatuto da escravatura, donde emergem novas contradições capazes de produzir o enfraquecimento do aparecer político da comunidade negra. As diferentes posições de classe e de cultura que vão assumindo os negros no Brasil, especialmente após 1830, evidenciam os indivíduos e sua diversidade e não mais os grupos étnicos.

A oposição entre os negros boçais e os ladinos/crioulos²⁴ torna-se acirrada. Sua integração ou refração à sociedade brasileira já pode ser percebida na construção das relações sociais.

A ordem original africana, a relação entre as diversas culturas, rituais, cosmogonia, das diferentes etnias negras, é reposta no Brasil. Não é um simples implante de uma ordem pretérita. A população negra é um grupo humano em diáspora, dominado e exilado, do qual se exige submissão,

²³ Os escravos de ganho trabalham parte do tempo fora da propriedade do senhor, sob a anuência e controle deste, vendendo comida ou prestando serviços, com a finalidade de amearhar recursos para comprar a carta de alforria.

²⁴ Boçal é o negro africano ainda não integrado, ou que não se propõe à integração, na vida brasileira, afirmando sua africanidade; ladino, o negro africano integrado; crioulo, o negro ou o mulato, livre ou escravo, nascido no Brasil.

obediência e prestação de atos de verdade segundo o modelo da religião católica praticada pelos senhores.

A busca da sobrevivência produz uma readequação dos termos do aparato cultural. Esta readequação envolve as relações entre negros e brancos, negros de umas etnias com negros de outras etnias, negros e mulatos, mito e religião, como se pode ler na Tabela 10, a seguir. A análise das três singularidades da reposição da ordem africana no Brasil permite falar da aparência como contraponto à universalização da busca da verdade. É uma cultura em que o segredo e a luta estão em ação permanente.

Tabela 10
Reposição da ordem africana no Brasil

SINGULARIDADE	CARACTERÍSTICA
1	Estrutura dupla, jogo com as ambigüidades do poder, constituição de instituições paralelas.
2	Descontinuidade cultural em face da ideologia do ocidente, heterogeneidade atuante.
3	Manutenção das formas essenciais de diferença simbólica: o conteúdo é católico, ocidental, religioso, mas a forma litúrgica é negra, africana, mítica

Fonte: Muniz SODRÉ, A verdade seduzida: por um conceito de cultura no brasil.

Se a intencionalidade teórica da aparência é apreender instantes de funcionamento dos grupos, a dinâmica do segredo estrutura as relações no grupo. O segredo não é um conteúdo de informação, mas uma dinâmica de comunicação segundo as regras do jogo cósmico. Assim se compreende a distinção entre a noção de progresso nos moldes ocidentais e a continuidade da existência na matriz africana.

A tecnologia, na ordem moderna, também desafia a imobilidade das coisas, mas como ato de pura força. O pensamento africano busca o duelo. A aparência e o segredo conduzem à sedução, ao feitiço, ao encantamento. O feitiço não é, como interpretado pelo colonizador português, a verdade do mal. No encantamento, produz-se o vazio, onde um e outro podem se estabelecer e buscar a produção conjunta do saber.

A sedução da cultura negra no Brasil tem o seu aparecer na estratégia de um grupo, dominado, desfavorecido quanto à força militar perante outro grupo, dominante. Essa resistência em grande parte se dá por dentro das

instituições estabelecidas pelo dominador branco. Confrarias católicas, folguedos nos terreiros da fazenda sob o olhar dos senhores, de tudo se vale o negro cativo como alavanca à projeção social.

As confrarias são introduzidas ainda no Congo pelos missionários portugueses, como uma forma de evangelização e de domínio. No Brasil, ultrapassam o modelo imposto. Funcionam como trampolim e álibi para o estabelecimento de circuitos sociais paralelos. A liberdade de associação e poupança financeira ensejada pela confraria possibilita os contatos e os movimentos necessários à instalação do terreiro.

Através da iniciação e da vivência na comunidade-terreiro, os indivíduos passam a absorver princípios ritualísticos que engendram atividades de dança, canto, narração, música, artesanato, cozinha, enfim de algumas possibilidades discursivas negras. (SODRÉ, 1983, p. 165)

O terreiro traz as contradições e as colaborações entre o humano e o universo da África ao Brasil. É um limite à verdade universal pregada pelo catolicismo e pelo colonialismo europeu. Neste sentido, uma resistência. Não uma resistência política, mas um limite proporcionado pelo ritual, que, operando com as aparências, o segredo, a luta, a ausência de universalizações, encanta e seduz, ao mesmo tempo em que se contrapõe à vontade de onipotência do racionalismo.

No grande terreiro social, no espaço de liberdade vigiada que o povo negro obtém no decorrer dos quinhentos anos, da Colônia à República, a cultura brasileira se produz como verdade seduzida. As regras do terreiro se expandem à vida em sociedade, o mito convive com a ciência, o ritual mágico com a religião, a submissão com a resistência, a alegria da vida cotidiana com a rigidez da vida produtiva.

Este espaço, se é propício à treta e ao jeitinho brasileiro, demonstra a criatividade de quem não veio por vontade própria, mas foi trazido à força e aqui teve que constituir as suas alternativas. Esta criatividade constitui o campo de possibilidade da criação cultural, econômica e política do povo brasileiro.

O negro brasileiro cria estratégias de sobrevivência pela adesão a formas culturais do branco colonizador, fazendo sua releitura e transformando-as. Isto pode ser percebido no cordel, no cristianismo sincrético, no carnaval, utilizados como forma de encantamento através do ritual. É a cultura da

diáspora, a persistência da visão de mundo do negro através dos rituais disponíveis, mesmo em meio ao preconceito, à miséria e à exclusão a que a sociedade o relegou.

Outro movimento é feito pelo negro para se afirmar na sociedade brasileira quando utiliza um instrumento originado em sua própria cultura, a capoeira. Construída no terreiro do senhor, à sua vista, a capoeira afirma-se como diversão, lazer do escravo. Todavia, seu potencial é maior do que diversão, pois é composta de reminiscências das táticas de guerra utilizadas no continente africano, mas, também, de suas danças.

É, igualmente, uma tática de sobrevivência da cultura negra na sociedade dominada de forma totalitária pelo branco, restando ao negro a condição de escravo, portanto submetido à vontade do senhor. A capoeira não expõe a sua finalidade. Melhor dizendo, não tem sentido finalístico, convivem dança e luta, podendo a qualquer momento uma transformar-se na outra. Em sua origem, a capoeira faz parte da resistência do escravo negro à dominação senhorial. Resistência dissimulada, em que o corpo é a arma principal, expressa sob a aparência de simples dança e folguedo.

3. VALORES FAMILIARES E EDUCAÇÃO INFANTIL

As lembranças de Armando, Leni e Amanda Dornelles sobre as suas infâncias, registradas nas entrevistas que dão sustento empírico a esta tese, reportam à ação familiar, que propicia à criança conforto e segurança de orientação no mundo.

Armando Dornelles é nascido em Uruguaiana, na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, na década de 20 do século passado. Durante a infância, muda quatro vezes de cidade. Para Rio Grande, Bagé, Santa Maria, retornando posteriormente a Bagé. O pai, carpinteiro, freqüenta com a família a Igreja Batista Sueca, existente em Rio Grande, dali seguindo com a mesma prática religiosa em Bagé. Quando o filho tem seis anos, encaminha-o para a escola. Dois ou três anos depois, lhe consegue um emprego de ajudante de limpeza na Viação Férrea do Rio Grande do Sul.

Leni Vieira Dornelles, filha de Armando, nasce em Porto Alegre, capital do estado, nos anos 50, tendo sempre residido nesta cidade. O pai, operário aposentado da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, trabalha então como impressor gráfico na Livraria do Globo. Nascida no bairro Menino Deus, a família se muda para o bairro Rio Branco e, posteriormente, para a Vila do IAPI.

Sua memória de infância registra a união da família, a vida dura, porém segura, ao lado dos pais e irmãos, o esforço do pai operário e da mãe costureira para prover os estudos dos filhos, os folguedos, a exploração do entorno.

Nós entrávamos por aquele esgoto que tinha ali no viaduto, tinha um esgoto que saía lá onde é o Iguatemi agora. Nós caminhávamos por dentro daquilo ali, descobrindo... Claro que o pai e a mãe não sabiam. O túnel secreto, o túnel dos valentes, eu sempre ia se os meus irmãos fossem junto, ou um amigo valente. Eu nunca cheguei até o fim, eu sempre fui até onde é o Carrefour, agora. Aquela coisa de garoto de vila, não é de vila, é de vida, que descobria os lugares secretos que tinha na Vila. Então, a gente descobriu que aquele esgoto era limpo, que servia de escoamento da água da chuva e que nós podíamos circular porque tinha... Agora, tu olha aqueles filmes de Nova York, como que é o colecionador de ossos, aí tinha um vão, em cima, assim. Tinha gente que caminhava naquele lugar pra ir até o

Iguatemi, saia lá do outro lado mas eu não tive coragem de ir até lá, eu fui até uma parte. (ENTREVISTA 11)

Amanda Eccel Dornelles, neta de Armando, filha de Ramão, nasce em Porto Alegre, na década de 1980. Aos três anos de idade passa a morar em Balneário Pinhal, pois o pai consegue emprego naquela cidade para tomar conta de um clube, estabelecendo, posteriormente, um bar. À renda do pai soma-se a da mãe, costureira.

Suas lembranças, espontâneas ou incentivadas, mesclam o carinho do pai e da mãe, a interconexão entre a casa e o bar do pai, as ruas próximas, as dunas e a praia, e apresentam esta trama como o amplo cenário da sua educação infantil.

A família Dornelles dirá da sua percepção de como os propósitos dos pais interagem com os processos vividos pelos filhos. Como poetas em tempo de penúria, os sujeitos consomem-se no duro ofício de fazer a aurora (Cf. CHAGAS, 1972). Sobre a base das dificuldades que lhes concede a vida de trabalhadores negros de origem operária, criam o tempo da felicidade.

Acha-se todo ele *tendido* para o futuro, para o porvir, [...] O presente é o *tempo da penúria*, é o mundo que é preciso negar, destruir. E o passado (ou o princípio, a origem) *não existe*. Ele o eliminou, ou melhor dito, o esqueceu. [...] Toda a sua poesia está como que suspensa a um tempo inaugural, a uma infância do mundo, quando havia deuses. (Cf. CHAGAS, 1972, p. 36)

3.1 FAMÍLIA E VALORES

Os familiares entrevistados, Armando, Leni e Amanda, com suas distintas visões decorrentes dos diferentes momentos dos seus nascimentos e socialização, pronunciam-se acerca da relação entre valores professados e a constituição da família.

Armando acredita que é no seio da família que se forma, basicamente, a personalidade infantil. O ambiente escolar e de trabalho apenas complementaria esta educação recebida em casa. Os valores familiares são trazidos do lar à escola, do lar à oficina:

Do próprio lar. Da própria casa. Porque eu acho que o lar é a base de toda a formação de uma pessoa, apesar que a tendência é que alguém dê ruim, né? Ainda eu acredito muito no lar. [...] Educação,

respeito aos mais velhos, aos pais e até à própria criança, né? Sempre com respeito. (ENTREVISTA 7)

Amanda também considera que os valores professados pela família condicionam a vida da criança, levando-a a assimilá-los, pela via da cultura. As brincadeiras da infância na praia, na rua, quase todo o dia, representam um princípio pedagógico de aprender com o ambiente e no contato com as crianças da vizinhança. Este aprendizado é combinado com o incentivo à leitura, a freqüência ao cinema, proporcionados pelo contato freqüente com as tias professoras. Outro princípio mantido durante toda a infância é o contato familiar, pela ida mensal a Porto Alegre para visita aos avós paternos e a vinda dos tios e primos para a praia durante as férias escolares (Cf; ENTREVISTA 1).

Lembro que as relações entre as famílias das crianças era aberta, assim como a relação que tinham nossas brincadeiras com a rua. Mas não lembro como elas se estabeleciam entre os adultos e quais as restrições que eles faziam ao acesso à rua. Acho que o principal motivo deste livre acesso era a tranqüilidade do lugar onde moramos. (ENTREVISTA 3)

A evolução das relações, assim estabelecidas, incentiva a curiosidade pelo entorno, que se estrutura com o passar dos dias. Quando Amanda tem dez anos, durante o verão, reúne-se a um grupo de crianças que quer um esconderijo, um lugar só delas. O grupo procura um local em casas abandonadas e em pátios vazios, mas nada consegue agradar. Até que resolvem fundar um clube.

Surge um clubinho das crianças, que se consuma como clube ecológico. Dois aspectos chamam a atenção, no momento da fundação do clube. O primeiro aspecto, a liberdade das crianças e a relação de confiança com a mãe é dela a idéia de que o clube seja ecológico, o que o grupo acata. O segundo aspecto, a chamada com limite de faltas, provavelmente como imitação da uma prática da escola.

Conversando com a minha mãe sobre o clube, ela deu-me a idéia de fazer um clube ecológico. Propus às outras crianças e então demos andamento ao clube. Decidimos que seriam reuniões semanais na casa de alguém, fizemos algumas regras do clube, uma votação para o nome, no qual cada um pensou em casa para que no próximo encontro tivéssemos os nomes para votação. Tínhamos até chamada com limites de falta. (ENTREVISTA 4)

O trabalho do grupo no clube ecológico se estende do verão ao inverno. As crianças pesquisam nas casas vizinhas acerca do conhecimento popular sobre animais em extinção e fornecem subsídios sobre o tema. Recolhem o lixo deixado pelos veranistas. Discutem temas diversos e estabelecem pactos, como o de não jogar lixo no chão (Cf. ENTREVISTA 4). A responsabilidade extravasa o âmbito da família e torna-se responsabilidade social.

A ação pede regulamentação e o tempo traz a resistência à regulamentação. O fato de poderem as crianças decidir democraticamente pela criação do clube e pelo seu fechamento indica uma relação amorosa na orientação da geração mais antiga à geração mais nova. O valor responsabilidade, solicitado no compromisso com a família e com o ambiente, é complementado pelo valor autonomia, presente no ato da livre decisão sobre o encerramento das atividades do clubinho.

O clube se desfez porque os participantes do clube não estavam mais entusiasmados pelas reuniões e estavam “quebrando alguns critérios”. Isso aconteceu quando eu era presidente do clube e me desgastava cobrando de alguns. Decidimos juntos em desfazer o clube. (ENTREVISTA 4)

A formação dos filhos pode ser construída de forma prazerosa ou dolorosa. Leni recorda o prazer da sua infância, no tempo do bonde. Algum espaço de transgressão parece necessário para construir o sentido de si, a superação dos limites atingidos pela geração anterior, o aprendizado da responsabilidade pessoal e social.

O bonde ia até ali onde começa o viaduto agora. A grande sensação do bonde quando a gente começou a crescer era saltar do bonde em movimento, e às vezes a gente pegava umas caronas e eu lembro que um dia a minha irmã chegou sem os tampões do joelho, porque a moscona tinha que saltar e botar o pé pra frente, ela salto e parou, pum! (ENTREVISTA 11)

A criação dos filhos para assumirem as suas próprias responsabilidades implica em deixá-los circular no entorno, conhecer o mundo à sua volta. Leni recorda o irmão Ramão, pai de Amanda, guri peralta, guri descobrindo a vida. Andar por aí, sem o controle da família poderia fugir à perspectiva paterna. Mas, nisto, há um contraponto: neste tempo é possível andar em todos os lugares do IAPI, tanto de dia quanto de noite.

Na infância de Leni, a preocupação maior, o incômodo, não vem da vingança social dos setores empobrecidos, dos furtos e roubos direcionados a quem tenha qualquer tipo de posse, inclusive aos operários e suas famílias. Vem do confronto com crianças/jovens de extratos sociais mais aquinhoados. *“Tinha uma turma que nós não gostávamos, era os burgueses da história. [...] Não se passa sem a história dos riquinhos”* (ENTREVISTA 11).

Mesmo a negritude não irrompe com a força de uma reivindicação. É algo borrado, distante. É proibido falar em religião africana dentro de casa, por conta do protestantismo da avó.

A história do negro, ela foi uma história oral ela não foi uma história escrita. E essa oralidade da negritude ela não era muito mexida, porque a minha avó era muito marcada com isso em função da avó e do avô dela. A avó era uma mulata, em Uruguaiana. (ENTREVISTA 11)

Não são lembranças de ressentimento, mas lembranças de quem está acostumado a encarar os problemas da vida como desafios a serem vencidos. Como Sísifo, que recebe a maldição de carregar uma pedra todos os dias, pelo resto da vida, montanha acima, para vê-la rolar em seguida e carregar novamente ao nascer do Sol. Albert Camus propõe a reflexão: os deuses não disseram o que ele deve fazer na descida, não estabeleceram a sua agenda noturna. Ele pode, se lhe aprouver, saltar, correr, dançar, tirar um dedo de prosa com os pastores de cabra... Então, por que não imaginar Sísifo feliz? (Cf. CAMUS, 1942).

Armando, ao viver parte do seu tempo escolar em Santa Maria, recorda-se da árdua tarefa de estudar pela manhã e trabalhar à tarde na Viação Férrea. Contudo, o faz com bom humor. Recorda que trabalho perigoso ou pesado não podia ser dado à criança: *“Que oferecesse perigo, como lidar com pólvora ou ferro muito quente”* (ENTREVISTA 6).

A ação patronal da Viação Férrea é de controle ideológico dos operários, por isto a oferta de bolsas de estudos para a freqüência a cursos de

formação de artífice às crianças. O ambiente escolar controlado pela empresa garante a formação dos hábitos necessários à atividade laboral, o que é reforçado pela frequência à empresa no outro turno.

Quando eu resolvi ir pra Santa Maria. Que, aí, o chefe da oficina perguntou se eu queria ir pra aprender o ofício e eu disse que sim, eu lidei com responsabilidade. Eu quis e passei bem. [...] Ah a mãe não queria, mas o pai se aconselhou com outros que já tinham ido. E disse que era uma boa relação, que lá a gente tinha hospedagem, colégio, comida, tinha tudo. Esse colégio da Viação Férrea, né? Existe o colégio, mas não é mais da Viação Férrea. [...] Ele não era da Viação Férrea, era dos padres maristas. Ele era cedido aos padres maristas. (ENTREVISTA 6)

Armando estuda na escola da Viação Férrea e mora em casa de amigos. No entanto, a escola tem, também, o regime de internato: “*Era rígido. Quase um quartel. Depois das oito, silencio. Quando não tinha aula de noite. 6:30 de pé já pro café*” (ENTREVISTA 6). O disciplinamento da vida operária está presente, inclusive, no julgamento que o infante-aprendiz faz daqueles alunos que só estudam, não trabalham:

Ah, eu achava que eram uns boa vida, né? Não precisavam trabalhar. Porque a minha vontade foi sempre trabalhar pra formar a profissão, inclusive pra ajudar a família, né? Porque a nossa família era grande. Acho que tinha menos que estudava e trabalhava. Eu sempre tive notas boas, de regular a boas. Nunca rodei. (ENTREVISTA 6)

Amanda não tem necessidade de trabalhar na infância, por conta da opção dos pais de mudar-se de Porto Alegre para a praia do Pinhal (Balneário Pinhal). A maior liberdade não lhe tira a percepção das dificuldades familiares e da necessidade de assumir responsabilidades junto com a família.

Avô teve 10 filhos, avó costurava pra fora. Quando se aposentou, montou oficina de bicicletas. Eu me sentia mãe da minha irmã. Não me lembro se minha mãe dizia pra eu cuidar dela, mas eu me lembro que eu sempre pegava a mão dela, me sentia responsável por ela. Eu acho que a noção de responsabilidade, na nossa casa, vinha da liberdade. Mas só tínhamos liberdade por ter responsabilidade. (ENTREVISTA 2)

Esta opção de Ramão pela residência no Litoral é confirmada por Leni, que relembra a preocupação da família com a falta de infraestrutura do local, a vontade de trazer as crianças para Porto Alegre.

Foi opção do meu irmão ir pra lá. Agora, quando ele faleceu, a gente até conversou muito com a Betinha se elas deviam continuar lá.

Então, a gente vai muitas vezes, pra estar junto com elas. Os Dornelles diminuindo, mas a gente continuando, sem medo de serviço. (ENTREVISTA 5)

Muniz Sodré comparece, com seus estudos sobre a territorialização, observando sua força cultural ativa, tanto no plano econômico quanto social. A metafísica da representação universalista busca entes genéricos, não datados e localizados. E o humano é datado e localizado! Deste modo, Armando em Bagé, Amanda em Pinhal, Leni em Porto Alegre, territorializam as suas percepções de mundo, ainda que circulem, na infância ou depois dela, por outro espaços do Rio Grande do Sul ou fora dele. (Cf. SODRÉ, 1988).

Viver o bairro é viver sua culturalidade, que envolve não só o que ali acontece envolvendo as pessoas do entorno imediato, mas todas as formas lúdicas e simbólicas que a vida da cidade propicia. As festas que acontecem no bairro reúnem pessoas que moram e que não moram ali. O cinema de rua, na praçinha. Os operários e suas famílias, os moradores da Vila do IAPI, se deslocam com sua pipoca e cadeirinha para entrar na máquina de sonhos, cultura de fora, assimilada e ressignificada localmente. Não apenas o cinema de rua, gratuito e aberto a todos, mas o cinema pago, a que só se pode assistir se houver alguma poupança.

O bárbaro do IAPI era ir no cinema domingo de tarde. Então, juntava-se os pila e ia com as figurinhas, com as revistinhas pra o matinê do Rei, que era o mais próximo ali, só que nós, meninas, tínhamos uma coisa, tinha que lavar a louça, e era almoço da família. Aí, ir pra avó lá na Mariante passou a não ser tão bom, porque nós queríamos ir pro cinema com a nossa turma, então tinha que negociar. Às vezes, até de convencer de trazer a avó pra cá, pra gente pode ir no cinema ali, e no cinema eles conheciam a gurizada toda ali da Vila, e podia bater o pé quando o mocinho tava ganhando, e gritar no cinema, era cinema interativo! (ENTREVISTA 11)

A formação do pensamento operário no Rio Grande do Sul tem em Antônio Guedes Coutinho um dos principais formadores. Benito Bisso Schmidt (2000), traz a biografia deste escritor e militante da “União Operária”, na cidade portuária de Rio Grande, que, em sua origem, é alfaiate. O cotidiano dos artífices liberais é profundamente transformado com a industrialização do Rio Grande do Sul no final do século XIX, especialmente pela implantação da indústria têxtil, que tomo o lugar dos alfaiates.

Para o estudo dos valores vividos pela família Dornelles, é importante ressaltar que Coutinho, tendo vivido como alfaiate em Pelotas, muda-se para Rio Grande em 1893, “*onde trabalhou inicialmente nesta atividade e logo como tecelão da fábrica de tecidos Rheingantz*” (SCHMIDT, 2000, p. 45). Na mesma Rheingantz, no mesmo ambiente onde Coutinho trabalha e prega ideais socialistas, trabalhará, três décadas mais tarde, o pai de Armando Dornelles.

Como militante e como escritor, Coutinho faz intenso proselitismo entre os operários da noção de bons costumes, ressaltando a família como núcleo de sustentação da vida operária.

Estes trechos já fornecem algumas pistas para pensar o universo das relações familiares de Coutinho. Em primeiro lugar, chama a atenção o papel destacado por ele atribuído à família (um “sacrário”), verdadeiro centro articulador das memórias da mocidade, ponto de partida para sua trajetória. Embora não tenha sido possível encontrar referências à participação de seus pais em atividades de militância operária, percebe-se que o personagem situou no grupo familiar a origem das qualidades morais que possuía – honra e nobreza de caráter –, tão caras a um *verdadeiro* socialista. (SCHMIDT, 2000, p. 26)

Os tempos são patriarcais e este é o modelo de família que vigora entre os operários. Schmidt trabalha com a idéia de que não apenas Coutinho e os socialistas rio-grandinos, mas, inclusive, os comunistas, aderem ao mito de origem familiar, aceitando o paradigma da família burguesa, com o chefe-provedor e a mulher subserviente ao marido, com uma rotina de caráter intimista. A prática militante, todavia, questiona seguidamente esse protótipo. Para além da família nuclear, Coutinho faz bandeira da fraternidade, relacionando-se com os operários como uma grande família proletária (Cf; SCHMIDT, 2000). Esta contradição passará aos operários, como classe, por conta da pregação dos seus dirigentes.

A relação pai-filho é uma díade em que “*existe um A diferente de um B, mas A e B se relacionam*” (BROD, 2002, p. 39). Essa fórmula, no entanto, pode ser aplicada a outras díades em que esteja presente algum tipo de autoridade/obediência entre os pólos; por exemplo, senhor-escravo, patrão-empregado. É preciso ir além, para compreender o potencial educativo contido na relação:

Na relação “pai-filho”, embora a dependência da criança, máxime na minoridade, seja contingente à própria relação, esta é educativa na medida em que a responsabilidade, a reciprocidade e a tensão entre os termos da relação ultrapassam a ordem do poder, da posse e da

submissão para estabelecer a essencialidade da autonomia e da liberdade humanas. (BROD, 2002, p. 34).

Pode-se sintetizar a relação pai-filho como segue (BROD, 2002, p. 43-45):

- a. A família é um nicho formativo por excelência. A relação pai-filho é destinada à formação e à educação;
- b. A relação educativa na família é humanizadora. Forma os sujeitos em sua personalidade total de seres humanos, com reflexo no todo social;
- c. A formação de valores é um dos conteúdos básicos da educação familiar. O ato de valorar é inseparável do ato de educar;
- d. Educar para a liberdade é o ideal e o caminho da educação familiar. Qualquer desvio desse ideal e desse caminho conduz a becos sem saída nos propósitos educativos dos pais;
- e. A família é palco de conflitos entre disciplina e liberdade, tolerância e intransigência, mando e submissão, autoridade e obediência, refletindo a dialética da ação educativa;
- f. A relação pai-filho pode vir a ser uma relação de orientação, ampliando a dimensão dialética da relação educativa na família. A orientação objetiva a autonomia do orientando, mas orientar é apontar um rumo, restringindo a sua liberdade. A orientação é unidade de diferentes, intersubjetiva e interpessoal e soluciona seus impasses pela mediação educacional.

A valorização da experiência, podemos tomá-la de Antoine de Saint-Exupéry (2000), que, embora escritor, discerne que o aprendizado sobre nós mesmos é maior percorrendo a Terra do que lendo todos os livros: *“La terre nous en apprend plus long sur nous que tous les livres”*²⁵ (SAINT-EXUPÉRY, 2000, p. 9). A Terra como ente físico, fato materialmente dado, oferece obstáculo ao deslocamento humano, também como ente físico, sobre sua superfície, por meio semovente ou com recurso a máquinas e veículos, por terra, água e ar. O humano, entretanto, é ser pensante, ser-de-relação. O obstáculo desafia o seu

²⁵ Tradução livre: A terra nos ensina mais sobre nós do que todos os livros.

pensamento e ele se descobre quando descobre o obstáculo, enfrenta-o e supera-o.

Esta construção não seria completa se a ela não se ajuntassem as culturas locais, os relatos vivos dos veteranos profissionais (Cf. SAINT-EXUPÉRY, 2000) e, certamente, também os textos e livros de memórias e de ensino técnico, que nasceram de outras tantas experiências. Entretanto, todos eles não teriam eco se não se relacionassem e não interagissem com a experiência própria do humano em formação. O papel dos veteranos assemelha-se ao do pai ou avô contando suas aventuras juvenis. É este reviver arquetípico que torna potente o tema da memória e encharca de possibilidades educativas a convivialidade humana.

Neste sentido, pode-se dizer que BROD (2002) e SAINT-EXUPÉRY (2000) caminham juntos ao valorizar a experiência e a convivência do cotidiano como condições necessárias à educação. Brod, todavia, acrescenta a formação continuada como outra condição necessária ao bom desempenho dos pais em sua tarefa de educar.

A tese que pretendemos defender, no presente ensaio, diz respeito à necessidade de uma formação filosófica continuada que embase o cotidiano dos espaços e tempos educativos familiares e escolares. Para que os pais e professores sejam autenticamente educadores, precisam ser, também, filósofos. (BROD, 2002, p. 47)

O método proposto articula o rigor escolástico, a dialética de Roland Corbisier e a relação entre filosofia e política de Eric Weil. Fazendo a crítica aos três métodos, Brod percebe e ressalta a coerência entre aspectos fundamentais e os recompõe. Desta forma, cria a perspectiva de uma educação continuada, em que ganha destaque *“o tema gerador relação entre filosofia e política, com seus temas afins: relação entre educação e política, ética e moral, formação filosófica e pedagogia familiar e escolar”* (BROD, 2002, p. 76).

Não se trata de uma nova escolástica nem de produzir filósofos acadêmicos em série. A proposta de formação continuada dos pais-filósofos envolve a apropriação de um método, a reflexão cotidiana e a articulação entre os procedimentos de educação na família e na escola.

3.2 OS DORNELLES E A PEDAGOGIA NO AMBIENTE FAMILIAR

Wanderley Codo (2004) considera um diferencial entre a construção na identidade no adulto e na criança. A criança se reconhece e constrói sua identidade por identificação, em simbiose com sua família, só depois vem a escola. O adulto tem a identidade madura, que se constrói e reconstrói pelas trocas que realiza com o mundo, com o qual se contrasta. O trabalho, o contato com todo o planeta, lhe propicia e lhe cobra as características de um indivíduo, um ser universal. A criança está ainda ligada umbilicalmente à família, com a qual se identifica.

A vida no mundo, como analisa Karel Kosik, não impõe um cotidiano uniforme a todos os humanos. Ao contrário, a diferença de tempo histórico, de geografia e de classe social condiciona cotidianos distintos. (Cf. KOSIK, 1963). A isto se agrega o fato de que, numa análise dialética, o sujeito, ao construir sua história, não tem a liberdade de fazer tudo o que quer, de forma absoluta, como alerta Adolfo Sánchez Vázquez.

Em sua carta a P. V. Annekov, Marx determina com precisão o caráter humano de qualquer relação e transformação sociais. [...] O homem são os sujeitos de toda (*sic!*) atividade, tanto econômica e social como ideal. [...] Só os homens podem destruir o que eles mesmos criaram para abrir caminho a uma nova criação. Só eles fazem sua própria história, ainda que, como adverte Marx, em determinadas condições. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1977, p. 328-329)

Com enfoque semelhante, Bertilo Brod (2002) questiona as possibilidades do fazer educacional e traz a reflexão acerca do papel dos pais na formação das novas gerações. A educação se processa não apenas na formalidade da escola, mas também nas relações informais, vivenciais, cotidianas, *“quando, de forma sistemática ou assistemática, trilhamos o caminho da formação continuada e da educação permanente”* (BROD, 2002, p. 18).

A família é um espaço de convivência e formação, portanto um espaço educativo. É na família que a criança recebe os arquétipos que lhe permitirão orientar-se no mundo exterior, na dinâmica social:

É no convívio cotidiano da família, superando rotinas e hábitos inveterados, que os pais educam seus filhos e a si mesmos em diálogo aberto com os filhos, em interlocução reciprocamente enriquecedora e na busca do resgate do que a família tem de mais lindo e cativante: a experiência humana da intimidade, do respeito, da hospitalidade, da liberdade, da familiaridade e da intersubjetividade,

com vistas à vivência da cidadania, da solidariedade e da inserção na polis, em termos extrafamiliares. (BROD, 2002, p. 18)

Este ser relacional, Nós, produz sinergia de que podem resultar mudanças relacionais²⁶. É o processo educativo: *“O diálogo relacional se transforma, então, em elemento constitutivo e formativo do ser humano”* (BROD, 2002, p. 34).

Adota-se nesta tese o conceito de pedagogia trazido por Paulo Ghiraldelli Jr.: é a ação humana vinculada à *“preocupação com os meios, com as formas e maneiras de levar o indivíduo ao conhecimento”* (1991, p. 8). Amanda informa acerca da pedagogia utilizada pela família para direcionar as crianças à aceitação e à superação das dificuldades que acompanham o ciclo de vida dos indivíduos pertencentes a uma família de trabalhadores. Seu princípio básico: não deixar-se derrotar, seguir. Assim, a família Dornelles consegue estabelecer metas e perseguí-las.

Quando minha mãe começou a trabalhar fora de casa, eu estava na sétima ou oitava série. Até então, vivíamos do sustento das costuras e do bar. Vivíamos bem, o custo de vida aqui era bem mais barato. Depois, o dinheiro começou a ficar escasso. Antes, a comida era churrasco todo domingo. As irmãs conversavam sobre isto e a mãe também sempre abriu o jogo. Exemplo: “Agora vamos comprar para uma, depois comprar para outra”. (ENTREVISTA 1)

Sísifo é feliz? Provavelmente, sim, a julgar pelos relatos de Amanda.

Morava perto da casa atual, duas ruas para o lado dos cômoros. A realidade da praia: uma faceirice só, ia quase todo dia à praia. Quando voltei a Porto Alegre, tive um choque com o modo de vida, agoniava estar em casa e não poder estar na rua a toda hora, vida de apartamento. Idas a Porto Alegre: com a mãe encontrar a família do pai, todo mundo, minha dinda, foi ela, que pediu para ser minha madrinha, e a outra tia que me proporcionaram muita coisa; como exemplo, idas ao parque da Redenção. (ENTREVISTA 1)

Também Leni dirá de uma pedagogia familiar orientada para a responsabilidade e o prazer. Os desfiles de carnaval fazem parte até hoje, como faziam em outros tempos, da agenda da alegria na Vila do IAPI. Como conseqüência, ver desfilar o bloco As Tesouras e dele participar é a forma local

²⁶ O convívio e a interlocução ocorrem como relação, pois são fatos humanos, e o humano é relacional. O homem é ser-no-mundo, ser-de-relação. Não há humanidade entregue à ipseidade absoluta dos seus indivíduos. Ser-no-mundo só pode acontecer se for ser-com-o-outro. A relação homem-natureza é relação do tipo Eu-Isso e não é potente para a construção do encontro e do diálogo, dos quais nasce a educação. A relação homem-homem é ontologia, Eu-Tu ou Eu-Outro, capaz de construir Nós como ente social. (Bertilo BROD, **Educação e filosofia: diálogos formativos na família e na escola**, p. 18)

da criança/jovem integrar-se num amplo circuito de diversão que vai do bloco local aos desfiles municipais. O bloco inicia com um grupo de jovens vestidos de mulheres para brincar. Continuam, com o passar dos anos, os jovens da Vila do IAPI. Eles fazem um grande churrasco, depois vão pra casa um do outro e vestem de mulher, de padre, ou inventam algo.

Essa cultura territorializada, em bairro popular, dificilmente sobrevive sem patrono. A expressão do carnaval na Vila do IAPI oscila em conformidade com a maior ou menor disposição do poder público municipal em financiar os folguedos do povo. A manifestação cultural refinada, os eventos musicais da MPB, o erudito, tudo isto só é acessível à maioria da população se há financiamento público. Quando isto acontece, as famílias participam e o fato se incorpora no processo educacional da criança e do jovem.

Quando vinha os shows de João Bosco tudo ali pra praça se sentava naquele lado alto [...] e ele fazia o show lá. Era muito genial. [...] Não, agora, esses shows. Os filmes eram na década de 60-70. Só os escolhidos, muito escolhidos, e os shows vieram na década de 80. Jesus sofrendo. Antes do Mel Gibson ele já tava perdendo sangue. Mazaroppi passava também, muitos dos filmes brasileiros. A TV já existia, mas todo mundo pegava sua cadeirinha e ia pro cinema. (ENTREVISTA 11)

A infância de Amanda inclui viagens a Porto Alegre, a vinda dos primos para a praia. A exploração das regiões vizinhas à casa, da praia às dunas, faz do contato entre os primos um permanente aprendizado. *“Eu devia ter uns seis anos, achamos um gambá e os filhotes e trouxemos pra casa numa caixa. Minhas tias estavam lá nesse momento, queriam levar o gambá ao veterinário e quando o pai chegou jogou a caixa com o gambá pela janela”* (ENTREVISTA 1).

A liberdade concedida pelos pais para viver a cidade leva ao conhecimento social. A sociologia da vizinhança, produzida pela curiosidade infantil, propõe definições, estabelece tipos para os circunstantes.

Havia tipos folclóricos. Tinha uma vizinha, Dona Edith, de cabelos vermelhos, voz rouca, fumava, morava em casa de madeira escura, com vidros não lisos. Quando passava alguém pelos vidros dava medo, a gente curtiava dizendo que ela era bruxa. Garagem nos fundos. Puxa-puxeiro. 50 anos. É do Capivari, vende puxa-puxa no verão, faz versinho. Quando ele passava, eu juntava as bonecas e ia para a frente, pra ele fazer versinho. *“Olha o puxa-puxa / que não é brincadeira / vendo pro senhor / que acabou de cair da cadeira”*. A pé, com alto falante. Hoje, a gente se esconde. Os adultos, às vezes, até entravam na onda e participavam. (ENTREVISTA 1)

A relação de vizinhança conta como uma ampliação da família. O conjunto de famílias que se abrigam num mesmo espaço, vivem as mesmas dificuldades no enfrentamento do drama social da sobrevivência, tendem a apoiar-se, a estabelecer solidariedade, mais ou menos espontânea. Esta relação é incentivada pelos pais de Amanda.

Vizinhos sempre próximos. Sempre tivemos liberdade de entrar na casa uns dos outros, desde que avisássemos. Uma vez uma criança, Carolina, dormiu embaixo da cama e todos procuraram o Pinhal inteiro. Uma criança chatinha, ninguém gostava muito dela, os pais não incentivavam esse tipo de picuinha. Umas quatro ou cinco famílias, (não sei como não virava bagunça, pergunta à minha mãe). Contato externo, ficava amiguinho e depois podia ir na casa. Gostávamos mais de ficar na rua, mas tinha duas que a gente gostava mais de ir à casa delas. Acho que as minhas tias já conheciam essas pessoas de outro lugar, havia amizade entre os pais. (ENTREVISTA 1)

Os relatos dos sujeitos entrevistados destacam o papel da urbanidade na constituição das suas identidades. Esta urbanidade está aí. As ruas, as praças, os estabelecimentos comerciais, as instituições encarnam essa relação possível. É necessário que os sujeitos se abram à possibilidade do seu efetivo acontecer para que as possibilidades educativas da cidade passem da virtualidade à realidade. Henry Lefebvre trabalha a noção de cidade como o lugar da expressão dos conflitos e como o lugar do desejo. O urbano que destrói e constrói o humano; que, portanto, educa.

Assim teria formação, eventualmente, o caráter imaturo e prematuro do ser humano, exposto aos combates de Eros e Logos, sem que essa formação se imponha enquanto acabamento (do estado adulto e completo). O urbano, como via prática, teria paradoxalmente um papel pedagógico bem diferente da pedagogia habitual, constituída a partir de uma autoridade, a do Saber adquirido, a do Adulto acabado. (LEFEBVRE, 2002, p. 160)

A ambientação urbana da família Dornelles e a liberdade de circulação no ambiente da cidade que concede aos filhos permite a vivência da urbanidade. Esta vivência amplia o horizonte dos sujeitos, imbuindo-os do senso de responsabilidade e solidariedade.

O debate acerca do trabalho infantil reacende a questão do prazer. O trabalho deve ser doloroso, desprazeroso? Estudar e brincar é o trabalho da criança? A fala de Leni parece indicar que sim, mas talvez vá além. Talvez indique que o brincar deve continuar na vida adulta, como adverte Ieda Prates

da Silva. As crianças, quando brincam, não distinguem entre prazer e trabalho. Se a brincadeira lhe exige esforço, ela o fará, tão somente pela satisfação do resultado. O adulto, se pretende desfrutar da sanidade, não pode desistir do prazer criador, como as crianças quando estão brincando. (Cf. SILVA, 2000).

Neste sentido, Leni fala sobre a atitude da sua família:

Então, a gente sempre conseguiu brincar, nos momentos mais horrorosos sempre teve uma coisa hilária que nos chamou pra vida. De perder, e, na hora da perda, sempre teve uma coisa que nós conseguimos... Eu acho que isso não é doença, eu acho que isso é chamar pra saúde, de nós conseguirmos ir em frente e levar adiante, sem pedir desculpa porque vive numa família que é unida, que se gosta, que se curte. Aqui, na Engenharia, que a minha irmã trabalha, eu entrei no laboratório e passou um dos engenheiros que é professor ali, e eu tava conversando com a minha irmã e ele disse assim: "Lh, as Dornelles estão juntas!". (ENTREVISTA 11)

A família é a primeira instituição com que uma pessoa entra em contato e com a qual aprende o modo pelo qual são produzidas as relações básicas de uma sociedade. Esse aprendizado a acompanha, nas sucessivas etapas de sua vida, infantil, adolescente, juvenil, adulta. Recorrendo a Ladislau Dowbor e utilizando-se a concepção de reprodução social (Cf. DOWBOR, 1998), pode-se supor que a família, como qualquer instituição, tenda a se reproduzir com transformações estruturais ao longo do tempo. O pátrio poder e a diretividade tendem a variar em seu exercício de uma família para outra, em função das estratégias de vida e das opções éticas dos chefes de família e dos membros adultos. Assim, não apenas os valores a serem ensinados variam, mas a forma de ensiná-los tende a variar.

A vida da família Dornelles vincula-se à religiosidade cristã protestante. Há que pensar esta religiosidade em sua dupla face, de um lado o indivíduo buscando conforto espiritual para os seus males e angústias, de outro a instituição da religiosidade em religião, de todo conveniente ao Estado e à organização produtiva. A criança disciplinada produzirá um operário disciplinado.

Herbert Marcuse, embora acredite em possibilidade futura de outra forma de civilização que não oprima o indivíduo, constata que, até aqui, a civilização tem sido a história da repressão sobre o corpo. A busca do conforto e o refinamento intelectual da humanidade são feitos à custa da repressão da vida erótica e da liberdade (Cf. MARCUSE, 1981). A ação dos pastores da Igreja Batista Sueca, freqüentada pelos Dornelles, é no sentido de levar a

pessoa a internalizar preceitos morais rígidos, que, se violados, significam a culpa, o pecado, a expiação. Max Weber já estabelecera correlação entre a moral protestante e a acumulação do capital. Sem o disciplinamento do corpo e da mente do operário, a partir da crença de que provém de Deus a determinação de poupar e fazer render os bens, esvazia-se a possibilidade de desenvolvimento das empresas no modo capitalista de produção (Cf. WEBER, 2003).

Armando Dornelles, quando criança, frequenta a Igreja Batista Sueca, que pratica uma educação rígida, com pouco diálogo. As pessoas são avaliadas pelo seu comportamento. A igreja estabelece determinações que a família cuida de fazer cumprir. Não pode ir ao cinema, não pode jogar futebol, tudo é pecado. A televisão ainda não existe. A vida da criança na igreja, nas lembranças de Armando, é uma vida oprimida. A criança transgredir. Com Armando não é diferente. Encontra formas de ir ao cinema, de jogar futebol, escondido dos pais. Apanha da mãe, sempre que é descoberto.

Gostava [de futebol] e a Igreja era contra. Ah, eu ia escondido. Arrumava uma desculpa que ia passear, uma coisa ou outra, mas ia jogar futebol, até que um dia estourei o tornozelo, tive que voltar pra casa, e exato. Primeiro foi uma sovinha de relho, e depois, muito obrigado. (ENTREVISTA 8)

A criança quer brincar, mesmo que esteja trabalhando. Ela não tem grande discernimento da diferença entre o mundo da fantasia e o real. Tendo oportunidade, ela inventará brincadeira, ainda que isto envolva equipamentos do seu trabalho. Armando conta situações de transgressão em que se envolve por mera brincadeira, como a construção de um canhão caseiro aos dez anos de idade e a imitação em metal de moedas de prata, pouco tempo depois.

Phillipe Meirieu (2002) trabalha a resistência do educando como essencial ao estabelecimento do ato pedagógico. A resistência de Armando se demonstra nas transgressões e, também na destruição do chicote com o qual apanha da mãe: *“na nossa casa tinha um poço, cada vez que eu achava o relho da mãe, porque o pai não batia, né?, era só a mãe, eu atirava o chicote dela no poço”* (ENTREVISTA 7). É este posicionar-se perante os ensinamentos transmitidos pelas gerações mais velhas e perante os seus métodos de ensinar que permite à criança criar o seu próprio ideal de futuro.

Pelo que se percebe das entrevistas, as novas gerações da família Dornelles abdicam da pedagogia do chicote. Os novos tempos trazem uma

sociedade que debate sobre as conseqüências dos castigos físicos para a personalidade infantil em formação. Advoga-se a limitação ou mesmo a eliminação desses castigos. A família segue a tendência da sociedade.

As lembranças de Amanda incluem o contato com os primos em época de férias, a amizade de infância com outras crianças. Algumas destas, cuja mãe é freguesa do bar do Ramão, depois integrariam um famoso grupo de rock, até hoje freqüentam a praia e têm livros publicados sobre o balneário. Em suas recordações, aos sete anos vai, só com irmã e o cachorro, até o bar do pai. A relação pedagógica estabelecida com a mãe incentiva a autonomia e exige responsabilidade como contrapartida. Pode ir a qualquer lugar, desde que avise. A fantasia, a vivência em grupo e a exploração do entorno são permitidos e incentivados.

Uma vez fui até a lagoa sem avisar (a lagoa é perigosa, seguido morre um lá), levamos um xingão. Um bicho venenoso picou o primo no pé. Já sabia que era perigoso, mas foi. E sem avisar! Dizer que vai a um lugar e vai a outro... E se acontece alguma coisa com alguém? E se morre afogado? Deus me livre! (ENTREVISTA 2)

Recordo-me de uma de minhas férias de julho na qual meu primo veio para praia. Brincávamos dia e noite, foram quase três meses. Nos dias de sol pegávamos nossas bicicletas (eu, minha irmã, meu primo) e saíamos pelas ruas de Pinhal. Fugíamos de cachorros, apostávamos corrida e descobríamos lugares os quais pensávamos não existissem ali. Nos dias de chuva andávamos de bicicleta dentro do bar de meu pai (construímos uma pista com cadeiras aproveitando o espaço que tinha), foram férias bem curtidas. (ENTREVISTA 3)

No período inicial da vida em Porto Alegre, estuda na creche de propriedade de suas tias, empreendimento familiar: *“uma tia era professora, outra secretária, meu pai dirigia a Kombi”* (ENTREVISTA 1).

Amanda considera que a ação educativa da sua família é de estímulo à criação, embora isto nem sempre se reflita na pedagogia da escola. A amorosidade da pedagogia paterna/materna incentiva a imaginação e o prazer. A da escola é do tipo tradicional, condicionadora.

A infância que tivemos foi muito estimulante no sentido de criar. [...] Eu me lembro do método de alfabetização, do tipo o IVO viu a UVA, o ... e a MALA. Sempre a brincadeira ficava de fora da sala. [...] O recreio era a hora mais requisitada do horário da escola. Ia numa faceirice, ganhava material, ganhei livrinho, caneta. Uma época, eu devia estar na 2ª série, começamos a ir sozinhas, eu na terceira série, a minha irmã na primeira. (ENTREVISTA 2)

Posteriormente, as tias, a avó, o avô continuam a ser referências, juntamente com a mãe e o pai. “*Se eu tirar nota baixa o que a tia Fulana vai falar?*” (ENTREVISTA 2). A atitude dos sujeitos das gerações mais velhas estimula e referencia o aprendizado dos mais novos. As tias compram livros para os sobrinhos, o avô está sempre lendo e sempre faz tudo que dependa de habilidades manuais, a avó sempre procura apoiar aos membros da família que dela necessitam.

Após estudar os anos de ensino fundamental em Balneário Pinhal, Amanda desloca-se para Porto Alegre, onde mora em casa dos avós e tias e freqüenta as aulas do ensino médio em curso técnico vinculado à UFRGS. Na capital, tem a oportunidade de conviver com a cultura cosmopolita de um centro metropolitano, sua arquitetura e fisionomia urbanística, sua vida política, seus eventos significativos. Ao retornar a Balneário Pinhal, para a residência dos pais, leva consigo a experiência da grande cidade, entretida ao substrato cultural da infância no balneário.

Leni relata a infância sem consciência crítica da condição de negritude numa sociedade branca preconceituosa. A família mora, inicialmente, em bairros de concentração negra. Pratica, todavia, o não isolamento. Busca relacionar-se com as diversas etnias e estratos sociais. Há uma ideologia igualitária, de disputa do espaço social, de buscar a oportunidade esteja ela onde estiver, em pé de igualdade com qualquer outro, de qualquer etnia.

Então nisso, Humberto, de ter vindo desses lugares que a gente vinha, e não só se juntava com os amigos negros, mas também se juntava com os amigos brancos, e funcionava com os dois, foi assim que nós funcionamos sempre com todos os grupos. Tinha os judeus que moravam ali, tinha os mascates, que tanto eram judeus como eram árabes, que vinham vender os mascates na porta de casa e que a gente sabia: “Ah, o seu Fulano chegou. Ah, vamos fazer um café pro seu Fulano, deixa ele contar umas histórias pra gente, do lugar que ele veio. Talvez isso seja da mestiçagem mesmo, que tu acaba colhendo e trazendo e não negando determinados lugares de onde tu viestes. E, ali no IAPI, a mesma coisa de ser, pronto, e naquele lugar se dar com todo mundo, e não ser só do grupo dos negros ou do grupo dos brancos. (ENTREVISTA 11)

Para os Dornelles, por falta de informação sobre os antepassados, não é possível construir uma árvore genealógica, como para os Buarque (HOLANDA, 2007a.; HOLANDA, 2007b.). A desinformação deixa campo para a imprecisão conceitual: somos negros, não somos, somos mestiços?

Os negros brasileiros têm dificuldade em obter dados sobre suas origens, em parte porque a documentação da escravidão é queimada no momento da abolição. De outro lado, as vicissitudes próprias da transição da sociedade estamental para a sociedade de classes levam a que muitas famílias tenham feito a negação do passado. No caso da família Dornelles, o que se conhece é a vinda de algum antepassado da África para Ilhéus (Bahia) e a constante miscigenação posterior. A mestiçagem envolve índios e brancos, sabendo-se que pelo menos um deles é francês.

Nós não sabemos os sobrenomes dos que vieram antes dos Dornelles, dos Ferreira, dos Fernandes Vieira. Tudo nome muito chique, mas grana pouca, a grana é muito pouca. [...] Então, essa coisa da negritude que agora a gente resgata na família, e que sabe e que entende, e, principalmente eu e a minha irmã Íris, e eu sou curiosa, tem que ir nos lugares pra ver como aquilo funciona, de uma parte que foi negada, foi colocada na cabeça das pessoas que isso é feio.... Não, ninguém tem cabelo ruim, todo mundo tem seus cabelos, e ninguém tem horror de seus cabelos. Claro, a não ser adolescente, que aí tudo é feio. Mas, aí se descobre gente bonita, nós somos bonitos. (ENTREVISTA 11)

As informações disponíveis são assimiladas como possível, evidenciando a condição de miscigenação que acompanha a família. As conquistas tecnológicas são incorporadas, cria-se um grupo na internet. Conversa-se no espaço virtual, cada um numa parte do mundo, como se estivessem no pátio da casa da Vila IAPI, no abraço materno, paterno, avoengo, fraternal.

E isso também é interessante, porque hoje em dia quando eu começo a falar as coisas da minha família, parece que eu tenho que pedir desculpas. Tem muitas famílias assim, e nós gostamos de dizer que nós somos assim: nessa coisa de ser branco e ser preto, ser misturadinho, o bebê suíço que vai nascer, a mãe dele é descendente de italiano paulista. Paulista é paulista, não é gaúcho, então, resolveram que nome vai ter esse bebê agora? Ai, João? Mas João eles não sabem dizer, vai ser Hans, não, Hans a gente não quer... e eles discutiram lá os nomes, resolveram que o bebê vai chama Lucas em homenagem à terra que a família da Ana veio da Itália pra São Paulo. Aí, os guris estão discutindo no Orkut, que não dá pra ser só assim, porque vai ser Lucas Congo, Lucas Zaire, Lucas Gana... (ENTREVISTA 11)

A consciência da miscigenação e a ampliação do território familiar, inclusive ao estrangeiro, trazem maior solidez à perspectiva familiar e à disputa de espaço social. Mantém-se o culto aos valores, a preocupação com o acompanhamento da nova geração. A perspectiva de construir novas auroras permanece e se amplia.

4. CONSTRUÇÃO DE SABERES NA FAMÍLIA DORNELLES

Numa sociedade letrada e altamente tecnológica, que proteja a infância e reserve aos adultos a atividade produtiva, todos os trabalhadores terão passado pelos bancos escolares. Esta é a tendência mundial, à qual o Brasil declara estar associado. Nesta perspectiva, de generalização da escola para todos e ampliação do vínculo da ciência e da tecnologia com a produção, o rigor dos professores no trato das questões do currículo com os estudantes será ainda mais exigido do que no passado.

Em que pese esse destaque, a escola não é a única fonte de formação dos trabalhadores. É lícito deduzir da obra e da vida de Karl Marx a importância por ele dedicada à educação do operário, embora ele não tenha escrito sistematicamente sobre educação. Não se trata, apenas, da educação escolar, mas do papel educador da livre circulação de idéias na sociedade. (Cf. MARX, 2001).

Neste sentido, as recordações de sua filha Leonor Marx-Aveling, escritas a pedido dos comunistas austríacos, valem por um programa pedagógico. Ela evidencia o homem Marx e sua relação com os filhos, e, em notas casuais, como ela própria denomina o seu texto, faz aflorar os seguintes eixos de uma metodologia da educação: Educação prazerosa / Delicadeza e paciência / Educação através do belo e do lúdico / Contação de histórias, fabulação / Ampla cultura, além das necessidades do ofício / Debate a partir dos interesses e dos argumentos do interlocutor / Leitura para as crianças de textos de literatura clássica, mesmo antes da idade de alfabetização, e conversas sobre os mesmos (literatura oral) / Estímulo à autonomia / Educação pelo exemplo (Cf. MARX-AVELING apud FROMM, 1983).

Pensar o quesito ampla cultura impele à investigação de como se dá a formação do saber operário. No caso em estudo, é necessário compreender como o operário Armando Dornelles constrói o seu saber, como o transmite aos membros das novas gerações, mesmo que não se ocupem de profissões operárias, e, ainda, como este saber se expande além do limite da família.

4.1 SABER OPERÁRIO, UM FUNDAMENTO

Armando Dornelles, nascido em 1921 em Uruguaiana, em 1954 está aposentado. Sua vida profissional inicia ainda criança. Aos 9 anos de idade já é operário da Viação Férrea do Rio Grande do Sul em Bagé, na função de limpador de locomotiva, levado por seu pai, carpinteiro da empresa: “*Não tinha concursos, era afilhados*”²⁷. *A pessoa ia, se inscrevia e, quando via, era chamada*” (ENTREVISTA 8). Aos 12 anos vai estudar em Santa Maria, em escola mantida pela Viação Férrea, retornando com a profissão de ajustador a Bagé, onde permanece até se aposentar.

Enquanto os ingleses controlam a Viação Férrea, não permitem o trabalho infantil. Quando precisam de manutenção, as caldeiras são desmontadas e enviadas às oficinas na Inglaterra, onde há maior recurso tecnológico. A partir de 1925, sob controle da União, começa a admitir crianças para lixar o interior das caldeiras, remover ferrugem. Não se envia mais caldeiras para a Inglaterra e o espaço interno é pequeno para a entrada de um homem. Em 1933 o governo estadual assume o controle geral da Viação e passa a admitir crianças também para outros serviços (Cf. SILVA, 1987).

Para a aposentadoria, todo o tempo de trabalho, desde a entrada na empresa, é contado. As horas-extras não remuneradas, o esforço de guerra, o tempo de serviço militar (contado em dobro, por ser época de guerra). O tempo de quartel é pequeno, o esforço de guerra exige a conscrição dos operários e o retorno daqueles que estão no Exército. Armando volta para a Viação Férrea, participando do esforço de guerra como operário. No último ano de serviço, passa à função de ferramenteiro.

Ah, foi o chefe do depósito que me escolheu [para ser ferramenteiro], né? O chefe da oficina. O chefe do depósito que era o chefe da oficina, né? Em Bagé era o depósito, a oficina central da Viação Férrea era em Santa Maria, onde tinham as escolas e tudo, né? (ENTREVISTA 7)

Ao aposentar-se, sente-se ainda novo e, sendo responsável por uma prole por criar, volta a buscar novas ocupações, uma delas novamente como

²⁷ Valdemar Marques Severo, militante comunista ferroviário, atualmente com 88 anos, confirma o recrutamento com base em relações pessoais. Ele próprio só consegue o emprego quando morre um operário. Sua entrada se dá por indicação de um tio da namorada, chefe de turma na Viação Férrea. “*Só entrava quando saía um. Morria alguma pessoa, tinha que substituir por outra pessoa, fazia falta na locomotiva, né?*” (ENTREVISTA 13).

operário gráfico (impressor) da Livraria do Globo, tendo a oportunidade de imprimir as capas da primeira edição de alguns livros de escritores importantes na literatura gaúcha e nacional, como Érico Veríssimo e Mário Quintana. *“Eu me aposentei na Viação Férrea, tive uns anos parados e depois fui pra Livraria do Globo. Acho que até quarenta, logo depois da revolução do Brizola, eu deixei a Livraria”*. (ENTREVISTA 8)

Em suas lembranças, tem orgulho da família criada, as filhas e alguns netos graduados em cursos universitários.

Depois casei, constitui família e me orgulho da família porque eu não pude ter os estudos que eles tiveram, mas meus filhos todos são formados. E os netos também. As minhas filhas são todas professoras, uma é diretora, Doutora em pedagogia, diretora do curso de pedagogia da UFRGS. Sim, da UFRGS. E outra é professora do colégio Sevigné e do Estado, trabalha em dois, inclusive agora ela está viajando para a Suíça. A outra é professora Estadual. [...] Uma é secretária na UFRGS. (ENTREVISTA 6)

Que mais eu posso dizer? Os netos, a maioria, ficaram órfãos, um ficou órfão. Sim, mas aí eu trouxe para cá, se criaram comigo, estudaram e agora ele trabalhava em São Paulo e agora foi para a Suíça como Engenheiro Metalúrgico, aonde a filha foi visitar ele agora, lá na Suíça. E os outros estão a caminho. (Risos). (ENTREVISTA 6)

Do bisavô, sabe apenas que era de Ilhéus, na Bahia, homem livre. Do avô há pequena referência. Sabe a profissão, peão de estância em Uruguaiana, e as circunstâncias de sua morte, por conta de numa queda do cavalo, esmagado pelo animal. O pai, inicialmente, é operário na fábrica de Uruguaiana da mesma empresa têxtil Rheingantz, onde trabalhara Antônio Coutinho (Cf. SCHMIDT, 2000). Quando a fábrica fecha em Uruguaiana, muda-se com a família para Rio Grande e continua trabalhando na mesma firma, até seu fechamento definitivo.

Quando a Rheingantz fecha, Flores da Cunha, seu amigo de infância, é governador do estado. O pai e a mãe de Armando vêm a Porto Alegre e só retorna a Rio Grande depois de falar com o governador. Consegue lotação como operário na Viação Férrea, em Bagé, na função de marceneiro, emprego no qual permanece até o final de sua vida.

4.1.1 O papel da empresa e da escola

A condição operária exige conhecimentos técnicos sem os quais se torna inviável uma produção eficiente. O saber operário se forma, em grande parte, no próprio local de trabalho, no ato de produzir²⁸. O saber de Armando, ajustador da Viação Férrea, desdobra-se em dominar os processos de solda na forja, temperar o aço com água ou óleo, a depender da finalidade a que ele se destina, esmerilhar, lixar, limar.

A cada momento, uma nova máquina, com nova tecnologia, pode surgir e exigir a reciclagem do saber. Algumas aprovam, outras produzem acidentes. Uma parte da vida do operário é ensinada e uma parte “*é criada pelo próprio operário. Vai tudo da boa vontade e da inteligência, não é?*” (ENTREVISTA 7). Alguns operários aprendem mais rápido, outros não, aumentando o risco de acidentes.

Esta obrigação de aprender sempre cria condição para que o operário possa avaliar e criticar o processo produtivo, a tecnologia utilizada, a qualidade dos insumos. Armando e Valdemar avaliam a tecnologia do carvão na Viação Férrea. Para Armando, o carvão vindo da Alemanha é o melhor, talvez uma composição vegetal e mineral. Durante a guerra o único disponível é o carvão nacional, ruim de trabalhar (ENTREVISTA 7). Valdemar recorda o ano de 1949, quando transformam a primeira locomotiva para funcionar a petróleo, uma locomotiva 606, para funcionar a petróleo, substituindo a lenha e o carvão. (ENTREVISTA 13)

Na Livraria do Globo, o problema é com as tintas. A fábrica Renner lança umas tintas que mudam de cor conforme vão imprimindo. Érico Veríssimo e Mário Quintana descem à oficina, reclamam ao operário gráfico. Armando nada pode fazer, a não ser trocar a tinta, quantas vezes necessário, até encontrar uma tonalidade satisfatória.

Antes nós trabalhávamos com tinta estrangeira, depois, com a guerra, começou a fábrica Renner, mas aquele cheiro daquela tinta... tinha tintas que até ficavam pulverizando o ar com as partículas, se a gente passasse o dedo no nariz saía vermelho, e o carvão também, deixava tudo preto. Até ajeitar... (ENTREVISTA 9)

²⁸ Valdemar confirma esta versão. Não frequenta escola, todo o seu aprendizado se dá a partir do local de trabalho, no Exército, nas lutas operárias, no jornal do partido. A teoria e a prática do trabalho é aprendida no próprio trabalho, uns ensinando os outros (ENTREVISTA 13).

Nas condições do modo de produção vigente, a existência do operariado vincula-se ao capital, que se apropria “do saber, da habilidade, bem como de todas as forças produtivas gerais do cérebro social” (MARX, 1980, p. 40). Apropria-se, também, do tempo livre criado pelo crescimento do capital²⁹, transformando-o em tempo de fruição para o capitalista e em tempo de sobretrabalho para o operário. Cresce a mais-valia relativa, comprimindo a mais-valia absoluta³⁰.

O capital apropria-se do tempo de trabalho do operário sob todas as suas formas e transforma-o em capital fixo e capital circulante. O capital circulante conecta os diversos ramos da produção, fazendo com que um operário possa consumir a força de trabalho de outro, objetivada como produto, sem que disto se aperceba³¹. A alienação da força de trabalho do operário, comprada como mercadoria, propaga-se como alienação do sistema e das pessoas.

Viviane Forrester discute o potencial libertador da tecnificação acelerada da produção e denuncia o que efetivamente está acontecendo: a sobrecarga de trabalho sobre uma parte da humanidade, provocando sua estafa, e o desemprego para os demais.

El camino que se hubiera podido iniciar, no hacia la falta de trabajo, sino hacia su disminución gradual y concertada, esa vía que hubiera podido conducir hacia su desaparición como una liberación para todos y una vida más libre y plena, conduce hoy a la pérdida de dignidad, la pobreza, la humillación, la marginación, incluso a la terminación de un número creciente de vidas humanas.³²
(FORRESTIER, 1997, p. 123)

²⁹ A transformação do processo produtivo em aplicação tecnológica da ciência faz emergir um monumental aumento das forças produtivas, expresso em contínua objetivação do trabalho vivo em trabalho morto, maquinaria, capital fixo. O trabalho necessário diminui, o que abre espaço ao crescimento do tempo livre.

³⁰ Para a teoria econômica da mais-valia, inclusive fórmulas e aspectos matemáticos, remete-se a: para a mais-valia absoluta - **O Capital**, Volume I, Tomo 1 (MARX, 1983a, p. 147-245); para a mais-valia relativa - **O Capital**, Volume I, Tomos 1 e 2 (MARX, 1983a, p. 247-289, MARX, 1983b, p. 5-102); para a relação histórica entre ambas - **O Capital**, Volume I, Tomo 2 (MARX, 1983b, p. 105-124); para a circulação da mais-valia e a reprodução ampliada do capital - **O Capital**, Volume II (MARX, 1983c, p. 219-257).

³¹ Trocam-se no mercado produtos de diversos produtores diretos e esses produtores apropriam-se do processo como um momento de compra de mercadorias, proporcionado pelo salário que os capitalistas lhes pagam. Reifica-se, para o operário, o produto do seu trabalho.

³² Tradução livre: O caminho que se podia ter iniciado, não para a falta de trabalho, mas para a sua diminuição gradual e concertada, essa via que poderia ter conduzido para o seu desaparecimento como uma libertação para todos e uma vida mais livre e plena, conduz

Domenico de Masi vem discutindo a possibilidade do ócio criativo na prática econômica. Retomando autores do passado como Paul Lafargue, cuja proposta é de um expediente de três horas diárias para todos os cidadãos, e Bertrand Russel, que propõe quatro horas, De Masi delinea alguns parâmetros da economia do ócio, fazendo, todavia, alguma ressalva:

Uma enorme indigestão de trabalho e de estresse arruína e neurotiza todo o mundo da *new economy*. Tal como no tempo de Lafargue, quando o supertrabalho dos proletários proporcionava o excesso de bens para alimentar o consumismo obeso da burguesia, hoje o supertrabalho dos adultos subtrai dos mais jovens a oportunidade de trabalhar, obrigando-os à inércia forçada do desemprego. [...] É necessário reeducar a população de alta renda para que aprenda a ocioso. E é necessário reeducar a imensa massa de pobres do terceiro mundo, para que aprenda a trabalhar. (DE MASI, 2001, p. 33)

A eficiência do trabalho tem por suporte a ciência aplicada à produção. A agricultura torna-se uma simples aplicação da ciência “do metabolismo material da nutrição e o modo mais vantajoso da sua regulação para o conjunto do corpo social” (MARX, 1980, p. 50). A máquina (trabalho objetivado) cria tempo de não-trabalho. As individualidades poderiam desenvolver-se livremente, dedicar-se à formação artística, científica, mas o capital as retoma para o sobretrabalho. A contradição intensifica-se a cada novo ciclo do capital³³.

Por hipótese, coloca-se para o operariado a oportunidade de apropriar-se do seu próprio tempo de sobretrabalho, cada indivíduo desenvolvendo todas as suas potencialidades. O livre consumo do tempo livre, o desenvolvimento humano, a fruição, não reduzem a produção nem o desenvolvimento das forças produtivas. Pelo contrário, ampliam-nos, sem cessar. O desenvolvimento social dá-se em uma base não alienada. (Cf. MARX, 1980). Seria esse o tempo dos produtores livres associados, o tempo da não-alienação.

hoje à perda de dignidade, à pobreza, à humilhação, à marginalização, inclusive ao término de um crescente número de vidas humanas.

³³ A circulação do capital dá-se, como reprodução ampliada, segundo a fórmula D-M-D', em que D é o capital-dinheiro investido inicialmente, M é o capital-mercadoria e D' é, novamente, capital-dinheiro, agora acrescido da mais-valia (D+mv). Enquanto existir capitalismo, o processo é incessante: D-M-D'-M'-D"-M"-D'"... Para o detalhamento do processo, com as diversas fórmulas, conforme considere-se outros elementos da circulação, como a compra de insumos pelo capitalista, ou a circulação do ponto-de-vista da força do trabalho, ver **O Capital**, Volume II (MARX, 1983c, p. 23-88).

Antecipando-se a esta possibilidade de perda de controle sobre o cenário onde se desenvolve o trabalho operário, a empresa estabelece um rígido sistema hierárquico, fazendo com que a produção continue a acontecer sob os seus ditames. No caso da Viação Férrea, esta hierarquia é composta, especialmente, de inspetor, chefe de depósito, instrutores e ajudantes³⁴.

Tinha o inspetor, chefe de depósito, tinham os instrutores e os ajudantes. [O inspetor] era técnico. [O chefe de depósito] era operário, mas era supervisionando o serviço. [O chefe de oficina] era operário também supervisor. [Os] instrutores eram todos operários. E aí era uma escala de promoções, conforme a aptidão da pessoa, claro, né?. [Noção dessa escala,] adquiria lá dentro mesmo. (ENTREVISTA 6)

Armando recorda que, apesar da hierarquia e do disciplinamento, rígidos, os candidatos a emprego escolhem a Viação Férrea por sentirem a necessidade de aprender um ofício e haver ali esta possibilidade. *“Era muita gente [para mandar], mas também tinha muita gente para obedecer. (Risos). Mas tinha a hierarquia, né?”* (ENTREVISTA 6).

Nesta hierarquia, fica evidenciado que o interesse da empresa sopesa sobre o interesse do operário ou qualquer outro. O chefe imediato dá as ordens e estas devem ser cumpridas imediatamente. Ocorre que outros com superioridade na escala também podem ordenar. A disciplina da empresa para a execução do trabalho direciona a educação/condicionamento do operário.

4.1.2 O papel da greve e da associação

Contraditoriamente, esta mesma hierarquia é que permite a construção do saber operário no local de trabalho. Há na hierarquia operária uma relação educativa, relação de ensino mútuo. Uns ensinam outros. Esta relação cria vínculos, aproximações importantes para os momentos de reação ao excessivo controle da empresa sobre a vida do operário e de busca de direitos considerados sonegados.

Também teve muitas greves (*sic!*). Eu era grevista. (risos). Inclusive, a gente, quando alguém queria furar a greve, saía ensebando o trilho,

³⁴ Valdemar confirma a hierarquia e o processo de seleção e promoção no interior da oficina. O chefe da oficina observa o trabalho dos ajudantes, a evolução do seu aprendizado e a conveniência de que algum deles passe a trabalhar como artífice. *“Foi o chefe da oficina, mesmo que me disse: ‘Tu poderia passar para a bancada, trabalhar como artífice’. Eu já estava sabendo um pouco do trabalho de artífice, então continuei trabalhando de artífice”* (ENTREVISTA 13).

com sebo, sabão, e a polícia quando vinha, nós entrávamos para o recinto da Viação Férrea que a polícia não podia entrar lá, não podia entrar porque era Federal. Lá era o nosso refúgio. Sempre tinha uma liderança. E geralmente eram aqueles ajustadores mais velhos. (ENTREVISTA 6)

Em geral, estas lutas apresentam caráter reivindicatório imediato, como a melhoria de salário, mas também há a busca do tempo livre, como as férias de trinta dias e a licença prêmio.

Bastante greve. E greves fortes, de parar o Rio Grande, porque o meio de locomoção maior era da Viação Férrea, poucas estradas tinham. Então o movimento de Porto Alegre até o Rio Grande era tudo pela Viação Férrea. [...] Aí se reuniam e saía a votação, sai greve ou não. (ENTREVISTA 6)

O saber operário, a aquisição de cultura geral, amplia-se pela atividade sindical e política. O processo reivindicatório é um momento de aprendizado, fazendo parte do saber operário. O confronto com o poder da empresa, às vezes com o Estado que assume a defesa do capital, a constante votação para a tomada de decisão, a escolha dos líderes da greve, tudo faz parte de um aprendizado contínuo do trabalhador na sua vida profissional.

O vínculo político de Armando se dá com o trabalhismo getulista. Na sua opinião, a política é, então, mais séria, as pessoas se apaixonam, vibram, brigam por ela. *“Por exemplo, a gente sempre acreditou no Getúlio pelo trabalhismo que ele fundou o PTB, a gente inclusive tinha até as moedinhas com a cara do Getúlio. Eu fazia distintivo daquilo com alfinete para vender”* (ENTREVISTA 7).

Conheci [Getúlio Vargas]. Pessoalmente. Ele viajava muito de trem, e seguido ele passava lá por Bagé pra ir ao Rio Grande pegar navio ou alguma coisa, pra ir pro estrangeiro. Ele era um homem muito simpático, tanto é que a gente guarda aquelas palavras, dia 1º de maio ele começava o discurso: “Trabalhadores do Brasil!...”. Tinha umas moedas de 100 réis que era maior, esfinge do Getúlio [...] Nunca quis me filiar a partido, mas sempre fui getulista, trabalhista. [...] Mas muito pouco operário não gostava, uns que não gostavam eram comunista. (ENTREVISTA 9)

Leni confirma o getulismo paterno e informa sobre as dificuldades vividas no momento do golpe de 1964. As marcas indeléveis da infância: os livros queimados em virtude da intolerância da ditadura, o dinheiro do Movimento pela Legalidade, que o pai lhes é mostrado pelo pai, bem como a participação nos comícios junto com o pai. Estas e outras vivências do

cotidiano politizam a vida das crianças e ampliam a sua vida cultural em direção ao saber operário.

As duas experiências, de Armando e Valdemar, repõem as duas principais influências sobre o operariado gaúcho: o trabalhismo e o comunismo. São histórias pessoais que se cruzam com a história da nação, num ponto determinado da linha do tempo.

João Batista Marçal (1986) relata a intensa atividade intelectual do Partido Comunista no Rio Grande do Sul, com forte atuação entre os ferroviários gaúchos. Promove debates de escritores e outros intelectuais com os operários. Entre estes, Dionélio Machado. Valdemar confirma a ação dos intelectuais em Santa Maria: *“Era continuamente aqueles debates que se faziam. O partido ajudou muitos a se esclarecer. Ajudou o povo a compreender a conquistar a democratização do país”* (ENTREVISTA 13).

Valdemar recorda o papel do Partido Comunista na organização das greves. Santa Maria é o centro geográfico do controle das ferrovias no Rio Grande do Sul. Ali também se monta o QG grevista. Nas lembranças de Armando, os líderes grevistas, em geral, são os ajustadores mais antigos. Aqueles que têm um comportamento respeitoso e demonstram sabedoria e capacidade técnica no serviço, granjeiam a admiração dos demais operários. Quando avaliam que é hora de fazer greve, são ouvidos pelos colegas.

Também há casos de escriturários liderando greve. O operário considera que o escriturário tem uma sabedoria mais avantajada que a sua. Se ele é cortez no trato com os operários, tende a adquirir liderança. Há, contudo, alguns que se colocam no cotidiano contra o operário, ficando ao lado da empresa: são denominados puxa-sacos e jamais são aceitos como líderes. A condição para aceitar um escriturário na direção de uma greve: *“Que fosse pelo bem do operário, porque eles traziam a vida da gente toda anotada no serviço”* (ENTREVISTA 7).

Armando recorda a união dos operários, num tempo em que ainda não existe o sindicato, apenas uma associação. Valdemar informa sobre a fundação do sindicato, denomina-se Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias do Rio Grande do Sul. A Associação é mantida e agora funcionam as duas representações: *“Eu sou sócio dos dois, e até agora*

prestaram uma homenagem na associação, prestaram uma homenagem ao ferroviário mais antigo, eu tenho o diploma". (ENTREVISTA 13)

Um comitê composto de ferroviários pertencentes ao Comitê Estadual do Partido Comunista é criado em 1949. Este comitê passou a fazer caravanas de organização ao longo da linha Rio Grande-Pelotas e em todo o interior, e mesmo para outros estados. As lutas reivindicatórias e pelo movimento patriótico, por eleições diretas e em defesa do petróleo são, para o líder comunista, importantes manifestações do pensamento operário da sua época. Apropriar-se o país do seu petróleo, viabilizando o transporte rodoviário e o conforto doméstico num país de carretas puxadas a boi e de fogão a lenha (Cf. ENTREVISTA 13).

A solidariedade comunista internacional é ressaltada. A União Soviética e sua política de apoio aos partidos comunistas do Ocidente, o auxílio do Partido Comunista Uruguaio aos exilados, a rede formada em conjunto com João Goulart e Brizola são lembrados por Valdemar como saber operário qualificado, saber político. O vínculo entre os exilados e a base comunista em Santa Maria se faz através de familiares. A organização local não é um fato isolado, mas faz parte de uma rede mundial.

4.1.3 O papel da família e da religiosidade

Esta tese estuda a pedagogia intergeracional na família Dornelles, com foco no operário Armando e seus descendentes, em especial Leni (filha) e Amanda (neta). Os filhos de Armando morrem ainda jovens, restando-lhe as filhas. É uma família trabalhadora de origem operária, negra com acentuada mestiçagem, que assume a pertença ao território e à cultura gaúcha, sem, entretanto, buscar formas estruturantes e institucionalizantes, com o CTG.

Na construção da economia da família e na pedagogia de formação das novas gerações, o papel ativo das mulheres é percebido nas entrevistas realizadas. Algumas delas já mortas, como a mãe e a esposa de Armando, outras vivas. A tese, todavia, não estabelece um corte de gênero. Parte do membro vivo mais velho da família em direção a uma de suas netas e procura constatar relações nesse trajeto. Nessas relações, destaca-se e sistematiza-se as de natureza pedagógica.

A vida do operário em família também participa da construção do saber. O entendimento da questão da família atinge uma amplitude que impossibilita buscar respostas apenas nos seus limites. Há que alçar vôos mais amplos e, aí, a busca do veio condutor toma a principalidade no cenário da investigação. Cabe acatar a advertência de Karl Marx, para quem a formulação da pergunta já contém a própria solução do problema (Cf. MARX, 19..). A pergunta trazida por José André da Costa ajuda a abrir caminho para a compreensão da questão proposta.

É possível tematizar uma metafísica da presença? É difícil porque este binômio presença-ausência não funciona mais de maneira tranquilizadora, numa realidade como a nossa, que relativiza o bem e o mal, o virtual e o espectral. Levinas enfrenta esta temática fazendo uma reflexão crítica da ontologia e da relação com o *outro*. [...] Levinas, quando tematizou a idéia de infinito, criou a dialética do mesmo e do *outro*. (COSTA, 2006, p. 202).

Este trabalho buscará relatar no plano gnoseológico, no espaço público, uma relação que se processa fundamentalmente no espaço privado. Serão trazidos para o debate aqueles traços observáveis na fala dos entrevistados, sendo evidente que, quem fala, fala como quer e só o que quer. A família Dornelles, como toda família, é um fenômeno da vida privada, mas tem interfaces com o espaço público, onde comparece para os eventos da vida em sociedade.

Deve-se ter presente que a humanidade ocidental, entre os séculos XV e XVIII, supera formas de pensar estabelecidas durante séculos, com centralidade no Cosmos e em Deus, e estabelece o antropocentrismo moderno. Este é o antropocentrismo do *eu*, privilegiando a interioridade, em detrimento da exterioridade, onde se encontra o *outro*. Esse movimento traz inflexões, que podem ser sintetizadas em três momentos da subjetividade:

A modernidade produziu três desdobramentos da subjetividade como soberania do sujeito: a afirmação de um *eu transcendental* (Kant); a superação do eu transcendental em um *espírito absoluto* (Hegel) e; a negação deste absoluto em um horizonte antropológico materialista, destacando os homens como *sujeitos da história* (Marx). (COSTA, 2006, p. 185).

O problema das formulações modernas é o seu limite cogitante. O *cogito* tem como corolário a calculabilidade do mundo e esta tem levado à mesmice que repele o outro. O Oriente, os indígenas americanos, os negros

africanos chocam a Europa, são vistos como o ente que ameaça o mesmo, um outro externo ao eu solipsista de viés cartesiano.

Para esta situação, é preciso buscar superação na descentralização relativa da subjetividade solipsista e do princípio do eu solitário. “*A nova ilustração se constitui tanto na obrigação ético-política vertical entre os cidadãos e o Estado, como na obrigação política horizontal dos cidadãos entre si*” (COSTA, 2006, p. 203).

A mesma preocupação transparece em Ricardo Bins di Napoli, para quem o humano precisa compreender o estranho e isto causa angústias e preocupações ao eu. O eu receia dissolver-se, subsumir no estranho. A superação do receio, a produção de uma ponte eu-outro só pode ocorrer por um ato intelectual-afetivo-volitivo, o que exige a investigação minuciosa em busca do conhecimento factual das circunstâncias do agir. (Cf. NAPOLI, 2000).

As circunstâncias do agir se expandem ao espaço relacional entre o público e o privado, a esfera social, fenômeno recente na história do mundo, surgido concomitante à modernidade. Em Hannah Arendt, a ascendência desta esfera estabelece à família um papel de mediação entre o público e o privado, diferente do antagonismo que antepôs os dois espaços na antiguidade clássica. (Cf. ARENDT, 1981)

O atual estágio da família e do Estado é um momento avançado na busca da emancipação em relação à condição de necessidade característica do surgimento da espécie humana no mundo. Arendt afirma que a esfera social moderna encontra sua forma política no estado nacional, produzindo a imagem de “*uma família cujos negócios diários devem ser atendidos por uma administração doméstica nacional e gigantesca*” (ARENDT, 1981, p. 37).

Karl Marx discute esta fantasmagoria do Estado. Há uma inversão dos termos. O determinante é visto como determinado, o produtor como sendo o produto do seu produto. (Cf. MARX, 1983). A abstração especulativa faz o descolamento da idéia de Estado da concretude do seu nascimento, vinculado à base estrutural da sociedade, da multidão, que é constituída por membros da família e da sociedade civil.

No viés marxiano, o Estado não pode ser o espírito absoluto, como quer Hegel. Somente como ciência poderia uma esfera social ter existência como idealidade pura.

A transição da família e da sociedade civil para o Estado político consiste então no facto de o espírito dessas esferas, que é em si o espírito do Estado, se relacionar agora, como tal, a si mesmo e de ser real para si na medida em que é a sua própria essência. A transição não é portanto deduzida do ser particular da família, etc., e do ser particular do Estado, mas sim da relação universal de necessidade e de liberdade. Na lógica, observa-se a mesma transição entre a esfera do ser e a do conceito; e na filosofia da natureza, entre a natureza inorgânica e vida. São sempre as mesmas categorias que dão alma a uma ou outra esfera; a única coisa que realmente interessa é descobrir, partindo das determinações concretas individuais, as determinações abstratas que lhes correspondem. (MARX, 1983, p.15)

A pesquisa toma o rumo, então, da compreensão de como se dá, na família Dornelles, o espírito solidário, a prática do ser-em-presença, olho-no-olho, a mão estendida no lar e além da porta da casa. Desta concretude das ações individuais e inter-individuais, nasce a liga capaz de coesionar o todo familiar. E é assim que deverá ser entendido o processo de estudo.

Amanda retrata assim a família, comparando a um grupo de rock: “Os Dornelles” já existe, em Porto Alegre. Os estudos da família concentram-se no Instituto de Educação e na UFRGS. Os primos trabalham no Instituto de Metalurgia. Há uma busca pela casa de Armando, a família se reúne ali ou no apartamento de uma tia, todos querendo ajudar o outro em caso de necessidade.

Principalmente a parte feminina (irmãs do pai). [...] Nunca pensei sobre porque querer tanto estar perto na vida do outro. Um entusiasmo quando o primo conseguiu mestrado na Suíça, cotização para pagar. Geração das tias: ralação. Geração dos primos: vaquinha entre as tias para pagar cursinho dos sobrinhos. Não ficar sem o contato com o estudo. (ENTREVISTA 2)

Leni analisa do mesmo modo. Família muito unida, se intromete muito na vida um do outro. A estruturação da família se dá no esforço de solidariedade, nas dificuldades próprias da família trabalhadora. Estruturação e aprendizagem pela convivência, pelo estar juntos, pela lida mútua, um com o outro. A apreciação conjunta do conhecimento formal da escola, da academia, une a família e amplia o saber.

Para Armando, as virtudes de um bom operário são a seriedade e a responsabilidade. O aprendizado depende da sabedoria e da boa vontade da pessoa, vontade de se aperfeiçoar cada vez mais. “*A gente está sempre aprendendo. Sempre aprendendo e fazendo o serviço e sempre procurando fazer da melhor e mais fácil maneira, né?*” (ENTREVISTA 6). Tem hábito de ler,

que declara ter herdado do pai, juntamente com seus irmãos, e tem procurado passar aos filhos e netos.

Quando os netos iam fazer vestibular, vinham pra cá, porque sabiam que lá naquele quarto tinham que estudar. Porque eu dava duro, tinha que estudar. E era quieto, lá no fundo era quieto, tanto é que aqueles dois que se formaram, estudaram lá no quatinho. (ENTREVISTA 9)

A vida na Vila do IAPI, bairro operário, para Armando, é muito boa, uma vila calma, boa vizinhança. A movimentação para ir ao estádio do clube de futebol constituído pelos operários da Vila, ao posto de saúde, é a pé. *“Geralmente no dia 1º de Maio faziam uma grande festa e cantos na vila, ali qualquer um contribuía com um pouco de carne, tinha um grande almoço. Foi caindo cada vez mais”* (ENTREVISTA 8).

A tranqüilidade da vida. A gente vivia bem tranqüilo, até, dentro de casa. E também alimentação melhor, mais pura. [A casa] tinha pátio, todos eles tinham pátio. Mantido como pátio. Mas deixaram construir garagem, essas coisas. Era cerca viva, não podia fazer nada, quando muito um telheiro com pedra. [Eu construí] A garagem. (ENTREVISTA 9)

Leni ressalta a união, a solidariedade entre os moradores da Vila, o cuidado com o vizinhos, com as crianças que estavam brincando. Muito espaço para brincar, para estar junto. Ir e voltar da escola juntos. Combinar o que fazer depois da escola, nas festas de Natal, de São João, quem ia trazer pipoca, quem ia atrás das madeiras pra fazer a fogueira. Confraternização, estar junto, se tinha um vizinho doente... um cuidar do filho do outro, quando necessário.

Então, nessas vizinhanças, que eu acho uma pena a gente tá perdendo tudo, e que o pai ainda tem. [...] De repente tem uma vizinha que leva um bolo, tem uma vizinha que leva uma sopa pro pai. Sabe, fez alguma coisa pra levar pro seu irmão. Ou: “Senhor Armando, estragou minha porta, o senhor vai lá arrumar minha porta?”. E ele vai e faz isso. (ENTREVISTA 5)

Amanda tem, também, seu tempo de moradia na Vila do IAPI e faz a sua avaliação. O Litoral é sempre o último a receber as informações da moda ou da cultura. As idas a Porto Alegre, os primos *grunges* lhe fornecem informações que na praia não teriam. A moradia em Porto Alegre na transição da adolescência para a juventude, o contato com a vida política da capital, a contação recorrente das vivências políticas do avô e das tias lhe abre os

horizontes culturais e amplia sua criticidade. Retorna a Balneário Pinhal quando é aprovada para a Universidade Estadual.

Fiz vestibular para a UFRGS, não passei, voltei para estudar. No meio do ano, abriram as inscrições para a UERGS e eu passei. Nesse período, voltei a Porto Alegre como bolsista, trabalhei um mês no departamento de metalurgia da UFRGS, fiz cursinho para o vestibular. Como fui aprovada para a UERGS, voltei para cá. (ENTREVISTA 1)

Armando adota uma religiosidade protestante, embora não freqüente a igreja, desiludido com a atitude de alguns pastores. Pregar uma coisa e fazer outra, proibir a bebida para os fiéis e, entretanto, beber. Acha que é necessário coerência, embora fume e isto seja proibido pela religião. Mas admite que, talvez, o preceito da igreja seja exorbitante, pois *“em parte ela tá certa, porque o fumo faz mal, bebida faz mal, mas eu acho que tudo não é exagero, sabendo controlar, a pessoa bebe a vida inteira”* (ENTREVISTA 7). Considera, ainda, exagero a proibição do futebol, pintura e corte de cabelo para as mulheres, a obrigação do uso do bigode para os homens (Cf. ENTREVISTA 9).

É importante considerar que a religião, ao pregar a mansidão, a submissão, tem na vida do operário a função de prepará-lo para a docilidade frente ao capital. O fenômeno religioso é produção e vivência coletiva, todavia, cada sujeito encarna de um modo o seu vínculo místico. A alienação nascida no modo de produção pode propagar-se para outros aspectos da vida em sociedade. A motivação religiosa também pode estimular o engajamento social, como observa Leni: *“O efeito das questões de religiosidade na minha vida foram os de tentar olhar o outro naquilo que ele é”* (ENTREVISTA 12). A pregação religiosa da mansidão não impede a criticidade social de Armando e Leni.

4.2 LIMITES DA NEGRITUDE E DO GAUCHISMO NOS DORNELLES

A experiência de viver a negritude é diferente nos três entrevistados da família Dornelles. Amanda também diz não ter passado por situação vexatória em virtude de preconceito, tanto que, quando criança não sabia o que era isto, só vindo a entender tempos depois. *“Eu nunca percebi isso comigo assim, e nem percebi com eles também”* (ENTREVISTA 5).

Eu me lembro que eles falavam, que elas falavam que a gente tinha algumas coisas em volta do bairro: “Ah, as pretinhas! Não se mistura ali”. Era visto, né, a família negra no meio dos brancos. Mas isso não chegou até nós, pelo menos nunca se percebeu, isso nunca teve interferência nenhuma na minha vida, até hoje eu nem me ligo na minha cor, vou tocando, mas a gente sabe disso através do que as tias e o pai diziam com relação a isso e aí, sim, a gente fica sabendo que havia, sim, preconceito. (ENTREVISTA 5)

Leni cresce negra num bairro de predominância branca, nas décadas de 1950 e 1960. A mãe de uma colega branca da vizinhança proíbe a filha de brincar com as Dornelles, negras. Os comentários, francamente racistas e moralistas, são lembrados ainda hoje: *“Além de tu brincar com essas negra todas, tu vai ainda brincar num lugar fechado, que coisa que tão fazendo ali dentro?”* (ENTREVISTA 10). Na sua visão, a experiência de enfrentar o preconceito a produz para entender as diferenças, tema que hoje estuda na academia. Entretanto, informa, a religiosidade de origem africana é negada na família, em função da avó materna (mãe de Armando), vinculada à Igreja Batista (Cf. ENTREVISTA 12). Há um preconceito externo, de caráter racista, mas também uma intolerância familiar de caráter religioso.

Armando diz, embora tendo noção da existência do preconceito, não tê-lo sofrido na empresa, na igreja ou na escola. É importante considerar a existência de poucos negros em Bagé e o fato de ser do conhecimento da família de Armando a existência de cultos de origem africana na região. *“Lá em Bagé, tinha centro espírita, mas umbanda, candomblé não. [Os familiares] comentavam, mas não condenavam. A gente sempre achou que cada um tem a sua vontade própria, seu jeito de escolher uma coisa ou outra”* (ENTREVISTA 9).

Vale lembrar a advertência de José Luiz Zambiasi (2000) de que o velho, ao rememorar, constrói um passado idílico, elimina ou atenua aspectos dolorosos ou incômodos.

O passado aparece de maneira idealizada na lembrança dos velhos. Cria-se um imaginário mítico, expurgado dos aspectos negativos da realidade. Esse espaço de memória persiste com mais intensidade na medida em que os anos vão passando. (ZAMBIASI, 2000, p. 33)

Deve-se recordar, como informa Beatriz Teixeira Weber (1999), que as religiões de matriz africana só se afirmam no Rio Grande do Sul após a década de 1920, em disputa com a medicina, sendo os seus focos iniciais as cidades

de Rio Grande e Porto Alegre. O que existe antes da abolição, em Porto Alegre, são casas de cura, denominadas batuques. Após a abolição, há tolerância às práticas indígenas e intolerância às de origem negra. No final do século XIX, os indígenas estão vencidos, pertencem a um passado mítico, enquanto os negros, recém-libertos, amontoam-se pelas ruas sem emprego. O branco produz uma imagem negra de ressentimento e perigo.

Neste contexto, é provável que, durante a infância de Armando, exista em Bagé e Santa Maria pouca informação com relação às religiões das linhas da umbanda e da quimbanda. Porém, é conveniente lembrar, o branqueamento do período pós-abolição já tem três décadas de vigência intensiva até o nascimento de Armando. É provável que este seja um fator a mais, em conjunto com a religião dos pais, para que o menino-operário não tenha maiores informações sobre as crenças dos seus remotos ancestrais africanos.

Sobre a não participação de negros em CTGs, acredita mais em limitação de ordem econômica do que em discriminação de cor. *“Tinha alguns, mas muito pouco. Geralmente, quem fazia essas coisas do CTG eram os fazendeiros com aqueles cavalos bem ensilhados, carpete de ouro e prata, já negro tinha um cavalo velho”*. (ENTREVISTA 9)

Os escravos no Sul do Brasil são comprados no Rio de Janeiro, não são importados diretamente da África, como em outras regiões. Roger Bastide traz a informação:

A oposição entre litoral e interior, entre agricultura de um lado, e indústria da carne e estâncias de criação, de outro, vai se fazer sentir também aqui, tendo como resultado, desta vez, dois tipos de relações raciais – dois tipos de negros. (BASTIDE, 1973, p. 171)

Um destes tipos, o negro campeador dos pampas vive e dirige o seu próprio trabalho em estância em que o senhor aparece raramente. Com freqüência, recebe parte do gado que passa a ser de sua propriedade, é acostumado aos exercícios físicos e melhor alimentado e vestido que os escravos do Norte.

O outro tipo, nos campos de trigo do litoral, apesar de maltratado pelo senhor, tem pouca chance de revolta: por não existirem matas abundantes, como no Norte, não chegam a ocorrer grandes quilombos como o de Palmares;

por não existir concentração de um mesmo grupo, também não há revoltas como as dos negros maometanos da Bahia.

Diante desta configuração, o negro no Rio Grande do Sul reage de três formas à escravidão: evasão religiosa, a manutenção das tradições africanas e o alistamento no exército (Cf. BASTIDE, 1973).

A família Dornelles não faz parte desta ancestralidade negra local, pois o primeiro deles em terras gaúchas é o avô de Armando, vindo da Bahia, já como homem livre. Considerando a Lei do Ventre Livre, de 1871, há franca probabilidade de que nunca tenha sido escravo. O mesmo não se pode dizer do bisavô. Embora este possa ter sido um liberto, poderá ter sido escravo pelo menos uma parte de sua vida. Sobre isto, não há informação suficiente, embora haja curiosidade na família.

Roberto dos Santos (1991) lembra que o fim da escravidão no Rio Grande do Sul faz o negro encontrar como concorrente o colono europeu, mais aquinhoado e qualificado como mão-de-obra. A abolição da escravatura é uma simples formalidade, para readequar a realidade econômica.

Produz-se uma debandada dos negros dos antigos locais de trabalho, odiados por serem a representação física das antigas relações de escravidão, para se amontoarem na cidade grande, Porto Alegre, e nas pequenas cidades da região da Campanha. Não encontrando vagas de trabalho onde pudessem competir em igualdade de condições com os brancos e não querendo voltar aos antigos senhores para prestação de serviços gratuitos, adotam atitudes anti-sociais, envolvem-se em brigas, bebedeiras e badernas, reforçando o preconceito da sociedade branca contra os negros.

Esta situação é causa de atrito entre a parcela dos negros que se lança a uma posta social lumpem, revoltados com a liberdade fraudada, e aqueles outros negros que, também percebendo a fraude, procuram agir nas brechas do sistema. Estes últimos buscam a instrução e o emprego possível, como caminho de socialização. Os ecos dessa disputa estão registrados no jornal "O Exemplo", de Porto Alegre (Cf. CARDOSO, 1977).

Uma família negra, mesmo não tendo ancestrais escravos no local, será vista pela sociedade branca da mesma maneira que todos os negros. O preconceito pode atenuar-se e até mesmo não ser sentido, todavia estará sempre latente, pronto a manifestar-se a qualquer momento.

Pode-se supor que a condição operária e a filiação religiosa a denominações protestantes de algum modo isolem e protejam os Dornelles do confronto direto com o preconceito, mas, ao mesmo tempo, priva-os do contato com as práticas religiosas de matriz africana, uma das fontes inspiradoras da negritude brasileira.

Ainda assim, deve-se reconhecer características na família Dornelles que lhe inspiram auto-estima elevada na disputa do espaço social. De um lado a pouca expressão demográfica do negro em Bagé, não constituindo ameaça ao operário branco no mercado de trabalho. De outro lado a genealogia constituída de gente livre. De um terceiro lado a forte miscigenação na família, facilitando o trânsito nas distintas culturas e grupamentos étnicos.

Talvez os Dornelles não sofram o impacto do preconceito em Bagé por serem produtivos no trabalho, por viverem no recolhimento das atividades religiosas e, ainda, por não representarem os negros na região qualquer ameaça de um surto de desemprego aos brancos. Seu ancestral conhecido mais antigo no Rio Grande do Sul já chega à província como homem livre, portanto a família não tem memória da escravidão.

Este ancestral é baiano e ali é provável que tenha convivido com os relatos das lutas libertárias dos negros da capital e do interior da Bahia e da vizinha Alagoas. Ao mesmo tempo, deve ter convivido com as dificuldades impostas aos negros livres no período colonial-imperial, indutoras de comportamentos prudentes e até conservadores, muito próximos da ladinidade e do branqueamento.

A forte mestiçagem na família conduz a um contato constante com as três fontes da cultura e da identidade brasileiras. Isto habilita os Dornelles a transitar com desenvoltura entre negros, brancos e índios. Desenvolve-se, assim, uma estratégia de sobrevivência que passa pela conquista de empregos urbanos operários numa geração, a busca da qualificação técnica disponível na geração seguinte e somente nas gerações posteriores o investimento maciço na educação, buscando num diploma de nível superior o suporte à disputa de empregos mais qualificados.

Ainda no século XIX grupos negros discutem a necessidade de um racismo negro para enfrentar o racismo branco. Outros grupos discordam dessa estratégia e propõem a disputa pela igualdade real e não apenas formal.

A família Dornelles parece ter tido em sua prática social maior proximidade ideológica com o ponto de vista destes últimos.

O choque da família Dornelles com o preconceito só se dá com a moradia em Porto Alegre, mas a reação é mitigada, do tipo ladino, assumindo a verdade seduzida da cultura brasileira. Muniz Sodré recorda: *“Só seduz quem, no mesmo jogo, se deixa seduzir”* (SODRÉ, 1988, p. 66). Importa as artimanhas, a astúcia, a coragem, o poder de realização, para vencer. Como diz Leni: *“Porque vindo de famílias de bugres e negros, [...] os antecessores da família, não digo se curvaram, mas nenhum momento o impedimento foi estar junto, pra ir naquele lugar, pra freqüentar aquele espaço”*. (ENTREVISTA 11)

Esta postura é que leva Armando a se aproximar dos autores famosos com quem convive na Livraria do Globo. Ele vai além da tarefa. É para imprimir as capas dos livros, mas ele também conversa. São pessoas, por que não aproximar-se?

Com todos os impedimentos que poderiam acontecer ao longo da nossa vida, ninguém parou de estudar, ninguém parou de ir aos lugares, ninguém parou de... Agora, a gente viajando pra Europa, foi uma coisa muito tranqüila. (ENTREVISTA 11)

Para Leni, a negritude é algo borrado na sua formação. Ser gente, este é o ponto. *“Tu é gente, tu é gente como outros, tu vai à luta. E a mãe tinha nos dito assim, incrível, a mãe dizia assim: mexe teu pé que te ajudarei”* (ENTREVISTA 11). Essa nebulosa inicial não impede que hoje levante em nível acadêmico e na formação de professores questões como esta: existe fada negra? Por quê não?

Também o ser gaúcho não é assumido como participar de CTG – Centro de Tradições Gaúchas. Talvez o ser gaúcho dos Dornelles possa estar mais próximo de Milton Santos quando diz que o tempo do lugar será dado *“pelo conjunto de técnicas existentes naquele ponto do espaço”* (SANTOS, 1997, p. 62). A coetaneidade das realizações do passado e do presente no sentir o próprio lugar exacerba a pertença, anima o orgulho de pertencer.

Amanda diz que não gosta de CTG, mas acha a cultura gaúcha muito bonita. Valoriza a manutenção dos valores de bravura, de lutar por aquilo que almeja. Para ela, a cultura gaúcha estimula a persistência: *“Eu acho que nós*

aqui do Sul temos certas particularidades a respeito dessa insistência, às vezes, nas coisas que estão longe de acontecer” (ENTREVISTA 5).

Armando também diz que nunca se interessou em participar de CTG, mas aprecia e gosta da cultura, gosta de churrasco, usava bombacha até recentemente, mas só em casa. Para ele, o CTG tem a função apenas de lembrar o passado, as tradições, porque hoje está tudo uma coisa só, demonstrando que está atento aos processos massificantes e homogeneizadores da globalização.

Só deixa de tomar chimarrão a partir da morte da esposa, pois acha triste matear sozinho. Além disto, percebe a industrialização da erva como queda da qualidade. No passado, a posse da erva mateira e do pilão, além do acesso à lenha de angico, permite a confecção artesanal da erva, num ritual que envolve a família.

Antes, aquela erva era socada no pilão, até fazer uma farinha da erva. E agora, é tudo em máquina, tem muita mistura. Sim, eu tinha um pilão e uma árvore de erva-mate. Pegava a erva-mate, fazia um fogo com fumaça, pendurava num arame... aí era mais fácil. E aquele cheiro!... Mais, geralmente, lá em casa, era angico. [...] Meu pai. Não me lembro, mas era ele que fazia isso. (ENTREVISTA 9)

Para Leni, existe um machismo, inclusive com respeito ao tema da diferença, estudado por ela. Entretanto, há um amor ao Rio Grande, que leva a lembrar-se do pago mesmo quando está em viagem internacional. A saudade do prato típico, arroz, feijão, carne e a fruta colhida no pátio. Na infância, não freqüenta o CTG, mas vive a cultura regional na escola. Tem presente o esforço e a dedicação da mãe, fazendo-lhe os vestidos de prenda, a presença da família no momento das apresentações. O ensino mútuo das danças, lendas e tradições do Sul é lembrado positivamente.

Então, essa coisa de ser do Rio Grande do Sul sempre foi muito forte, pelas músicas, pelos versos, pelas poesias, que vinham de autores gaúchos, ou curtir a paisagem, era muito bom quando a gente aprendia a geografia do Rio Grande do Sul pegando trem para passar as férias em Bagé. Era a tua aprendizagem geográfica *in locu*. (ENTREVISTA 11)

Importa destacar que o Rio Grande do Sul tem uma composição étnica e cultural bastante diferenciada. O MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho, que organiza os CTGs, vem nas últimas décadas articulando as formas mais tradicionais de expressão da vida social do período colonial-imperial,

promovendo-as em público. Tem expandido a organização dos CTGs a outros territórios do Brasil e do Exterior onde vivam núcleos expressivos de gaúchos.

A tensão entre conservar e modernizar a tradição é permanente. O MTG trabalha pela normatização da expressão cultural da região Sul. A família Dornelles vive essa cultura no cotidiano, a seu modo, sem integrar-se ao MTG. É como família mestiça e forte sentimento de pertença cultural que os Dornelles se inserem no panorama social gaúcho.

4.3 PEDAGOGIA INTERGERACIONAL

Promovendo um levantamento das relações que transparecem nas entrevistas dos três sujeitos da família Dornelles enfocados nesta pesquisa, é possível compor a rede de relações familiares, em sua verticalidade e horizontalidade.

No limite dos dados que a família dispõe, refere-se a genealogia em linha reta ascendente até o avô de Armando Dornelles, cidadão livre na cidade de Ilhéus, Bahia. Os processos encontrados são representados em Fluxograma, que pode ser compulsado no Anexo 2. O objetivo central é verificar se há persistência de valores na terceira geração familiar e qual a pedagogia utilizada para a transmissão intergeracional dos valores.

Trata-se de examinar se Amanda, a neta, opera com valorações semelhantes à do avô, Armando e qual a relação da tia, Leni, no trânsito desses valores. Não se trata de inventariar todos os valores da família, mas saber acerca da persistência para, em seguida, focar na pedagogia utilizada. No limite do escopo da pesquisa, não se inclui parentes afins, embora se reconheça que eles fazem parte do contexto examinado.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (1987), em uma amostra pesquisada, identifica um conjunto de quatro valores em operários negros: a família, a responsabilidade, o interesse em aprender e o sonho. Na família Dornelles, identificam-se, concomitantemente no avô (Armando) e na neta (Amanda), os valores listados abaixo. Não se faz uma listagem exaustiva dos valores dos distintos membros da família, mas apenas o levantamento de um conjunto valorativo mínimo com o objetivo de verificar a persistência de valores em gerações distintas. O passo seguinte é anotar algumas características

básicas da transmissão intergeracional de valores, ou seja, a pedagogia dessa transmissão.

A principal categoria valorativa referida por Armando, respeito, é também referida por Amanda. A proposta respeitosa pedagógica e de vida desdobra-se para o ambiente escolar, uma vez que Amanda agora é professora.

Agir com responsabilidade também é diapasão comum a avô e neta. Responsabilidade consigo, com os familiares, com a sociedade.

Amanda afirma a cumplicidade/solidariedade como um valor altamente positivo, o que Armando também faz, utilizando o termo união. Esta união ou solidariedade diz respeito ao âmbito da família, mas também ao ambiente de trabalho e à classe social.

Armando entende que é preciso ser sério na profissão, o que pode ser traduzido por seriedade, como valor. Amanda utiliza-se dos termos ética/honestidade para representar, aproximadamente, a mesma atitude.

Armando afirma a necessidade de boa vontade, no trabalho, na família, na vida social. Amanda refere-se, em contexto semelhante, ao termo disponibilidade.

Para Armando, paz/fazer o bem é um valor, enquanto Amanda fala em agir com bom senso. É provável que os termos representem aproximadamente o mesmo conceito.

É possível, portanto, afirmar a persistência de um conjunto valorativo em as gerações A e C da família Dornelles (Cf. Anexo 2). Avô e neta, separados em idade por décadas, criados em circunstâncias distintas, com opções profissionais diferentes, têm, contudo, enfoques normativos muito semelhantes para as suas vidas.

A similitude não é casual. Armando demonstra sempre ter desejado que filhos e netos assumam valores que são seus. Sua ação pedagógica é evidenciada nas falas da filha, Leni, e da neta, Amanda. Existe um entrelaçamento entre a idéia (valoração) e a ação (pedagogia).

O entendimento desta pedagogia intergeracional familiar pode dar-se a partir da análise das entrevistas. Evidenciam-se as características: responsabilidade, respeito, honestidade, amorosidade, solidariedade.

a. Responsabilidade, na fala de André Comte-Sponville (2003), pode ser identificada com a capacidade de poder e dever responder por seus atos. É a contrapartida da liberdade. Não se pode ser livre sem ser responsável. A responsabilidade vincula-se, de algum modo, à sabedoria. Se se pretende ser responsável com a própria vida e com a sociedade, é necessário produzir modificações, não se acomodar. É preciso, portanto, criar, e criar *“é sempre transformar o que é, e isto só é possível quando se compreende antes a necessidade do que é”* (COMTE-SPONVILLE, 2001, p 117). A compreensão da necessidade do que é, a aceitação daquilo que é, sem submissão, pode ser o equivalente da atitude do homem sábio.

Não se trata de se impedir de esperar, nem esperar o desespero, trata-se, na ordem teórica, de crer um pouco menos e de conhecer um pouco mais; na ordem prática, política ou ética, trata-se de esperar um pouco menos e de agir um pouco mais; enfim, na ordem afetiva ou espiritual, trata-se de esperar um pouco menos e amar um pouco mais. (COMTE-SPONVILLE, 2001, p 89)

A responsabilidade liga-se, também, à prudência, no sentido clássico do termo. Na modernidade, prudência é apenas evitar o perigo. Para os antigos, ela é mais ampla, pois *“determina o que é necessário escolher e o que é necessário evitar”* (COMTE-SPONVILLE, 2000, p 41). Se o responsável deve responder pelos seus atos, é condição preliminar que ele aceite as condições sobre as quais age (sabedoria) e examine com exatidão sobre quais aspectos com quais métodos pode e deve agir (prudência).

Na família Dornelles, a responsabilidade é condição presente, por si mesma ou em contrapartida à liberdade.

Amanda faz referência à pedagogia dos pais na sua educação infantil: *“Eu acho que a noção de responsabilidade, na nossa casa, vinha da liberdade. Mas só tínhamos liberdade por ter responsabilidade”* (ENTREVISTA 2). Em outro momento, enfatiza a responsabilidade social que a mãe lhe transmite, ao sugerir que o grupo infantil que estão organizando seja um clube ecológico, o que Amanda e grupo de crianças aceita (Cf. ENTREVISTA 4). A responsabilidade consigo mesmo, com os estudos, seriam produzidas pela construção de limites nas infância (Cf. ENTREVISTA 5).

Armando afirma que é qualidade do bom operário ser sério e ter responsabilidade, mencionando, em seguida, um exemplo da sua vida, quando

vai a Santa Maria fazer o curso de artífice: *“O chefe da oficina perguntou se eu queria ir pra aprender o ofício e eu disse que sim, eu lidei com responsabilidade”* (ENTREVISTA 7). Em relação à responsabilização dos filhos e netos pelos estudos, estabelece a meta e oferece as condições.

Quando os netos iam fazer vestibular, vinham pra cá, porque sabiam que lá naquele quarto tinham que estudar. Porque eu dava duro, tinha que estudar. E era quieto, lá no fundo era quieto, tanto é que aqueles dois que se formaram, estudaram lá no quatinho. (ENTREVISTA 9)

A rememoração da vida operária faz aflorar a atitude do pai, de buscar informação com colegas antes de concordar com a viagem do filho a Santa Maria. Também é parte do cotidiano familiar a participação do filho no sustento da família: *“Inclusive até antes de casar, recebia o vencimento da Viação Férrea e tinha que bortar ali em cima da mesa. Minha mãe é que controlava”* (ENTREVISTA 7). Levar o filho a freqüentar a igreja, aprendendo os valores pregados na escola dominical, bem como conseguir um emprego, uma ocupação para o filho são atitudes consideradas responsáveis na família operária (Cf. ENTREVISTA 8). Os exemplos de responsabilidade inculcam esta noção no filho, ajudando-o a construir os valores que levará para a vida profissional e com que conviverá no cotidiano.

Leni também relaciona responsabilidade e liberdade. A liberdade de fazer exige a responsabilidade de saber como fazer. Da mãe e da avó recebe um saber prático, baseado em provérbios. Este ensinamento é assumido no contexto do bairro. Saber com quem anda, pois assim será julgado, é entendido como não envolver-se com atitudes de pessoa tidas como anti-sociais, mas não deixar de cumprimentá-las, agindo com urbanidade.

Quando freqüenta a faculdade, Leni precisa sair à noite com freqüência e no retorno sempre depara com uma roda de fumo onde está João Maloca, seu amigo: *“O João Maloca me trazia até a ponta da Brasilião e me via atravessar pra entrar em casa”* (ENTREVISTA 10). O contato e a amizade sabendo distinguir as atitudes é um resumo adequado da liberdade com responsabilidade, como é entendido pelos Dornelles.

Leni ressalta, também, a participação da avó e da mãe na sustentação da casa, inculcando pelo exemplo a noção de responsabilidade nos filhos. A construção da noção de responsabilidade social na criança também é

demonstrada em ocasiões especiais, quando o pai leva os filhos aos comícios, e mensalmente quando as crianças o acompanham ao local de trabalho. *“Passar por todas essas aprendizagens, foi um saber, construído e produzido numa relação, tanto da escola quanto da questão da família, da questão dos amigos, todos amigos estarem juntos”* (ENTREVISTA 10). A responsabilidade aprendida no lar é estendida a campos de ação extrafamiliares.

Realmente eu sou muito apaixonada por essa faculdade, por essa Universidade, pela possibilidade que a gente tem de tentar e ir atrás, de buscar, de crescer. Isso é muito bom e é isso, claro, que aparece nas minhas relações, de todos os trabalhos que eu vou fazer, e tentando assim pegar as coisas que eu aprendi com a minha família. (ENTREVISTA 11)

Há um vínculo da vida familiar e a vida na Vila do IAPI com suas preocupações acadêmicas atuais: *“Então, essas coisas todas, acho que me produziram pra entender as diferenças. Uma, porque eu era diferente: uma família de negros funciona num bairro que todo mundo funciona”* (ENTREVISTA 10). A Leni capaz de relacionar-se com os transgressores do bairro, respeitando a diferença, é mesma Leni, hoje Doutora em educação, Vice-Diretora da FACED, formadora de professores para a educação infantil, que se propõe a estudar a diferença em nível acadêmico.

b. Respeito pode ser definido como *“o sentimento em nós da dignidade de alguma coisa (especialmente da lei moral, em Kant) ou de alguém (uma pessoa)”* (COMTE-SPONVILLE, 2003, p 519). O respeito nem sempre é virtuoso. Diante de uma ditadura, o desrespeito seria mais adequado.

O respeito não pode ser identificado, portanto, com a servidão, que tem outra definição: *“submissão de fato, sem escolha e sem limites, a um poder exterior”* (COMTE-SPONVILLE, 2003, p 546). As entrevistas demonstram que o respeito não impede as manifestações de descontentamento e as transgressões. Burlar normas paternas, religiosas ou estatais, fazer greve quando acha que seus interesses como trabalhador são prejudicados, fazem parte da biografia de Armando, em que pese o seu forte acento na questão do respeito.

A burla eventual a normas faz parte da ruptura ao respeito, a exceção que confirma a regra. Há, entretanto, na vida de Leni, um momento de desrespeito ao mandante eventual do Estado: a participação no movimento

estudantil, com sua atitude desafiante à ditadura militar, reuniões clandestinas, atividades não permitidas (Cf. ENTREVISTA 10, ENTREVISTA 11). O respeito encontra seu limite na servidão. Este é o ponto para a ruptura, o desrespeito.

Armando considera que a seriedade e a responsabilidade da vida operária têm suas raízes na educação vivenciada na família, onde o respeito entre as gerações é essencial. É necessário à convivência uma atitude *“de educação, respeito aos mais velhos, aos pais e até à própria criança, né? Sempre com respeito”* (ENTREVISTA 7). Embora não defina o que é o respeito, exemplifica-o com o respeito que alguém deve ter pela religião do outro, pelas suas idéias, pelo seu modo de viver. Em sentido negativo, lastima que hoje não haja tanto respeito pelo idoso, pelo doente.

Amanda valoriza o respeito do pedagogo à criança: *“O que eu vejo ali na escola, a estrutura pedagógica que a escola tem, eles têm um respeito às crianças, não se troca professor durante o ano na turma”* (ENTREVISTA 5). Para ela, respeitar significa pensar no outro, na criança ali, em presença, buscando compreender todas as dimensões, cognitiva, afetiva sociológica, que ela vivencia. Os valores, inclusive ao respeito ao colega, devem ser ensinados à medida dos fatos do cotidiano. A construção dos limites com a criança é condição necessária para o entendimento do respeito ao colega como valor que se produz na infância e se prolonga na vida como respeito ao outro. Essa relação respeitosa é essencial à construção e reprodução dos valores.

Eu nunca tinha pensado sobre isso, a função pedagógica da família, e, conseqüentemente, a da minha família. Eu acho que vai ser uma coisa natural, assim, os valores. Eu tinha uma professora que falava, a gente tende a repetir os atos da mãe com os nossos filhos, com os nossos netos e conseqüentemente com os nossos alunos. O cuidado e toda a questão de valores, a gente tende a repetir. (ENTREVISTA 5)

Leni considera as relações de vizinhança na Vila do IAPI: *“Existia um grande respeito, um grande cuidado entre as pessoas, não era só o meu filho, eram as crianças que estavam brincando”* (ENTREVISTA 10). O respeito ao outro é identificado na relação de cuidado entre vizinhos, do mesmo modo que hoje vê as novas gerações manterem respeito por Armando, que continua morando na Vila. *“Ele aproximava, ele conversava, então essas crianças ainda continuam funcionando com o avô Armando, agora é o avô Armando, a turma da pesada tem o maior respeito com o pai, são cuidadosos com o pai”*

(ENTREVISTA 10). Há uma valorização do respeito ao outro como atitude recíproca no ato pedagógico, no entrelaçamento das gerações, nas relações sociais: *“Então, essas coisas todas, assim com religiões diferentes, com amigos diferentes, de alguma forma nós marcávamos alguma diferença também ali naquele lugar”* (ENTREVISTA 10). Esta valorização educa os novos seres na relação familiar.

c. Honestidade, que pode ser identificada com o respeito à propriedade de terceiros, uma justiça de proprietários. Tem, contudo, uma conceituação mais ampla, atinge o mundo das relações:

É a justiça na primeira pessoa, tal como ela se impõe, principalmente nas relações de propriedade, nas trocas, nos contratos: não apenas o respeito da *legalidade*, num país dado, mas da *igualdade*, ao menos de direito, entre os indivíduos envolvidos (COMTE-SPONVILLE, 2003, p 283).

Para que haja justiça, é necessário que se estabeleça a igualdade entre os objetos trocados, mas, com muito mais propriedade, entre os sujeitos da troca. Se não há igualdade real, ela deve existir ao menos de direito, na suposição de que os indivíduos que trocam ou contratam sejam todos igualmente livres e informados. É a suposição desta liberdade e igualdade que embasa e exige a honestidade.

Armando, referindo-se às questões que considera importante, destaca uma virtude na preparação da geração mais nova pela anterior: *“Principalmente a honestidade, e também ter uma religião”* (ENTREVISTA 8). A honestidade pregada na igreja, a honestidade na relação, mas, também, viver honestamente, educar pelo exemplo. Haveria aqui uma discussão, todavia não aprofundada, acerca da aplicabilidade na relação com o Estado do conceito de honestidade utilizado nas relações pessoais.

Para Amanda, a dedicação ao trabalho, a busca da competência, é uma postura ética, honesta: *“Outro valor, acho que é o da honestidade, também muito forte. Todo mundo, além da competência, né, a dedicação e também sempre ter [...] uma postura ética dentro da profissão”* (ENTREVISTA 5). Atribui o sucesso profissional dos membros da família a esta postura de dedicação e honestidade no trabalho.

Leni ressalta a atitude familiar de orientação dos filhos para a busca do trabalho como meio honesto de sustentação da vida, sem descuidar os

estudos: *“Para todos os filhos eles disseram a mesma coisa, ‘Olha, busca uma profissão, nós ajudamos, nós nos viramos, busca uma profissão, aí tu procura teu trabalho’”* (ENTREVISTA 10). O aprendizado no quintal de casa produzindo atitude na vida profissional (Cf. ENTREVISTA 11).

d. Amorosidade é a potencialidade humana de realizar o amor. Em sentido prático, é a atitude de amar, a ação, o gesto amoroso em direção ao outro. Amar é dispende amor e amor é desejo. Só podemos desejar o que nos falta e o amor revela a nossa incompletude, a necessidade que temos do outro. O desejante necessita o desejado.

O amor não espera reciprocidade, ele se doa, gratuitamente. O amante se alegra no ato de amar, se regozija com o amado, o amor é a alegria possível. *“Toda alegria tem uma causa: toda alegria é amor. Quando nos regozijamos com, é isto que se chama amor”* (COMTE-SPONVILLE, 2001, p 105). Neste sentido, o amor se aproxima da generosidade e difere da justiça. O justo dá ao outro o que é seu por direito. O generoso dá ao outro o que não é seu, é de quem dá e lhe falta. A gratuidade aproxima o amoroso do generoso.

Considerando que amar é desejar que algo exista e, se existente, desfrutar sua existência, ficar feliz pelo que ele oferece de prazeres e alegrias (Cf. COMTE-SPONVILLE, 1995), então, em educação, o ato de amar é desejar o ato educativo, doar-se no processo, extrair felicidade do próprio aprender em ato, sorver o prazer intrínseco da aprendizagem acontecendo.

É na geração de Armando que os Dornelles começam a trocar a pedagogia do chicote pela amorosidade. Sua criação ainda é do tipo rígido: *“Apanhava! Naquele tempo o chicote pegava a gente. [A educação era} rígida, acho que até demais. Não era muito de diálogo, era pau-pau, ferro-ferro e pronto”* (ENTREVISTA 7).

Amanda recorda a atitude amorosa das tias na sua educação, sempre procurando algo que motivasse os mais novos a aprender. As tias lhe proporcionam viagens a Porto Alegre, idas da família ao Pinhal, tudo para permitir o contato das crianças entre si e com os membros das gerações mais antigas da família. Em Porto Alegre, atividades lúdicas e prazerosas para incentivar o aprendizado, como, por exemplo, as idas ao Parque da Redenção (Cf. ENTREVISTA 1). A atitude amorosa também se reflete no estímulo à criação, sem repressão ao ato de criar. O estabelecimento de limites é

gerenciado de forma a não deixar traumas, tão comuns nas formas autoritárias de educação.

O gesto amoroso do avô é lembrado: *“As pessoas giram muito em torno dele. [...] Às vezes todo mundo triste, ele vai lá e conforta, até por tudo que ele já viveu!”* (ENTREVISTA 5). Esta postura é parte dos valores familiares, que o avô e a avó puderam repassar aos netos. A fortaleza da família é produto das circunstâncias da vida do avô e da avó. A Amanda professora traz para a pedagogia que utiliza com os seus alunos a memória dos valores familiares (Cf. ENTREVISTA 5).

Leni destaca a atividade materna, costurando para ajudar no sustento da família, sem perder a capacidade de afeto com os filhos. Quando a família vem para Porto Alegre, as três irmãs mais velhas haviam nascido em Bagé e Uruguaiana. Leni e Ramão nascem em Porto Alegre. A mãe, costureira, com encomendas para entregar, saía da máquina pra atender os filhos: *“muitas vezes ela saía da máquina pra nos ensinar, ela nos deixava funcionar ali naquele espaço em que ela costurava”* (ENTREVISTA 10). A amorosidade perpassa o relacionamento familiar.

Esta amorosidade materna comparece em momento crucial da vida de Leni, a busca do mestrado. Uma vez aprovada, sem condição de manter o sustento, pensa em desistir. A mãe intervém: *“Minha mãe disse ‘Não, Leni, se precisar eu volto pra máquina, mas estudar ninguém vai te tirar, então vai e continua estudando’.* Foi uma coisa muito forte pra mim” (ENTREVISTA 10). A atitude representa não apenas o financiamento de uma necessidade imediata, mas o ensino pelo exemplo, a amor a serviço da educação da geração mais nova.

A amorosidade paterna é também realçada, tanto no que respeita à relação com os filhos como com os netos, amorosidade que se intensifica com a morte da esposa:

Aí foi uma coisa muito bonita que depois eu vim entender, que o pai ocupou o materno da mãe, ele sempre foi materno, mas ele não precisava exercer esse papel. Aí que vem todos os saberes e toda educação que nos constitui do jeito que a gente é, ele ocupou o materno com os filhos, ele ocupou o materno para tentar com a gente, dar conselho, ele ocupou o materno dos netos de continuar, porque ele sempre fez isso, botar no colo, contar historinha, ensinar uma canção. (ENTREVISTA 10)

Esta amorosidade paterna convida as filhas sobreviventes a permanecerem ao seu lado, convida os netos, convida toda a família. O pai que aglutina, antes e especialmente após a morte da mãe. A família constitui-se como um clã, buscando manter-se unida em torno da figura do patriarca.

e. Solidariedade, que envolve interesses, apoio mútuo. O ato solidário espera reciprocidade. *“Solidário vem do latim, solidus. Num corpo sólido, as diferentes partes são solidárias, no sentido de que não é possível agir sobre uma sem agir também sobre as outras”* (COMTE-SPONVILLE, 2003, p 565). A solidariedade é, pois, uma coesão interna ou uma dependência recíproca. Isto não quer dizer que a solidariedade seja egoísta e utilitária, uma vez que não há garantia do gesto recíproco, somente a expectativa da sua ocorrência em momento oportuno.

Armando relata a ação da sua mãe e outros familiares no momento em que, aposentado, está morando com os filhos em Uruguaiana: *“A minha mãe morava com os meus irmãos em Porto Alegre e começaram, sabe como é a família: vem para cá, vem para cá, vem para cá”* (ENTREVISTA 7). A solidariedade no processo educativo familiar se evidencia na troca de saberes técnicos entre netos e avô. O operário e seus netos engenheiros produzem o ensino mútuo da tecnologia do passado e da tecnologia do presente, assim como no passado o avô produz condições estruturais para que os netos obtenham rendimento nos estudos.

Amanda conta histórias da família, em que se destaca a solidariedade como ato que constrói a vida imediata e educa. As reuniões de sábado na casa do avô, o fato de que alguém está com um box novo no banheiro, tudo é motivo de comemoração coletiva. Também as necessidades de cada um constituem preocupação coletiva. Fazem parte da rotina da família as coletas para os estudos de um outro, da alfabetização à pós-graduação. Isto é interação, isto educa, e Amanda hoje trabalha esta pedagogia com seus alunos: *“Essa questão... de em grupo, nessa coisa da troca, de possibilitar essas interações num grupo maior [...] possibilitam essas compreensões de troca, de disponibilidade, de ajuda com o outro”* (ENTREVISTA 5).

Leni, em sua condição de professora universitária e pesquisadora, assume a relação que vem do pai, da mãe, do avô, da avó. A consciência acerca da sua negritude e a afirmação de um pensamento nascido numa

família operária e negra que opera solidariamente a vida e a formação das novas gerações produz seu pensamento e ação perante uma Universidade ainda elitista. *“Como a minha família foi me dando força, [...] aquelas coisas que a minha mãe dizia, que meu pai falava, e que amor por estudar e esse amor pelo livro, em casa nunca funcionou como uma coisa assim de obrigação”* (ENTREVISTA 10). Este é um desafio enfrentado, uma proposta de vida em permanente (re)construção.

A solidariedade no processo formativo das crianças dá-se em casa e também fora de casa, no cuidado com os parentes, na troca de trabalho e favores com os vizinhos. O ensino mútuo na família também é destacado por Leni, desde as tradições gaúchas até a organização de eventos solidários, excursões coletivas. O hábito da solidariedade em casa é levado ao ambiente de ensino e pesquisa (Cf. ENTREVISTA 10, Cf. ENTREVISTA 11).

A pedagogia que nasce da análise das entrevistas levadas a efeito com membros da família evidencia a responsabilidade a par da liberdade, a capacidade de por seus atos, a preocupação e responsabilização com o outro familiar e social. Também se pode dizer que é uma pedagogia do respeito, entendido como a consciência da dignidade do outro, não como submissão. A honestidade também comparece, evidenciando o ideal de justiça e igualdade, buscando o que é seu por direito, sem lesar direitos de terceiros. A amorosidade no ato de ensinar tem a dimensão da gratuidade, enquanto a solidariedade é um apoio mútuo que educa, em função dos interesses que se mesclam e se complementam. As cinco dimensões da pedagogia intergeracional dos Dornelles agem integradas, interligadas e interativamente.

5. CONCLUSÃO

A produção desta tese é um momento de grande emoção. Estudar a família Dornelles faz com que surjam vínculos com a própria biografia do pesquisador, temas em comum, como sejam, o trabalho infantil, a figura do avô, o tratamento acadêmico das questões que concernem ao saber operário.

Uma genealogia constrói vínculos entre o passado e o futuro. Todo passado é uma invenção, pois não é mais, a não ser na memória, a qual só existe na fugacidade do presente, com as seletividades e as re-invenções de que o cérebro humano é capaz. E o futuro, como lembra Epicuro, também só é sendo, acontecerá se acontecer, apresenta-se em nossa mente como potência. Não é um porto conhecido e amigo, para onde a nau se dirige em segurança.

Nunca devemos nos esquecer de que o futuro não é totalmente nosso, nem totalmente não-nosso, para não sermos obrigados a esperá-lo como se estivesse por vir com toda a certeza, nem nos desesperarmos como se não estivesse por vir jamais. (EPICURO, 1999, p. 33).

Com os dados trazidos do cotidiano empírico faz-se necessário construir o cotidiano concreto. Os dados são importantes, mas com eles é preciso buscar os vínculos abstratos para a construção dialética do futuro, que nos pertence e nos escapa.

O estudo de caso é uma forma legítima de investigação da realidade. Todavia, três cuidados se fazem necessários.

O primeiro deles é limitar a pretensão do pesquisador. Não são generalizações que se busca. Generalidades, que possam ser úteis a outros. Advertindo, contudo, de que nem todos os casos terão o mesmo formato do nosso e que os saberes resultantes da nossa pesquisa só servirão a outros se reinterpretados nas novas circunstâncias.

O segundo cuidado é ter sempre em mente que qualquer processo de transmissão do saber, qualquer informação, ocorre pela instalação de um narrador e de um ouvinte ou de um público. Ao desenhar ou escrever o que

nos é passado oralmente, constituindo signo, um novo intermediário se constitui entre o narrador e o público.

A tese coloca em letra de forma aquilo que a oralidade consagrara. A oralidade recria, em cada momento, a história, cada um que conta aumenta um ponto. A família Dornelles é esta que está na tese e é outra, pois a tese retrata um momento, simplesmente. Sendo signo, o relato do intermediário acrescenta sua própria interpretação àquilo que está narrando. A tese impressa congela um momento dessa história e o oferece como a história.

O terceiro cuidado são os cones de sombra. Examinar é interpretar, e o intérprete o faz de um ponto de vista. A mirada mostra e oculta. O que se vê e uma parte da totalidade, somente um cenário. Se o intérprete muda de lugar, a nova visada lhe dará um novo cenário. Além do que, do que é visto só uma parte é relatada.

Ao pesquisador cabe ter clareza desses fatos, mas também o leitor deve estar advertido. A leitura poderá fazer surgir dúvidas e estas poderão deflagrar novas pesquisas. As pistas de pesquisa nascendo dos cones de sombra de pesquisas anteriores.

O enfrentamento empírico do cotidiano não oferece, com transparência, o fio condutor dos processos históricos. É preciso refletir. A pesquisa garimpa nos substratos do real. Objetiva fazer emergir sujeitos não percebidos, ausentes do espaço social, transparentes para a sociedade, invisíveis nos livros de história.

Da ausência, a emergência, como quer Boaventura de Sousa Santos (2004). Por que emergir? Por que não deixar esquecido quem ali está?

Em primeiro lugar, por uma questão de justiça. Emergir sujeitos anônimos é levar a sociedade a pensar. *“Quem construiu a Tebas de 7 portas?”*, Bertolt Brecht (1975), no poema “Perguntas de um operário que lê”. E Armando Dornelles é um operário que lê. Que lê, que já imprimiu capas de livros e transmite aos descendentes a ânsia da leitura.

Em segundo lugar, porque isto é útil ao aprimoramento da educação nacional. Processos riquíssimos já inventados podem ajudar a compor o quadro da solução de problemas que se repetem no tempo e no espaço do nosso cenário educativo.

Um registro é necessário que fique na perspectiva de aprimoramento do mundo da pesquisa. A decisão de excluir pela idade pesquisadores da possibilidade de acesso às bolsas e outras verbas de financiamento é uma decisão equivocada e precisa ser revista. Talvez se possa pensar uma quota para pós-graduandos de idade avançada, de modo a não dispensar a experiência, de que o Brasil necessita.

Mexendo nas lembranças de quem viveu, fatos emergem e o pesquisador (re)constrói sonhos e destinos. Armando fazia parafusos e movia trens, lia romances e ensebava trilhos. Podia ele saber que Leni seria Doutora? Doutora em Educação, discutindo teses em congressos? Teses que dizem do seu ser trabalhador. Teses que dizem das diferenças, das quais faz parte a sua negritude e da negritude de todos os negros. A filha do operário que pergunta na Academia: existem fadas negras?

Podia Armando saber que o seu neto iria à Alemanha buscar novas têmperas e novos banhos para os parafusos que já não se fazem mais como antes? Numa terra em que a elite só se banquetearia com farinhada se a mandioca fosse importada³⁵ é estimulante saber que o neto do operário está inventando robô para ensinar aos futuros engenheiros da Universidade pública.

O saber operário se constrói em parte na escola, em parte no trabalho, quando um operário ensina outro operário. Constrói-se, também, na família. Armando constrói seus valores e sua pedagogia, e passa seu sistema valorativo aos membros da família. Quando Amanda diz dos seus valores e eles coincidem com os do avô, estamos diante de uma pedagogia bem sucedida.

A educação pode ser aproximada à psicanálise ou à arte.

No primeiro caso, podemos trazer Bruno Bettelheim e Alvin A. Rosenfeld.

In your own first encounter with the patient you will perceive far more than you can possibly register consciously. How does this boy look? How is he dressed? Do his clothes look like one he's selected himself? How does he walk? Has he brought along a special toy? If so, what is it? How is he holding or playing with it? Does he play with the toys in your playroom or simply look at them? Is he interacting with his parents in the waiting room, or is he playing alone in the corner? Does he look at you when you introduce yourself? What seems to interest him in you or in the playroom? How does he speak or even

³⁵ Como diz com humor Juraíldes da Cruz.

refuse to speak to you?³⁶ (BETTELHEIM & ROSENFELD, 1993, p. 27-28)

Quantos professores estão preparados para realmente acolher o outro-criança e perceber como esse outro olha? Como está vestido? Como anda?

No segundo caso, podemos, como Alejandro Serrano Caldera (1991), propor o tratamento das questões locais de modo que se tornem importantes para o acervo universal da humanidade e incorporar valores universais ao mundo das preocupações locais. Caldera identifica essa característica nos contos e poemas de Pushkin.

Pensar a educação como arte também consiste em agir como Pushkin. Se nos propomos a trazer um saber universal, produzido ao longo de gerações e disponibilizá-lo ao educando, o sentido desta ação se completa quando o ajudamos a fazer emergir a sua cultura de nação, de família, de classe, de etnia, de grupo, de faixa etária, que ele traz dentro de si e que, às vezes, está subsumida nas premências do cotidiano, pelas idiossincrasias do preconceito que a sociedade devota aos pobres, aos vencidos, aos fracassados diante dos padrões de sucesso estabelecidos pelo capitalismo. Nesta perspectiva, trabalhar a auto-estima do educando para que ele libere a sua iniciativa na solução dos problemas que a vida lhe coloca.

Se cada escola, cada movimento social, se propuser a criar um pequeno dossiê local, a história e a geografia serão compreendidas com maior riqueza de particularidades (Cf. FREIRE, 1991). A possibilidade de influir na transformação das relações e da realidade aumenta.

O objetivo da educação não é criar alunos em clones sucessivos. É levantar a auto-estima de cada uma dessas pessoas com quem temos oportunidade de conviver e criar em conjunto processos de conhecimento, Processos, pois o conhecer é singular para cada indivíduo. Para isto, devemos

³⁶ Tradução livre: No seu primeiro encontro com o paciente você perceberá muito mais do que você pode registrar conscientemente. Como este menino olha? Como ele está vestido? Suas roupas dão a impressão de que ele mesmo as selecionou? Como ele anda? Ele trouxe um brinquedo especial? Caso positivo, qual foi? Ele brinca com os brinquedos da sua sala de brinquedos ou simplesmente olha para eles? Ele está interagindo com seus pais na sala de espera, ou está brincando solitário no canto? Ele olhou para você quando você se apresentou? O que parece que o interessou em você ou na sala de brinquedos? Como ele fala ou recusa falar com você?

ser o mais técnicos e rigorosos possível, mas devemos dizer não ao tecnicismo.

A possibilidade uma sociedade mais justa, a construção da sociedade dos produtores livres associados, exige formação teórica, sem a qual não pode haver emancipação humana:

Assim como a filosofia encontra no proletariado as suas armas materiais, assim o proletariado encontra na filosofia as suas armas espirituais. [...] O cérebro desta emancipação é a filosofia; seu coração, o proletariado. A filosofia não pode se realizar sem a extinção do proletariado nem o proletariado pode ser abolido sem a realização da filosofia. (MARX, 1975, p. 126-127).

O operário que lê é o primeiro passo para o humano integral. Os Dornelles, família trabalhadora de origem operária que emerge na tese é uma família educada no trabalho e educada nos livros. E ensina teses de relacionamento humano no mundo acadêmico. Sua prática social se embasa na inserção como trabalhadores na sociedade capitalista. Sua ação se baseia em valores intencionalmente transmitidos entre as gerações, com o recurso a uma pedagogia marcada pela responsabilidade, respeito, honestidade, amorosidade e solidariedade.

Alguns cones de sombra permanecem, evidenciando questões a necessitar aprofundamento, para que se possa entender a estrutura da cultura brasileira. Há negros muçulmanos entre aqueles trazidos pelos escravistas. Esses negros muçulmanos escrevem em árabe e dominam a rudimentar siderurgia/metalurgia do ferro e do cobre existente à época. Eles são operários-escravos na Colônia. Sem eles, os engenhos brasileiros teriam sido exportadores de açúcar? Quem construiria as caldeiras? Quem as operaria?

Numa cultura do encontro, com fricção interétnica, como a Colônia do Brasil, como interagir a realidade do escravismo colonial, num momento em que na Europa já começa a crescer o regime de assalariamento, com o fato de que, em alguns povos pré-cabralinos especialmente no Mato Grosso, os vencidos nas guerras são escravizados?

Em caso de inexistência da escravidão inter-tribal da África, teria sido possível aos mercantilistas, especialmente os portugueses, viabilizar a escravidão americana?

A transição do negro de mão-de-obra campeira ou doméstica para a condição de operário urbano, podendo ter acesso a serviços de saúde, direitos sociais e educação para os filhos, pode ser considerada um dos pólos da emergência, ainda inconsolidada, no negro no Brasil?

Clóvis Moura (1972) traz a questão da resistência absoluta, localizada em quilombos, que produz a derrota do negro, ou a guerrilha, o deslocamento, o aquietamento em outros cantos, menos visados, que lhe permite a vitória. A guerrilha seria uma estratégia ladina, o quilombo uma estratégia boçal?

Intelectual orgânico é o tipo de intelectual que nasce das necessidades da classe dominante futura no seu processo de formação, isto é, quando ela ainda é classe dominada (Cf. GRAMSCI, 1978). Os debates acadêmicos têm-se conduzido para pensar o intelectual orgânico em sua condição de militante/dirigente sindical/partidário. Talvez, contudo, se torne importante verificar outras possibilidades de aplicação para o termo. Temos um caso, estudado nesta tese, de um operário grevista, com capacidade de pensamento autônomo, capaz de influir, através de filhos e netos no debate de idéias ocorrente no mundo acadêmico. Pode ser ele denominado intelectual orgânico, ainda que não se tenha proposto a ser militante/dirigente de organismos sindicais/partidários?

Estes e outros cones de sombra desta tese podem produzir indagações geradoras de novas pesquisas. Se isto acontecer e novos conhecimentos se agregarem à questão do negro, produzindo novos fundamentos à educação brasileira, a tese terá atingido um dos seus potenciais.

REFERÊNCIAS

Livros e revistas

ABREU, Sabrina. **Elaboração de resumos**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006. (Iniciação científica, 2).

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro:Forense-Universitária; Rio de Janeiro:Salamandra; São Paulo:Ed.USP, 1981.

_____. **Entre o passado e o futuro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **La crise de la culture**. Paris: Gallimard, 2005. (folio essais 113)

BACH, Richard. **A história de Fernão Capelo Gaivota**. Rio de Janeiro: Nórdica, 197__.

BARTLETT, Anthony W. Epicurus, economics and violence. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, v. 58, f. 2, p. 319-332, abr.-jun. 2002.

BASTIDE, Roger. **Brasil: terra de contrastes**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973. (Corpo e alma do Brasil)

BETTELHEIM, Bruno; ROSENFELD, Alvin A. **The art of the obvious**. New York: Alfred A. Knopf, 1993.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRECHT, Bertolt. **Poemas e Canções**. Coimbra: Almedina, 1975.

BROD, Bertilo. **Educação e filosofia: diálogos formativos na família e na escola**. Passo Fundo: Ed. Ifibe, 2002. (Diá-Lógos)

CAMUS, A. **Le mythe de Sisyphé**. Paris: Gallimard, 1942.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravismo no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977. (Estudos Brasileiros, 19)

CHAGAS, Wilson. **Mundo e contramundo**. Porto Alegre: UFRGS, 1972.

CICERO. **Saber envelhecer (seguido de A amizade)**. Porto Alegre, LP&M, 1997.

CODO, Wanderley (Org.). **O trabalho enlouquece?: um encontro entre a clínica e o trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2004.

COMTE-SPONVILLE, André. **A felicidade, desesperadamente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Dicionário filosófico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CORBISIER, Roland. **Autobiografia filosófica**: das ideologias à teoria da práxis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. **Filosofia política e liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. **Raízes da violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

DOWBOR, Ladislau. **A reprodução social**: propostas para uma gestão descentralizada. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: FEU, 1999.

FIORI, Ernani Maria. **Textos escolhidos**: v. II: Educação e Política. Porto Alegre: L&PM, 1991.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1991. (Polêmicas do Nosso Tempo, 4)

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREITAS, Décio. **Palmares: a guerra dos escravos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982. (Biblioteca de História, 2)

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 30 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.

FORRESTER, Viviane. **El horror econômico**. 8. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1997. (Obras de Sociologia)

FROMM, Erich. **Conceito marxista de homem: Apêndice: Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844 de Karl Marx**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **O que é pedagogia**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Primeiros Passos, 193)

GINZBURG, Carlo. **El queso y los gusanos**. Barcelona: Muchnik, 1996. (Atajos)

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 1985.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Perspectivas do homem, 48, Filosofia).

HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do outro: estudos de teoria política**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. (Biblioteca Tempo Universitário, 90, Série Estudos Alemães)

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HOLANDA, Bartolomeu Buarque de. **Buarque: uma família brasileira: ensaio histórico-genealógico**. Casa da Palavra; Rio de Janeiro, 2007a.

- HOLANDA, Bartolomeu Buarque de. **Buarque: uma família brasileira: romance.** Casa da Palavra; Rio de Janeiro, 2007b.
- KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** 1. Reimp. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MARÇAL, João Batista. **Comunistas gaúchos: a vida de 31 militantes da classe operária.** Porto Alegre: Tchê!, 1986.
- MARX, Karl. **A questão judaica.** s.l.: Moraes, 19__.
- _____. **Conseqüências sociais do avanço tecnológico.** São Paulo: Edições Populares, 1980. (Ciências sociais, Materialismo histórico, 1).
- _____. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel.** 2. ed. Lisboa: Presença, 1983.
- _____. **Liberdade de imprensa.** Porto Alegre: L&PM, 2001.
- _____. **O Capital: Volume I, Livro Primeiro, O processo de produção do capital, Tomo 1 (Prefácios e Capítulos I a XII).** São Paulo: Abril Cultural, 1983a. (Os economistas).
- _____. **O Capital: Volume I, Livro Primeiro, O processo de produção do capital, Tomo 2 (Capítulos XIII a XXV).** São Paulo: Abril Cultural, 1983b. (Os economistas).
- _____. **O Capital: Volume II, Livro Segundo, O processo de circulação do capital.** São Paulo: Abril Cultural, 1983c. (Os economistas).
- _____. **Textos filosóficos.** Lisboa: Estampa, 1975. (Biblioteca do Socialismo Científico)
- MEIRIEU, Philippe. **A Pedagogia entre o dizer e o fazer.** Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MENEZES, Neliana Schirmer Antunes; MACHADO, Denise Selbach. **Orientações para elaboração de trabalhos acadêmicos: dissertações, teses, TCC de Pedagogia, TCC de Especialização.** Porto Alegre: UFRGS/FACED/BSE, 2008. Mimeografado.
- MERCADANTE, Paulo. **A consciência conservadora no Brasil.** Rio de Janeiro: Saga, 1965.
- MESTRINHO, Aristeu Oliveira dos Santos. **Capoeira: arte-luta brasileira.** Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1993.
- MOURA, Clovis. **Rebeliões da Senzala: Qilombos, insurreições, guerrilhas.** Rio de Janeiro: Conquista, 1972. (Temas Brasileiros)
- MYRDAL, Jan. **Uma aldeia da China Popular.** Lisboa: Moraes, 1966. (Temas e problemas, 6)
- NAPOLI, Ricardo Bins di. **Ética e compreensão do outro: a ética de Wilhelm Dilthey sob a perspectiva do encontro interétnico.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. (Filosofia, 115)
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social.** São Paulo: Pioneira, 1976. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, Sociologia)

- PIZZI, Jovino. **O mundo da vida**: Husserl e Habermas. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
- RÜSEN, Jörn. **História viva: teoria da história III**: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Ed. UnB, 2007.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **Terre des hommes**. Paris: Gallimard, 2000. (Collection Folio, 21).
- SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Filosofia da praxis**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- SANTOS, Boaventura Sousa. **Conhecimento prudente para uma vida decente**: Um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____. **Semear outras soluções**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. **Um discurso sobre as ciências**. 2 ed. Porto Alegre: Afrontamento, 1988.
- SANTOS, Roberto dos. O negro no Rio Grande do Sul: uma realidade além do mito. In: TRIUMPHO, Vera. **Rio Grande do Sul: aspectos da negritude**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SCHMIDT, Benito Bisso. **Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)**. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2000.
- SÊNECA. **Sobre a brevidade da vida**. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- SENETTT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SERRANO CALDERA, Alejandro. **La utopia posible**. La Habana: Editorial 13 de Marzo, 1991.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Ieda Prates da. A sublimação e o trabalho da infância. In: JERUSALINSKY, Alfredo et al. **O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. (Letra psicanalítica). p. 205-210.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Histórias de operários negros**: contribuição para o estudo do operário negro no Rio Grande de Sul. Porto Alegre: EST:Nova Dimensão, 1987. (Coleção Afro-Brasileira, 6)
- SILVA, Roberto da. **Os filhos do governo**: a formação da identidade criminosa em crianças órfãs e abandonadas. São Paulo: Ática, 1997.
- SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1983. (Cultura Brasileira, 01)
- _____. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1988.

SOTILLI, Márcia Taboada de Souza. O velho não faz mais... nada. In: JERUSALINSKY, Alfredo et al. **O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. (Letra psicanalítica). p. 211-215.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Adriano. **Eixos significantes: ensaios para um currículo da esperança na escola contemporânea**. Brasília: Universa, 2008.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1899-1928**. Santa Maria: Ed. UFSM; Bauru: EDUSC, 1999.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ZAMBIASI, José Luiz. **Lembranças de velhos**. 2. ed. Chapecó: Universitária Grifos, 2000.

Entrevistas

ENTREVISTA 1. Amanda Dornelles, em 05/04/2004. **ANEXO 4**.

ENTREVISTA 2. Amanda Dornelles, em 15/04/2004. **ANEXO 5**.

ENTREVISTA 3. Amanda Dornelles, em 22/04/2004. **ANEXO 6**.

ENTREVISTA 4. Amanda Dornelles, em 09/05/2004. **ANEXO 7**.

ENTREVISTA 5. Amanda Dornelles, em 20/12/2007. **ANEXO 8**.

ENTREVISTA 6. Armando Dornelles, em 09/05/2004. **ANEXO 9**.

ENTREVISTA 7. Armando Dornelles, em 22/10/2007. **ANEXO 10**.

ENTREVISTA 9. Leni Dornelles, primeira fita, em 29/10/2007. **ANEXO 11**.

ENTREVISTA 10. Leni Dornelles, segunda fita, em 29/10/2007. **ANEXO 12**.

ENTREVISTA 11. Leni Dornelles, em 26/12/2007. **ANEXO 13**.

ENTREVISTA 12. Valdemar Marques Severo, em 20/12/2007. **ANEXO 14**.

ANEXOS

ANEXO 1

Modelo do Termo de Consentimento Informado

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO (MODELO)

Porto Alegre, 21 de setembro de 2005

Meu nome é Humberto Rocha Cunha e lhe informo, pelo presente documento, a realização de uma pesquisa, por mim conduzida, sob orientação do Professor Nilton Bueno Fischer, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O objetivo da pesquisa é buscar a compreensão das relações que se estabelecem entre gerações de uma família, questionando: existe uma pedagogia familiar? Qual o significado dos diversos espaços vivenciados por uma criança/jovem/adulto na formação dos seus valores e como eles se transmitem de uma geração a outra? Em especial, busca-se identificar a transmissão com intervalo de duas gerações.

Esta pesquisa concentra-se na família Dornelles, investigando, de forma integrada, suas dimensões de família trabalhadora (com destaque para sua origem operária), gaúcha, negra. Você terá oportunidade de dar a sua versão sobre os fatos que vivenciou/vivencia ou teve notícia. A tese de Doutorado a ser produzida poderá ampliar o conhecimento existente nesta área e colaborar para melhorar os fundamentos dos movimentos sociais e da educação brasileira.

Para o escopo acima estabelecido, serão realizadas entrevistas com alguns membros da família, pretendendo-se utilizar as informações, com explicitação da identidade do informante, na produção da tese. Se você concordar em participar da pesquisa sem explicitação da sua identidade, posso garantir o sigilo (você poderá escolher um nome que o identifique). Solicito também seu consentimento para gravar as entrevistas, com intuito de melhorar a qualidade da análise da pesquisa.

As entrevistas e todos os outros momentos da pesquisa não trarão quaisquer custos, riscos ou desconfortos para quem participar da pesquisa. Estou à disposição para esclarecer todas as dúvidas que você tenha em relação ao assunto. Se você não quiser mais fazer parte do mesmo, poderá entrar em contato comigo pelo telefone que lhe disponibilizei em contato particular.

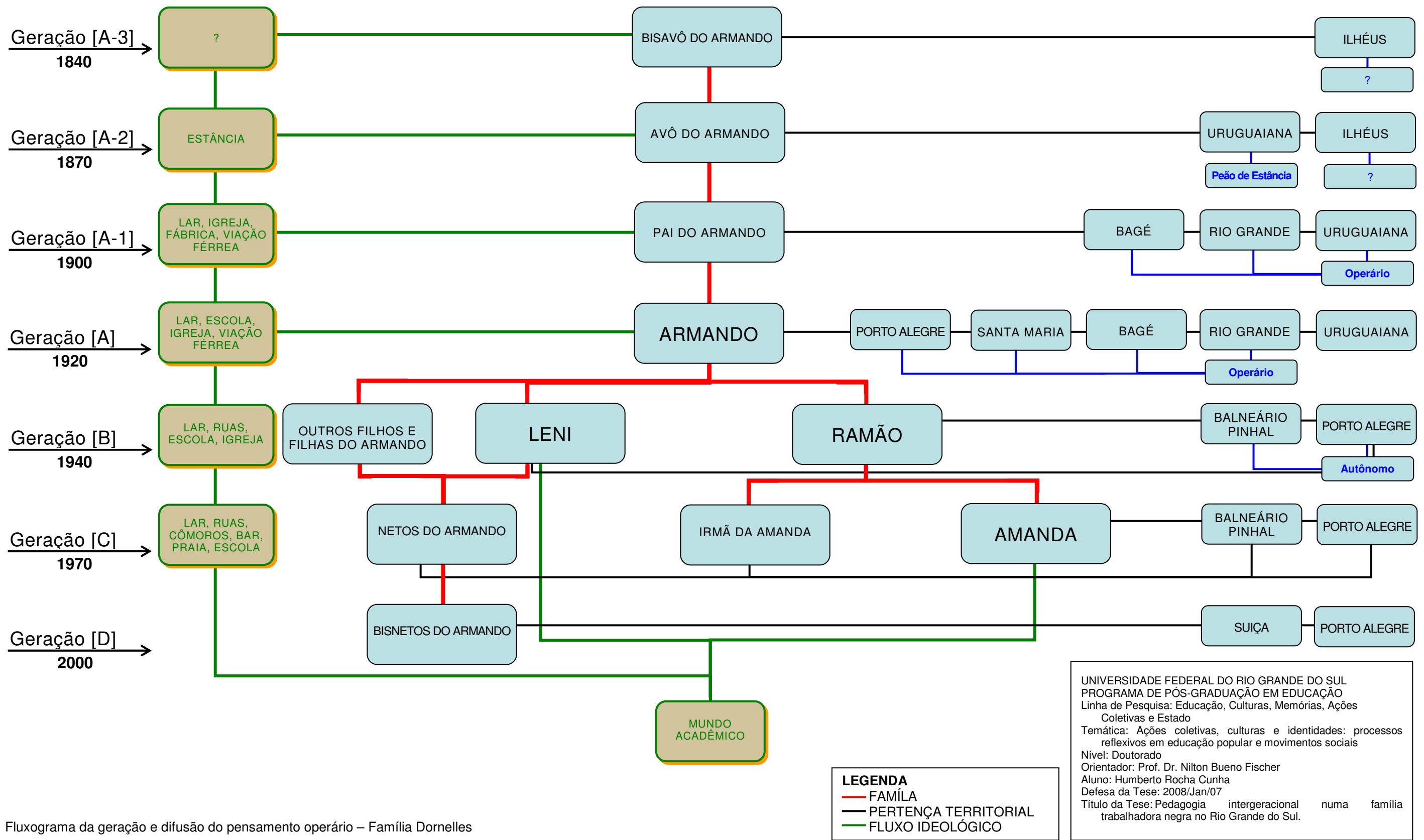
Humberto Rocha Cunha
Pesquisador

Eu,, recebi todas as informações necessárias sobre a minha participação nesta pesquisa e concordo em participar da mesma. Concordo também que a entrevista seja gravada.

Assinatura: _____ RG: _____

ANEXO 2

Fluxograma da geração e difusão do pensamento operário – Família Dornelles



Fluxograma da geração e difusão do pensamento operário – Família Dornelles

ANEXO 3

Fotos



Sr. Armando Dornelles, na cozinha da sua casa, na Vila do IAPI



Sr. Armando Dornelles e sua neta Amanda, na sala da sua casa, na Vila do IAPI



Souvenirs do Sr. Armando Dornelles organizados na sala da sua casa, na Vila do IAPI



Sr. Valdemar Severo e esposa, no pátio da sua casa, em Porto Alegre



Entrevista com o líder ferroviário Valdemar Severo



Bandeira do Partido Comunista, guardada pelo Sr. Valdemar Severo

ANEXO 4

ENTREVISTA 1

Amanda Dornelles, em 05/04/2004

ENTREVISTA 1

Amanda Dornelles – Em 05/04/2004 – Sala de aula da UERGS Cidreira – Humberto pergunta. Amanda fala, livremente. Humberto anota. Manuscrito.

Humberto – O que tu me contas da tua vida?

Amanda – Quando eu tinha quase três anos, a gente veio morar em Pinhal. Meu pai já veio com emprego certo: clube. Mãe costureira (em casa). Eu ia muito à praia, quase todo o dia, brincar. Também brincar na rua de pega-pega, esconde-esconde, bicicleta. Muito próxima à família do pai: pelo menos uma vez ao mês ia a Porto Alegre ou vinha alguém de lá. A gente tinha muito acesso a cinema, livros, eu e minha irmã, por causa das idas a Porto Alegre e das tias professoras. Tinha muita criança na vizinhança, a casa sempre cheia de gente no verão. Morávamos em casa de aluguel, a dona pediu e fomos morar no clube. Uns cinco anos atrás, o pessoal do clube começou a faltar, talvez por causa das dificuldades financeiras, as pessoas já não vêm tanto no verão. Terminei a oitava série e fui a Porto Alegre fazer teste para o Colégio Estadual Dom João Becker, na Vila do IAPI. Passei, fiz o primeiro ano morando com o vô. Passei no sorteio do Instituto de Educação e fiz os dois últimos anos, formei-me. Não fiquei presa a esse mundinho da praia, meu mundo abriu, mas eu vinha quase todos os finais de semana pra cá. Fiz vestibular para a UFRGS, não passei, voltei para estudar. No meio do ano, abriram as inscrições para a UERGS e eu passei. Nesse período, voltei a Porto Alegre como bolsista, trabalhei um mês no departamento de metalurgia da UFRGS, fiz cursinho para o vestibular. Como fui aprovada para a UERGS, voltei para cá. Morava perto da casa atual, duas ruas para o lado dos cômodos. A realidade da praia: uma faceirice só, ia quase todo dia à praia. Quando voltei a Porto Alegre, tive um choque com o modo de vida, agoniava estar em casa e não poder estar na rua a toda hora, vida de apartamento. Idas a Porto Alegre: com a mãe encontrar a família do pai, todo mundo, minha dinda, foi ela, que pediu para ser minha madrinha, e a outra tia que me proporcionaram muita coisa; como exemplo, idas ao parque da Redenção. Quando minha mãe começou a trabalhar fora de casa, eu estava na sétima ou oitava série. Até então, vivíamos do sustento das costuras e do bar. Vivíamos bem, o custo de vida aqui era bem mais barato. Depois, o dinheiro começou a ficar escasso. Antes, a comida era churrasco todo domingo. As irmãs conversavam sobre isto e a mãe também sempre abriu o jogo. Exemplo: “Agora vamos comprar para uma, depois comprar para outra”. Adorava ir a Porto Alegre, os primos virem para cá. Vinham com todo o gás que nos animava. Nas idas lá, sempre tinham coisas novas para fazer, para comer: coisas industrializadas, sorvete de máquina, nem sei se tinha isso aqui. A gente ficava só no pátio de casa e sempre explorou a região vizinha. Uma vez, eu devia ter uns seis anos, achamos um gambá e os filhotes e trouxemos pra casa numa caixa. Minhas tias estavam lá nesse momento, queriam levar o gambá ao veterinário e quando o pai chegou jogou a caixa com o gambá pela janela. Havia tipos folclóricos. Tinha uma vizinha, Dona Edith, de cabelos vermelhos, voz rouca, fumava, morava em casa de madeira escura, com vidros não lisos. Quando passava alguém pelos vidros dava medo, a gente curtiava dizendo que ela era bruxa. Garagem nos fundos. Puxa-puxeiro. 50 anos. É do Capivari, vende puxa-puxa no verão, faz versinho. Quando ele passava, eu

juntava as bonecas e ia para a frente, pra ele fazer versinho. “Olha o puxa-puxa / que não é brincadeira / vendo pro senhor / que acabou de cair da cadeira”. A pé, com alto falante. Hoje a gente se esconde. Os adultos, às vezes, até entravam na onda e participavam. Vizinhos sempre próximos. Sempre tivemos liberdade de entrar na casa uns dos outros, desde que avisássemos. Uma vez uma criança, Carolina, dormiu embaixo da cama e todos procuraram o Pinhal inteiro. Uma criança chatinha, ninguém gostava muito dela, os pais não incentivavam esse tipo de picuinha. Umas quatro ou cinco famílias, (não sei como não virava bagunça, pergunta à minha mãe). Contato externo, ficava amiguinho e depois podia ir na casa. Gostávamos mais de ficar na rua, mas tinha duas que a gente gostava mais de ir à casa delas. Acho que as minhas tias já conheciam essas pessoas de outro lugar, havia amizade entre os pais. Minhas tias tiveram creche (Porto Alegre – Cristóvão/Benjamim, trabalhava a família toda). Eu me lembro (tinha dois anos): uma tia era professora, outra secretária, meu pai dirigia a Kombi.

ANEXO 5

ENTREVISTA 2

Amanda Dornelles, em 15/04/2004

ENTREVISTA 2

Amanda Dornelles – Em 15/04/2004 – Sala de aula da UERGS Cidreira – Humberto pergunta. Amanda fala. Humberto anota. Manuscrito.

Humberto – Tu me contaste sobre um grupo de rock que é formado de amigos teus, de infância. Pretendes, também, criar o teu grupo, “Os Dorneles”?

Amanda – “Os Dorneles”, a bem dizer, já existe, lá em Porto Alegre. Toda a família estudou no Instituto de Educação e na UFRGS. Primos trabalham no Instituto de Metalurgia, família muito unida. A família, por parte de todo mundo, mas principalmente a parte feminina (irmãs do pai) reúne todo mundo na casa do vô, no apartamento da tia, ou ajuda numa necessidade, fica ligado, quer saber como está. Se intromete muito na vida um do outro, diferente da vida do atual namorado. Sempre gera medo essa proximidade. Nunca pensei sobre porque querer tanto estar perto na vida do outro. Um entusiasmo quando o primo conseguiu mestrado na Suíça, cotização para pagar. Geração das tias: ralação. Geração dos primos: vaquinha entre as tias para pagar cursinho dos sobrinhos. Não ficar sem o contato com o estudo.

Humberto – De onde esse esforço dirigido ao estudo?

Amanda – Pelas tias: “Se eu tirar nota baixa o que a tia Fulana vai falar?”. Compram livros para os sobrinhos. Atitude do vô sobre o estudo: o vô sempre fez tudo, nunca dependeu de ninguém para nada, marceneiro, pedreiro, pintor. Está sempre lendo, sempre se informando. Eu me lembro da figura da minha avó (figura muito forte, sempre segurava a situação de todos). Avô teve 10 filhos, avó costurava pra fora. Quando se aposentou, montou oficina de bicicletas. Sempre valorizando o estudo dos filhos. Os três mais novos tiveram colégio particular. Refletindo agora, a infância que tivemos foi muito estimulante no sentido de criar. A gente nunca foi repreendido por imaginar, por coisas imaginárias. Na escola, eu nunca fui muito briguenta, fui muito passiva. Nunca fui muito de me incomodar com o que diziam da minha casa. Eu me lembro do método de alfabetização, do tipo o IVO viu a UVA, o e a MALA. Sempre a brincadeira ficava de fora da sala. Começou no pré, na escola onde trabalha agora, lembro pouca coisa, só das cadeirinhas. Faltou aula, fomos para um hotel. Lá havia ratos, havia um galo que esporeou um guri que mexeu com ele. Foi aquela função. Era só a nossa turma que estava no hotel. Não tenho nenhuma lembrança da sala, mas o recreio era a hora mais requisitada do horário da escola. Ia numa faceirice, ganhava material, ganhei livrinho, caneta. Uma época, eu devia estar na 2ª série, começamos a ir sozinhas, eu na terceira série, a minha irmã na primeira. Eu me sentia mãe da minha irmã. Não me lembro se minha mãe dizia pra eu cuidar dela, mas eu me lembro que eu sempre pegava a mão dela, me sentia responsável por ela. Eu acho que a noção de responsabilidade, na nossa casa, vinha da liberdade. Mas só tínhamos liberdade por ter responsabilidade. Eu e a minha irmã íamos sós até o bar do pai, só o cachorro ia junto. A gente morava ainda na outra casa, eu devia ter uns sete anos. Napoleão, o cachorro, andava sempre do nosso lado, levava tênis e chinelo dos outros. Era um sarro, não sei quem deu o nome. Ia a qualquer lugar, mas sempre avisava. Uma vez fui ate a lagoa sem avisar (a

lagoa é perigosa, seguido morre um lá), levamos um xingão. Um bicho venenoso picou o primo no pé. Já sabia que era perigoso, mas foi. E sem avisar! Dizer que vai a um lugar e vai a outro... E se acontece alguma coisa com alguém? E se morre afogado? Deus me livre!

Humberto – Um valor constituído?

Amanda – A base: a harmonia, ser fiel a ela. Solidariedade, que tu falou, às vezes a gente vê situações egoístas. Na minha família, eu sinto que as pessoas são prestativas.

Humberto – Limite...

Amanda – Foi de uma forma bem estruturada. A gente nunca extrapolou. Eu sempre ficava preocupada com o outro, se eu ia deixar minha mãe preocupada ou brava, depois isso passou para a professora, eu nunca queria mágoas ou desagradar.

Humberto – Referência com Porto Alegre...

Amanda – Época **[ININTELIGÍVEL]**. Aqui na praia, a gente não tinha acesso a isso. Como eu ia a Porto Alegre, meus primos eram *grunges*, por isso eu me lembro. A globalização aqui era sempre mais demorada. Vai se expandindo, o Litoral é sempre o último a receber as informações da moda ou da cultura. Este verão passamos bem. Peixe do Adão, freguês do bar do pai.

ANEXO 6

ENTREVISTA 3

Amanda Dornelles, em 22/04/2004

ENTREVISTA 3

Amanda Dornelles – Em 22/04/2004 – Sala de aula da UERGS Cidreira – A pergunta é feita, Amanda pede para responder por escrito; em seguida, pede para levar para casa para passar a limpo. Entrega na semana seguinte. Manuscrito.

Humberto – Como tu relatas a tua educação infantil?

Amanda – Relembrando o período da minha infância penso que é difícil reestruturar alguns fatos, algumas relações. Refletindo sobre estas relações que se estabeleciam de família, escola, localidade pude organizar certos pensamentos a mim mesma. Sempre tive em minha memória uma “infância bem curtida”. As brincadeiras eram na maioria das vezes na rua. Andava de bicicleta, descobria novos lugares, novas casas e seus pátios, o que tinha de diferente entre um e outro. O “faz de conta” estava sempre presente. Lembro-me de brincar sempre em grupo ou com minha irmã. Recordo-me de uma de minhas férias de julho na qual meu primo veio para praia. Brincávamos dia e noite, foram quase três meses. Nos dias de sol pegávamos nossas bicicletas (eu, minha irmã, meu primo) e saíamos pelas ruas de Pinhal. Fugíamos de cachorros, apostávamos corrida e descobríamos lugares os quais pensávamos não existissem ali. Nos dias de chuva andávamos de bicicleta dentro do bar de meu pai (construímos uma pista com cadeiras aproveitando o espaço que tinha), foram férias bem curtidas. Lembro que as relações entre as famílias das crianças era aberta, assim como a relação que tinham nossas brincadeiras com a rua. Mas não lembro como elas se estabeleciam entre os adultos e quais as restrições que eles faziam ao acesso à rua. Acho que o principal motivo deste livre acesso era a tranquilidade do lugar onde moramos.

ANEXO 7

ENTREVISTA 4

Amanda Dornelles, em 09/05/2004

ENTREVISTA 4

Amanda Dornelles – Em 09/05/2004 – Sala de aula da UERGS Cidreira – A questão é feita, Amanda pede para responder por escrito. Entrega uma hora depois, sem passar a limpo. Manuscrito.

Humberto – Descreve um fato da tua infância que adquiriu importância na tua educação.

Amanda – Mais ou menos aos 10 anos resolvemos criar um clube. A princípio reunimos um grupo pequeno, no verão e então saíamos a procurar algum lugar para sede do clube que ainda não estava definido do que se trataria. Queríamos um esconderijo, algo mais nosso, que ninguém mais fizesse parte. Procurávamos em terrenos com casas abandonadas, pátios vazios, mas não encontramos este lugar. Conversando com a minha mãe sobre o clube, ela deu-me a idéia de fazer um clube ecológico. Propus às outras crianças e então demos andamento ao clube. Decidimos que seriam reuniões semanais na casa de alguém, fizemos algumas regras do clube, uma votação para o nome, no qual cada um pensou em casa para que no próximo encontro tivéssemos os nomes para votação. Tínhamos até chamada com limites de falta. O 1º trabalho foi uma pesquisa nas casas sobre o que as pessoas sabiam sobre os animais em extinção. Se essas pessoas não soubessem nós falávamos sobre. O clube começou no verão e se estendeu no inverno. Nos encontros pós veraneio nos encontrávamos também para coleta de lixo e outras discussões. Tínhamos também alguns pactos, como o de não poder jogar lixo no chão. Se caso algum do grupo fosse visto quebrando o pacto um certo nº de vezes teria que sair do clube. O clube se desfez porque os participantes do clube não estavam mais entusiasmados pelas reuniões e estavam “quebrando alguns critérios”. Isso aconteceu quando eu era presidente do clube e me desgastava cobrando de alguns. Decidimos juntos em desfazer o clube.

ANEXO 8

ENTREVISTA 5

Amanda Dornelles, em 20/12/2007

ENTREVISTA 5

Amanda Dornelles – Em 20/12/2007 – Sala da casa do Sr. Armando, no Conjunto IAPI, Porto Alegre. O avô presencia, mas não intervém. Entrevista gravada.

Humberto – Gravando com Amanda em 20 de dezembro de 2007.

Humberto – Agora estou entrevistando uma pedagoga com especialização em educação infantil, já pensas em te casar e continuas sendo a mesma pessoa da família do seu Armando. Como é que tu analisas, hoje, como colocas a tua biografia nessa relação complexa que é ser de uma família e ao mesmo tempo de uma sociedade organizada, com sua estrutura?

Amanda – Bom, assim, meu vô... então, ele traz essa referência de família pra todos, não só pra mim, como pra todos. As pessoas giram muito em torno dele, assim, uma figura sábia, de bom senso da família, inclusive tá todo mundo na confusão, ele mantém a postura mais... Às vezes todo mundo triste, ele vai lá e conforta, até por tudo que ele já viveu! E esses valores familiares, que ele e minha vó deixaram, então eu acho que a família se constituiu forte pelas circunstâncias da vida, assim, deles, do vô e da vó. As coisas que a vida ensinou, assim, os irmãos, os irmãos que morreram, a coisa do estudo, de o vô sempre estar enfatizando essa questão que todo mundo tinha que estudar. Sobre a questão de sermos negros, eu vou falar por mim, não posso falar pelos outros, eu nunca percebi isso comigo assim, e nem percebi com eles também. Assim, eu fui entender o que era preconceito assim saber depois, já tava... Depois, assim, né? Quando criança, isso nunca... A gente... Eu me lembro que eles falavam, que elas falavam que a gente tinha algumas coisas em volta do bairro: “Ah, as pretinhas! Não se mistura ali”. Era visto, né, a família negra no meio dos brancos. Mas isso não chegou até nós, pelo menos nunca se percebeu, isso nunca teve interferência nenhuma na minha vida, até hoje eu nem me ligo na minha cor, vou tocando, mas a gente sabe disso através do que as tias e o pai diziam com relação a isso e aí, sim, a gente fica sabendo que havia, sim, preconceito. Mas, apesar disso todo mundo conseguiu se estruturar na vida e hoje tem uma vida legal, estruturada financeiramente e também familiarmente, afetivamente.

Humberto – Sobre a questão dos valores, [ININTELIGÍVEL] quais seriam, por exemplo, três valores que tu considerarias fundamentais na convivência humana, seja ela no trabalho, na família?

Amanda – Acho que a cumplicidade, assim, que é uma coisa muito forte na família, todo mundo é cúmplice um do outro, todo mundo se preocupa um com o outro, a gente tá lá na paz, a gente tá aqui, os guris tão lá fora... Assim... tudo é motivo de confraternizar, de comemorar... Me lembro até uma vez que a tia botou um box de vidro no banheiro e foi todo mundo na casa dela comemorar o banheiro novo! Então tudo é motivo de festa, né? Assim, né, a formatura de oitava série é motivo pra toda família ir, estar junto. Não são, assim, só ocasiões muito especiais, qualquer ocasião é. Bom, tanto é que até hoje a gente se reúne todo sábado aqui no vô, pra almoçar com ele e pra confraternizar, né? E uma das coisa da família, além da cumplicidade, é a solidariedade. Todo mundo tá disposto a ajudar todo mundo. Não só conosco,

assim, mas também com os outros que nos rodeiam. Isso também é bem marcante. Bom, tanto é que a nossa casa a gente construiu lá na praia, todo mundo ajudou, todo mundo, até meu primo que mora na Suíça mandou dinheiro, né, vô? Todo mundo se juntando, tirando da sua família pra dar pra outro. Outro valor, acho que é o da honestidade, também muito forte. Assim, é por isso também, acho, o sucesso profissional de todo mundo. Todo mundo, além da competência, né, a dedicação e também sempre ter uma postura... uma postura... não seria uma postura honesta, seria outra palavra, uma postura ética dentro da profissão e, por isso, o sucesso profissional de todo mundo.

Humberto – Quando tu articulas esse conjunto de valores, vários outros podem se derivar: organização, ordem, respeito, relacionamento, tudo são valores que se colocam na sociedade. Por exemplo, essa relação ética, tu relaciona com que outros valores?

Amanda – Como assim?

Humberto – Quais seriam outros valores, assim, na sociedade, na tua relação com a sociedade, que tu estabelece a partir da ética?

Amanda – Não tô conseguindo...

Humberto – Deixa eu tentar. Por exemplo, tu tens uma postura ética e isso te leva a trabalhar de uma determinada forma, te relacionar com as pessoas de uma determinada forma, né? Isso estabelece um exemplo de novos valores a partir da ética

Amanda – Uma postura de bom senso, isso é muito importante. Eu, assim, sou uma figura mais passiva... posso dizer que, entre as primas, a gente fala e a gente se chama de um apelido..., porque as irmãs são as irmãs metralhas, as minhas tias, e só que daí veio uma outra geração e a gente chama as metralhinhas que também são personalidades fortes e, dentre essas personalidades, eu sou a mais tranqüila dessas outras quatro ou cinco. Mas uma das questões é o bom senso, apesar dessa minha tranqüilidade maior, essa minha facilidade às vezes maior de relevar e de às vezes ceder, essa postura de bom senso também mantém uma postura que impõe essa minha personalidade em alguns momentos, até na minha profissão. Qual outro poderia ser? Estar sempre disposta a aprender naquela profissão, entendendo que a postura que a gente tem não é fixa, ta sempre ali ascendendo tal. Essa disponibilidade de estar compartilhando com o outro o que agente sabe, tá disposta a tá ajudando, às vezes, os outros.

Humberto – No campo profissional, quando tu pensas num plano de aula, num planejamento semestral, anual, como é que esses valores interferem?

Amanda – Quando eu penso em planejamento pro meus alunos, eu sempre penso em fazer eles felizes, fazer eles se divertirem e eu sempre tento nas minhas determinações com eles manter esses valores, assim, claro. Enfim, são os valores que eu acredito e essa questão... de em grupo, nessa coisa da troca, de possibilitar essas interações num grupo maior, que esses trabalhos individuais, que também são importantes, mas acho que principalmente na faixa etária que eu trabalho, por ser uma faixa etária mais egocêntrica, por causa da idade deles mesmo né, que esses trabalhos de grupo possibilitam essas compreensões de troca, de disponibilidade, de ajuda com o outro.

Humberto – Tanto na questão valorativa quanto na questão da eficiência, como tu analisas a situação do ensino publico, do ensino privado? Até onde tu já tomaste contato, efetivamente, trabalhando em Porto Alegre?

Amanda – São duas realidades ao mesmo tempo. Como educadora, de viver, de trabalhar em uma instituição pública e de trabalhar em uma instituição privada. Acho que são vários fatores que interferem nessa questão do ensino público, de certa forma, precário, né? O município de Pinhal, comparado com a instituição que eu trabalho ali, é totalmente diferente. Não só na questão econômica, que é uma escola privada, cara, mas, sobretudo na questão pedagógica, né? Eu acho que isso não é fator determinante pra uma ser melhor do que a outra, eu acho que o que determina, enfim, essa... o que poderia... não sei também o fator específico, mas o que poderia determinar essa diferença são o comprometimento com a educação, o comprometimento que essa escola privada tem com essas crianças, o comprometimento que a outra escola tinha com essas crianças, a política pública de investimento no setor, que não tem. No caso, não é o governo que financia a instituição, mas são os próprios pais. As concepções que a escola municipal estava pensando a infância, a criança, na verdade não tinha esse pensamento, assim, que sujeito é esse que a gente tá trabalhando, que criança é essa que agente tá atendendo. Parecia que não era necessário pensar nessas coisas, assim... Bom, nós vamos atender elas aqui, nos vamos dar comida, cuidar pra elas não se machucarem, né, e tá bom... até porque eu ainda era estagiária e eu fazia séries iniciais. Hoje eu consigo ver que é totalmente diferente uma coisa da outra, eu formada em séries iniciais e agora em educação infantil, né, eu não consigo comparar a questão do conhecimento que eu tinha que ter na época pra poder fazer um trabalho melhor, eu ainda fazia pedagogia, tava ligada à educação, tinha pelo menos uma noção geral do que aquelas crianças precisavam, mas tinha pessoas que trabalham lá que fazem... Claro que isso não vai determinar que essa pessoa faça ou não um bom trabalho, mas isso vai depender dela, não da formação. Vai depender dela como pessoa e não da formação dela como profissional. Então, as coisas pareciam meio displicentes. Essa postura ética parecia que não existia. O que eu vejo ali na escola, a estrutura pedagógica que a escola tem, eles têm um respeito às crianças, não se troca professor durante o ano na turma, coisa que na outra escola, né...? Não... Tá faltando ali, tu vai pra lá, vai de tarde, vai de manhã, não interessava o vínculo que as crianças tinham com aquele adulto, o vínculo que elas tinham com os outros colegas. Assim, e não é julgando isso, mas não se pensava a respeito disso, na verdade. Acho que é a estrutura pública, a estrutura pedagógica das pessoas que tavam, que coordenavam também. Ficava meio..., não era relevante naquele momento, talvez agora até seja, mas acho que não, pelas coisas que eu ainda vejo lá.

Humberto – Quando tu menciona o respeito pelas crianças, como é que tu caracterizas, como é que tu estabelece esse valor, essa qualidade humana chamada respeito.

Amanda – Bom, a partir do momento que a gente pensa na criança, entende ela, né, e tem... assim... todas as dimensões que ela tá, cognitiva, afetiva, sociológica. A partir do momento que a gente consegue entender essa criança, a gente consegue também entender daquilo que ela precisa, aquilo que é importante pra ela. E uma coisa que é importante pra ela são as referências dentro da escola, tanto a questão do adulto como das outras crianças. E, se manter essas referências é uma questão de respeito com elas, e eu acho que respeito é isso, tu entender o que aquela pessoa precisa, tem, e tu compactuar, não sei uma outra palavra.

Humberto – A tua formação se deu na escola pública ou na escola privada?

Amanda – Escola pública.

Humberto – Ao chegar na escola, também na convivência familiar, depois ao chegar no mundo do trabalho, na convivência, como é que tu vês, na tua biografia, não em geral, essa relação?

Amanda – A relação da escola pública?

Humberto – Não, o fato de tu estares numa escola, são duas referências, tem algumas questões trazidas por outras pessoas e questões trazidas pela família, tem questões trazidas por organizadores do teu trabalho, ou seja, lá na escola da prefeitura, mas continua o teu vínculo familiar. Como é que se dão essas relações familiares, aquilo que trazes da formação da família e aquilo que tu encontras na vida profissional?

Amanda – Aquilo que a gente percebe na escola até é uma fala bem constante, que o problema é sempre a família, então a criança problema, qualquer problema que ela tenha de relacionamento, de problema extra, fica claro que a escola tem um papel fundamental, mas o principal papel é da família. Se a família se compromete a trabalhar junto nas questões profissionais e não acredita naquilo que eles estão, às vezes, fazendo como uma forma de poder ajudar aquela criança, eles não vão conseguir ajudar de fato aquela criança. É porque, é óbvio, esses princípios e valores deles, né... Na última vez, nessa escola, escola particular, tem toda uma questão ambiental, a escola tem os valores bem carregados. Ai, na questão ambiental, a professora, agora no verão, eles tomam muita água, então a gente usava dois sacos de copos plásticos por tarde quando era muito quente. Assim, cada um vai botar o nome no seu copo e durante a tarde cada um toma água naquele copo. Ai teve uma família que não admitiu aquilo ali. “–Não acredito que meu filho vai estar usando a tarde inteira o mesmo copo, a gente paga para a escola, a escola tem dinheiro”. Realmente a escola tem dinheiro para pagar quantos copos aquela criança vai precisar usar durante à tarde, mas é uma questão de valor da família. A escola está ali para ensinar alguns valores para aquelas crianças, mas a família não tem esses valores. As crianças têm uma facilidade de aprender e compreender até essas coisas, mas com a família é difícil. O que a gente consegue, eu acho bem, uma coisa boa, é que na escola as crianças mantêm essa postura. Mantêm esses valores, mesmo a gente sabendo que elas vão chegar em casa e vão esbanjar ou vão desrespeitar, como acontece, existem brigas.

Humberto – Questão do respeito ao outro... como você vê isso como pedagoga?

Amanda – É meio complicado. Eu acho que os valores vão sendo ensinados à medida em que as coisas vão acontecendo. Eu acho que tem que ser uma coisa constante. Uma coisa que a gente faz sempre, e a gente vê os profissionais lá, assim: como eu te respeito, tu também vais me respeitar. Respeita teu colega, ele não quer brincar agora contigo, tu brinca com outro! É uma frase assim bem corriqueira e se torna de certa forma comum. Alguns são mais difíceis de entender, até porque (e ai voltamos à família!).. até porque eles às vezes são um só na família, quando eu quero brincar eu brinco, quando eu não quero brincar eu não brinco. Quando eu quero eu vejo, quando eu não quero eu não vejo. Quando eu tô braba, se fico braba, eu xingo o pai e mãe. E na escola é diferente, a gente tenta manter, até porque senão viraria um caos, cada um agir como, não como quisesse, claro que tem que se ter um respeito

com as particularidades deles, da criança, mas isso tem que acontecer e é de uma forma gradativa, a gente não vai esperar que as crianças... como eu disse, umas se familiarizam mais com a questão do respeito, outras não.

Humberto – Vamos pensar no futuro, daqui umas décadas tu serás avó, bem antes disso tu vais ser mãe. Considerando que esta é uma perspectiva... como tu vêes a formação dessa nova geração? Tu foste criada em Pinhal, longe de tudo, uma cidadezinha tranqüila, e agora te encontras num outro momento.

Amanda – Eu nunca tinha pensado sobre isso, a função pedagógica da família, e, conseqüentemente, a da minha família. Eu acho que vai ser uma coisa natural, assim, os valores. Eu tinha uma professora que falava, a gente tende a repetir os atos da mãe com os nossos filhos, com os nossos netos e conseqüentemente com os nossos alunos. O cuidado e toda a questão de valores, a gente tende a repetir. Eu acredito que isso realmente aconteça, só que, às vezes eu vejo que as famílias estão um pouco perdidas nessa questão de limite, que, conseqüentemente, interfere depois nessa questão de valores, não é? Então, para poder entender que o outro não quer brincar comigo, vai ser importante que uma outra pessoa... Quando adulto, não sabe quando se expor. É um chefe não entender que seu funcionário não está bem naquele dia e tu respeitar aquilo. Também a questão do limite interfere na questão dos valores e de respeito ao próximo, eu poder me colocar no lugar do outro, isso é importante. Eu acho, eu acredito, que esses valores que já estão na primeira, segunda, terceira geração, do vô, e se perpetuaram esses valores, eu acho que enquanto tu tiver, tu tende também a seguir.

Humberto – Então, gaúcho, tradição, não tradição...

Amanda – Bom, eu particularmente não gosto, não assisto, CTG. Mas eu acho uma cultura muito bonita. Tirando o machismo, acho que é uma cultura que tenta manter esses valores de bravura muito forte, de guerrear. Lutar por aquilo que tu almeja. Eu acho que nós aqui do Sul temos certas particularidades a respeito dessa insistência, às vezes, nas coisas que estão longe de acontecer. Por exemplo, na nossa família tem essa insistência de todo mundo estudar. Na nossa... não... acho que os netos, todo mundo apesar de a maioria estudar em escola pública e não ver nada de difícil nisso e depois cursar universidade pública também sem dificuldade, né? Mas também uma coisa de insistir, né? A minha irmã, por exemplo, ficou três anos sem fazer faculdade e insistiu na universidade pública e esse ano passou, e foi insistência, porque ela mesma não tava mais vendo como estudar numa universidade pública. E a UFRGS abriu uma extensão a distancia do curso de administração que era uma das coisas que ela queria, também. E ela fez e passou e aí continuou na praia e tá estudando em uma universidade pública de qualidade e assim essa universidade pública pra gente não se vê distante. Claro que a gente sabe que é a mais difícil de passar, muitas das pessoas que a gente se relaciona não tem essa persistência de eu vou, mesmo que eu fique três anos sem estudar, eu vou passar numa universidade pública. E foi o que aconteceu com todos, todos estudaram na universidade pública, e agora essa quarta geração, não... é a terceira geração, tem uma certa cobrança, não é uma cobrança, mas é uma cobrança de si para cursar a universidade pública. Todo mundo cursou, todos os primos cursaram, então tem que cursar, esse ano tem vestibular.

Humberto – Em alguns momentos poderia ser difícil, mas daria para pagar uma universidade. Porque a insistência na escola pública, qual é o elemento?

Amanda – Assim, no meu caso e da minha irmã não tinha como pagar uma universidade privada. E assim, como éramos muito novas não tinha porque pagar universidade privada. Então, insiste e vai. Estuda e passa, também porque não se via como impossível, tinha chance, então vai, estuda e faz. Acho que não insistir seria um erro, né? Claro que tem aquelas pessoas que querem pagar, não é que querem pagar, mas não vêem problema em pagar, mas é que pra nós seria um problema, nós íamos ter um problema financeiro em pagar universidade privada, então o melhor seria a universidade pública.

Humberto – Como é que tu vê o direito ao ensino, o direito à educação?

Amanda – ... (AMANDA PRECISA SAIR, POR MOTIVOS PROFISSIONAIS. INTERROMPE-SE A ENTREVISTA)

ANEXO 9

ENTREVISTA 6

Armando Dornelles, em 09/12/2005

ENTREVISTA 6

Armando Dornelles – Em 09/12/2005 – Sala da casa do Sr. Armando, no Conjunto IAPI, Porto Alegre. Presença da neta, Amanda Dornelles, que algumas vezes intervém, espontaneamente ou por solicitação do avô. Entrevista gravada.

Humberto – Entrevista com Sr. Armando. Primeira da série. 26 de dezembro de 2005.

Humberto – Senhor Armando, o senhor fique à vontade para falar o que o Senhor lembra da sua vida e como que foi se constituindo a sua idéia própria. Como era no começo?

Armando – No começo, a minha vida, como filho de operário era aprender uma profissão. Ai como filho de funcionário da Viação Férrea, tinha preferência. Comecei como limpador de locomotiva. Em seguida fui para a Escola de Artes e Ofícios de Santa Maria. Isso tudo em Bagé. Aprendi a profissão com três anos de escola: lá tinha a escola e tinha o profissionalizante também, Escola Emilio Ribas, que era dos ferroviários, da Viação Férrea do Rio grande do Sul.

Humberto – Não era do sindicato, era da empresa?

Armando – Da Empresa. Que mais? Aí, fiz o curso de ajustador mecânico de locomotiva. Dali, voltei para Bagé, ainda passei pouco trabalho, porque havia muitos adultos que botaram de meus ajudantes e não queriam nada com o serviço e para aparecer o serviço eu tinha que me matar trabalhando.

Amanda – Tu era mais novo, né, vô?

Armando – Eles eram velhos e eu era um guri.

Humberto – Quantos anos?

Armando – Com 16, 15 anos, até me aposentar.

Humberto – O senhor se aposentou com quantos anos?

Armando – Com 54 anos.

Humberto – Esse tempo que o senhor passou na escola, o senhor também trabalhava na Viação ou nos meses em que estava na escola era só escola?

Armando – Era escola da própria Viação Férrea. Trabalha um turno e outro na escola. Mas só até o admissão.

Humberto – Quer dizer que o senhor fez até o admissão, mas isso já formava como ajustador?

Armando – Como ajustador.

Humberto – O Senhor entrou com 12 até os 15?

Armando – Até os 15.

Humberto – E aí? Como que o senhor via essa vida de operário?

Armando – Olha, a vida dum operário, naquela época.. eram locomotivas pesadas, que vinham da Alemanha, daqueles trechos lá. Como as [ININTELIGÍVEL]. As [ININTELIGÍVEL] da Alemanha e as [ININTELIGÍVEL] americanas. O senhor vai fazendo perguntas para que eu possa me lembrar, me puxar.

Humberto – E aí, como era mais a história da vida dos operários? Como é que... Então, ao mesmo tempo em que o senhor estava na escola também estava freqüentando o local de trabalho?

Armando – Lá na Viação Férrea.

Humberto – Como o Senhor via essa vida assim, como o senhor sentia isso? O senhor gostava da profissão?

Armando – Depois que eu fiz o curso, voltei para Bagé trabalhando, inclusive peguei uns ajudantes que não ajudavam. Depois casei, constitui família e me orgulho da família porque eu não pude ter os estudos que eles tiveram, mas meus filhos todos são formados. E os netos também. A minhas filhas são todas professoras, uma é diretora, Doutora em pedagogia, diretora do curso de pedagogia da UFRGS.

Amanda – Da faculdade de Educação.

Armando – Sim, da UFRGS. E outra é professora do colégio Sevigné e do Estado, trabalha em dois, inclusive agora ela está viajando para a Suíça. A outra é professora Estadual. São quatro, né?

Amanda – São quatro, não, são três.

Armando – A Íris, a Ruth e a Leni e a tia Ni, é são quatro. Uma é secretária na UFRGS, que mais eu posso dizer? Os netos, a maioria, ficaram órfãos, um ficou órfão.

Amanda – Não, dois ficaram órfãos, o **[ININTELIGÍVEL]** e o Marcelo.

Armando – Sim, mas aí eu trouxe para cá, se criaram comigo, estudaram e agora ele trabalhava em São Paulo e agora foi para a Suíça como Engenheiro Metalúrgico, aonde a filha foi visitar ele agora, lá na Suíça. E os outros estão a caminho. (Risos)

Humberto – E quando foi isso? Quando o senhor começou na escola, na escola e na Viação Férrea também?

Armando – Na escola eu comecei com seis anos. Naquele tempo vinha um professor e dava do primeiro ao quinto ano. Eu fui até o admissão.

Humberto – Isso era em Uruguaiana?

Armando – Em Bagé. Comecei em Rio Grande na escola, depois fui terminar...

Amanda – Ai depois foi para Bagé.

Armando – Fui para Bagé.

Humberto – Então me diga uma coisa, o seu pai lhe encaminhou para escola com seis anos, e ele era operário?

Armando – Ele era carpinteiro.

Humberto – Então ele não era da Viação Férrea?

Armando – Não. Depois, na Revolução de 30, ele foi para a Viação Férrea, quando nos mandaram para Bagé, porque estavam dispensando muita gente e como ele tinha um padrinho, o Andrade Neves era padrinho dele e arrumou para ele ir para Bagé para evitar a “degola”, como chamavam na época. Aí em Bagé foi até o fim da vida dele.

Humberto – Sempre trabalhando na Viação Férrea?

Armando – Sempre trabalhando na Viação Férrea como marceneiro.

Humberto – Do que o senhor se lembra, assim, o seu avô também era operário ou tinha outra profissão?

Armando – O meu avô era, como é que se diz? Campeiro? Não. Peão, peão de estância e morreu numa rodada de cavalo. O cavalo caiu em cima dele e ele ficou. Quebrou a perna e ele morreu esmagado pelo cavalo.

Humberto – E nessa época, então, o senhor veio de Bagé para Santa Maria para estudar, isso foi em que ano?

Armando – Eu não lembro bem.

Amanda – A data de nascimento é 21 de abril de 1921. Ai depois com 12, 13 anos foi para Rio Grande. Aí com nove anos ele foi para Bagé e com 12 anos foi fazer o curso em Santa Maria. E depois voltou para Bagé, né, vô?

Armando – Voltei para Bagé, sempre como ferroviário.

Humberto – Então digamos assim, 1936?

Armando – É isso aí.

Humberto – Em 1936 voltou para Bagé?

Armando – Entre uma e outra data houve a Revolução de 30. Não, de 34, quando eu fui convocado para o exército e logo depois fui dispensado pela Viação Férrea, porque a Viação Férrea precisava dos operários. Fui carregado para a Europa.

Humberto – Bom, lá na Viação Férrea, como era a estrutura do serviço, tinha muita chefia, como é que era?

Armando – Tinha o inspetor, chefe de depósito, tinham os instrutores e os ajudantes.

Humberto – Tá, digamos assim, o inspetor ele era operário ou era técnico?

Armando – Era técnico.

Humberto – A partir daqui, o técnico de depósito, era técnico ou era operário?

Armando – Era operário, mas era supervisionando o serviço.

Humberto – E os chefes de oficina?

Armando – Era operário também supervisor.

Humberto – Os instrutores, operários também?

Armando – Instrutores eram todos operários. E aí era uma escala de promoções, conforme a aptidão da pessoa, claro, né?.(sic)

Humberto – Quando a pessoa entrava para a vida operária, ela já tinha a noção dessa escala ou ela adquiria lá dentro? Como era?

Armando – Adquiria lá dentro mesmo.

Humberto – Quando entrava ela não sabia muito, né?

Armando – Não, como eu falei, eu entrei como limpador de locomotiva, depois fui para a escola e voltei como ajustador.

Humberto – O senhor entrando ali como limpador, o senhor estava na categoria de ajudante.

Armando – É.

Humberto – E o senhor sabia que o senhor obedecia a um que estava acima?

Armando – Tinha um acima, o chefe da limpeza.

Humberto – Então, vamos dizer assim, o senhor vai obedecer ao chefe da limpeza... vamos dizer assim, o inspetor podia chegar e lhe dar ordem direto?

Armando – Podia, podia. O chefe de depósito também podia, todos que estavam acima de mim podiam dar ordem direta. Inclusive, até o maquinista quando não gostava da limpeza de uma locomotiva, ele reclamava.

Humberto – E aí, não precisava esperar chegar o seu chefe imediato?

Armando – Não, não. Já ia fazer em seguida.

Humberto – E essa hierarquia, assim, como que ela... Bom, o senhor já vinha assim, menino, acostumado a brincar, aí entrou nessa hierarquia. Com é que foi isso?

Armando – É que a gente sentia necessidade de aprender um ofício e escolhia a Viação Férrea, como os pais. E aí fui muito bem, graças a Deus.

Humberto – Digamos assim, era muita gente para mandar e um só para obedecer.

Armando – Era muita gente, mas também tinha muita gente para obedecer. (risos). Mas tinha a hierarquia, né?

Humberto – Mas não criava conflito às vezes, assim, não?

Armando – Não, sempre me dei bem.

Humberto – Ninguém se atravessava? Assim, o senhor recebia uma ordem do seu chefe imediato, vinha outro e dava outra ordem diferente, e aí? Qual o senhor cumpria, a do chefe imediato ou a do outro?

Armando – Tinha que cumprir a do chefe geral. (risos) O chefe imediato até se sentia desmoralizado se recebesse uma contra-ordem né?

Humberto – Mas às vezes acontecia isso, né, do senhor estar fazendo uma ordem que seu chefe imediato mandou...

Armando – Acontecia. Acontecia. Inclusive numa noite, um chefe imediato mandou eu consertar um tubo que estava vazando na caldeira em cima da locomotiva e como era inverno e a locomotiva soa aqueles ferros, com o calor, eu cai lá de cima. Aí, me trouxeram para Porto Alegre, estive hospitalizado um mês e pouco e depois voltei para Bagé. A Viação Férrea me botou num avião e me trouxe para Porto Alegre, fez o tratamento e voltei para o serviço novamente. São coisas que a gente marca, né? Também teve muitas greves (sic). Eu era grevista. (risos). Inclusive, a gente, quando alguém queria furar a greve, saia ensebando o trilho, com sebo, sabão, e a polícia quando vinha, nós entrávamos para o recinto da Viação Férrea que a polícia não podia entrar lá, não podia entrar porque era Federal. Lá era o nosso refúgio.

Humberto – Mas naquela época tinha bastante greve?

Armando – Bastante greve. E greves fortes, de parar o Rio Grande, porque o meio de locomoção maior era da Viação Férrea, poucas estradas tinham. Então o movimento de Porto Alegre até o Rio Grande era tudo pela Viação Férrea.

Humberto – E como é que sabia que era a hora de fazer greve?

Armando – Quando a gente queria melhorar salário ou horário. Aí, até que o Getúlio decretou as oito horas de serviço.

Humberto – Mas assim, oh, tinha um que achava que tinha que fazer greve ppr aquelas oito horas, outro achava que não era assim...

Armando – Greve, sempre tem os furão.

Humberto – Mas como é que decidia “Aí vai ter greve!”? Como é que decidia?

Armando – Se reunia o pessoal (sic). Depois, formou-se o sindicato dos rodoviários. Aí se reuniam e saía a votação, sai greve ou não.

Humberto – Mas para fazer essas reuniões, tinha liderança que vinha?

Armando – Sempre tinha uma liderança. Sempre tinha uma liderança. E geralmente eram aqueles ajustadores mais velhos.

ANEXO 10

ENTREVISTA 7

Armando Dornelles, em 09/12/2005

ENTREVISTA 7

Armando Dornelles – Em 26/12/2005 – Sala da casa do Sr. Armando, no Conjunto IAPI, Porto Alegre. Presença da neta, Amanda Dornelles, que algumas vezes intervém, espontaneamente ou por solicitação do avô. Entrevista gravada.

Humberto – Essa é uma questão importante: a melhoria de vida ocorreu, mas ela não ocorreu assim...

Armando – De graça, foi abaixo de greve.

Humberto – E tinha assim... O operário reconhecia a liderança, mas em certas pessoas?

Armando – Em outras não, claro! Claro que tinha também os seus negativos, né?

Humberto – O senhor está falando, por exemplo, tinha os ajustadores mais velhos. Esses costumavam ser respeitados pelos outros como lideranças?

Armando – Sim, sim.

Humberto – Aí a minha pergunta: por quê?

Armando – Porque... Pelo próprio comportamento do ajustador, pela sabedoria e pela técnica no serviço e a gente ia aprendendo e procurava me basear no que eu achava melhor.

Humberto – E alguns escriturários também?

Armando – Sim.

Humberto – Por que motivo?

Armando – Sempre melhoria de salário e pela férias de trinta dias e licença prêmio.

Humberto – Assim, oh: se chegava um escriturário, durante o ano ele tinha que estar anotando muita coisa do operário e muitas vezes esse escriturário era mal visto pelo operário. E como é que ele se transformava em liderança?

Armando – Sempre pela maioria, né? A gente entrava em votação.

Humberto – O pessoal acreditava que ele tinha uma sabedoria?

Armando – Sabedoria mais avantajada, né? E era delicado também. Se não era, o pessoal dava um jeitinho de arredar ele. (Risos)

Humberto – Tinha alguns escriturários que eram aceitos como lideranças, mas outros, não?

Armando – Não, tinha outros que eram só puxa-sacos mesmo.

Humberto – Então, digamos, era só escriturário que não fosse puxa-saco?

Armando – É, é. Que fosse pelo bem do operário, porque eles traziam a vida da gente toda anotada no serviço.

Humberto – Mas então, durante o ano ele estava lhe observando, mas o senhor também estava observando ele?

Armando – Também. E como prêmio eu ganhei no próprio recinto da Viação Férrea uma casa com lenha, luz e água, de graça, para atender chamados urgentes, porque daí eu fui trabalhar no trem de pronto socorro, porque dava muito acidente.

Humberto – O senhor se lembra em que ano?

Armando – 37 38 até 45, mais ou menos.

Humberto – Quer dizer que quando o senhor começou o senhor ainda não tinha 18 anos, não era maior?

Armando – Não, não era maior.

Humberto – Estava na faixa dos 16, até chegar aos 45.

Armando – Mas naquela época eles não ligavam muito para o maior de idade, menor de idade, não tinha muito disso aí.

Humberto – Se já consegue carregar um balde de água, já vai!

Armando – É, é isso mesmo. (risos) Aonde a pessoa já pode pegar e rachar lenha vai rachando lenha.

Humberto – Até porque a Viação Férrea precisava de tudo isso, né? Era vapor, era caldeira?

Armando – Caldeira, era com lenha e carvão. Vinha carvão da Alemanha. **[ININTELIGÍVEL]**. Era tipo de uns tijolos, aquilo era bom. Não estragava muito a fornalha, não fazia muita cinza. A gente dizia cascão, não fazia aquela borra que ficava na fornalha, então o foguista tinha que estar limpando aquilo toda hora.

Humberto – E qual era a origem desse carvão?

Armando – Alemão.

Humberto – Mas era carvão vegetal, mineral?

Armando – Eu tenho a impressão que era uma composição, vegetal com mineral, porque era muito bom. E depois, na guerra, ficamos com o carvão nacional e era ruim de trabalhar, até hoje não querem muito, agora parece que tá melhorando, tá vindo um coreano para purificar mais, não é?

Humberto – Qual é o problema do carvão nacional? Na qualidade técnica dele, qual é o problema?

Armando – Não dava um bom fogo, fazia muita cinza. Não dava uma caloria muito boa, não. Era muito sacrifício para os foguistas.

Humberto – O senhor chegou a ser foguista?

Armando – Não.

Humberto – Já foi direto para a máquina?

Armando – Já fui direto para ajustagem.

Humberto – Sempre o senhor trabalhou só nisso? Só na ajustagem?

Armando – Só na ajustagem. Depois, um ano antes de eu me aposentar, aí eu fui para a fermentaria, né? Fazia ferramenta e ia entregar, receber com as fichas. Dava a ferramenta para o ajustador e ele tinha que trazer de volta, senão a ficha dele ficava ali no quadro.

Humberto – O ferramenteiro, por exemplo, numa fábrica metalúrgica, ele é uma profissão das mais qualificadas e na Viação Férrea, como era o ferramenteiro?

Armando – Também.

Humberto – Numa metalúrgica, digamos, tem o torneiro. O torneiro já é qualificado, mas mais qualificado que o torneiro, o senhor tem o frezador, o ferramenteiro. Esses aí são considerados os mais especializados.

Armando – Mas no começo, era feito na forja, a peça depois então ia para o torneiro, se precisasse ia para frezador ou depois para o ajustador colocar as peças no lugar.

Humberto – Mas o ferramenteiro, ele tinha uma qualificação técnica mais que os outros? Ele era visto assim, na sua condição de ajustador, ou se fosse o torneiro ou se fosse o ferramenteiro ou o frezador, tinha um status em comum ou era...

Armando – Não, não, era qualificado.

Humberto – E qual era a hierarquia aí?

Armando – Não, não, acho que não dependia muito de hierarquia e sim da sabedoria e da boa vontade da pessoa, né?

Humberto – Em termos de sabedoria, assim, como é que era visto? O senhor era ajudante, era um tipo de sabedoria; se fosse ajustador...

Armando – Era outro tipo de sabedoria, né?

Humberto – Quando o senhor era ajustador, tinha vontade, se fosse para progredir na profissão, o senhor tinha vontade de ser o que?

Armando – Ah, eu tinha vontade de me aperfeiçoar cada vez mais nas **[ININTELIGÍVEL]**, porque a gente está sempre aprendendo.

Humberto – Ah, então tá bom...

Armando – Sempre aprendendo e fazendo o serviço e sempre procurando fazer da melhor e mais fácil maneira ne.

Humberto – E quando veio essa oportunidade de o senhor ser ferramenteiro. Como foi isso?

Armando – Ah foi o chefe do depósito que me escolheu, né?

Humberto – Ah.

Armando – O chefe da oficina. O chefe do depósito que era o chefe da oficina, né?

Humberto – Ah.

Armando – Em Bagé era o depósito, A oficina central da Viação Férrea era em Santa Maria, onde tinham as escolas e tudo, né?

Humberto – Quer dizer, na hora que o senhor terminou o curso, aí todo o seu tempo de Viação Férrea foi em Bagé?

Armando – Foi em Bagé.

Humberto – Aí também o seu pai trabalhava lá?

Armando – Trabalhava lá também. Ele era carpinteiro, era uma outra seção, e eu na oficina.

Humberto – Então, de 1933 quando o senhor foi pra Santa Maria e o senhor veio se aposentar quando?

Armando – Não lembro a data não, mas disse ainda agora, foi em 54. 1954.

Amanda – Foi com 54 anos, né?

Armando – Em 1954.

Amanda – Não, 54 anos era o que o senhor tinha.

Humberto – É, eu anotei assim.

Amanda – Em 1954 o senhor tinha quantos anos? 33? O senhor tinha se aposentado com 53 anos?

Armando – Não. Mais. Tem alguma coisa errada aí.

Humberto – O senhor nasceu em 21?

Armando – 21 de abril

Amanda – 21 de abril de 1921.

Armando – Eu nasci em 1921, em 21 de abril de 1921.

Humberto – Daí em 1933, quando estava com 12 anos foi para Santa Maria?

Armando – Já tava na Viação Férrea. Como limpador de locomotiva.

Humberto – O senhor entrou com que idade Viação Férrea?

Armando – Tinha nove pra 10 anos.

Humberto – E todo esse tempo contou pra aposentadoria?

Armando – Todo o tempo, desde a entrada. Inclusive até com as horas extras contava pra aposentadoria.

Humberto – Então o senhor se aposentou cedo.

Armando – Sim, sim.

Humberto – Entrou cedo, tinha hora extra, tinha adicional noturno, tudo isso teve que contar pra aposentadoria.

Armando – Porque inclusive o tempo do exercito era contado para a aposentadoria.

Humberto – Era contado em dobro ou normal?

Armando – Em dobro, porque eu peguei época de guerra.

Humberto – Então o senhor se aposentou em 1954?

Armando – Foi, 54.

Humberto – Aí, veja bem, o senhor nasceu, tinha terminado uma guerra. Quando o senhor era criança ainda falavam nessa guerra?

Armando – Sim. Em **[ININTELIGÍVEL]** no Rio Grande. E nossa casa era um pouco afastada do centro. E era muito grande. Tinha galpão grande E a gente abrigou muita gente na nossa casa, que vinha fugido da cidade. E a gente ouvia aquelas balas passando “zummmmm”.

Humberto – Mas isso era já referente à revolução de 34. Mas, com relação à primeira guerra mundial, o povo ainda falava nela?

Armando – Ah, bastante.

Humberto – O que falavam?

Armando – Ah que houve muita... como é que se diz? Judiaram muito com prisioneiros, porque prisioneiros eram muito mal tratados. Pessoas que trabalhavam, que eram favoráveis aos guerristas, os revolucionários, sempre davam um jeitinho de sair na rua depois.

Humberto – Como é que o senhor lembra... como era sua vida de criança? Toda a cidade tem sua escola, suas ruas, sua igreja... Mas, assim, oh, com nove anos o senhor já tava empregado...

Armando – Mas nisso eu já tava empregado. E de criança freqüentava muito a igreja. Igreja Batista Sueca. Aí a gente tinha uma vida mais ou menos, era muito comportado. Não podia ir ao cinema, não podia ir ao futebol. Não tinha televisão.

Humberto – Em criança o senhor, ia nessa Igreja Batista Sueca. E, aí, como era a vida da criança na igreja?

Armando – Eu acho que era muito oprimida. Não podia jogar futebol, não podia ir ao cinema. Era pecado.

Humberto – E o seu pai participava da igreja também?

Armando – Participava, participava da igreja também.

Humberto – Ele, já em Uruguaiana, participava?

Armando – Não, em Bagé, em Rio grande.

Humberto – Em Rio Grande... Então, não tinha cinema, não tinha futebol. E qual era o lado bom?

Armando – O lado bom? Quando a gente dava uma fugidinha, ia jogar futebol, arrumava quatrocentos reis pra ir ao cinema escondido.

Amanda – O senhor fazia umas artes também, né?

Armando – Ah fazia. Com certeza, né, ir ao cinema. Quatrocentos reis, na geral.

Humberto – Como era? De madeira?

Armando – É, era um banco comprido de madeira, o pessoal vinha se sentar. Só que ele era assim caído, para ter visão da tela. Eu gostava de futebol, mas tinha umas época que eu era meio driblador e de vez em quando os caras me chutavam no meio das canela.

Humberto – E como fazia quando chegava em casa machucado do futebol?

Armando – Apanhava! Naquele tempo o chicote pegava a gente. Inclusive, na nossa casa tinha um poço, cada vez que eu achava o relho da mãe, porque o pai não batia, né?, era só a mãe, Eu atirava o chicote dela no poço.

Humberto – Se fosse tirar depois, tinha uns quatrocentos chicotes lá dentro.

Amanda – E depois os filhos também fizeram isso para os filhos deles, né? (Risos)

Armando – Sim. (Risos)

Humberto – Então, a educação era braba?

Armando – Era rígida, acho que até demais. Não era muito de diálogo, era pau-pau, ferro-ferro e pronto.

Humberto – E como era lá com os pastores? Todo aquele...? Eles vinham de outra realidade eles vinham da Suécia.

Armando – Sim vinham da Suécia.

Humberto – E como eles chegaram aqui? E passaram as regras de vida deles?

Armando – Eles procuravam levar a pessoa na linha. Pra evitar abusos, pecados, essas coisas assim. Tanto é que ate hoje eu nunca bebi. Uma, por causa daquilo e outra porque eu via os exemplos de outros que bebiam e estragavam a vida.

Humberto – Mas essa igreja era ligada com a Viação Férrea?

Armando – Não, era à parte.

Humberto – E o Senhor Se manteve nessa igreja?

Armando – Até eu ter uma desilusão com um certo tipo de pastor. Eles começaram a criar pastores no Brasil. Eles faziam qualquer sujeira, assim, que a gente vai se desiludindo. Não com Deus, mas com a igreja, com aquele tipo de igreja. Assim como tem até hoje em todas as religião, tem os bons.

Humberto – E para a sua vida de operário, a questão de ter freqüentado a igreja, tinha uma relação com a vida operária ou não tinha, como é que era?

Armando – Freqüentava a igreja aos domingos, escola dominical. Curso à noite. Isso era dia de folga, quando tava de serviço não podia, né? Porque a gente às vezes trabalhava de dia, às vezes à noite. Dependendo do serviço.

Humberto – Na vida operária, quais são as virtudes que um homem, ou no caso, uma mulher, tem que ter pra ser um bom operário? O que era exigido pra ser considerado um bom operário?

Armando – Ser sério e ter responsabilidade.

Humberto – Ahã. Alguns eram sérios e tinham responsabilidade e outros não. Normalmente, de onde que essa pessoa trazia pra a vida operária essa noção de seriedade e responsabilidade?

Armando – Do próprio lar. Da própria casa. Porque eu acho que o lar é a base de toda a formação de uma pessoa, apesar que a tendência é que alguém dê ruim, né? Ainda eu acredito muito no lar.

Humberto – Mas, no lar existe aquela atitude de educação...

Armando – De educação, respeito aos mais velhos, aos pais e até à própria criança, né? Sempre com respeito.

Humberto – Do que o senhor lembra de quando o era criança, quando que o senhor começou a ter idéias próprias? Quando que o senhor começa não só a obedecer aos mais velhos, mas também a ter suas próprias idéias?

Armando – Quando eu resolvi ir pra Santa Maria. Que, aí, o chefe da oficina perguntou se eu queria ir pra aprender o ofício e eu disse que sim, eu lidei com responsabilidade. Eu quis e passei bem.

Humberto – O senhor com 12 anos, então, respondeu pro chefe que queria ir e depois foi dizer pra sua família que tinha concordado.

Armando – Que tinha concordado.

Humberto – Qual foi a reação da família?

Armando – Ah a mãe não queria, mas o pai se aconselhou com outros que já tinham ido. E disse que era uma boa relação, que lá a gente tinha hospedagem, colégio, comida, tinha tudo. Esse colégio da Viação Férrea, né?

Humberto – E outro colégio da Viação Férrea ele ainda existe?

Armando – Existe o colégio, mas não é mais da Viação Férrea.

Humberto – Ah, não?

Armando – Ele não era da Viação Férrea, era dos padres maristas. Ele era cedido aos padres maristas.

Humberto – Ele continua com esse nome?

Armando – Sim continua.

Humberto – Qual era a escola que tem lá que tem um nome que parece francês?

Armando – Em Santa Maria?

Humberto – Sim, escola de artes e ofícios. Achei... Hugo Taylor.

Armando – esse eu não lembro. Do Taylor eu não lembro.

Humberto – Vou ter que recompor essa historia, saber se trocou de nome, se eram dois. Mas, na sua época, o senhor lembra que tinha o artes e ofícios. Se falava em algum outro?

Armando – Que eu me lembro, não.

Humberto – Mas específico, de artes e ofícios.

Armando – Era lá nesse Emilio Ribas.

Humberto – Daí, o senhor veio de Bagé pra Santa Maria pra estudar?

Armando – Sim.

Humberto – E aí o senhor encontrou... Dentro da Viação Férrea continuava com o sistema de chefia e dentro da escola com o sistema de professores especializados.

Armando – Especializados.

Humberto – Como é que era isso? O senhor estudava e trabalhava e tinha outros alunos que só estudavam?

Armando – Tinha.

Humberto – Como é que o senhor via isso?

Armando – Ah, eu achava que eram uns boa vida, né? Não precisavam trabalhar. Porque a minha vontade foi sempre trabalhar pra formar a profissão, inclusive pra ajudar a família, né? Porque a nossa família era grande.

Humberto – O senhor acha que naquela época tinha mais criança estudando e trabalhando e menos que só estudava ou tinha mais que só estudava e menos que estudava e trabalhava. Qual era a função maior?

Armando – Acho que tinha menos que estudava e trabalhava.

Humberto – A maior parte só estudava? E como é que era essa coisa das notas? Trabalhando, sobrava pouco tempo para estudar.

Armando – Eu sempre tive notas boas, de regular a boas. Nunca rodei.

Humberto – Era interno?

Armando – Sim, o Santa Maria era interno.

Humberto – Como era o sistema de horários lá dentro?

Armando – Era rígido. Quase um quartel. Depois das oito, silencio. Quando não tinha aula de noite. 6:30 de pé já pro café.

Humberto – Silêncio, mas já dormindo ou estudando?

Armando – Podia ficar deitado estudando, só que tinha que ficar em silêncio, pra não atrapalhar os outros. Mas a gente sempre fazia safadeza, botava um palitinho assim na testa de quem tava dormindo assim, aquilo queimava. As brincadeiras de colégio...

Humberto – E pular o muro, o senhor pulava?

Armando – Não me lembro.

Humberto – Também era muito novo. E a idade máxima qual era?

Armando – Eu não me lembro, mas tinha limite de tempo pra cada escola, se rodasse muito não ficava mais.

Humberto – Provavelmente na idade de 15, 16 anos ou o senhor lembra de algum que tivesse, assim, 18, 20 anos?

Armando – Não, não me lembro. A maioria era filho de classe média, nessa escola, que já era própria pra formar o artífice. Tinha carpintaria, mecânica, eletricitista, soldador. Inclusive, nessa escola eu aprendi a tornear, a soldar. Naquela época a solda ou era na forja ou era no oxigênio, só. Não tinha de outro jeito.

Humberto – A solda na forja e aquela que faz aquela... Como chama?

Armando – Passa carvão nos ferros, né, e atira um pouquinho de areia...

Humberto – Depois esquentam as pontas...

Armando – Malha ele até ele grudar bem, botando areia sempre...

Humberto – Para depois dar a liga...

Armando – Era o que se usava, eu nunca procurei saber porque areia.

Humberto – Por que a têmpera em óleo, em azeite de mamona, de oliva?

Armando – Depende, né? A têmpera para o aço, para ele ficar duro era água. Para ele ficar mole ou fazer o nó, era o óleo. E depende do calor que se dava no ferro para dar a têmpera. Por exemplo, o azul era uma têmpera mais fraca, a gente esquentava o aço e ali vai esperando, esperando, limpando ele e vai esperando. Quando dá o azul, se a gente queria para mola, botava no óleo, quando era ferro para cortar ou para bater, mete na água. Aí endurecia mesmo o aço.

Humberto – Mas, mesmo assim, ele ficava com cascãozinho em cima, né?

Armando – Sim, aí depois tinha que esmerilhar, lixar, limar.

Humberto – E tudo isso era o mesmo operário que fazia?

Armando – Tudo o mesmo. Mas tinha os ferreiros, tinham os soldadores...

Humberto – Mas se ele era ferreiro, tinha que fazer todas as operações?

Armando – Daí, ele dava a peça em bruto para ferramenteiro e o ferramenteiro terminava o troço. Compreendeu agora?

Humberto – O que precisava ir para o torno ia para o torno, senão ia para a lima?

Armando – Macacos, não existiam macacos hidráulicos. Era tudo com catraca, tudo puxado a alavanca, para levantar as locomotivas.

Humberto – Quantos homens no macaco?

Armando – Às vezes chegava a cinco, seis. Botava um cabo cumprido de aço e ali... (risos). Era uma catraca, né?

Humberto – Também, eram tudo (sic) atletas? (Risos)

Amanda – Não tem uma foto, vô?

Armando – Eu tenho, mas não sei onde tá. Inclusive, a foto é numa locomotiva. Eu tenho as fotos das locomotivas aí. Tem naquele livro que eu ganhei. No meu aniversário, o sindicato me mandou um livro sobre a Viação Férrea.

Humberto – E esse livro é publicação do Sindicato?

Armando – Deve ser do sindicato. Deixa eu ver se acho o livro aí, vou ver se acho o livro, só um minutinho.

Humberto – Então, o senhor foi construindo a sua própria história na escola e na Viação Férrea, sempre em contato com os pais, tudo isso, mas a partir do 12 anos o senhor começou a dar um rumo na sua vida, né?

Armando – Mas, inclusive até antes de casar, recebia o vencimento da Viação Férrea e tinha que botar ali em cima da mesa. Minha mãe é que controlava.

Humberto – E isso com que idade?

Armando – Uns 18 anos, 19 anos... Ela controlava o ordenado da gente.

Humberto – E vocês eram quantos filhos?

Armando – Seis filhos.

Humberto – Tinha algum mais novo do que o senhor?

Armando – Mais novo só esse que tá agora aqui. Dois faleceram em acidente na própria Viação Férrea.

Humberto – Era comum morrer operário em acidente?

Armando – Era comum, muito comum. Especialmente quando vieram locomotivas francesas e americanas. Porque as locomotivas alemãs tinham conjugação, que a máquina se dobrava, fazia as curvas direitinho, e as francesas e as americanas, era uma longarina só. Quando chegava nas curvas, elas não venciam fazer a curvas e saiam dos trilhos. Aí dava muito acidente.

Humberto – Elas não eram articuladas, eram só engatadas?

Armando – Sim, uma longarina só. Não encaixa no chassis.

Humberto – Em cada vagão era um engate.

Armando – Um engate, com mangueiras com freio a vácuo.

Humberto – Mas o acidente se dava ainda na dobrada.

Armando – Geralmente nas curvas.

Humberto – Na própria locomotiva ainda?

Armando – Na própria locomotiva e dali ia pegando vagão. Aqueles engates eram feitos de forma a desengatar, mas às vezes não desengatava, pela velocidade, e acompanhava a locomotiva. No principio não era freio a vácuo, era uns guarda-freio que tinha que subir em cima do vagão e apertar com manivela até arrochar o feio. Depois é que veio freio a vácuo.

Humberto – O freio a vácuo veio antes da guerra ou depois da guerra?

Armando – Um pouco antes da guerra.

Humberto – O que se falava, teve a revolução de 30 e tal e aí? Acaba a revolução, tava tudo em paz ou já tinham medo da outra guerra?

Armando – Primeiro tava tudo em paz, depois começou aquelas revoluções aqui no Brasil. Com a ida do Getúlio, com a queda do Getúlio, queda do Washington Luis, com a queda do Jango.

Humberto – Mas naquela época lá, logo que o Getúlio assumiu a primeira vez, na revolução de 30?

Armando – Foi muito bom, porque fez as leis trabalhistas, ele com o Alberto Pasqualini, né? E Rui Ramos, que era um grande orador e era revolucionário também, né? A gente ia aos comícios, com o Rui Ramos falando, o Getúlio não era de muita... Quer dizer, falava bem, mas esse Rui Ramos era poeta, ele empolgava o povo mesmo.

Humberto – O operário se empolgava, em geral, quando ele ouvia que tipo de mensagem do orador?

Armando – Por exemplo, a gente sempre acreditou no Getúlio pelo trabalhismo que ele fundou o PTB, a gente inclusive tinha até as moedinhas com a cara do Getúlio. Eu fazia distintivo daquilo com alfinete para vender. Teve também uma passagem que teve na minha vida e isso também me marcou. Tinha umas moedas de cinco mil réis que tinha prata e eu fiz o molde da moeda e comecei a fazer aquelas moedas. Um dia para a minha surpresa, mas eu não usava ela como dinheiro, atirava dentro de casa, atirava lá em baixo só para ver o cara juntar, e um dia fui chamado pelo inspetor, que tinha um camarada que eu não sabia que era da polícia. O inspetor me chamou e disse: - Me diga uma coisa, tá aparecendo moeda falsa aí! Éramos dois guris, eu e um guri chamado Pai João. – E me disseram que o senhor tem qualquer coisa a ver. O senhor sabe quem está fazendo?

- Sim e sai bem direitinho. Eu fazia com metal, parecido com prata.

- Inspetor: Tem alguma aí?

- Não, mas é ligeiro de fazer.

Foram comigo lá na forja, esquentei o metal derreti, soltei no “cadinho”, botei água, saiu a moeda. Fomos para o escritório: - O senhor não me faça mais isso, não vou lhe prender porque é uma criança, mas isso é um crime.

Humberto – O senhor tinha que idade?

Armando – Acho que uns 10, 11 anos.

Humberto – Isso ainda em Bagé?

Armando – Ainda em Bagé. Com as moedas de prata, mas não por maldade, porque eu achei que podia fazer.

Humberto – Mas então isso mostra que a vida do operário tem uma parte que é ensinada e tem uma parte...

Armando – Que é criada pelo próprio operário.

Humberto – E como é que o senhor vê essa questão do saber operário?

Armando – Vai tudo da boa vontade e da inteligência, não é? Porque vem os engates para vagão um no outro, indo até a locomotiva, não é? Tinha um modo especial de soltar, porque ele era fácil de trocar, às vezes quebrava um e tinha que trocar. Também, quase apanhei por causa disso. Tinha uma ajustador velho, o nome dele era Rubens Caxias, era para ele trocar uma unha dessas. Ai, ele foi trocar e não podia encaixar, tinha uma jeitinho para encaixar, uma dobrinha que a gente fazia um jogo nas mãos. O chefe de depósito me chamou: O senhor sabe engatar isso aí? Eu disse: -Sei. Ele era mais velho que eu, eu era um guri. Eu disse: - Mas aí tem um jeitinho, Caxias. Disse: - Seu Caxias! Naquele tempo era senhor e senhora, pra cá e pra lá.

Humberto – Mesmo as crianças?

Armando – Mesmo as crianças. É respeito sempre, tinha o senhor... Agora não, eu vejo professor com aluno, aluno com o professor, tu é isso. Na minha época não tinha isso não.

Humberto – Pois é, então, ia se construindo esse saber operário e ao mesmo tempo continuava a vida em família.

Armando – Sim, a vida em família.

Humberto – E aí, como é que o senhor...

Armando – Depois casei, fui para a minha casa, comprei uma casa. Primeiro ganhei uma da Viação Férrea, depois comprei uma, tipo duma chacrinha, fui morar naquela chacrinha, depois fui para Uruguaiana, depois vim para Porto Alegre e acho que vou terminar meus dias por aqui.

Humberto – Quando o senhor comprou essa casa aqui no IAPI, o senhor ainda estava trabalhando em Santa Maria?

Armando – Não. Já tava em Porto Alegre.

Humberto – Já estava aposentado?

Armando – Já tava aposentado, também. Tava aposentado, mas trabalhava na Livraria do Globo. Depois de aposentado eu trabalhei muito tempo na Livraria do Globo.

Humberto – O senhor se aposentou então em 54?

Armando – Sim.

Humberto – O senhor levou muito tempo até trabalhar na Livraria do Globo?

Armando – Não. Quando eu me aposentei eu comprei um carro e fui para Uruguaiana. Trabalhava no transporte de passageiros entre Uruguaiana e Libres, na Argentina.

Humberto – Passageiro de contrabando, né? (Risos)

Armando – É. Eu tinha um Ford 51, era um dos melhores que tinha naquela época. Então, tinha preferência até com os passageiros. Quando era aqueles chibates que carregavam muita tralha eu não deixava subir no carro.

Humberto – Mas o senhor levava passageiro?

Armando – Levava um e trazia outro e assim passava o dia inteiro.

Humberto – E o pneu, onde entra nisso?

Armando – O pneu a gente comprava na Argentina, era mais barato. Aqui era difícil, era difícil o pneu e era caro.

Humberto – Ia de pneu careca e voltava com um novo.

Armando – Ia de pneu careca e voltava com um novo. Sempre juntava pneu careca para ir lá e trocar, né?

Amanda: E a farinha também, né?

Armando – A farinha a gente comprava lá, né? Levava para lá açúcar. Trazia de lá a farinha, o queijo, a banha... O óleo era mais barato, sempre, na Argentina.

Humberto – Aí o senhor veio para Porto Alegre?

Armando – Vim... A minha mãe morava com os meus irmãos em Porto Alegre e começaram, sabe como é a família: vem para cá, vem para cá, vem para cá. E eu já tava começando a passar um trabalho grande porque me dava muito com o chefe da Aduana, porque ele tinha uma amante em Uruguaiana, o Argentino esse chefe da Aduana. E uma noite andavam procurando ele lá em Uruguaiana. Eu estava na praça, sentado: - Não viu o Dalmeda por aí? Eu digo – Não sei onde ele tá. Aí fui na amante dele, peguei ele e levei para Argentina. Ali depois eu passava o que eu queria, mas tinha gente que não gostava. Tinha aqueles, como é que chamavam, “Gendarmes”, aí um dia ele me cassou. Queria entrar na Argentina, fui lá no Dalmeda, mandou devolver imediatamente. Ficou com uma raiva de mim. E outra vez, estava um chofer de praça preso na Argentina, num domingo de manhã. Eu disse para minha esposa: eu vou lá na Argentina comprar um frango assadinho. Era bem baratinho naquela época, né? Quando eu fui, eu vi aquele preso varrendo a rua lá na Argentina. Eu disse: Oh, botam os caras no serviço. Mais adiante, eu vi o guarda no boteco lá, tomando vinho. Não teve dúvida, na volta parei o carro e disse: - Te abaixa aí, e passei na Aduana. A gente vai ver muita aventura lá em Uruguaiana. Uma vez os fuzileiros navais, eu fui buscar um contrabando de uma máquina de costura, para fora de Uruguaiana, era um lugar para fora e me avisaram, olha os fuzileiros estão aí na beira do mato. Aí, um foi para lá, no

mato, os fuzileiros viram, foram atrás e eu voltei, derramei açúcar no tanque de gasolina. Quando o jipe deles ligou e o açúcar trabalhou, parou o jipe. Eu fiz arte, também. Mas tudo isso a gente aprende com a vida. É lição de vida, né? Não que não fosse maldoso, mas eu não queria ser preso por isso. Ainda mais no Brasil. Pois, oh, que os fuzileiros navais foram para Uruguaiana. Eles eram muito durões.

Humberto – Isso era em que época?

Armando – Deixa eu ver? Eu acho que era o Getúlio ainda. Era o Getúlio ainda, que pôs os fuzileiros navais no Rio Grande do Sul. Rio Grande, Quaraí, toda a fronteira com a Argentina.

Humberto – Mas então o senhor se aposentou...

Armando – Comprei um carro e fui trabalhar.

Humberto – Foi mais ou menos assim, na época da morte do Getúlio, que o senhor se aposentou?

Armando – Antes um pouco.

Humberto – O senhor se aposentou no primeiro semestre ou no segundo semestre?

Armando – No primeiro semestre.

Humberto – Aí o senhor foi para Uruguaiana?

Armando – Depois vim para Porto Alegre.

Humberto – O senhor lembra quantos anos ficou lá em Uruguaiana?

Armando – Lá fiquei pouco... Depois de grande, né? Fiquei seis, sete anos, lá em Uruguaiana.

Humberto – Quando o senhor veio para Porto Alegre era governo de quem? Do Jango?

Armando – Não, do Getúlio, porque eu me lembro que o dia em que o Getúlio se matou eu já estava na livraria e fui ver aquele quebra-quebra aqui na cidade e botaram fogo no diário de notícias, no jornal que tinha aqui. Na Última Hora, em vez da Zero Hora era a Última Hora, um jornal comunista. Isso aí eu me lembro bem. A livraria não queria soltar os operários depois.

ANEXO 11

ENTREVISTA 8

Armando Dornelles, em 22/10/2007

ENTREVISTA 8

Armando Dornelles, em 22/10/2007 – Sala da casa do Sr. Armando, no Conjunto IAPI, Porto Alegre. Presença da estudante do curso de graduação em ciências sociais da UFRGS, Vanessa Gil, que faz fotos e auxilia na gravação. Entrevista gravada.

Entrevista com Armando Dorneles em 22 de outubro de 2007

Humberto – Seu Armando, naquela nossa entrevista o senhor se referiu ao seu avô, o senhor conheceu ainda seu avô?

Armando – Não, eu era pequeno quando sai de Uruguaiana, ele morreu numa rodada de cavalo, o cavalo caiu quebrou o pescoço e ficou em cima dele.

Humberto – Isso antes do senhor nascer?

Armando – Eu era muito pequeno.

Humberto – Na família, vocês conversavam sobre a pessoa dele, o senhor tem maiores informações de como era o trabalho dele?

Armando – Ele era capataz de uma fazenda em São Borja, depois então que nós fomos pra Rio Grande, a gente perdeu o contato com ele.

Humberto – Quando ele morreu, o senhor sabe quantos anos ele tinha?

Armando – Não me lembro.

Humberto – Não sabe também... Quando o senhor nasceu, qual deveria ser a idade dele ?

Armando – Ele já era um homem bem maduro, devia de ter uns 65 a 70.

Humberto – O senhor sabe um pouco da história da família dele, ele é descendente...?

Armando – Meu bisavô era de Ilhéus, na Bahia. Depois, pouco eu soube.

Humberto – E o senhor sabe, nessa vinda do seu bisavô, se ele era homem livre, se não era, como que foi a história da família?

Armando – É. Ele era um homem livre.

Humberto – Era homem... já veio de lá livre... E seu pai, não falava muito sobre o pai dele?

Armando – Não. Muito pouco, eu não me lembro.

Humberto – O senhor não sabe qual era a religião do seu avô?

Armando – Não sei.

Humberto – E quando o senhor era pequeno, o senhor se lembra qual era a religião do seu pai?

Armando – Sim, era batista.

Humberto – Era batista, já era batista... Desde que o senhor se lembra sempre foi batista?

Armando – Sempre foi batista.

Humberto – Mas, não sabe se o seu avô também era batista?

Armando – Não.

Humberto – Bom, aí o senhor também ficou na religião até uma certa idade. Até que idade mais ou menos o senhor ficou?

Armando – Frequentando mesmo a igreja, até uns 50 anos.

Humberto – O senhor ainda era da Viação Férrea quando o senhor diminuiu a frequência à igreja?

Armando – Era, ainda era da Viação.

Humberto – O senhor nasceu mesmo em que ano?

Armando – 1921.

Humberto – E, na década de 70, o senhor ainda freqüentava a igreja ?

Armando – Sim.

Humberto – O senhor foi trabalhar na Livraria do Globo quando?

Armando – Eu me aposentei na Viação Férrea, tive uns anos parados e depois foi pra Livraria do Globo. Acho que até quarenta, logo depois da revolução do Brizola, eu deixei a Livraria.

Humberto – O senhor se lembra assim qual era... o seu pai quando saiu de Uruguaiana, ele era carpinteiro e já era da Viação Férrea?

Armando – Não, não... era da Rheingantz, quando a fabrica mudou de Uruguaiana para Rio Grande, ele foi acompanhando a fabrica, era uma fabrica de tecido.

Humberto – Ele continuou na fabrica durante muito tempo?

Armando – Muitos anos, mas depois veio uma crise, não me lembro que ano... Aí a minha mãe e ele conheciam o Flores da Cunha, por intermédio dele, que era governador, que ele veio para a Viação Férrea.

Humberto – E na Viação Férrea, qual foi o primeiro lugar que ele trabalhou?

Armando – Sempre na carpintaria.

Humberto – Mas, em que cidade?

Armando – Bagé.

Humberto – Bagé, já foi... a primeira vez, já foi em Bagé?

Armando – No Rio Grande. Naquela época, acho que foi em 30, de Rio Grande já vim pra Bagé, Viação Férrea.

Humberto – O senhor se lembra dessa viagem? De Rio Grande pra Bagé? O senhor tinha quantos anos, nessa época?

Armando – Eu era pequeno, mas, eu me lembro que viemos num vagão, a família optou em fazer a mudança naquele vagão, então nós viajamos ali, no mesmo vagão, aí estaria lá cama, fogão, essas coisas.

Humberto – Então, a sua mãe conhecia o Flores da Cunha?

Armando – E o pai também, os dois.

Humberto – E eles falaram com Flores da Cunha onde?

Armando – Aqui em Porto Alegre, vieram aqui pra falar com ele.

Humberto – E falaram na casa dele? Sabe o que falaram, o senhor sabe como que foi?

Armando – Primeiro eles tentaram falar com ele no palácio e não conseguiram, e daí minha mãe foi por intermédio, não me lembro... parece que era o Fernando Ferrari, conseguiu a entrevista com ele.

Humberto – E essa entrevista, sabe em que lugar foi?

Armando – No palácio, no próprio palácio.

Humberto – Aí, do palácio, então, seu pai já foi empregado?

Armando – **[ININTELIGÍVEL]**

Humberto – A Viação Férrea era federal ou estadual?

Armando – Era federal. Mas era arrendada ao estado,

Humberto – E aí, lá em Rio Grande, vocês freqüentavam a Igreja Batista?

Armando – Sim.

Humberto – E a vinda pra Bagé? Continua... Sempre foram da igreja batista?

Armando – Sim.

Humberto – O senhor se lembra mais ou menos, assim..., como que eram as falas do pastor? Quais eram as recomendações, os sermões...

Armando – Geralmente tinha cultos, terça era oração, quarta era assuntos, e domingo cultos.

Humberto – É...

Armando – Isso é **[ININTELIGÍVEL]** do evangélico.

Humberto – E tinha escola dominical?

Armando – Tinha escola Dominical.

Humberto – A escola dominical era pra adulto e crianças?

Armando – Crianças.

Humberto – Só crianças?

Armando – As vezes, adultos freqüentam.

Humberto – E o senhor se lembra quais eram os temas tratados, na escola dominical?

Armando – Era sempre uma coisa que, como eu vou dizer, entrasse mais na idéia da criança, com mais facilidade, aprender os mandamentos de criança.

Humberto – O senhor se lembra, mais ou menos, assim uma coisa que foi importante, que marcou na escola dominical?

Armando – Não.

Humberto – Quem é que era... quem gerenciava, quem dava aula na escola dominical?

Armando – Era um Pastor Sueco, João **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Ele também era quem fazia a pregação dos cultos?

Armando – Ah, era ele mesmo, a escola dominical ele também.

Humberto – Sobre essa questão do trabalho, o que o senhor se lembra que ele falava na igreja?

Armando – Ah, o trabalho... era que o homem teria que viver com suor do rosto dele, sempre foi assim pro trabalho.

Humberto – Ele tratava dos temas, por exemplo..., honestidade, por exemplo?

Armando – Claro, claro...

Humberto – Sempre era tratado, aí, quando foi a sua vez de ir para a Viação Férrea, quem é que lhe arranhou o trabalho na Viação Férrea?

Armando – Foi meu pai.

Humberto – Já... Foi seu pai...

Armando – Já era carpinteiro da Viação Férrea.

Humberto – E o senhor foi inicialmente pra qual seção?

Armando – Fui pra limpeza de locomotiva.

Humberto – Limpeza de locomotiva...

Armando – Depois consegui uma bolsa **[ININTELIGÍVEL]** em Santa Maria pra aprender mecânica.

Humberto – Aí, com essa bolsa, passou quantos anos em Santa Maria?

Armando – 6 anos.

Humberto – 6 anos. E lá em Santa Maria, é... Não, a pergunta que eu quero fazer é: as férias como eram? As férias escolares.

Armando – 30 Dias.

Humberto – E passava aonde?

Armando – Bagé ou nós então ia a Uruguaiana visitar parentes.

Humberto – E nessa, nesse tempo, por exemplo assim ó, o senhor gostava de futebol?

Armando – Gostava, e a Igreja era contra.

Humberto – (Riso) Aí, como que fazia?

Armando – Ah, eu ia escondido.

Humberto – (Riso) Como que eram essas traquinagens? Assim, como que o senhor...

Armando – Arrumava uma desculpa que ia passear, uma coisa ou outra, mas ia jogar futebol, até que um dia estourei o tornozelo, tive que voltar pra casa, e exato.

Humberto – Aí, como foi a chegada em casa?

Armando – Primeiro foi uma sovinha de relho, e depois, muito obrigado.

Humberto – Primeiro foi **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – Primeiro foi.

Humberto – O senhor me contou aquelas histórias das moedas feitas...

Armando – Ahã!

Humberto – Tem outras histórias assim? Outras traquinagens assim no serviço?

Armando – Não, no serviço não.

Humberto – Uma vez o senhor me contou dum canhão que o senhor fez.

Armando – Fiz.

Humberto – Mas essa não tem gravada, não sei se o senhor tem lembrança.

Armando – É. Eu peguei um cano que era de telefone e alarguei bem o fundo não é, fiz um buraquinho, tinha furadeira, carreguei pólvora, pedra, tudo que eu achava, botei numas tuna, assim

Humberto – Que idade o senhor tinha?

Armando – Acho que eu tinha uns 9,10 anos.

Humberto – Aí, como que foi o resto da história?

Armando – Ah, eles viram que era traquinagem de criança. Aí chamaram o pai pra buscar.

Humberto – (Riso) Mas isso foi antes de o senhor entrar na Viação Férrea?

Armando – Não, eu já estava lá, entrei cedo na Viação Férrea.

Humberto – O senhor entrou com quantos anos?

Armando – Acho que uns 8 anos.

Humberto – É, mas tinha diferença entre trabalho de criança e trabalho de adulto, lá na Viação? Por exemplo, que tipo de trabalho eles não podiam dar pra uma criança?

Armando – Trabalho perigoso ou pesado.

Humberto – Por exemplo.

Armando – Que oferecesse perigo, como lidar com pólvora ou ferro muito quente.

Humberto – Hum. O senhor, inicialmente, trabalhava na limpeza.

Armando – Na limpeza.

Humberto – Mas ali **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – Não, era só limpeza.

Humberto – Só limpeza... Com que idade o senhor se lembra de começar a fazer outro serviço que não fosse só limpeza?

Armando – Foi depois que eu consegui um curso em Santa Maria, eu era ajustador de bancada, aí comecei a fazer serviços gerais, da mecânica.

Humberto – Hum. Aí trabalhou...

Armando – Até a aposentadoria.

Humberto – Até a aposentadoria. Pois é, o senhor ficou, vamos dizer assim, na atividade de ferroviário, freqüentando a igreja, mas tinha algumas coisas da... da... o senhor falou, parece, que lutava por direito trabalhista, alguma coisa assim.

Armando – Sim, tinha muita greve, muita greve.

Humberto – O senhor logo assim que entrou começo a participar ou tinha uma idade pra começar a participar das atividades... de greve... atividade de **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – Não, não tinha idade, entrou, 8 horas já ia pra... e justamente nas greves, tinha direito de morar no recinto ali, um carpinteiro, um mecânico, um eletricitista, um foguista, um torneiro, e eu ganhei uma casa como mecânico.

Humberto – Hum, como mecânico, isso com que idade?

Armando – Acho que eu tinha quase 20 anos.

Humberto – 20 anos, e nessas atividades assim, o senhor se lembra quais eram as lideranças do sindicato que andavam por lá que.

Armando – Não, só tinha a Associação dos Ferroviários.

Humberto – Ah, não tinha ainda sindicato, o senhor se lembra quando começou a ter sindicato?

Armando – Não me lembro.

Humberto – Não lembra... Nessas greves o seu pai ainda era ferroviário?

Armando – Era.

Humberto – Ele também parava?

Armando – Parava, parava. Quando não parava, faziam parar.

Humberto – (Riso) Como era, assim, fazia parar?

Armando – Assim, impedia outros de trabalha.

Humberto – uhum.

Armando – Sempre tinha um furão de greve, sempre tem, eu me lembro que uma certa greve eu fui ... no pronto socorro, peguei sabão e graxa, e saindo de Bagé

Humberto – E circulava assim muita gente de fora, assim de... ferroviários de outras regiões iam pra lá ou vocês iam pra outras regiões. Como era?

Armando – Havia muita transferência, eu mesmo fui transferido duas vezes por causa de greve, mas voltava, era, a punição era três meses.

Humberto – Pra onde o senhor foi transferido?

Armando – Fui transferido uma vez pra Cacequi, e outra pra São Gabriel.

Humberto – (Riso) Três meses?

Armando – Três meses.

Humberto – E ia com família e tudo?

Armando – Com família.

Humberto – E voltava com família e tudo?

Armando – Era um vagão pra ida e volta.

Humberto – Mas tinha punição? (Riso)

Armando – Mas nunca em monetário.

Humberto – Sempre de... monetário... E como era fora daqueles momentos de greve? O que os ferroviários conversavam entre eles? Quais eram os assuntos?

Armando – Era variado. O mais era esporte. Naquela época, o jornal saia de Porto Alegre pra Bagé de noite e chegava lá no outro dia a noite, também era um entretenimento e revistas também.

Humberto – Que jornais que eram?

Armando – Era o Correio do Povo e o Diário de Notícias e a Razão, de Santa Maria.

Humberto – E rádio?

Armando – Eu tinha uma galena.

Humberto – Quem foi que fabricou a galena? O senhor mesmo?

Armando – Sim.

Humberto – E o senhor aprendeu a fazer a galena como?

Armando – Vendo outras galenas, tinha um conhecido meu que trabalhava com rádio, ele fazia galena pra vender, só que no interior quase isso aí, só na cidade havia eletricidade, então pra gente se entreter com alguma coisa era galena.

Humberto – Como era a forma de fazer a galena? O que que usava?

Armando – A galena era uma bobina grande com uma pedrinha que a gente juntava, não me lembro o nome da pedra agora, tinha em Lavras do Sul. Com aquela pedrinha ligada num fio, e uma agulha ligada ao fio, procurando na pedrinha até achar uma estação de rádio. A mais ouvida naquela época era Farroupilha, e a rádio de Bagé, né?

Humberto – Essa bobina era comprada?

Armando – Não, a gente fazia de cobre.

Humberto – O senhor se lembra qual foi a primeira vez que chegou esses rádios de válvulas?

Armando – Me lembro.

Humberto – Lembra que época foi?

Armando – Não me lembro a época. Tinha um olho mágico e, quando tava bem sintonizado, aquele olho ficava verde. Era muito bom o rádio, só onde nós morávamos, no recinto onde nós morávamos da Viação Férrea, a corrente era alternada, então queimava porque justamente a gente morava perto onde tinha o **[ININTELIGÍVEL]** que fornecia luz para a Viação Férrea e levantava disparado, estourava os rádios.

Humberto – E esse rádio era de quem? Quem era o proprietário dele?

Armando – Era do meu pai.

Humberto – Do seu pai... Até a que idade o senhor conviveu com seu pai?

Armando – Acho que até 45 anos.

Humberto – E quantos da sua família trabalhavam na rede ferroviária?

Armando – Contando com meu pai, eu e mais 2 irmãos

Humberto – Então vocês eram 4, não tinha tios assim também?

Armando – Não, não.

Humberto – E algum filho seu trabalhou na rede ferroviária?

Armando – Não.

Humberto – E fora o senhor e esses dois irmão, tinha outros irmãos?

Armando – Tinha.

Humberto – Eles trabalhavam em que?

Armando – Naquela época eram pequenos ainda, não trabalhavam, só estudavam.

Humberto – E depois eles foram trabalhar em quê?

Armando – Um morreu num acidente da Viação Férrea.

Humberto – Mas não trabalhava lá?

Armando – Já trabalhava lá, os outros eu não me lembro.

Humberto – E assim, na hora de arranjar emprego, como é que fazia? O senhor foi através do seu pai. E os outros?

Armando – Não tinha concursos, era afileados. A pessoa ia, se inscrevia e, quando via, era chamada.

Humberto – Além desse curso lá em Santa Maria, o senhor fez algum outro curso enquanto estava na Viação Férrea?

Armando – Não.

Humberto – O senhor uma vez falou que gostava muito de ler. Como foi que o senhor adquiriu o gosto pela leitura?

Armando – Começou dentro de casa, porque meu pai gostava muito de leitura.

Humberto – Até que série seu pai estudou?

Armando – Isso eu não sei.

Humberto – Mas ele gostava de ler?

Armando – Gostava.

Humberto – Qual o tipo de leitura que o senhor mais gostou? Até hoje, qual que o senhor gosta mais?

Armando – Quando pequeno, era livros infantis, gibis, essas coisas. Leio bastante a Bíblia e noticiários diversos.

Humberto – E hoje o quê que o senhor gosta de ler?

Armando – Jornal, gosto de fazer palavra cruzada.

Humberto – E livro, qual o tipo de livro que o senhor mais gosta de ler?

Armando – Geralmente, era policial.

Humberto – Romance policial... E hoje, o senhor ainda lê muitos livros?

Armando – Hoje leio pouco por causa da visão, leio pouco, mas cansa a visão.

Humberto – E, por exemplo, teve um tempo que o senhor trabalhou de impressor, o senhor imprimia romance?

Armando – Sim.

Humberto – O senhor gosta de romance?

Armando – Gosto, mas agora não leio mais.

Humberto – Mas naquela época o senhor gostava?

Armando – Gostava.

Humberto – Quais eram os autores assim que o senhor...

Armando – Me lembro bem do Érico Veríssimo, Mario Quintana e alguns outros que eu não lembro.

Humberto – Na atividade política, o senhor foi filiado a algum partido?

Armando – Não, mas sempre gostei do getulismo.

Humberto – Quem era o líder getulista que o senhor gostava mais?

Armando – Olha, lá em Bagé tinha uma professora Ligia, não me lembro o nome, e os outros que também são esquecidos os nomes, Fernando Ferrari era um bom homem, naquela época não existia o Brizola.

Humberto – E entre os ferroviários tinha algum que era getulista?

Armando – A maioria, e alguns comunistas.

Humberto – O Partido Comunista era legal?

Armando – Não.

Humberto – E como que eles se apresentavam, como que ele chegava pra pessoa saber que ele era comunista?

Armando – Eles diziam.

Humberto – E alguns ferroviários também?

Armando – Também.

Humberto – E esses assim, eles tinham algum tipo de jornal do partido, alguma coisa, ou era mais de falar mesmo?

Armando – Mais de falar mesmo, não me lembro de jornal.

Humberto – No Partido Comunista, célebre era o Jorge Amado.

Armando – Sim.

Humberto – Era lido entre os ferroviários?

Armando – Não lembro.

Humberto – Do Dyonélio Machado, o senhor se lembra?

Armando – Não.

Humberto – Voltando à vida do ferroviário... como que... alguns deviam aprender mais a profissão e outros menos, né? Como que era pra acontecer isso de uns...

Armando – Ah, eu acho que era a boa vontade da pessoa, porque, desde quando eu vim pra Santa Maria, fiz o curso, aí voltei pras oficinas de Bagé e deram 2 ajudantes, mas eram homem velhos e eu tinha vergonha de mandar e eles eram preguiçosos, passei um pouco de trabalho.

Humberto – O senhor já trabalhou com algum ajudante de não fosse preguiçoso? Que fosse esperto e aprendesse bem?

Armando – Não, tinha alguns bons. Porque passaram muita gente na mão da gente.

Humberto – Lá em Santa Maria o senhor era aluno, mas pro seu ajudante o senhor era um professor.

Armando – Eu era Ajudante.

Humberto – Quando o senhor tava em Bagé o senhor já era professor?

Armando – Sim, mas era profissional.

Humberto – O ajudante lhe via um professor da profissão.

Armando – Eles não gostavam, porque eu era um guri e eles eram uns homem feitos.

Humberto – Como o senhor vê, assim, um operário ensinando o outro, o que que o senhor acha disto?

Armando – Acho que depende muito da boa vontade de quem quer aprender, porque tem outros que não querem nada com nada, querem somente bater o ponto e se descuidar, tavam dormindo lá.

Humberto – O senhor lá na infância gostava de futebol e, quando o senhor mudou pra cá, o Zequinha ainda era um grande time, como que era aí a...

Armando – Eu era até sócio.

Humberto – Ah o senhor era sócio do Zequinha?

Armando – Do Zequinha, mas sempre fui colorado.

Humberto – Mas como era o [ININTELIGÍVEL], o senhor se associou antes de vir pra cá ou já estava aqui?

Armando – Eu já tava aqui.

Humberto – Naquela época ele já tinha aquela churrascaria também?

Armando – Não, não.

Humberto – Como era o clube na época? Ele era assim [ININTELIGÍVEL].

Armando – Mais era moradores aqui da rua.

Humberto – Ele foi fundado por moradores daqui ou ele foi fundado antes? O senhor se lembra?

Armando – Não lembro, mas acho que foi antes.

Humberto – E os jogadores? Naquela época já era profissionalismo ou era amador ainda?

Armando – Tava começando o profissionalismo, tanto é que o Zequinha trouxe uma turma de jogadores do Rio, aonde veio [ININTELIGÍVEL] e outros que eu não me lembro.

Humberto – Nessa fase do futebol amador tinha aqui [ININTELIGÍVEL] os moradores em geral eram operários, né?

Armando – Geralmente operários.

Humberto – E tinha gente daqui que era jogador do Zequinha?

Armando – Tinha um que agora ele é deputado ou vereador, e era morador da rua e tinha mais também, mas não lembro bem.

Humberto – Como era a vida aqui quando o senhor chegou?

Armando – Em Porto Alegre?

Humberto – Não na Vila.

Armando – Era boa, boa vizinhança, a gente se dava bem com os vizinhos, era uma vida sossegada.

Humberto – Como que vocês... Costumavam fazer o que? Como faziam?

Armando – A maioria trabalhava, aos sábados e domingos e era um churrasquinho... Bebida, nunca gostei de bebida, refrigerante era muito pouco.

Humberto – Qual era o meio de transporte que o senhor usava?

Armando – Bonde.

Humberto – Qual era a linha de bonde daqui?

Armando – [ININTELIGÍVEL].

Humberto – E, por exemplo, já tinha naquela época posto de saúde aqui ou só veio depois? Como que é?

Armando – Tinha SAMDU.

Humberto – Quando o senhor tinha que se desloca pra ir daqui pro Zequinha, como vocês se deslocavam?

Armando – A pé, porque era uma quadra. SAMDU era uma esquina também.

Humberto – Como era... Tinha alguma coisa, alguma atividade que juntasse o povo todo da vila do IAPI ou cada um vivia na sua casa?

Armando – Geralmente no dia 1º de Maio faziam uma grande festa e cantos na vila, ali qualquer um contribuía com um pouco de carne, tinha um grande almoço.

Humberto – E comício de 1º de Maio?

Armando – Foi caindo cada vez mais.

Humberto – E essa atividade dos ferroviários, aliás, a existência da Rede Ferroviária... Ela foi até quando?

Armando – Não me lembro bem até que ano foi, tou com a cabeça meia...

Humberto – O senhor continua mantendo contato com os colegas da Rede?

Armando – Muito pouco, muito pouco.

Humberto – Depois que se aposentou...

Armando – Depois que me aposentei vim pra Porto Alegre, aí parei.

Humberto – Quando o senhor veio para Porto Alegre, veio direto para a Vila do IAPI?

Armando – Não, eu tinha um carro, e precisava de uma casa.

Humberto – Quando o senhor chegou á Porto Alegre, foi pra que bairro?

Armando – Fui morar no Menino Deus, na Rua Gonçalves Dias, ao lado da exposição antiga da Secretaria de Agricultura.

Humberto – O senhor morava ali, então?

Armando – Morava ali.

Humberto – Então, naquela época, o senhor veio duma região, Uruguaiana, de Campanha, de criação de gado e tal, e foi morar ao lado da exposição. Continua na capital vendo gado. O senhor gosta dessa vida campeira?

Armando – Gosto.

Humberto – O senhor era de algum CTG?

Armando – Não.

Humberto – Mas participou?

Armando – Não, não. Campeira, nunca.

Humberto – Seu pai não chegou a ser **[ININTELIGÍVEL]** antes de ser operário?

Armando – Não, não.

Humberto – A sua vida profissional, digamos assim, familiar, sempre teve ciclo com a vida operaria né? Uma família campeira e não campeira, apesar do senhor saber que seu avô era campeiro, e na questão assim de atividades, de lazer, de cultura, o senhor era mais das atividades da cidade né?

Armando – Da cidade.

Humberto – Atividade campeira?

Armando – Não.

Humberto – Bom, aí vieram os filhos, as filhas, o senhor teve quantos filhos?

Armando – 6 Filhos.

Humberto – Quantos homens quantas mulheres?

Armando – 3 Homem, não, eu tive 7 filhos, 3 homens e 4 mulheres.

Humberto – Quais as profissões que eles seguiram?

Armando – Todas são professoras.

Humberto – Hum... E os homens?

Armando – Desapareceram.

Humberto – Ta. Os filhos homens?

Armando – Desapareceram?

Humberto – Não tem nenhum.

Armando – O ultimo faleceu faz 1 ano.

Humberto – O pai da Amanda?

Armando – O pai da Amanda.

Humberto – **[ININTELIGÍVEL]**

Humberto – Qual foi a profissão dele?

Armando – Ele trabalhava com o comercio, cuidava um clube, do meu cunhado. Ele também tinha o comercio dele, bebidas.

Humberto – Mas, antes, ele trabalho por aqui, né?

Armando – O Ramão?

Humberto – Antes de **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – Ele trabalhou, sim, num negocio ali no **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – E os outros 2, eles trabalhavam em que?

Armando – Os outros 2, um morreu cedo e o outro foi acidente.

Humberto – Mas ele **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – Ele era desenhista.

Humberto – Mas, ele trabalhou muitos anos na profissão?

Armando – Não, também morreu cedo.

Humberto – E esse de profissão desenhista, ele se encaminhou, vamos dizer assim, começou a desenhar em casa ou fez um curso?

Armando – Ele fez um pequeno curso que eu não me lembro, ele foi aperfeiçoando em casa.

Humberto – Mas chegou a fazer universidade?

Armando – Não.

Humberto – As filhas todas fizeram universidade?

Armando – Também não.

Humberto – Todas são professoras...

Armando – A Leni fez Pedagogia, ela é diretora do departamento de pedagogia da UFGRS, a Ruth é professora do **[ININTELIGÍVEL]** do estado e a Iris professora do estado, no outro colégio.

Humberto – Elas são 4, né?

Armando – Sim.

Humberto – E aí?

Armando – **[ININTELIGÍVEL]**, a ultima, tem uma que é secretária da UFGRS.

Humberto – Como é o nome dela?

Armando – Neiva.

Humberto – Ela é secretária há muitos anos?

Armando – Já tem alguns anos.

Humberto – Bom, os filhos e as filhas, já não foi mais profissão operaria. Como que o senhor vê, com a sua experiência com os filhos, o senhor foi construindo suas idéias a respeito da Bíblia, do trabalho, da honestidade, da religião, da greve, da política, né? Aí vieram os filhos, como que foi a relação das idéias assim, entre os sonhos, os filhos e as filhas? Mesmo eles não sendo mesmo da profissão operaria.

Armando – Nunca tive problema.

Humberto – Como nós estamos numa área da educação, a questão do método.. Como que o senhor acha que foi, na sua experiência, o que o senhor viu da vida de família, de pai, não só a sua, também, não só na época dos ferroviários: qual a questão mais importante, assim, quando um pai, uma mãe um avô, tá trabalhando a idéia duma criança de maneira a preparar para a vida adulta?

Armando – Principalmente a honestidade, e também ter uma religião.

Humberto – Porque o senhor acha importante ter uma religião? O que ela traz assim, que é importante?

Armando – Porque a gente já sabe quando nasce e quando morre, e eu acredito que tem um ser superior que tem o livro da vida da gente e um dia é carimbado.

Humberto – Mas, e pro dia-dia da vida, qual é a importância da religião?

Armando – Fizemos bem o que pode, e quando não tá bom a gente isola.

Humberto – O senhor falou sobre boa vontade e honestidade, o senhor considera que isso são virtudes?

Armando – Acho que sim.

Humberto – Quais outras virtudes que o senhor acha importante?

Armando – Acho que deve ter uma boa dose de boa vontade e compreensão.

Humberto – Uma vez o senhor me falou sobre respeito, como que o senhor vê a questão do respeito, como seria, se alguém lhe perguntasse o que é respeito, o que o senhor responderia?

Armando – O respeito tá muito fora de uso agora, não há mais respeito pelas pessoas velhas nem com os doentes, muito pouco. Acho que antes tinha mais respeito do que agora.

Humberto – Como o senhor definiria o respeito? Se alguém chegasse assim: eu sou estrangeiro, não conheço nada do Português, aí essa palavra respeito, Eu lhe pergunto, o que é respeito, como que o senhor me explica?

Armando – Eu não sei porque, nem exatamente, mas eu respeito sua religião, eu respeito suas idéias, eu respeito seu modo de viver **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Se o senhor, hoje, por exemplo, fosse falar assim sobre a... vamos pegar essa uma ultima palavra, vamos falar sobre a vida. Se alguém lhe chamasse, olha aqui ó, vamos fazer um almoço e o senhor vai falar sobre a vida nesse almoço. O que que o senhor diria, assim, pra juventude?

Armando – Procurar o ideal de paz, fazer o bem.

Humberto – E me diz o seguinte, os netos – os netos e as netas, né? – o senhor tem quantos netos e netas?

Armando – 6 netos e 2 bisnetos.

Humberto – Os bisnetos estão com que idade?

Armando – Um é novinho, vai fazer 1 ano, e a outra tem 12 anos.

Humberto – Os netos, todos já estão em idade de trabalho?

Armando – Não. Ah, não, os netos sim.

Humberto – E que profissão eles escolheram?

Armando – Um tá na Alemanha. Ele é Engenheiro Metalúrgico. E o outro tá na **[ININTELIGÍVEL]**, também na engenharia. Trabalhou em São Paulo e depois foi transferido pra **[ININTELIGÍVEL]** aqui e o outro, que tem um pai velho, é corretor.

Humberto – Chegou a fazer universidade?

Armando – Esse mais velho não, os outros fizeram.

Humberto – Ai tem as netas, quantas netas?

Armando – Tem uma fazendo faculdade de Educação Física, que vai se formar o ano que vem. Outra ainda estuda Geografia, Amanda é professora, **[ININTELIGÍVEL]** trabalha em contabilidade de comércio.

Humberto – A Amanda está trabalhando onde?

Armando – A Amanda tá trabalhando no colégio João 23.

Humberto – O senhor me falou uma vez duma neta que tinha ido pra um país, também, não me lembro qual... O senhor tem esse neto na Alemanha e um...

Armando – Na Suíça, neta não.

Humberto – Uma vez o senhor me mostrou um parafuso de ferro que recebeu um banho que dava a ele a dureza do aço. Esse foi feito por esse seu neto?

Armando – Pelo Marcelo, os dois têm a mesma **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Como foi que eles escolheram a profissão deles?

Armando – **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – O senhor sempre teve muito contato com os filhos, com os netos?

Armando – Sim, diariamente eles me ligam da Alemanha ou da Suíça

Humberto – **[ININTELIGÍVEL]** aquela curiosidade que o senhor tinha a ponto de fazer um canhão... quase derruba um quartel, quer dizer, foi foi... até que ... conseguiu banhar um parafuso, né?

Armando – Esse que tá na Alemanha, filho da Neiva, ele vem em dezembro já com o **[ININTELIGÍVEL]**. Ele vai lecionar na UFGRS, já tá até garantido a vaga, tanto é que ele fez um robô.

Humberto – Com que idade o senhor viu que eles tinham essa tendência? Ou o senhor não chegou a perceber?

Armando – Não percebi.

Humberto – Quando já estavam adultos que manifesto.

Armando – Depois, foi por influência das tias, e foram **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – No seu conhecimento, tem operário que não gosta de ler. O senhor foi um operário que gostava de ler. Como é essa questão do amor ao conhecimento numa família operária? Como que isso se formou? O senhor conhece outras famílias assim?

Armando – Olha, isso aí, acho que tudo depende dos pais, da vida em comum do casal, do respeito.

Humberto – Aquele fogareiro, foi feito na Viação Férrea, foi comprado, como é que...?

Armando – Esse fogareiro ali é... não sei... foi comprado.

Humberto – Mas vocês não faziam objetos?

Armando – **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Aquela vez lá em Pinhal, teve aquele jornal lá de Palmares que saiu com uma informação errada. Aí, durante um bom tempo, ficou uma conversa sobre a impressão, né? O impressor, e tal... O senhor foi impressor, o seu filho sabia informações, mesmo não tendo sido impressor, né, ele sabia informações da vida de impressor. Como é essa circulação assim de... ?

Armando – **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Mas, e na família, nas conversas, como que se faz? Se lá na Viação Férrea tinham comprado um torno novo, isso era comentado, não era comentado?

Armando – Era comentado, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Quando saía dali, quando num churrasco na família, surgia conversas desse tipo ou...

Armando – Não, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – O seu neto fez aquele trabalho com o parafuso, mas ele lhe trouxe, e vocês conversaram? Como é o seu sentimento em relação a ele?

Armando – Quando ele veio pra cá eu disse pra ele, hoje **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – O que ele lhe respondeu?

Armando – Ele ficou rindo, ele me mostro uma broca, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Qual era o óleo que vocês usavam?

Armando – Óleo comum.

Humberto – O óleo de mamona... ele era usado?

Armando – Não.

Humberto – O aço, quando esquenta, fica bem azul. Se faz a tempera na mamona, ele vai ficar muito duro?

Armando – Nunca fiz na mamona, não sei responder com certeza.

Humberto – Mas vocês faziam no diesel?

Armando – Na água ou no óleo diesel.

Humberto – Era óleo novo ou era óleo que já tinha sido usado?

Armando – Usado em muitas coisas.

Humberto – Não era preciso ser novo?

Armando – Não era preciso.

Humberto – Vocês tinham uma responsabilidade muito grande com a vida dos passageiros, porque ali onde o senhor trabalhava... como era pra ter certeza que aquela peça ia dar certo?

Armando – A gente fazia o melhor possível. Às vezes acontece um imprevisto de quebra uma peça, mas o chefe era exigente.

Humberto – Como que eles controlavam a qualidade da sua peça?

Armando – Tempo de duração, geralmente pra vê se o desgaste da peça... isso aí também depende do **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Antes dela ser usada, eles chegavam, olhavam e falavam, seu Armando, essa peça aqui vou jogar fora que não funcionou...

Armando – **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Isso em que cidade?

Armando – Bagé.

Humberto – Isso depois que o senhor voltou de Santa Maria?

Armando – Depois que voltei de Santa Maria.

Humberto – O aprendizado em Santa Maria, continua em acompanhamento em Bagé?

Armando – Não.

Humberto – E esse alemão, qual era a função dele?

Armando – Ferramenteiro.

Humberto – E o senhor fazia as peças pra ele?

Armando – Pra ele, passava pela vistoria dele.

Humberto – E as suas peças, elas davam um aproveitamento assim, de quantos pó cento? Mais da metade ia fora...? Mais da metade era boa...?

Armando – Mais da metade era boa.

Humberto – O senhor chegou a ter muita peça rejeitada?

Armando – Não, não muita.

Humberto – Essa era uma função que tinha lá, ferramenteiro, o senhor, no caso, era um auxiliar de ferramenteiro?

Armando – Não, ajustador.

Humberto – Como ajustador o senhor fazia peças?

Armando – Fazia peças que era preciso, inicialmente. Depois da guerra, buscando as locomotivas. **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Nessa função de fazer peças, como que eles iam escolher os operários que iam fazer as peças? Porque escolheram uns, não escolheram outros?

Armando – Acho que era pela qualidade da peça, né? Se era boa, se era bem aproveitável.

Humberto – Quem ficou nessa supervisão das peças, foi sempre esse mesmo ferramenteiro?

Armando – Não, não. Tinha outros também, tinha **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – Não.

Humberto – Mas esses supervisores, eles moravam no mesmo local, ou eles ficavam se deslocando?

Armando – Se deslocando, eram os chamados instrutores,

Humberto – Eles vêm de quanto em quanto tempo?

Armando – Não tinha nada marcado, só vinham **[ININTELIGÍVEL]**

Humberto – O senhor tava lá trabalhando e do nada apareciam.

Armando – Sim, até tinha um engenheiro, ele formou-se engenheiro aqui na UFGRS, pra mecânico e foi trabalha pra faze estagio, Dr. não sei o que, morreu naquela ponte que caiu em Pelotas, Era muito bom, bom engenheiro e bom camarada, gostava muito dele, ele tinha plantão comigo.

Humberto – Durante esse tempo que o senhor esteve em Bagé, na Viação Férrea, o senhor ficou sempre em Bagé, fora aquelas duas vezes que saiu por **[ININTELIGÍVEL]**, o senhor fez outros cursos por conta da Viação Férrea?

Armando – Não.

Humberto – O aperfeiçoamento se dava então pela supervisão?

Armando – Pela supervisão.

Humberto – O senhor se lembra de coisas importantes que o supervisor tenha lhe ensinado?

Armando – Não, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Essa era a chave do segredo?

Armando – Sim.

Humberto – Era a têmpera. Lá em Bagé, quantos trabalhavam assim na produção de peça, ali, que fazia a têmpera do ferro.

Armando – Não eram muitos né, eram 6 ou 7. Quem se interessava, aprendia, ou procurava aprender. Quem não se interessava...

Humberto – E como foi que o senhor aprendeu essa parte da têmpera?

Armando – Foi em Santa Maria.

Humberto – O senhor já trouxe esse conhecimento da escola?,

Armando – Da escola.

Humberto – Tinha outros que estudaram em Santa Maria, lá em Bagé também?

Armando – Tinha.

Humberto – Desses 6 ou 7 que faziam têmpera, quantos estudavam em Santa Maria?

Armando – Não lembro, uns 4 ou 5 estudaram lá, porque ali era uma escola, né, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Quem que dirigia a escola?

Armando – Era os engenheiros, os professores.

Humberto – Engenheiros da Viação Férrea?

Armando – Da Viação Férrea.

Humberto – E a direção também?

Armando – Da Viação Férrea.

Humberto – O regime de estudo de era quantas horas por dia? Como que era organizado o dia do estudante?

Armando – Tinha escolas que era o dia inteiro, já outras que era meio turno.

Humberto – E essa de vocês?

Armando – Meio turno.

Humberto – O senhor morava na própria escola?

Armando – Não, morava na casa de amigos.

Humberto – Então, o senhor só ia na escola pra aprender?

Armando – Pra aprender.

Humberto – Como que era o aprendizado **[ININTELIGÍVEL]**, devia ter prova... vocês estudavam só naquela hora que estavam dentro da escola?

Armando – Não.

Humberto – Como é que o senhor fazia?

Armando – Tinha livro técnico.

Humberto – Como que o senhor organizava seu dia?

Armando – Ia de manhã pro serviço, freqüentava aula de manhã e de tarde na prática.

Humberto – O senhor ia pra escola de manhã e de tarde ia pra Viação Férrea?

Armando – Pra Viação Férrea.

Humberto – E fora isso, dava uma olhada no livro em algum horário?

Armando – Muito pouco.

Humberto – Fazendo esse estudo de manhã, e na prática à tarde, era suficiente pro aprendizado?

Armando – Era, tendo boa vontade era.

Humberto – Quando o senhor foi pra lá, quantos foram também de Bagé?

Armando – Que eu me lembre, foi eu, né?

Humberto – E os outros iam de onde? Os outros da turma ali de Santa Maria.

Armando – Diversas cidades. **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – E eles eram todos filhos de operário ou **[ININTELIGÍVEL]**?

Armando – **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Em Santa Maria tinha algum?

Armando – Não lembro.

Humberto – E o que o senhor fazia, sábado, domingo, feriado?

Armando – Olha, havia época que especialmente naquela, que especialmente naquelas épocas de guerra, não tinha sábado e domingo, dia inteiro trabalhando. **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – O senhor morava em que bairro, lá em Santa Maria?

Armando – Era no bairro ferroviário mesmo.

Humberto – Era perto da escola?

Armando – Perto da escola.

Humberto – Esse bairro ferroviário, pra que lado de Santa Maria?

Armando – Parece que era pros lado de Saldanha Marinho, ali eu morei.

Humberto – Era ali pros lado do Itararé?

Armando – Mais perto da Viação Férrea.

Humberto – E a escola ficava onde?

Armando – A escola ficava quase em frente da Viação, escola Emilio Ribas.

Humberto – Tinha outras crianças negras, como que era assim?

Armando – Não havia esse negócio de discriminação de cor.

Humberto – Mas tinha descendentes de negros, italianos, alemães, ali todos conviviam juntos?

Armando – Tinha, tinha, conviviam juntos.

Humberto – Na igreja também?

Armando – Também.

Humberto – O senhor, morando assim no interior, uma curiosidade, porque o senhor nunca foi pra um CTG?

Armando – Nunca me interessou muito... aprecio e gosto...

ANEXO 12

ENTREVISTA 9

Armando Dornelles, em 07/11/2007

ENTREVISTA 9

Armando Dornelles, em 07/11/2007 – Sala da casa do Sr. Armando, no Conjunto IAPI, Porto Alegre. Presença da estudante do curso de graduação em ciências sociais da UFRGS, Vanessa Gil, que faz fotos e auxilia na gravação. Entrevista gravada.

7/11/2007

Humberto – Seu Armando, esse é o projeto, o projeto que foi feito inicialmente. Aí, de lá pra cá, já teve uma série de estudos, já estamos fazendo essas entrevistas, que é pra podermos depois redigir a tese. Então, este pode ficar com o senhor, pro senhor tomar conhecimento, saber como era mesmo o projeto. Porque toda tese, toda pesquisa, o resultado final, a tese, o relatório, ele nunca é exatamente aquilo que se pensou no começo, e se o resultado fosse o mesmo do início, não havia porque fazer pesquisa. Quando eu cheguei, o senhor estava lendo sobre o Flores da Cunha: a vida e a obra dele, o que foi bom, o que foi ruim... tá certo? Na entrevista passada, o senhor disse que uma vez ele atendeu seu pai na questão da Viação Férrea. Tem algum outro episódio na família também que ele tenha atendido?

Armando – Sim. Primeiro, foi quando fechou a fábrica Rheingantz, do Rio Grande. Vieram aqui falar com ele, no outro dia já estava trabalhando na Viação Férrea. Aqui ele era rápido nas decisões dele e depois sai. Perdi o contato. Depois, na questão da aposentadoria do meu pai. Foi rápido, tava trancando aí, tava trancando... e a minha mãe veio aí falar com ele. Eu até vim com ela. Quando nós chegamos em Bagé, já tava a carta de aposentadoria, e o dinheiro daqueles meses que tavam devendo.

Humberto – E da parte que o senhor já leu aí, o que que fala?

Armando – Ainda li muito pouco.

Humberto – Mas o senhor conviveu com ele, assim, no seu tempo de infância, de...

Armando – Não, não. Meu pai sim mas eu não.

Humberto – Onde foi essa convivência?

Armando – Em Uruguaiiana.

Humberto – E lá em Uruguaiiana, qual era a função dele?

Armando – Primeiro foi chefe de polícia, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – O senhor me disse que eles estudaram juntos.

Armando – Estudaram juntos no colégio União, em Uruguaiiana, quando guri.

Humberto – O senhor chegou a ser, assim... de algum CTG, de algum movimento?

Armando – Não.

Humberto – Mas o senhor nasceu no Rio Grande do Sul?

Armando – Nasci no Rio Grande do Sul.

Humberto – Então, é gaúcho... Como que o senhor vê essa questão de ser gaúcho, do movimento tradicionalista e CTG? Como que é? Qual a relação disso?

Armando – É mais pra lembrar o passado, porque hoje tá tudo uma coisa só, mais pra lembrar as tradições.

Humberto – O senhor alguma vez usou bombacha?

Armando – Usei.

Humberto – Que época?

Armando – Ai foi mais ou menos 38, 39. Até quando vim pra Porto Alegre, tinha uma bombachinha, que eu ainda gostava dela.

Humberto – Mas o senhor usava assim, no cotidiano?

Armando – Não, em casa.

Humberto – Desde que idade o senhor usava bombacha?

Armando – Olha não me lembro certo, mas acho que quando tinha uns 8, 9 anos.

Humberto – **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – Em casa.

Humberto – E, assim, outros hábitos dos gaúchos que o senhor cultivava.

Armando – Churrasco, chimarrão.

Humberto – O churrasco até hoje?

Armando – Até hoje.

Humberto – Gosta dum churrasco?

Armando – Gosto.

Humberto – E o chimarrão também?

Armando – É. Agora eu parei, mais já tomei muito chimarrão.

Humberto – E porque parou ?

Armando – A porque a esposa morreu, eu fiquei só. Tomar chimarrão sozinho não é bom , não fica gostoso.

Humberto – **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – Tomei. As ervas tão muito ruim.

Humberto – O senhor acha que as ervas pioraram?

Armando – Antes, aquela erva era socada no pilão, até fazer uma farinha da erva. E agora, é tudo em maquina, tem muita mistura.

Humberto – E na época que era só socada no pilão ,ela era socada em casa ?

Armando – Sim era em casa.

Humberto – Na sua casa tinha pilão?

Armando – Sim, eu tinha um pilão e uma árvore de erva-mate .

Humberto – E como era que fazia na hora de colher?

Armando – Pegava a erva-mate, fazia um fogo com fumaça, pendurava num arame... aí era mais fácil. E aquele cheiro!...

Humberto – E qual era a madeira que usava pra fazer a fumaça ?

Armando – Mais, geralmente, lá em casa, era angico .

Humberto – O angico é bem perfumado... E tinha muito angico na sua época lá?

Armando – Tinha sim, porque lá a gente pegava uns toros pretos da Viação Férrea, porque vai tudo em cima... **[ININTELIGÍVEL]** a fazer de concreto, antes era só angico.

Humberto – Aí... Quanto tempo se usa um dormente e **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – Pra fazer lenha?

Humberto – Colocava o dormente, ele ia desgastando com o tempo?

Armando – É, Tinha aquela turma da Viação, permanente, que era **[ININTELIGÍVEL]** como chamava, eles saíram a examinar. Às vezes, o prego tava frouxo, o prego não segurava bem o parafuso no dormente.

Humberto – E aquele que era descartado, ia pra lenha?

Armando – Ia pra lenha.

Humberto – E de onde que vinha esse angico pra fazer dormente?

Armando – A Viação Férrea tinha uma plantação em Santa Maria, lá pra fora de Santa Maria, tinha plantação disso aí, tinha um **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – No próprio quintal da Viação.

Humberto – E quem que tomava esses cuidados de colher a erva?

Armando – Meu pai.

Humberto – Tem uma época certa pra tirar, né?

Armando – Tem.

Humberto – O senhor sabe qual é o mês?

Armando – Não me lembro, mas era ele que fazia isso.

Humberto – Ele que examinava, mas isso passou pra algum dos filhos?

Armando – Não.

Humberto – Na escola, essa questão assim **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – Acho que não tinha muito isso aí não. A gente vivia naquele **[ININTELIGÍVEL]** gaúcho, e agora tem um centro de tradições pra recordar o passado.

Humberto – Quando o senhor era criança ainda não tinha CTG, né?

Armando – Não.

Humberto – O senhor se lembra, mais ou menos com que idade o senhor estava quando começaram a fazer CTG?

Armando – Não me lembro bem, não.

Humberto – E da sua família, o seu avô: quando ele veio da Bahia ele já veio homem livre.

Armando – Homem livre.

Humberto – Mas ele anteriormente chegou a se escravo?

Armando – Que eu saiba não.

Humberto – Mas chegou a, assim..., a saber como foi a origem dele, de que parte da África eram os ancestrais dele?

Armando – Não sei de que parte da África ele era, sei que ele veio de Ilhéus, da Bahia.

Humberto – Ele era peão de estância, ele trouxe esse costume de lá também, já trouxe a profissão de lá ou ele aprendeu aqui?

Armando – Eu acho que aprendeu aqui, em São Borja.

Humberto – Ele já veio casado?

Armando – Não, casou em São Borja.

Humberto – O senhor chegou a conhecer sua avó?

Armando – Sim, ele não, a avó sim.

Humberto – Mas era negra também?

Armando – Índia.

Humberto – E o senhor conviveu muito com ela?

Armando – Não, pouco, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – A sua convivência na infância, onde o senhor estava tinha muitos negros, poucos negros, como era a situação?

Armando – Tinha poucos negros, mais índios.

Humberto – Como era a questão do preconceito?

Armando – Havia preconceito e há até agora.

Humberto – O senhor tem visto, o senhor tem presenciado ou aconteceu com o senhor?

Armando – Comigo não aconteceu, mas a gente nota que há preconceito, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – E na chefia na Viação Férrea, como que era essa questão da presença do negro?

Armando – Não, ali não havia discriminação.

Humberto – O senhor percebe mais a discriminação em outras...

Armando – Em outras áreas, no geral, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – E isso onde?

Armando – Em Bagé.

Humberto – Mas já era CTG ou não era CTG?

Armando – Era CTG, era clube.

Humberto – E igreja, tinha também separação?

Armando – Na igreja não, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Na escola em Santa Maria?

Armando – Também não tinha.

Humberto – Na questão assim da religião, a sua religião era?

Armando – Batista.

Humberto – Como era a relação com outras religiões?

Armando – Era uma independência total, **[ININTELIGÍVEL]** era católico. Espiritismo era muito pouco, agora que se **[ININTELIGÍVEL]** mais, mas muito pouco.

Humberto – E as religiões mais de origem africana: candomblé, umbanda...

Armando – Muito pouco, que eu me lembre assim nunca vi lá em Bagé, tinha centro espírita, mas umbanda, candomblé não. Mais tarde apareceu, quando criança não.

Humberto – Mas, vocês sabiam que existiam?

Armando – Sabiam que existiam **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Na família, chegava a ser comentado sobre essa diferença de religião?

Armando – Comentavam, mas não condenavam. A gente sempre achou que cada um tem a sua vontade própria, seu jeito de escolher uma coisa ou outra.

Humberto – O que o senhor acha da política naquela época? Como que vocês viam a política daquela época? Como que chegava pra você?

Armando – Acho que era mais séria, era política, era **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Quando o senhor disse que era mais séria, em que sentido o senhor falou?

Armando – A pessoa era mais apaixonada pela política, vibrava mais pela política, brigava mais pela política.

Humberto – Naquela época do Flores da Cunha **[ININTELIGÍVEL]** o senhor ainda chegou a toma conhecimento de **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – Julio de Castilho não, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Eu ouvi falar uma vez que teve um duelo.

Armando – O Batista desafiou, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – E chego a acontecer?

Armando – Não, escolheram até os padrinhos, os padrinhos contornaram, mas nunca se deram bem.

Humberto – Quando o senhor mencionou, assim..., nos setores que o senhor percebe que não há muita presença de negro: conforme foi aparecendo o CTG lá na sua região, como era a presença do negro na discussão do CTG, do tradicionalismo ou não era, como que era? Como que acontecia?

Armando – Olha, muitos poucos negros participaram do CTG, muito pouco. Tinha alguns, mas muito pouco. Geralmente, quem fazia essas coisas do CTG

eram os fazendeiros com aqueles cavalos bem ensilhados, tapete de ouro e prata, já negro tinha um cavalo velho.

Humberto – Naquela época o senhor chegou a conhecer um negro rico na sua região?

Armando – Só um, não me lembro o nome dele agora, até foi deputado, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – De qual família?

Armando – **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Entre os negros da sua região, o senhor conheceu algum que o avô ou alguém da família havia sido escravo?

Armando – Não.

Humberto – Quando o senhor veio pra Bagé o senhor tava com...?

Armando – Oito anos.

Humberto – As suas lembranças mais **[ININTELIGÍVEL]** são de Bagé, e ali o senhor não chegou a conviver com **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – Estive numa fazenda onde tinha um lugar ali que botavam os escravos de castigo, onde tinha um pingo de água na cabeça do escravo, tipo uma gruta, e ali ele ficava acorrentado. Eu tive nessa fazenda. Mas, não via...

Humberto – E essa fazenda ficava onde?

Armando – Em Bagé.

Humberto – Mas, o senhor chegou a conhecer alguém da família daqueles escravos?

Armando – Não.

Humberto – E na escola como era tratado esse tema da escravidão, do negro...

Armando – Em Santa Maria, não tinha muito esse negócio. Depois, lá em Bagé, quando eu completei, também era uma escola de padre, não tinha.

Humberto – E quando contavam a história, o que que falavam?

Armando – Eles eram judiados, tanto é que quando nascia uma filha dum escravo o senhor ia se aproveitar dela primeiro, todos os escravos.

Humberto – E depois, mais recentemente, como que o senhor observa a situação dos negros no Brasil?

Armando – Tá evoluindo, devagar, mas está evoluindo, parando um pouco a discriminação. Porque o Brasil tem... eu acho que a coleção negra no Brasil é maior que a branca. Eu acho, negro, assim..., caboclo, é mais que branco mesmo. Tinha aquelas colônias portuguesas, francesas, até inglesas também. Agora, quando eu morei, me lembro que vinha muita **[ININTELIGÍVEL]**, vinham pra cá deportados, holandeses, judeus, passava muito trem de passageiro trazendo aquela gente, vinham aqui pro interior, especialmente **[ININTELIGÍVEL]**, pro porto Rio Grande **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Mas, eles paravam muito tempo em Bagé?

Armando – Paravam.

Humberto – O pessoal desembarcava?

Armando – Alguns desembarcavam, outros não. Eles faziam a comida no próprio trem.

Humberto – Eles vinham deportados? Era dito que eles vinham pra cá deportados?

Armando – Ou deportado ou vinham por vontade própria, procurando **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – E o senhor andou... como ferroviário, o senhor andou por diversas

regiões do Rio Grande do Sul. Qual foi a região que lhe impressionou mais? O que o senhor achou?

Armando – [ININTELIGÍVEL].

Humberto – E outros estados o senhor foi?

Armando – Fui a Mato Grosso e São Paulo. Não gostei de São Paulo, preferi Mato Grosso.

Humberto – Porque?

Armando – Uma vida mais calma, alimentação mais sadia, era bom. Mato Grosso era bom.

Humberto – Qual foi o município que o senhor ficou?

Armando – Campo Grande.

Humberto – E São Paulo?

Armando – São Paulo, na capital.

Humberto – Aí, o que o senhor achou de São Paulo?

Armando – Não gostei, muita correria, muita [ININTELIGÍVEL], agora faz muitos anos que eu não vou lá.

Humberto – E o senhor tinha parente lá?

Armando – São Paulo?

Humberto – Sim.

Armando – Não, tinha em Mato Grosso.

Humberto – E a viagem foi a negócios?

Armando – Não, a passeio.

Humberto – Tanto a de São Paulo como a de Mato Grosso?

Armando – Todas elas.

Humberto – São Paulo o senhor ficou aonde?

Armando – [ININTELIGÍVEL], e em Mato Grosso... Não tinha amigos, tive uma filha que morou lá muito tempo. Duas filhas, a Marta e a Neiva.

Humberto – Na sua chegada a Porto Alegre, o senhor me disse que foi morar no...

Armando – Menino Deus.

Humberto – O senhor morou quantos anos lá?

Armando – Eu acho que uns 5 anos.

Humberto – Era casa própria?

Armando – Não, era alugada. Tanto é que [ININTELIGÍVEL].

Humberto – E como foi a sua decisão de mudar pra vila do IAPI?

Armando – Ah, eu me inscrevi. Tinham aberto uma inscrição pra moradores, pra operário.,Eu me inscrevi e fui chamado.

Humberto – A quanto tempo a Vila estava construída?

Armando – Era nova.

Humberto – Quando o senhor foi ver, qual foi a sua reação?

Armando – Tinha dois apartamentos, [ININTELIGÍVEL].

Humberto – E o que o senhor achou, assim, da vila, quando o senhor...

Armando – Muito boa, era uma vila calma, só de operário, boa vizinhança, boa.

Humberto – Durante os anos que o senhor trabalhou na Viação Férrea, o senhor morava praticamente agregado ali na própria [ININTELIGÍVEL]. Era pouca gente?

Armando – Pouca gente.

Humberto – Essa moradia num local com mais gente, uma vila maior assim, o senhor, no começo, não entranhou?

Armando – [ININTELIGÍVEL]

Humberto – E essa vinda pra cá, o senhor vindo aqui pra Porto Alegre, **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – Sim, ai tive um **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – E o que o senhor achou dessa nova profissão?

Armando – Boa, era bem melhor... Lá na Viação Férrea era muito pesado o trabalho.

Humberto – E o cheiro da tinta?

Armando – Nada contra. Só quando lançaram uma tinta feita pelo Renner... porque antes nós trabalhávamos com tinta estrangeira, depois, com a guerra, começou a fábrica Renner, mas aquele cheiro daquela tinta... tinha tintas que até ficavam pulverizando o ar com as partículas, se a gente passasse o dedo no nariz saía vermelho, e o carvão também, deixava tudo preto. Até ajeitar... **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – E nesse seu tempo, como impressor, que tipo de material o senhor imprimia?

Armando – Mais era páginas, depois fui pras capas, só capas.

Humberto – E que tipo de livro?

Armando – Todo tipo de livro, desde o didático até os românticos, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – As capas da primeira edição?

Armando – Da primeira edição!

Humberto – Então o senhor entrou pra história do Rio Grande do Sul, então?

Armando – **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Como impressor.

Armando – Como impressor.

Humberto – Como que o senhor vê essa relação: o senhor era um operário, mas estava ali imprimindo a capa de um livro que ia circular no Brasil inteiro e até em outros países, pras pessoas tomarem conhecimento. Ali tinha a obra do Érico Veríssimo mas tinha a sua também.

Armando – Não, a capa era da editora.

Humberto – Mas era o seu trabalho...

Armando – Era o meu trabalho, mas o nome não.

Humberto – Mas como que o senhor via isso?

Armando – Não ligava muito.

Humberto – Era um trabalho de muita precisão, o senhor falou que a tinta era meio complicada.

Armando – **[ININTELIGÍVEL]**

Humberto – E isso trazia algum conflito na empresa?

Armando – Não não, O Érico reclamava muito, e o Quintana também reclamava. O Mario Quintana, era um velho rabugento.

Humberto – O Quintana era rabugento?

Armando – Era.

Humberto – Ele ia lá reclamar direto?

Armando – Ia, lá na maquina.

Humberto – Aí, como que o senhor fazia?

Armando – O que que eu vou fazer? Ta aí a tinta, não podia fazer nada.

Humberto – Não tinha uma forma de ajustar a dosagem?

Armando – Não, não adiantava. Mudava a cor da tinta, no começo, quando veio a nova tinta do Renner, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – O Érico também ia lá na maquina?

Armando – Ia, ia conferir os primeiros detalhes da capa, cor, se agradava... Se não agradava, tinha que trocar.

Humberto – Bom, ele indo lá conferir e a tinta não ajudava...

Armando – [ININTELIGÍVEL]

Humberto – A primeira impressão [ININTELIGÍVEL]

Armando – [ININTELIGÍVEL]

Humberto – [ININTELIGÍVEL]

Armando – Não, primeira edição.

Humberto – Ai quando o senhor andava na rua, quando o senhor via uma livraria, aquela capa lá foi eu que fiz.

Armando – Eles não acreditavam, porque uma capa passa por muitos né, passa pelo desenhista, passa pelo [ININTELIGÍVEL].

Humberto – Mas, se não tiver, o impressor [ININTELIGÍVEL] pra rua.

Armando – Não, vai.

Humberto – E quando o senhor [ININTELIGÍVEL] a capa, dizia às vezes pra algum colega?

Armando – Essa capa foi eu que fiz!

Humberto – E aí?

Armando – [ININTELIGÍVEL]

Humberto – Não acreditavam?

Armando – Não.

Humberto – Mas [ININTELIGÍVEL] quanto tempo o senhor trabalhou lá?

Armando – 15 anos, quase 15 anos, 14 anos e 9 meses.

Humberto – A segunda profissão, mesmo, o senhor saiu por quê?

Armando – Porque houve uma ameaça de cortarem minha aposentadoria da Viação Férrea e eu não queria perder. Naquela época, a Viação cortava, não podia ter duas aposentadorias e eu não queria perder, aí pedi a demissão.

Humberto – Mas isso foi antes de 64, foi depois de 64... o senhor se lembra?

Armando – Foi depois de 64, acho que até era o [ININTELIGÍVEL], não me lembro bem quem era o governo da época.

Humberto – Daí o senhor ficou fazendo o quê? Com que idade o senhor estava?

Armando – Uns 50 e poucos anos.

Humberto – Aí, não pode mais trabalhar, se não perde.

Armando – A gente tinha uma oficina mecânica, ali na Sertório, trabalhando só com automóvel [ININTELIGÍVEL].

Humberto – Então o senhor saiu da Livraria do Globo e montou uma oficina?

Armando – É, oficina mecânica, de automóvel.

Humberto – Na Sertório, em que...

Armando – Sertório, 750, depois da fabrica da Polar, que agora não é mais Polar. Fabrica de cerveja Polar, [ININTELIGÍVEL].

Humberto – Era carro importado?

Armando – Era, [ININTELIGÍVEL] inglesa.

Humberto – Ainda tinha muito? Porque já tinha começado também a produção nacional de carro.

Armando – Apareceu primeiro a Romiseta, depois começou a Ford, a Chevrolet. A maioria dos carros eram tudo importado, [ININTELIGÍVEL].

Humberto – [ININTELIGÍVEL].

Armando – Não, sempre fui curioso.

Humberto – **[ININTELIGÍVEL]** Essa ficou lá na infância, essa curiosidade acabou.

Armando – Nem ganha nem dinheiro.

Humberto – **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – Tive 7 meses só no Exército e a Viação Férrea me chamou de volta. O governo chamou de volta os ferroviários pra voltarem ao serviço, ser dispensados do Exército.

Humberto – E esse tempo que o senhor ficou no quartel foi em Bagé?

Armando – Em Bagé, fiz até um curso de **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Mas quis ser general?

Armando – Não. **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Ele não era militar?

Armando – Não, mas nunca foi...

Humberto – **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Getúlio?

Armando – Não, eu acho que foi **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Era o Borges, o Júlio de Castilho e o Flores da Cunha.

Armando – E o Silveira Martins.

Humberto – Silveira Martins era...

Armando – Senador.

Humberto – Tem na serra, aqui perto de Santa Maria, um município Silveira Martins.

Armando – Tem, e em Bagé ainda tem o palácio dele, uma estância e o Palácio Silveira Martins.

Humberto – Ele era natural de lá?

Armando – De Bagé.

Humberto – Eu pensava que era dali de Santa Maria.

Armando – Bagé.

Humberto – O senhor me disse que conheceu Getúlio.

Armando – Conheci.

Humberto – Pessoalmente, assim?

Armando – Pessoalmente.

Humberto – Em que circunstância?

Armando – Ele viajava muito de trem, e seguido ele passava lá por Bagé pra ir ao Rio Grande pegar navio ou alguma coisa, pra ir pro estrangeiro. Ele era um homem muito simpático, tanto é que a gente guarda aquelas palavras, dia 1º de maio ele começava o discurso: “Trabalhadores do Brasil!...”. Tinha umas moedas de 100 réis que era maior, esfinge do Getúlio **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – O senhor chegou a entra no partido?

Armando – Nunca quis me filiar a partido, mas sempre fui getulista, trabalhista, mas **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Mas ele era do hospital ou da Viação?

Armando – Da Viação.

Humberto – Mas, então, essa atitude do Getúlio.. Devia ter aqueles operários que gostavam e os que não gostavam, como que o senhor...

Armando – Mas muito pouco operário não gostava, uns que não gostavam eram comunista, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Else não se **[ININTELIGÍVEL]** muito com Getúlio?

Armando – Não.

Humberto – Durante a década de 30,40, fora o movimento getulista, **[ININTELIGÍVEL]**.

Armando – **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Lá na sua região, como que era?

Armando – Quando o camarada andava de camisa verde já era marcado, que eles andavam de camisa verde.

Humberto – Chegou a ter movimento?

Armando – Teve, mas sempre os comícios deles terminavam em briga.

Humberto – O senhor gostava de ir a comício?

Armando – Gostava, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – E esse gosto assim por uma boa oratória, o senhor acha que vem de onde?

Armando – Não sei, acho que do ritmo da gente, não sei.

Humberto – O pastor da sua igreja era um bom orador?

Armando – Era, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – E como era, assim..., na sua casa vocês tinham... Além dessa questão de ir pra escola, o senhor tem o hábito de ler. Esse hábito o senhor tem....

Armando – Desde guri.

Humberto – Como que o senhor acha que adquiriu esse hábito? Foi por causa da escola?

Armando – Não sei não, porque o meu pai gostava muito de ler, os irmãos também, foi pegando hábito da família.

Humberto – O senhor tinha um irmão mais velho?

Armando – Tinha um irmão mais velho, morreu em acidente, lá em Bagé, **[ININTELIGÍVEL]**

Humberto – E quantos irmãos mais velhos?

Armando – Um.

Humberto – E mais novos?

Armando – Dois.

Humberto – O senhor tinha irmãs também?

Armando – Uma só, morreu de apendicite aguda.

Humberto – Isso aonde?

Armando – Em Bagé, naquele tempo diziam que era nó nas tripas.

Humberto – O senhor saiu da igreja e na outra entrevista o senhor disse que tinha algumas coisas que o senhor não gostava dos pastores.

Armando – É que porque tinha muitos pastores bons, e tinha outros que pregavam a **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Que coisas assim, que o senhor acha que eles não podiam fazer e faziam.

Armando – Olha, tinha uns que até bebiam, que a gente depois foi descobrir, e aquilo deixou a gente meio desiludido, **[ININTELIGÍVEL]**.

Humberto – Então a sua desilusão foi com o pastor, não com a igreja?

Armando – Não com a igreja, com o pastor.

Humberto – Como que o senhor acha essa questão, assim: já de criança, eles diziam que não podia jogar futebol, mas sempre dava um jeito de ir.

Armando – Dava um jeito de ir joga bolinha, futebol, mata passarinho.

Humberto – Fumar, o senhor fuma... Bebe o senhor nunca bebeu?

Armando – Beber, não.

Humberto – Bom, mas como que o senhor vê hoje essas coisas assim, esse rigor da igreja de proibir as coisas, como que é?

Armando – Em parte ela tá certa, porque o fumo faz mal, bebida faz mal, mas eu acho que tudo não é exagero, sabendo controlar, a pessoa bebe a vida inteira e não...

Humberto – E o futebol porque que eles proibiram? Diziam porque?

Armando – Não, não sei porque, não sei dizer porque, era mundano.

Humberto – Então vocês usavam essa palavra. A justificativa, então, pra não fazer as coisas **[ININTELIGÍVEL]**, era mundano.

Armando – Mundano, cortar o cabelo era mundano, pintura era mundano, pintura das mulheres, os homens quase tudo eram bigodudos.

Humberto – E o senhor chegou a usa bigode?

Armando – Bigode pequeno, não como esses mais encorpados...

Humberto – Ai o senhor falou do Hitler. Como que era isso na época da guerra? O que o senhor ouvia falar?

Armando – Olha, eu acho que o Hitler era um ditador, mas ele era um homem violento, especialmente com Judeus. Achava que o mundo tinha que ser tudo da raça Ariana.

Humberto – E isso era comentado entre os operários?

Armando – É, isso era comentado.

Humberto – E havia alguma que se dizia, que ele queria dominar o mundo. Vocês conversavam sobre isso?

Armando – Falavam.

Humberto – E o que vocês costumavam falar?

Armando – Pela ditadura dele, o que ele fez com os Judeus, Poloneses, a pessoa ficava com raiva dele. Ele era um tirano, mas uma coisa a Alemanha tinha, era uma ótima fabricante de ferramenta, era um espetáculo no aço. Na têmpera do aço, eles eram bons.

Humberto – Aí, eu ia até lhe pergunta isso, o senhor me disse que um dos melhores oficiais e dos melhores professores de têmpera era um alemão.

Armando – Sim, era um alemão.

Humberto – Como era a relação de vocês na Viação Férrea? Tinha descendente de alemão, tinha até mesmo alemão que veio pra cá e tinha os brasileiros. Durante a guerra, como ficou essa relação?

Armando – Pelo menos lá em Bagé, não houve discriminação. Eu era tratado com respeito e tudo mais, porque eram bons profissionais.

Humberto – Quais são outras coisas que o senhor lembra daquela época que o senhor gostaria de destacar?

Armando – A tranqüilidade da vida. A gente vivia bem tranqüilo, até, dentro de casa. E também alimentação melhor, mais pura.

Humberto – Como que foi com os filhos durante a ditadura? O senhor gostava do Getúlio, e as suas filhas também gostavam do Getúlio?

Armando – Toda família.

Humberto – Nenhuma saiu comunista?

Armando – Não.

Humberto – Na época da ditadura, depois de 64, foi perseguidos tanto os getulistas como os comunistas, pessoal do PTB... O senhor teve amigos que foram perseguidos?

Armando – Não, não. Diretamente não.

Humberto – E aqui na Vila, teve muitos problemas, assim, de perseguição? Tinha muitas lideranças operárias?

Armando – Era uma vila só de operários.

Humberto – Alguma liderança de sindicato?

Armando – Sindicato não, tinha associação, mesmo porque os rodoviários não tinham sindicato, era só associação. Tinham as greves decididas na associação, não era o sindicato.

Humberto – É a associação da Viação Férrea mesmo?

Armando – Eu lembro que era uma associação, associação dos ferroviários.

Humberto – Na época da constituição da Vila, ela foi decidida pelo IAPI?

Armando – Pelo Getúlio Vargas, pelos industriais.

Humberto – Teve alguma associação de moradores aqui?

Armando – Sim.

Humberto – O senhor chegou a participa?

Armando – Sim, ainda ontem fui numa reunião.

Humberto – Ela existe até hoje?

Armando – Existe até hoje.

Humberto – O senhor vai até lá?

Armando – Sim, fui, voltei tarde. A Ruth ficou preocupada: “O pai saiu sozinho e não avisou...”. Deixei só um bilhete.

Humberto – Como foi?

Armando – Foi bom, porque a gente quer tirar um pessoal que tá morando aí, que acamparam no antigo posto da RBS, mas ali dá droga, dá briga, dá morte. A gente quer tirar eles daí, mas os direitos humanos emperra tudo, porque tem criança, mas eu acho que a gente vai ganhar a batalha.

Humberto – Esse local estava destinado pra alguma outra atividade?

Armando – Antes era posto de saúde, um posto de benefícios, diversão, teve escritórios, também do IAPI.

Humberto – Então é um terreno de propriedade do IAPI? Era do INSS?

Armando – Era, dizem que o INSS entregou pra prefeitura, o governo não quer deixar a prefeitura tomar conta e tão nessa bagunça.

Humberto – E nessas reuniões, se vê muito dos moradores antigos?

Armando – Pouco, pouco, Mas, aqui mesmo, vizinhos meus tem 3 ou 4 antigos.

Humberto – O que aconteceu?

Armando – Aconteceu que o IAPI vendeu barato, e os que moravam e eram olhudos, venderam por 4 mil, 5 mil, os apartamentos, e foram morar num outro canto, lá em Gravataí, Cachoeirinha. Aí mesmo, aqui na frente, é um apartamento igual ao meu, onde tem essa garagem com sobradinho, três quartos, vendido por 4 mil pra moradora não ir pra cadeia, porque morreu o pai, ela tinha procuração e ficou recebendo depois dele morto. Quando descobriram, iam prende ela. Não prenderam por causa duma criança pequena, mas naquele interim, naquele espaço de tempo, ela vendeu e foi embora. Agora ela apareceu aí... Botou fora uma coisa que o pai tinha conseguido com tanto sacrifício, o pai foi até expedicionário.

Humberto – Vocês recebiam esse apartamento... tinha alguma área, algum quintal?

Armando – Tinha pátio, todos eles tinham pátio.

Humberto – E nesse pátio podia construir ou devia ser mantido como pátio?

Armando – Mantido como pátio. Mas deixaram construir garagem, essas coisas. Era cerca viva, não podia fazer nada, quando muito um telheiro com pedra.

Humberto – E aqui no seu, o senhor construiu alguma coisa?

Armando – A garagem.

Humberto – E a distribuição da casa? O senhor disse que pra estudar é um quarto lá atrás, com computador, com tudo. O senhor sempre teve essa preocupação de distribuir espaço da casa, deixando um espaço para o estudo?

Armando – Não, não. Isso foi um costume que a gente pegou, tanto que quando os netos iam fazer vestibular, vinham pra cá, porque sabiam que lá naquele quarto tinham que estudar. Porque eu dava duro, tinha que estudar. E era quieto, lá no fundo era quieto, tanto é que aqueles dois que se formaram, estudaram lá no quartinho.

Humberto – Essa relação do estudo na casa do avô, sempre teve?

Armando – Sim, sempre teve, tanto é que as filhas todas são professoras.

Humberto – E algum tempo eles vinham mora pra cá ou vinham só pra estudar?

Armando – Não, eles moravam perto e vinham pra cá.

Humberto – E a Amanda morou um tempo aqui?

Armando – Amanda morou.

Humberto – Quantos anos?

Armando – Acho que uns 2, 3 anos. Agora ela tá louca pra terminar, pra ir embora pra mãe.

ANEXO 13

ENTREVISTA 10

Leni Dornelles, primeira fita, em 29/10/2007

ENTREVISTA 10

Leni Dornelles – Em 29/10/2007 – Primeira fita – Sala de trabalho da UFRGS Campus Redenção – Porto Alegre. – Presença da estudante do curso de graduação em ciências sociais da UFRGS, Vanessa Gil, que auxilia na gravação. Entrevista gravada.

Humberto – Bom, Leni, a nossa pesquisa procura vincular o trabalho, na vida operaria, a construção do saber operário, à construção do universo de saberes da sociedade. A tua situação pareceu peculiar, porque tu vens da construção de uma família operária, do eu pai, e hoje te dedicas à construção saber acadêmico. O que tu gostarias de nos falar sobre isso?

Leni – Eu venho dessa família de operários, de trabalhadores. Então, buscando um pouquinho, assim, o meu pai, que vocês já conversaram, nasceu em Uruguiana, o pai dele trabalhava na Viação Férrea, a avó era uma pessoa que cuidava das coisas da casa. Aliás, ela gerenciava a casa e gerenciava a vida de todos os filhos e por baixo a minha mãe que nasceu em Hulha Negra, agora pertence a Bagé. Meu avô também. Ele era um trabalhador e a minha avó era costureira. Então, já tinha uma outra história aí, avó fazia também uma atividade pra complementar a renda da família, eram famílias grandes e pela parte do meu pai tem uma característica muito especial de perdas de filhos, muitas perdas de filhos muito jovens. Bem, quando o pai e a mãe resolveram vir para Porto Alegre, eles já tinham três filhos, que era minha irmã mais velha Marta, a minha irmã que a gente chamava negrinha e a minha irmã Ruth, e a minha irmã Neiva que nasceu em Uruguiana, e elas nasceram assim, em Uruguiana e Bagé. Quando eles resolveram vir para Porto Alegre, a minha avó paterna já havia vindo com a minha tia naquela tentativa de descobrir o jeito melhor de se viver, e eles se localizaram bem naquela região onde ficava praticamente um espaço pros negros em Porto Alegre, que é ali no entorno da Baronesa do Gravataí, entorno do Menino Deus, tanto que eu vim nascer em Porto Alegre e nasci no Menino do Deus. Quando eu era pequena eu dizia, “eu nasci no Beco do Amores”, que é ali na Gonçalves Dias. E o pai, quando veio pra Porto Alegre, ele era funcionário da Viação Férrea e aposentou-se por questões de saúde, mas só o dinheiro da aposentadoria não era possível, nós já éramos 5, então não era possível sobreviver, e a minha mãe costurava, ela também era costureira como a minha avó materna, e o pai foi ser tipógrafo gráfico da livraria do Globo. Nós passamos a morar aqui na Mariante, que agora é a Goethe, a avenida passou por cima da nossa casa. A minha mãe teve uma outra filha, teve dois filhos, eles foram atrás do menino, do menino, do menino, depois de 5 filhas nasceu o meu irmão. Quando o pai trabalhava na Livraria do Globo, de algum jeito ele nos produziu como leitores. Então, todo livro que ele fabricava lá na livraria, todo um Érico Veríssimo, todo um Mario Quintana, os livros que eram produzidos pela Globo – e era bastante forte – além das revistas, nós tínhamos acesso, porque o pai sempre ganhava um daqueles livros e trazia pra casa. Eu acho que todas essas coisas, não só as histórias que nós costumávamos ouvir, nas reuniões de sábado, sábado não, de domingo. Depois da igreja, ia-se pra casa da avó e nesse unir toda família sempre surgiu muitas histórias, história da vida em Uruguiana, histórias da vida em Bagé, histórias de vindas pra Porto Alegre, e mais os livros que o pai

nos trazia nos ajudou todos a gostar de ler e de alguma forma gostar de estudar, a buscar, estudar. E sempre, pra eles, foi um sacrifício muito grande, porque eles tiveram 10 filhos, criaram 8 filhos e o pai já perdeu 6 filhos, meu irmão ano passado, o pai da Amanda. Então, a família ficou reduzida a 4 mulheres e um pai. Uma coisa também que acontecia, que é bastante bonito de lembrar, é que a mãe sendo costureira, e ela foi fazer isso muito pra ajudar provento da casa, ela nunca nos abandonou, ela nunca nos deixou de lado, ela tinha toda uma responsabilidade, as costuras de trajes que ela tinha que fazer, mas nós ainda estávamos muito próximas dela, muitas vezes ela saía da máquina pra nos atender, muitas vezes ela saía da máquina pra nos ensinar, ela nos deixava funcionar ali naquele espaço que ela costurava. A coisa ficou complicada quando o pai teve que sair da Globo porque veio toda uma normatização de que tu não poderia ter dois salários, e ele se assustou, ficou com muito medo de perder principalmente o da Viação Férrea, que era nossa garantia, que a Globo era uma empresa privada e de repente ele podia sair dessa empresa. Aí, ele optou por sair da Globo e ficar só com a aposentadoria e isso fez com que a mãe também tivesse que produzir mais, as minhas irmãs mais velhas logo que elas, ficou interessante, porque todos eles, para todos os filhos eles disseram a mesma coisa, “Olha, busca uma profissão, nós ajudamos, nós nos viramos, busca uma profissão, aí tu procura teu trabalho”. Foi o que a minha irmã mais velha fez, tava no Instituto de Educação, então fez magistério, tinha uma possibilidade de trabalho, a minha outra irmã foi fazer contabilidade, logo entrou numa empresa, hoje ela é professora de português, abandonou todas as exatas, mas foi a oportunidade de trabalho. Os filhos começando a colaborar com a casa, foi ajudando muito nesse processo deles. Mas que nunca se perdeu de vista, “vocês precisam estudar”, e a mãe tinha muito claro uma coisa que ela dizia, que até hoje me emociona: quando eu vim fazer a seleção no mestrado... Porque foi assim: eu queria o Instituto de Educação, estudava no **[ININTELIGÍVEL]** e queria o Instituto de Educação, depois quando abriram aqueles lotes de casas de operários, o primeiro lote organizado que teve em Porto Alegre foi o IAPI, tanto que ele é o bairro tombado, o bairro de operários tombados, e ele tinha toda uma infra-estrutura de esportes, salas com biblioteca, de cinema na rua, toda uma produção de show ali na limpeza, o Zequinha funcionando com seu futebol, a saúde, nós tínhamos o SAMDU ali próximo. Então, tinha todo um bairro, toda uma infra-estrutura que as pessoas não precisavam se deslocar dali pra estudarem, para terem a sua vida até o ensino médio, até o clássico, científico, como eram. Eu não queria estudar na escola próxima de casa, eu queria vir pro Instituto, mesmo sendo tão distante, lá no IAPI e vir pro Instituto. No primeiro momento eu rodei, rodei em Inglês e eu disse pra minha mãe que eu não iria pra escola, que eu havia passado pra fazer o normal, eu iria em tentar em julho a outra prova do Instituto. Aí me organizei, estudei, meu cunhado me ajudava em matemática, aquelas coisas todas. Fiz a prova no Instituto e passei. Então eu vim, porque eu também queria ser professora e foi uma coisa que eu decidi quando eu tava no 5º ano primário, lembro até hoje. Eu descia ali a escada do Gonçalves Dias, que era a escola bem próxima que a gente estudava, eu vinha com uma colega que é minha amiga até hoje, não mora mais no Brasil, mas somos amigas até hoje, e eu dizia, “Mirela, eu queria ser doutora, mas é impossível eu ser doutora, doutora de medicina, mas é impossível eu não vou ter dinheiro a minha família não vai ter dinheiro para comprar tudo que precisa

comprar para eu se uma médica, então eu vou ser professora, e eu vou ser professora de criança”, Eu queria trabalhar, eu já tinha... ali no quinto ano eu já tinha essa coisa, e realmente eu fui atrás de ser professora de criança. Mas eu queria o Instituto de Educação, era difícil passar, tinha toda uma competição para gente, aquela prova era o vestibular para gente, mas eu tive o apoio da minha família e a minha mãe dizia, “É isso que tu quer? Então vai e faz, né?”. Foi a mesma coisa que ela fez quando eu fui fazer o mestrado, porque para eu ter bolsa eu tinha que abrir mão do único trabalho que eu tinha que era algumas aulas de metodologia na [ININTELIGÍVEL] que era quem habilitava os professores pra trabalhar com as crianças naquela época, isso no final da década de 70, início de 80. Ai, como eu fui aprovada no mestrado minha mãe disse, “Não, Leni, se precisar eu volto pra máquina, mas estudar ninguém vai te tirar, então vai e continua estudando”. Foi uma coisa muito forte pra mim, porque, aquela coisa que se espera bolsa e a bolsa normalmente vem só lá em maio, e o dinheiro que eu recebi da bolsa paguei o enterro da minha mãe, e claro minhas irmãs ajudaram tudo, mas quem tinha dinheiro naquela hora era eu e eu fiz isso, mas ela nunca deixou de ajudar, “Vai, isso que tu quer!”. O pai, a mesma coisa. Quando a mãe morreu, como a mãe e o pai eram muito ligados, o pai era uma pessoa que a gente vê que ele era muito dependente da mãe, nós achávamos que o pai não iria conseguir, nos primeiros dias ele esquecia as coisas, ele não levava a roupa dele pro banheiro, porque a mãe era aquela senhora que fazia isso e às vezes ela dizia, “Ai, teu pai não leva a roupa nem pro banheiro” e eu dizia, “Mãe, quem criou ele assim?”. E nesse momento a gente achou, eles eram muito ligados, ele não vai segurar, e nessa altura tinha ainda 6 filhos da roda. Aí foi uma coisa muito bonita que depois eu vim entender, que o pai ocupou o materno da mãe, ele sempre foi materno, mas ele não precisava exercer esse papel. Aí que vem todos os saberes e toda educação que nos constitui do jeito que a gente é, ele ocupou o materno com os filhos, ele ocupou o materno para tentar com a gente, dar conselho, ele ocupou o materno dos netos de continuar, porque ele sempre fez isso, botar no colo, contar historinha, ensinar uma canção. Porque era uma coisa que rolava na minha casa, também, quando nós éramos menores, essa minha irmã do Instituto, o pai nos comprou uma maquina de filme, era daquelas maquininhas de manivela que a gente tinha alguns filminhos que vinham prontos e escurecia toda sala e projetava na parede e depois a minha irmã passava a desenhar as histórias da família, e isso tinha uns que gostavam daquela parte deles, outros não gostavam da parte deles e era uma relação de aprender convivendo, aprender trocando, aprender tendo limites e às vezes a gente pensava assim, “Meu Deus, esse povo dentro de casa num apartamento de 3 quartos no IAPI, como que a mãe consegue, o pai consegue, ter as coisas organizadas?”. Porque cada um tinha sua caneca, seu prato, tu ia crescendo, tu ia ajudando, tu ia reorganizando a casa. Como que tu vai botar tanta criança dentro dum apartamento e a casa continuar bonita? Porque isso sempre se teve. Aí o pai fazia, ele construía as camas de parede, aquelas camas que tu levantava e tinha cortininha em cima, ficava todos nossos desvelos, as nossas coisas e construía as camas de parede, que a gente dizia. E isso era interessante por causa também das brincadeiras da noite da noite. De repente, a gente fazia um passa perna da cama e pula o irmão para o chão e as coisas assim que a mãe tinha uma forma de controle muito genial pra nós nos organizarmos. Porque a noite, ela sempre dizia assim, depois que as coisas estavam se organizando,

imagina, um povo para dormir, ela dizia assim, “Agora a gente tem que organizar a sala, a gente tem que passar uma vassoura na casa, vamos arrumar tudo, porque se não Nossa Senhora não vem nos visitar à noite”. Eu achava bárbaro, então, esse modo de aprender as relações, era uma coisa muito genial que eu lembro como era carinhoso. Assim, e quando se estendia pra grande família, com a família do irmão do meu pai que juntava naquela grande mesa no churrasco de domingo e depois os meus tios por parte do meu pai sempre tocaram um instrumento, aí tinha uma outra discussão, porque os meus tios adoravam tocar instrumento, mas isso era meio proibido porque a minha avó era batista pentecostal, aí a avó queria convidar os irmãos pro churrasco de domingo e os meus tios queriam tomar uma cerveja. Aí tinha que ser muito negociado, quando um deles tinha mais audácia e dizia, “Irmão, quer uma cervejinha?”, a minha avó ficava enlouquecida. Mas eu lembro daquele pátio com aquele cinamomo no fundo da casa, aquela grande mesa e depois a gente cantando ou então a avó tinha uma sala de jantar muito grandona, com aquela mesona de banco pra toda família e nós nos reuníamos ali e aí vinham as histórias, antes de ir pro IAPI, que nós morávamos, vinham as histórias todas e claro como um bom gaúcho terminava numa história de terror, ou era um cemitério, ou era um morto e nós crianças no meio daquilo ali, não queríamos sair, podíamos participar daquelas histórias todas. O banheiro era na rua, então nós tínhamos que sair dali pra ir ao banheiro e o banheiro com aquelas portinholas abertas em cima e embaixo, saia pela cozinha, tinha o cinamomo bem na porta ali da cozinha e a avó tinha uma coruja branca e o lance era enfrentar o pátio depois das histórias dos falecidos e olhar aquela coisa que o olho parecia maior que hoje... Tá que tá, aquela coruja na nossa cabeça, ela era muito grande, depois a gente viu que ela era uma corujinha e aí aquela coisa... Entravam todas as gurias no banheiro junto, e os guris ficavam cuidando na porta e muitas vezes eles botavam a mão ali e davam um grito. **[ININTELIGÍVEL]** de aprender com a vida, daquela coisa que eu acho..., por isso eu aposto até hoje, tu não aprende só na sala de aula, tu aprende nessa interação com o mundo. Ai a gente pode até buscar o velho Freire, tu aprende com o mundo, nas tuas relações com o outro no mundo. Dentro dessas coisas todas, em termos de formação, quando eu terminei o normal, eu resolvi que eu queria ter uma escola, porque eu queria ter uma escola para colocar na escola as coisas que eu acreditava como educadora de criança e que eu gostaria de fazer, ai acabou sendo quase que uma coisa familiar. Minha irmã que era das exatas veio trabalhar conosco também, a outra se formou também em letras e veio trabalhar conosco, a Neiva era secretária de escolas, veio organizar ali, a Marta e eu éramos as diretoras da escola, e a gente era diretora e dava aula e foram 12 anos de trabalho dessa escola chamada Pedacinho da Vida que nós chegamos a ter 120 alunos, e ter 120 alunos representava ter um número muito grande de famílias ligadas a nós. Essa coisa a gente conseguiu, entende? E dizer que a família, a escola, são coisas distintas, mas elas precisam também caminhar, eu acho que isso é um problema que a gente enfrenta hoje. Os pais entregam pra escola e a escola tem que se virar. A gente conseguiu fazer um núcleo que tinha inclusive uma **[ININTELIGÍVEL]** dos pais, os pais freqüentavam bailes de chopes no 25 de Julho, para trazer fundos pra escola e era uma escola privada e eles trabalhavam. Bom, trabalhei 12 anos que nem cão, naquela época que fechava dezembro, janeiro, fevereiro, a gente tinha que pagar todo mundo, dezembro, janeiro, fevereiro. Em 82 eu disse pra minha

irmã, reuni o pessoal, aí a minha irmã mais velha já tinha aparecido, eu disse o seguinte, “Eu não vou mais”, porque eu estava sempre de olho num concurso, **[ININTELIGÍVEL]** trabalhador que tinha em casa que dava mais segurança talvez fosse isso que eu estivesse atrás, mas ditadura, impossível. Eu acho que por isso, por um lado, a ditadura foi doce pra mim, porque eu tava num mundo à parte, ali, com as crianças naquele espaço de educação, mas, vivi todo o movimento estudantil, funcionei com o movimento estudantil. Era da UNESPA, não cheguei a ser da UNE porque eu não quis. Dentro do **[ININTELIGÍVEL]** que era o conselho de alunos, nós organizávamos tudo isso, com o pessoal do Becker, a gente funcionou também no movimento estudantil. Sabíamos que tinha **[ININTELIGÍVEL]** nas nossas reuniões, fazíamos as nossa reuniões escondidas. Então, nós tínhamos uma kombi na UNESPA, ficava um casal dirigindo, o resto todo mundo abaixadinho até entrar na casa que nós tínhamos pra fazer a reunião. Vivi intensamente isso aí, tinha o lado Pedacinho da Vida, que era uma outra história de produção de sujeito infantil, que foi muito interessante, mas quando abriu o concurso, o primeiro concurso depois da ditadura, eu fiz o concurso, passei, depois de ter andado por muitos lugares, fui professora de alguns lugares, eu fiz um estágio de orientadora educacional. Assim, eu não pude vir pra UFGRS, a UFGRS era só de tarde e de noite então, sem chance eu tinha que trabalhar, fiz o vestibular na PUCRS e na PUCRS eu passei, só que a escola exigia que eu tivesse ali também..., não dava pra eu ficar um turno inteiro fora da escola. Aí, a minha saída foi ir pra Fapa, que era a única faculdade que tinha pedagogia à noite e a minha história era na pedagogia, fiz a Fapa. Fiz minha especialização em educação infantil, fim de semana, no IPA, que foi pesadíssimo, porque, depois de trabalhar 40 horas com criança, fazer a especialização no fim de semana, pra mim foi pesado. Vim pro mestrado, e foi o período mais próspero em termos de produção intelectual, porque ali eu tinha uma bolsa pra produzir saber, pra construir saber. Foi muito rico porque no mestrado eu me juntei à **[ININTELIGÍVEL]** que era minha orientadora na época no projeto **[ININTELIGÍVEL]** já trazia a muito tempo aqui dentro da faculdade, e eu ia pra uma escola no morro da policia, atrás da linha de tiro da Brigada. Foram experiências lindíssimas que eu tive. Eu estava saindo duma escola particular com as crianças, com livro, de vida excelente em termos materiais, que não garantia que a vida deles fosse tão excelente assim mas pra ir pro lugar junto de crianças de classes populares, a grande maioria, a mãe tinha que ficar em casa lavando roupa porque o pai era guarda noturno, o pai era feirante, era guarda de banco. Então, uma outra situação de vida de criança e nesse lugar eu aprendi muito com as crianças. Aprendi muito com uma menina especial, porque essa menina, ela era tudo que não pode se ser nesse país, ela era menina, ela era gorda, ela era pobre, e ela era preta, tudo dizia “Essa menina não tem os pré-requisitos de alguém que vai ter sucesso”. E essa guriazinha, nós começamos com um esquema de abrir o armário da professora pra tia dar os livros de literatura infantil. Eles existiam, mas eles tavam fechados. Os pais, eles diziam muitas vezes, “Não meu filho não lê, eu tenho os livros lá guardados no porão, meu filho não lê ainda, ele vai ter os livros dos irmãos”. A nossa proposta era assim, mesmo sabendo que tinham pais analfabetos, as crianças levavam os livros pra casa; no outro dia, na rodinha, eles contavam que livro era aquele, qual era a história daquele livro, e essa menininha esperava o pai chegar, que era guarda de um banco, “Porque eu não tenho tempo de ler, tenho muita coisa pra fazer, eu não vou ler pra ela”.

E ela esperava o pai, o pai quando chegava começava a ler os livros pra ela e nessa história o pai começou também a escrever com ela as histórias da família dele. Dois meses, essa menina estava alfabetizada. E o grupo que rechaçava essa criança começou a ficar muito incomodado, “Como é que ela lê e a gente não lê?”, e no final do ano tinha várias crianças lendo. Não era nada de pressão não, era de desejo de entender aquele código que estava sendo apresentado ali, então foi uma experiência muito genial. Depois eu tive uma outra numa creche comunitária, ali também no Morro da Polícia, mas do outro lado, na região da grande Glória, em que nós saíamos aqui da faculdade para fazer um trabalho de intervenção. Era uma pesquisa participante que nós tínhamos nessa creche comunitária. Um dos fatos que eu aprendi muito nessa creche é que, no grupo que trabalhávamos lá, nós levamos 1 ano para garantir que os brinquedos ficassem com as crianças na sala de aula. Dentro de toda miséria que acontecia é que vai ter brinquedo... “As crianças vão quebrar! O Lyons não vai nos dar mais. O fulano não vai nos dar mais. Nós não vamos mais ter brinquedo!”. Aí, a gente trabalhava muito nisso, quando nós saíamos, nós sabíamos que o brinquedo saia junto. Um dia, eu cheguei para um reunião, porque a gente fazia as reuniões ao meio dia, para a gente ver como que funciona a [ININTELIGÍVEL]. Essa creche comunitária, ela existia em função de uma líder comunitária que batalhava muito para conseguir, principalmente a comida para as crianças, nós fazíamos essas reuniões porque as pessoas que trabalhavam na creche, [ININTELIGÍVEL] ganhavam 50 reais a mais, para elas ganharem 10 reais a mais elas teriam que limpar a escola. Tem toda carga de trabalho com criança, e não eram separadas por turma, não. Era um grupo de crianças e ainda tinha que fazer isso por 10 reais a mais, [ININTELIGÍVEL]. A gente reorganizou muito o espaço da escola e tentamos convênio com o Banco do Brasil, pra mandarem alimento para as crianças. Fizemos algumas coisas assim, conseguimos trabalhar pra reorganizar esse espaço, e nesse dia que eu cheguei pra essa reunião da creche, elas me disseram assim, “Professora, nós vamos expulsar o Fulano!”, eu digo, “Como, vocês vão expulsar o Fulano?” O Fulano tinha 2 anos, o elemento vai se expulsor, o que vai ser do elemento? [ININTELIGÍVEL] pra vida inteira, lá na creche ele [ININTELIGÍVEL]. Aí, ela disse, “Não professora, ele só morde os coleguinhas”. Aí eu peguei um gancho para conseguir mostrar pra elas o quanto era importante os brinquedos estarem na sala de aula, e eu peguei assim, “Gente, olha só, se eles não têm brinquedo, o corpo do coleguinha é o brinquedo. Quando a gente pega uma bonequinha, a gente aperta, ela não faz *nhac*? Ele aperta o coleguinha e o coleguinha chora!” e ele tá descobrindo essas coisas. Aí, foi foi... elas botaram uns, a gente começou a garantir que quem não queria dormir não era [ININTELIGÍVEL] e iria ficar ali brincando, sem fazer barulho, deixando os coleguinhas que queriam dormir dormirem. Então, foi um espaço de conquista muito grande, comecei a fazer meu trabalho ali, pensando na tese. Mas o rumo que o meu trabalho estava tomando, eu estava achando perigoso, e como eu estava muito envolvida com aquelas pessoas, eu não posso [ININTELIGÍVEL] que era. Mudança, eu troquei de linha, eu troquei de teoria, troquei de perspectiva de pesquisa, foi um trabalho horroroso, porque eu já estava na metade do doutorado quando vi tudo isso, eu me separei, foi rolo pra cima de rolo, mas eu disse, “Não”, porque essa era a minha perspectiva depois de estar aqui dentro da Faculdade de Educação. E antes assim, quando eu fiz concurso na Faculdade de Educação era toda uma batalha pra se conseguir, imagina, se

um professor universitário que saiu do IAPI, estudou no Gonçalves Dias, estudou no Instituto de Educação, peleou para pagar a Fapa, vai passar na UFGRS, e vai passar ainda mais num concurso da UFGRS, sabendo, faz o mestrado e já vai aprendendo como isso daqui funciona. Eu já estava no município, que eu tinha até passado no concurso, e eu estava na linha de frente daquele povo que foi expulso do município no governo Tarso. Como o Nilton tinha me convidado pra ser Diretora da Divisão de Escolas Infantis, o Nilton respeitava muito o trabalho, sabia do trabalho que eu desenvolvia na educação infantil, me convidou pra esse lugar. Querendo ou não, eu estava na linha de frente com ele e nós fechávamos a nossa proposta, era uma proposta séria. Mas, agora, eu avalio que nós éramos naquele momento professores, nós não éramos políticos e nós não tínhamos o manejo de relações políticas para decidir determinadas coisas, e, claro, fomos todos expulsos. Eu fiquei na Divisão por um tempo, “Onde vão botar a Leni?”, eu já estava achando que eu iria **[ININTELIGÍVEL]** quando eu tive um convite da Faculdade de Educação, que eu já tinha sido professora substituta. Mas foi uma peleia, porque não havia cedência do professor do município pra faculdade, existia do estado pra UFGRS mas não do município pra UFGRS. Ai, tinha um projeto guarda-chuva e nesse guardachuva eu entrei. Fiquei cedida dois anos. Mas, sempre com ameaça. Cada vez que eu levava minha efetividade pro município, tinha a ameaça **[ININTELIGÍVEL]**. Nesse meio tempo surgiu um concurso aqui na UFGRS, porque a equipe de educação infantil tava se constituindo. Ai eu pensei assim, “Não, agora é a minha vez, eu não posso perder esse trem, eu tenho que estudar muito, eu tenho que pegar todas as fichinhas desse concurso” e foi isso que eu fiz. Eu estudei muito, muito, muito. Eram três dias horrorosos de concurso. Aí, cada vez tu era chamada pra uma nova etapa do concurso, mas aí vinha a tentação de reorganizar tudo de novo. Realmente eu fiz o concurso, tive o maior sucesso, peguei as fichinhas, como dizia minha colega, e até hoje eu brinco com a Beatriz Gomes, que a Beatriz Gomes da Silva disse assim, “Leni, só não te dei 10 porque tu vinha ganhando 10 em tudo, então eu te dei 9,8”, “Me deve duas fichinhas Beatriz”. Essa começou a ser a minha expectativa, ser professora da Faculdade de Educação e fazer o doutorado. Tu tá aqui dentro, tu não tem chance, tem que ir pro doutorado. Sempre voltava essa história, como eu fui fazendo isso, como a minha família foi me dando força, como a minha família me deixava sem sair atrás e me dava força, desde aquelas coisas que a minha mãe dizia, que meu pai falava, e que amor por estudar e esse amor pelo livro, em casa nunca funcionou como uma coisa assim de obrigação, nós vínhamos pra escola e íamos pra escola, e tínhamos o nosso guarda pó, e tínhamos os nossos livros, e quando o pai estava na globo, ele tirava com grande desconto aqueles cadernos que tinha as gaúchas na frente, meninas do Rio Grande do Sul atrás, e era um caderno clarinho, e muitas vezes eu trocava com os meus colegas, porque muitos tinham os cadernos da caixa escolar, e agora é o papel reciclável, mas era aquele papel mais escuro, e eu queria aqueles cadernos também, então eu trocava com os meus colegas pra eles ganharem aquele de folha tão branquinha com aquela linha azul. Então, nós tínhamos isso, pro pai e pra mãe era importante a gente ter um material da gente, levar um material da gente, fazer as pesquisa e quantas vezes a gente fazia isso junto, um ajudando o outro, o pai ajudando também. E uma coisa também forte, que eu acho eu não posso deixar de dizer, foi quando da ditadura que nós tínhamos acesso a

muitos livros em casa, um dos choques que eu tive, assim, foi do pai queimar muitos livros na churrasqueira, porque eram livros perigosos, e ali bastava pensar um pouquinho que era perigoso. Então, isso pra mim foi muito forte, tu tinha toda uma coleção de Érico Veríssimo, tu tinha o primeiro que saía lá, a gente de repente tinha, e de outros muitos livros que foram queimados em função da ditadura, e o pai era do movimento gráfico, ele se encarregou, assim, de fazer o dinheiro da legalidade e mostrava pra gente o dinheiro da legalidade. Nos levava pros comícios e era também uma coisa legal de aprendizagem, de convívio, a espera com o outro. Quando recebia, um podia ir no centro com ele, ou dois podiam ir pro centro com ele. Pegava-se o bonde e ia pro centro, ganhava um pastel e um refrigerante, ali na volta do mercado, e depois ia visitar a Livraria do Globo. Aí ele iria mostrar os filhos na Livraria do Globo, aí ele ia andar por andar nos mostrando tudo, e a gente envolvida naquele monte de livros, sempre. Então, todas essas histórias que me constituíram como a Leni hoje, doutora, Vice Diretora da Faculdade de Educação... Passar por todas essas aprendizagens, foi um saber, construído e produzido numa relação, tanto da escola quanto da questão da família, da questão dos amigos, todos amigos estarem juntos, e era interessante porque tinha aquela filharada, mas os amigos tinham chance de estar junto, tanto nos filmes que a gente projetava. Depois, a minha irmã tinha um namorado, poderoso, que tinha uma super 8, aí a projeção de super 8. Aí, inventou-se a televisão e não tinha televisão colorida, mas tinha aquela televisão que botava aquela gelatina na frente e a gente via colorido. E os primeiros vizinhos que tinham televisão, eles deixavam a gente ir pra casa deles assistir. Então, é aquela criançada na sala dormindo, assim, e aí o pai também já tinha aquela expectativa de poder comprar, acho que era Lojas Arno, que tinha crédito com juros baixos. Então, interessante nessa história, de ir pra casa dos vizinhos assistir televisão, para ver “Papai sabe-tudo”, e aquelas séries todas que tinha. É que tocávamos cobertores para a ida, já era código pra todo mundo ir pra casa, ai terminava, cada um pegava o rumo da sua vida e ia pra casa, **[ININTELIGÍVEL]** aqueles bonequinhos que vinha dizendo “Tá na hora de dormir, não esperem mamãe bordar um bom sonho para você alegre despertar” e as crianças já pegavam e se recolhiam pra sua casa. Quando a gente conseguiu a televisão também e aquele povo lá pra minha casa, às vezes descolava uma pipoca, às vezes descolava um picolé feito em casa, de Qsucu. Então, estas coisas foram muito boas, muito sadias, nos permitia inventar, como se fazia, os filmes das histórias das famílias.

Humberto – Nesse ponto aí, eu queria fazer uma pergunta: ali, na vizinhança, quase todos eram operários, então a IAPI foi criada para famílias operarias, qual é a relação **[ININTELIGÍVEL]**?

Leni – O que a gente podia observar, assim, é que tinha, principalmente das famílias que não eram tão numerosas, que eles tinham condições materiais “melhores” que os outros que tinham uma montanha de filhos. Eu tenho uma coleguinha de aula que até hoje me assusta muito quando a vejo assim... Tu é **[ININTELIGÍVEL]** dos mesmos pais, filhos de operários, de trabalhador, que seu pai e sua mãe eram... Com aquelas condições, eu lembro que essa menina morava numa casa – e as casas de IAPI são até hoje muito geniais, todas as casas de IAPI têm um pátio arborizado –, essa menina morava numa casa muito perto ali do Gonçalves Dias, ela devia ter uns 5 irmãos... Ela foi minha colega no primário, e eu levei um susto muito grande quando eu vi essa

menina sentada na frente da Santa Casa com uma criança no colo, pedindo esmolas. Pra mim foi muito impactante. Eu saí do mesmo lugar que ela, ela estudou o que eu estudei. Claro que não é assim, não dá pra gruda uma coisa na outra, mas o que tu percebia era isso. Mas existia um grande respeito, um grande cuidado entre as pessoas, não era só o meu filho, eram as crianças que estavam brincando. Na festa do dia de São João, não era só os que tinham, até, um carro. Meu pai tinha um Ford modelo A, o outro tinha um Gordini, o gurizinho que o pai foi ensinar a dirigir tinha um Simca-Chambord. Ah, meu Deus!, quando os vizinhos deixaram a gente entrar naquele Simca... Depois que saíram do Ford do pai... Mas, o Ford é fordão de manivela, quantas vezes... Mas tinha essa coisa de cuidado com os outros. Porque assim, aquela coisa que tu viu por um tempo no interior, talvez agora não seja mais assim, porque as pessoas saem mais, deixam mais seus filhos em instituição, muitas das mulheres que ficavam em casa, então, muitas das mulheres tinham chances de olhar esses filhos. A gente tinha muito espaço pra brincar, a gente tinha muito espaço pra estar junto, a gente já saía assim de bandinho, indo e voltando da escola juntos, combinando o que a gente ia fazer depois da escola, combinando o que a gente ia fazer na festa de Natal dali daquele grupo, da festa de São João, quem ia trazer pipoca, quem ia atrás das madeiras pra fazer a fogueira. Podia se fazer fogueira, não pegava fogo em nada. Agora não pode nada. Também, brincar de noite na rua: eles viam os pais indo pra calçada e nós ficávamos brincando nas ruas, ainda mais no verão que podia sair e brincar muito na rua. Então essa coisa do confraternizado, estar junto, se tinha um vizinho doente... O pai até hoje recebe isso de vizinho, tinha um vizinho doente, o fulano tinha que ir lá..., então, o outro vinha cuida o vizinho, olha o vizinho, que ele tava doente. Eu tenho que sair e não posso levar o meu filho, então fica com o meu filho aqui. Então, esse sentimento era uma coisa muito comum lá, e depois a gente vai crescendo, ficando adolescente e adolescente naquele período, era um período muito perigoso, porque era um período de drogas, entrando muito forte... Agora, a gente vê, ah, se maconheiro era tão... essa coisa tão pesada que foi.. E uma coisa que a mãe e o pai sempre fizeram: “Vocês não vão estar junto com eles”. Porque tinha aquela história assim, a mãe, e a avó também, era cheia dos provérbios: “Diga me com quem andas e te direi quem és. Mas, isso não impedia da gente cumprimentar, e eu lembro, até quando eu tava na faculdade, eu saía muito de noite, e o povo que puxava seu fumo tava ali, na esquina da estação, e um deles, o João Maloca, era meu amigo. E o João Maloca me trazia até a ponta da Brasiliano e me via atravessar pra entrar em casa. Essas pessoas também, eles faziam as coisas deles, tava ali era um deles, não era pra chamar as crianças da escola, não era um aviãozinho da pré-escola que a gente tem hoje. Eles faziam a vida deles e nós estávamos aqui. Então, essas coisas todas, acho que me produziram pra entender as diferenças. Uma, porque eu era diferente: uma família de negros funciona num bairro que todo mundo funciona. Que também passava assim em algumas famílias: “Sobe, não brinca com esses negros”, a mãe nos chamava assim e nos tirava da brincadeira. Essa mesma mãe, nós tínhamos ganho de um vizinho, nós tínhamos ganho no pátio dele um galpão velho, velho, velho, caindo aos pedaços, que a gente queria fazer um clube. Então, uma mãe deu uma eletrola, outra mãe deu um tapete, outra mãe deu uma almofada, botamos pôster, Roberto Carlos, Beatles, toda aquela coisa assim naquela maloqueira [ININTELIGÍVEL]. E essa mãe não deixava que as filhas brincassem ali,

porque ela dizia assim: “Além de tu brincar com essas negra todas, tu vai ainda brincar num lugar fechado, que coisa que tão fazendo ali dentro?”. Então, sempre teve essa coisa, aquela... a convivência, não era tudo rosas, mas a gente tava muito unido quanto precisava. [ININTELIGÍVEL] vizinho lembra-se da ação onde morreu um vizinho, o meu irmão muito pequenino, aí, aquela de velar em casa, era um vizinho muito querido e as crianças iam ali pra dar adeus praquela vizinho, e o meu irmão olhou quietinho, foi pra casa e disse assim: “Mãe, ele tá lendo um livrinho de olho fechado”. Coisa mais queridinha. Então, nessas vizinhanças, que eu acho uma pena a gente tá perdendo tudo, e que o pai ainda tem. Que é uma coisa que nos preocupa: o pai tá ali, com aquela moça que vai três vezes por semana, a minha irmã tem que sair, tem que trabalhar, manda a [ININTELIGÍVEL] pra ficar conosco, para estudar agora, também faz as coisas dela, mas, de repente tem uma vizinha que leva um bolo, tem uma vizinha que leva uma sopa pro pai. Sabe, fez alguma coisa pra levar pro seu irmão. Ou: “Senhor Armando, estragou minha porta, o senhor vai lá arrumar minha porta?”. E ele vai e faz isso, [ININTELIGÍVEL] e o pai como sempre foi fazedor, ele concentra. As crianças da Vila funcionam ainda, gostando muito do pai, porque nunca foi daqueles que expulsam as crianças: “Não joga bola aqui”. Ele aproximava, ele conversava, então essas crianças ainda continuam funcionando com o avô Armando, agora é o avô Armando, a turma da pesada tem o maior respeito com o pai, são cuidadosos com o pai. Agora ele fuma escondido, só a gente sabe que ele fuma escondido, agora com aneurisma abdominal, de cirurgia, ele fuma escondido. Isso, desde os 18 anos, oficialmente... Desde os 12, e a gente fica pensando assim: “Pô, ele tem 86...”. Tem horas que eu digo assim: “Ah, pai! Manda todo mundo se catar. Na sua idade, o senhor faz o que quiser”. Não, ele fuma escondido... Aí, de repente, ele diz assim: “Tudo bem”. A gente, entra, assim, tem umas cinzas no banheiro: “Quem será que andou fumando?” Só tava ele em casa: “Quem será que andou fumando por aqui?”. E a gente entra nesse jogo, a nossa marca é indivisível, isso faz o pai querer viver. Depois de todas as terças que ele teve, e ir ao sábado almoçar com ele, então espero o sábado pra almoçar com ele, pra almoçar comigo. Ele adora. Hoje eu que pago o churrasco, então ele... Tem um lugar que faz churrasco, que a gente não tem mais espaço pra fazer em casa, que os meninos que trabalham nesse lugar já conhecem o pai. Pô, tem uma fila, aí eles chamam o pai e o pai já tinha feito o pedido, tinha umas alianças assim. Então, não espera muito. Agora ele é mais quietinho, mais recolhido, ele não fala tanto, o pai, ele tá ali na cadeirinha de balanço dele, sentado ali na sala de jantar dele, e a gente toda, e os netinhos tudo no canto alemão, comendo, conversando... Agora, ele tem uns netos que tão lá também, então ele espera, sai, a gente organiza a vida, de modo a sábado manter esse encontro. Meus Deus, tanto sobrinho! Tem um que mora na Suíça e o outro que tá fazendo doutorado na Alemanha, eles já ligam no sábado pra casa do pai porque sabem que vão encontrar todo mundo. Às vezes, as gurias vêm da praia com a Betinha, pra também participar desse almoço num sábado assim, que faz o pai gostar da vida ainda. É aquela coisa que ele foi aprendendo e nos ensinando, e é uma coisa que eu quero do meu pai, entendeu, a humildade da velhice, e a sabedoria da velhice. Acho que foi construindo isso ao longo do tempo, e daí talvez porque a gente seja tão próximo dele, que queira ele tão perto da gente, daquela clã. Eles diziam clã do Dornelles. Hoje os Dornelles entram na tecnologia, então tem um Orkut com a comunidade dom Dornelles.

Aí vêm as notícias da Alemanha, vêm as notícias da Suíça, o neném da suíça tá nascendo agora, e tudo isso também é um motivo de grande orgulho pro pai, de lembrar assim: “Saí de Uruguiana, Saí de Bagé, com aquele Fordeco, cheio de filho, vim aqui, consegui”. Ele tem agora, dois netos engenheiros, que saíram um do Instituto de Educação e outro do Becker, estudaram na escola pública, foram atrás. Então, o Marcelo que agora, aqueles nomes lá daquelas empresas, grandes empresas suíças, o Marcelo tá lá de manager. O Marcelo tá lá, o Fabinho estuda, faz o doutorado aqui na engenharia, fazendo um doutorado-sanduíche, morando já há 2 anos na Alemanha. O Rafa faz física, tirou primeiro lugar em física aqui na UFRGS. A Lulu faz Educação Física, e tá terminando o curso. Trazendo os netos dos Dornelles, a Viviana tá fazendo vestibular pra Educação Física, a minha filha Luisa tá fazendo vestibular pra História. A bisneta tá terminando o Ensino Médio, todas essas coisas assim que estão acontecendo, que tanto orgulha o pai de ter feito e de ter produzido uma família desde jeito, que todo mundo vai atrás, que nunca foi assim “não quer estudar”, não, sempre todo mundo trabalha, vamos ajudar o cara, o cara precisa, vamos ajudar o cara, pagar o cursinho, vamos ajudar a compra o livro, tá precisando, tá faltando pra um, tá faltando pra outro. Quando a Amanda estudava na praia, isso também funcionava igual, a gente também sempre se preocupava, assim: “Vamos trazer as gurias pra cidade, pra ver as coisas da cidade, pra conviver com as pessoas”. Foi opção do meu irmão ir pra lá. Agora, quando ele faleceu, a gente até conversou muito com a Betinha se elas deviam continuar lá. Então, a gente vai muitas vezes, pra estar junto com elas. Os Dornelles diminuindo, mas a gente continuando, sem medo de serviço. **[ININTELIGÍVEL]**. O bebê suíço, é uma coisa interessante, porque o bebê suíço... a Ana é atendida por uma médica extremamente rígida, depois por uma que... Aqui no Brasil, a gente chama uma enfermeira que acompanha toda a gravidez 10 dias depois do parto e lá, em maio, a Ana **[ININTELIGÍVEL]** em julho, e a Ana pergunto: “Mas, nós não vamos fazer uma **[ININTELIGÍVEL]**? E ela disse: “Não, aqui na Suíça o que vale é a palavra do médico”. Cortou a Ana, e o bebê tem 99% de chance de ser uma menina. Ai, todo mundo no Brasil, todo mundo começou a fazer os bordadinhos, tricozinhos, Laurinha, Laura. Agora em agosto, quando ela voltou, veio a notícia que não é Laura. A médica pediu desculpa, abraço a Ana, coisa que nunca aconteceu, mas a precisão Suíça faz de tudo. E a gente disse assim: “Vamos esperar nascer, porque a gente não acredita mais na precisão suíça. Por enquanto, vai ser um bebê suíço”. Então, os guris se permitiam estar junto conosco, deixa eles curtirem, e fazem uma série de bonequinhos que são meus filhos mais velhos, aí o esposo da minha irmã mais velha, ele dizia “As Metralhas. As Dornelles são as metralhas”. E o pessoal daqui da Engenharia quando nos via, os guris tavam estudando ainda, de vez em quando a gente baixava aqui na **[ININTELIGÍVEL]**, ou pra comemora o aniversário que não dava tempo de encontrar naquele dia, os guris da Engenharia já diziam, “Ih, as Dornelles estão reunidas... Mas foi no meio dessas histórias todas, dessas aprendizagens, dessas convivências, que a família foi se estruturando, foi aprendendo a lidar com os outros, foi curtindo este conhecimento mais formal pela escola, pela academia.

Humberto – E o gauchismo da família?

Leni – É, os guris são muito machistas. Começando por isso, inclusive o Rafael e ele me vendo estudando essas coisas da diferença, pensando e defendendo,

o Rafael diz assim, “Ai, tia Leni, a senhora é muito legal mas quando a senhora vem com essas histórias da diferença não dá pra agüentar”. “Mas, diga, Rafael, eu sou diferente, tu é diferente. Nesse mundo do Rio Grande do Sul, somos diferentes, e as gurias também”. E é interessante, pois, assim, uma vez eu tava com a minha filha numa das passeatas gays em Porto Alegre, e tinha uma camiseta lilás linda de um dos movimentos e dizia “Eu respeito as diferenças”. Aí, dizendo dos travestis, lésbicas, gays, homossexuais, toda turma, e ela disse “Mãe, eu quero essa camisa”. Eu disse, “Filha, tu tá pronta para usar essa camisa?”. Ela disse, “Deixa comigo”, mas guardou a camiseta no roupeiro. Um dia, ela disse assim, “Eu vou com essa camisa pra aula”, colégio, católico. “Luisa, tu tá pronta pra entrar na escola com essa camisa?”. “Deixa comigo”. Quando ela voltou da escola, ela disse uma coisa muito interessante, ela disse que um coleguinha chegou pra ela e disse: “Ai que horror, tu respeitando essas bicha, essas machorra, essas sapatão”. Aí, Luisa: “Que quê é isso?”. Aí, ela olhou pra ele e disse isso: “Pois é, né, cara? Eu tô te defendendo e tu não aceita”. Então, somos muitos diferentes, é que nem na família do meu irmão, lá na praia que tu conheceste: a Betinha loira e o Ramão negão. Então, essas coisas todas, assim com religiões diferentes, com amigos diferentes, de alguma forma nós marcávamos alguma diferença também ali naquele lugar. Porque nós éramos muitos unidos, sempre fomos, tanto que, quando a mãe morreu, uma vizinha disse: “Daqui pra frente vocês vão se reúnem mais”. E nós começamos a mostrar o contrário, que é possível continuar juntos, com uma família diferente, agora que não tem mais a mãe. Não é mais aquela família nuclear, a mãe os pais e os filhos, não. Somos eu o pai, com filhos e netos e bisnetos. Então, isso é muito genial. Eu posso te dizer assim, que somos gaúchos como poucos, na família. A Ana, esposa do Marcelo, que mora lá na Suíça, a Ana é paulista, começava assim, e as piadas de gaúcho e paulista, então agora a gente tem um pouco mais de cuidado, mas a Ana disse, “Ai, já sei que é assim”. Tanto que, quando a gente tava viajando lá na Europa, agora, a Ana um dia nos disse uma coisa assim, “Só vocês, gaúchos! Porque vocês tão vendo a coisa mais esplendorosa da Europa e vocês lá no Rio Grande do Sul tem um lugarzinho assim; mas, lá em Porto Alegre o pôr do sol tem uma coisa assim”. Então, sempre é muito forte a coisa de raiz na Campanha, da qual a gente veio marcada, muito da coisa da Campanha, do tipo de comida. Foi complicado mudar, o prato que era aquele arroz, feijão carne, e entra a salada. Fruta era só fruta que tinha no terreiro, que se tinha no pátio.

ANEXO 14

ENTREVISTA 11

Leni Dornelles, segunda fita, em 29/10/2007

ENTREVISTA 11

Leni Dornelles – Em 29/10/2007 – Segunda fita – Sala de trabalho da UFRGS Campus Redenção – Porto Alegre. – Presença da estudante do curso de graduação em ciências sociais da UFRGS, Vanessa Gil, que auxilia na gravação. Entrevista gravada.

29/10/2007

Humberto – Algum momento, isso já foi falado, nessa história de vida, como ela reflete agora na transmissão de saber?

Leni – Isso sempre foi muito forte: na tradição da comida, como eu falei, na dança. Não que nós freqüentássemos o CTG, mas a escola... A mãe sempre fazia os nossos vestidos de prenda, não sei como, até hoje eu me pergunto como que ela conseguia. Mas nós tínhamos os nossos vestidos de prenda, ai a família toda assistia o espetáculo que aquele irmão iria participar e eu sempre paguei mico, sempre fiz essas coisas todas da escola. Sempre fiz e achei genial e participei de tudo, e eles nos deixavam participa de tudo, arrumavam, assim, um jeito de participar de tudo. Então, das danças gaúchas e das danças... Um ensinando pro outro. Não freqüentava o CTG, mas um ensinava pro outro. De ler muito lendas gaúchas, e tanto dos livros quanto um contando pro outro e os mais velhos trazendo essas coisas das lendas do Sul. Nós, também, ensinando isso pras crianças que estavam nascendo, que agora estão grandinhas, não é? Passando as coisas do Rio Grande do Sul, passando as coisas de rituais, dentro dos mitos. Eu lembro muito de sentar com a minha filha, noites de lua cheia, na varanda da casa, e começar a contar pra ela as histórias do Negrinho do Pastoreio. Como eu tinha feito Instituto, sendo do coral do Instituto, eu sabia música do Negrinho do Pastoreio, que eu cantava pra ela, porque a minha irmã já tinha ensinado pra mim e nos ensinava e cantava pra nós. Então, essa coisa de ser do Rio Grande do Sul sempre foi muito forte, pelas músicas, pelos versos, pelas poesias, que vinham dos autores gaúchos, por curtir a paisagem, era muito bom quando a gente aprendia a geografia do Rio Grande do Sul pegando trem para passar as férias em Bagé. Era a tua aprendizagem geográfica *in locu*. O que que é a Serra do Banderão, como que é essa estrutura geográfica do Rio Grande do Sul, que a gente ia aprendendo. Ou então indo pra praia que era um horror ir pra praia, ainda mais um horror com aquela montanha de filhos, outra região, então não nos foi impossibilitado. Hoje, tu pensa assim, “Não, tu tem três filhos já não pode fazer um monte de coisa”. Pois eles faziam com a montanha de filhos, também nos chamavam, quando os tios iam pra algum lugar, uma excursão... Eu lembro meu tio, que era da farmácia, tem uma excursão da farmácia! Então, essas coisas de olhar para o Rio Grande, de prestar atenção na natureza, de prestar atenção na paisagem do Pampa com as figueiras, de prestar atenção na paisagem na Serra, de prestar atenção no Guaíba. Eu sou uma apaixonada por Guaíba. Todo mundo diz “esse riozinho que não é riozinho”. Ai, é lindo! Procurei um canto pra enxergar o Rio Guaíba, eu não morro sem ver o Guaíba. Então, essa coisa sempre foi muito forte do ser gaúcho, mesmo que tenha todo o **[ININTELIGÍVEL]** de todas as linhagens que vieram pro Rio Grande do Sul. De italianos, de alemães, nós bugres, não nos entregamos pros homens... Nós, bugres, curtíamos aquilo ali, de ser do Rio Grande do Sul, cantar o hino do Rio

Grande do Sul, aprender as coisas da terra. E, as vezes, até somos muitos bairristas: “Porque o nosso é mais bonito, nosso pôr do sol é lindo”. Não interessa o que tu viu lá, não... A gente tava, assim, olhando pra uma paisagem dum rio: “Ah, mas o rio lá do Valente, lá em Bagé, era assim. O Reno lembra o Valente”. Os cara não entendem, o nosso Rio extremamente escuro pela terra e os caras têm um rio totalmente claro pelo solo, e nós, assim, não deixamos esquecer o Valente. Então, essa coisa do Rio Grande do Sul, como gaúcho, sempre ficou muito de um orgulho muito grande de ler muito a literatura do Rio Grande. Essa coisa do mágico que o Érico Veríssimo propiciava, e era muito bom a gente ouvir assim, com o pai, da convivência dele com o Érico, por exemplo, que reorganizava o livro, olhava, organizava o tipo do livro, na boa, na paz, enquanto o Mario Quintana chegava quebrando tudo, ficando furioso, muito bravo. “Por quê? Como que fizeram isso? Pá e pum...”. E o pai tinha uma outra história: ele que fazia injeção em todo mundo. Mas eu acho que, então, assim, essa coisa do ser gaúcho, né? O que tu me perguntaste também, assim, agora falando de um outro lugar, sendo convidada a ir a outros lugares organizando as minhas disciplinas aqui na faculdade, administrando, tanto na graduação quanto na pós graduação, coordenando coisas aqui na Faculdade de Educação, e eu me preparo muito sempre pra isso, eu não consigo ir pra uma aula, eu não consigo iniciar o ano letivo sem ter as coisas planejadas, organizadas, levar pros alunos para discutir, é assim, não é assim, como que a gente pode reorganizar, retomando avaliação com os alunos, trazendo gente. Eu estou fazendo uma disciplina que eu acho muito especial que pra mim tá sendo muito cara, que é uma disciplina de infâncias de 0 a 10 anos, então, com os alunos, tentar desnaturalizar aquilo que toda infância é igual, que foi o que nós aprendemos. Então, todas as crianças São puras, todas as crianças são ingênuas, todas as crianças são protegidas, e quando tu te da conta, como que os meninos na rua vivem e vivem sem o adulto? Como que eles sobrevivem àquela rua? Quando tu vê assim a história da tecnologia, o que que a gente tá oferecendo pra essas crianças, que tempo eles estão ali, o que que eles estão acessando, será que nós vamos continuar botando a culpa, como nós botávamos na TV? O tempo que essas crianças estão tendo com as pessoas, como a gente discutiu com os adolescentes, além de brigar no MSN ou no Orkut? Olhem no olho. A gente olhando no olho, a palavra é diferente. Vamos regatar isso aí, de conversar, de brigar e ajeitar a coisa olhando no olho. Nem sempre a palavra nos possibilita isso. Então, organizando sempre muitos esses espaços, ir pra outros lugares, trazendo essa experiência que eu fui construindo ao longo desses anos todos, e que me foi fazendo. Isso pra mim foi muito complicado, num momento teórico também, porque, numa linha mais crítica, o que eu aprendi naquele momento é que tu tem que ser um sujeito único, e sendo único tu tem que ser sempre igual em todos os lugares. E eu fui me dando conta que não é assim, dizendo não. Tu és múltiplo, as coisas e as identidades não são fixas, elas são plurais. Então, tu és a Leni professora, tu és a Leni mãe, tu és a Leni filha, tu é a Leni dinda, tu é a Leni vice-diretora da Faculdade de Educação, e não deixas de ser a Leni. Porque também tem esse ranço cristão, se a gente pode dizer assim, de que se tu não for única, tu é um cara meio cafajeste e ainda mais eu que vinha duma história de igreja protestante, um grupo de negros numa igreja protestante já era também outra coisa. Dentro da igreja metodista eu achei milhares, a minha adolescência metodista foi muito boa, com todo metodismo, com toda forma do controle, da

regulação que existe dentro da igreja, mas que naquele momento me foi fantástico, eu não deixo de colocar que eu fiz parte dessas coisas todas. A Leni do movimento estudantil, a Leni que teve que se esconder da polícia na hora do pega ali na rua, de não aceitar que eu não podia ficar junto dos meus amigos de noite porque mais de dois juntos já era subversivo. Então, todas essas coisas assim, de alguma forma atravessam a minha fala nesses lugares em que eu vou trabalhar, aonde eu vou apostar. Eu disse pra vocês, em um determinado momento eu fiz uma virada teórica, uma virada, porque algumas coisas da teoria crítica passaram a me incomodar, eu passei a colocar em suspenso, e depois estudando a teoria pós crítica, isso me deixou muito tranqüila, de ver essa multiplicidade, de ver essa dualidade, de ver essas possibilidades todas de diferença e que estão aí, e isso é tão forte e essa coisa cartesiana que a gente vai construindo ao longo da educação e que só se pode ser sujeito dum jeito e desse que é o certo ser. Quando eu fiz o concurso, eu estava no elevador da Faced, e vinham 2 professoras, que eram professoras do meu departamento, talvez elas não me conhecessem, não sei, mas essas 2 professoras estavam no elevador e eu entrei no elevador, e uma olhou pra outra e disse assim: “Tu vê o que tá virando a UFRGS, até negro passa em concurso”. Eu fiquei na minha, hoje elas batem na porta e pedem autorização pra eu assinar alguns projetos, não é vingança nem nada, mas é redondinho. Tu te faz o tempo inteiro, e tu precisa do outro tempo inteiro, e se não for assim a Faced não vai funcionar, a universidade não vai funcionar. Mas eu consigo ver com mais tranqüilidade algumas coisas, em função de tudo isso que eu fui construindo ao longo vida, dos fortes teóricos que eu atravessei, que eu estudei, viajei pra caramba, que eu estudei, que eu fui saindo, que eu fui estudando agora eu tou me atravessando em algumas coisas venezianas, que eu também sentia essa necessidade de ir crescendo. E, assim, não quero mais o culto que eu tive, eu não quero mais, eu acho que o **[ININTELIGÍVEL]** me ajuda muito a pensar nisso. Essas verdades não são absolutas, e essas verdades, cada, são construídas nessa sociedade, e cada sociedade vai inventar suas verdades e o que é interessante como verdade, e a gente vai ver isso atravessar em muitos lugares. Eu acho muito legal, principalmente aqui dentro da UFRGS, tu ter a possibilidade de pensar com a tua cabeça, tu não precisar entrar, e discutir com teus pares, discutir com os outros, e depois tentar ir tomar um cafezinho, que eu acho que essa turma nova consegue fazer. A turma do nosso tempo, a coisa ficava num nível pessoal, se discutia a teoria, mais a coisa ficava também num nível pessoal, e a gente está conseguindo... Eu tenho uma colega que trabalha comigo em algumas disciplinas, eu nunca esqueci das coisas todas que eu estudei e que valem pra mim até hoje, como formadora de professores, mas eu também consigo avaliar que algumas coisas foram superadas e que não é possível... Depois, vivendo 40 dias na Suíça, eu pude entender porque Piaget e porque que ele vai falar a partir daquele lugar. Então, essas histórias todas de tentar entender a diferença, primeiro foi eu trabalhar junto com essa professora, e eu me aventurando em estudar **[ININTELIGÍVEL]**. Nós trabalhávamos as duas juntas na mesma sala de aula, e alguma hora eu disse: “Ah!, não dá não. Para aí, vamos ver, vamos fazer o que havia pensado”. Daqui a pouco eu disse: “Não, Leni”. E as alunas, na frente da gente, não entendendo, e depois as alunas conseguindo entender isso: que é possível, que a educação não se faz de um lugar só, que não faz de uma teoria só. Nós estamos trabalhando com sujeitos,

e esses sujeitos vêm de muitos lugares, são produzidos por muito lugares. Então, fui construindo, agora tem as minhas orientadas de mestrado. Uma delas seguiu um projeto que ela começou na especialização e ela trabalha com bonecos negros. E discutíamos isso, porque que a gente foi pensar em bonecos negros industrializados e não boneco negro construído de pano? Porque aí já era mais uma diferença, que nós estamos estudando, a produção do sujeito, do corpo do sujeito pelo brinquedo. Porque o brinquedo parece uma coisa muito ingênua, é só um brinquedo. Não, o brinquedo também tá ensinando, o brinquedo também tá dizendo coisa pra crianças. E os corpos desses bonecos também tão ensinando. Aí, a gente perguntava: “Onde tá o corpo do negro representado nesse brinquedo, que a gente não encontra na sala de aula?”. De um tempo pra cá, a gente tem trazido, fala tanto sobre isso que começa a entrar alguns bonecos negros dentro da sala de aula. Mas uma experiência muito interessante que nós tivemos foi uma turma de três anos, uma turma de maternal, nós levamos uma das nossas bonecas, uma fada com corpo de estilo barbie com cabelo comprido, negra, toda vestida de cor de rosa, com uma asa cor de rosa. Nós púnhamos essa boneca dentro dum saquinho que as crianças não viam. Elas tocavam: “Ah, é uma fada, porque tem uma asa”; “Ah, tem cabelo comprido, liso”; “Ah, ela é magrinha, ela deve ter o olho azul cabelo loiro”. Quando a gente tira a fada de dentro do saquinho, eles ficam muito impactados, e uma criança de três anos dizia: “Ela não pode ser fada, ela é negra, tira a pele dela e põe uma pela branca”. O cara só tinha três anos! Então, como que a gente tá sendo produzido nesses lugares todos, que que eu tô levando de história, que que eu tô contando, que que eu tô valorizando? Como uma cena que a gente observa na sala de aula, que as crianças estavam tudo esperando pra ser penteada, e a professora chegou pra menina negra: “Eu não posso pentear teu cabelo, ele é ruim”. Então, que que tu tá dizendo quando di cabelo ruim? Quantos negros também dizem meu cabelo é ruim? Enquanto não existia a chapinha, era coisa de negro alisar o cabelo. Quando inventou a chapinha, todo mundo faz. Aí, agora, é fazer chapinha, não é mais alisar o cabelo. Essas coisas a gente começa a perguntar para um objeto que parece tão natural, não é que ele seja liso. Onde está o corpo do gordo? Onde tá o corpo do de óculos? Nós não temos bonecos, além do Harry Potter, não tem boneco de óculos. Aonde tá o corpo do velho? A coisa do velho, agora na pesquisa de uma das alunas, está muito forte, porque as crianças chegaram pra ela e disseram assim: “Tu não pode ser nossa profe. Tu é velha, e velho não pode trabalhar com criança”. Quando ela vai contar historinha, são tão cruéis, a cara de ruga, “[ININTELIGÍVEL], tu tem ruga? Ai, não canta, tua voz é de velha, é horrível”. O que que a gente tá fazendo com toda essa produção? Com as nossas crianças que são tão pequenas e que também estão sendo produzidas nesse meio, também tão interagindo com aquilo ali. Então é aquela coisa, então, o que que tu vais fazer? No início do trabalho dela, ela tava numa indignação... Realmente, a gente vai lendo o trabalho e fala das crianças todas aquelas narrativas que aparecem. Elas vêm trazendo esse trabalho assim, como que vai constituindo, na história, a história da beleza. Como que as mulheres, lá em 1800, tiraram uma costela pra serem magrinhas, e a gente não sabe disso. Pensa que é de agora. Todas as invenções de maquiagem, todas as invenções de modelar o corpo por espartilho, por uma série de coisas que vem acontecendo, e é isso que ela vai buscando a partir do dito, “Tu não pode se professora porque tu é velha”. E vai estudando, e vai terminar o trabalho de

uma forma muito linda que é a questão da ética. Que ética é essa que nós estamos produzindo nesse corpo desse sujeito? Então, teu trabalho é muito genial. Assim, e realmente eu sou muito apaixonada por essa faculdade, por essa Universidade, pela possibilidade que a gente tem de tentar e ir atrás, de buscar, de crescer. Isso é muito bom e é isso, claro, que aparece nas minhas relações, de todos os trabalhos que eu vou fazer, e tentando assim pegar as coisas que eu aprendi com a minha família... Eu não sei tudo, por enquanto eu sou a doutora da família, mas eu não sei o que é, e na minha família eu sou a Leni que pega no colo, que dá banho no Gabriel, que dá comidinha pro Gabriel, que pega o pai e leva pra ver as luzinhas de Natal da cidade, como ele fazia quando nós éramos pequenas, que tenta convencê-lo a ir pra praia. Agora, que briga, que discute, que leva o outro pro hospital, que leva o outro pro médico, que compra um livro, e naquilo que tu perguntavas também, como que a gente divide esses saberes. Então tu vê assim, o Rafa ajudando as gurias em matemática, em química, em física, a Íris e a Ruth trazendo as coisas do português para me ajudar. Aliás, ela me ajudou essa semana passada com o problema que eu tive com as alunas, porque são cheias de preconceito lingüístico. A Ruth me trouxe uns livrinhos pra eu levar pra sala de aula, pra trabalhar com as minhas alunas. O pai tá muito ligado no rádio, ele ouve uma notícia e ele traz pra gente, socializa. Então, essas coisas assim, bom, os guris da Engenharia... Tá, isso aqui, como que funciona? E o pai gosta muito disso quando os guris sentam com ele, a composição do ferro não sei o quê... Aí, ele traz os ferros lá da Viação Férrea, como que era feito, como que era produzido, e os guris também vão perguntar pra ele: “Vô, como que funcionava essa liga?”. Aí, ele chega e senta com o pai e o pai diz: “Não, a liga aceita, assim, dormente não sei o que...”. Eu não sei dizer os nomes do ferro, lá. Então, cada um com as suas coisas. O bebê vai nascer, aí a outra diz: “Não, vamos cuidar, o bebê não pode ser exposto a não sei o que”; “Não, o bebê precisa ir pro chão, porque ele precisa reagir e precisa funcionar”. Tá, o Homero, o Homero é o nosso pediatra e o pediatra do pai também, o Homero sempre diz: “Cuida, protege, ele tá no meio de tudo, ele tá funcionando com tudo; na hora do soninho, hora de dormir, as luzes diminuem, o barulho diminui, deixa o bebê dormir”. Essa coisa, também. Hoje, o Gabriel não pode ir à escola, porque tá com conjuntivite, como aconteceu semana passada. Aí, o meu sobrinho levou o Gabriel pra casa da minha irmã e num dia da outra irmã, no outro dia... Mas a gente assim, se trocando..., tem vezes que eu vou lá pra casa deles pra olhar o Gabriel. Então, esses saberes sendo compartilhados também, o que nos faz, então, desse jeito, todos nós. Quando eu preciso duma questão do carro, então vamos lá vamos falar com o Rui. O Rui sabe disso, vamos ouvir o Rui, porque ele tem oficina, ele sabe ver essas coisas, que é um primo, entende? Não, não essa coisa do direito, não vamos falar não vamos nos meter... Vamos conversar com o Léo, vamos conversar com a [ININTELIGÍVEL], partilhando, eu comprei um livro, eu ganhei um livro da história do general Flores da Cunha. Aí levei... Não, não posso ler agora, o senhor já sabe, agora na feira, não posso ler. Agora, o pai vai amar esse livro. Cheguei: “Pai, olha o que eu ganhei no Instituto”. Ele já começou a ler o livro na hora, assim, passeando pelo livro, e já dizia assim: “Leni lá em Uruguaiana, o Flores da Cunha fazia isso, isso, isso”. Então, isso é muito genial e eu acho que eu consigo isso com os meus pares aqui na Faculdade. Ontem, eu recebi aquele livro ali de Portugal, que é um trabalho de um professor lá da Faculdade de Coimbra. Quando eu vi, eu

estava com o livro em baixo do braço: “Gurias, olha o que ele me mandou, se vocês precisarem tá aí!”. Com os nossos alunos do mestrado, com todas as nossas diferenças teóricas, que na linha tem, é possível, assim: “Oh, os alunos da Fulana vêm me procurar pra ver uma referência, precisa estudar”. Então, de algum jeito, o efeito disso na minha vida é total, porque não passa só pelo livro ou pelo que eu escrevo, que produzo.

Humberto – [ININTELIGÍVEL]

Leni – Uma das coisas que eu tenho pensado que foi sempre assim, a coragem que a família teve, porque vindo de famílias de bugres e negros, sempre foi um rendimento maior, sempre foi uma luta maior, mas em nenhum momento, em nenhum desses antecedentes da família, os antecessores da família, não digo se curvaram, mas nenhum momento o impedimento foi estar junto, pra ir naquele lugar, pra freqüentar aquele espaço. Claro, não tinham dinheiro pra freqüentar clubes de Porto Alegre, mesmo sabendo assim, tem clubes de brancos e de negros, não tínhamos dinheiro pra freqüentar clubes de Porto Alegre. O clube era ali na Vila mesmo, era ali que nós fazíamos as nossas festas, mas isso nunca nos impediu de crescer e de estar junto com as pessoas, e, talvez também por isso, nós estamos no meio de determinados lugares que hoje em dia não seria mais o lugar de eu estar, porque eu sou uma doutora. Dá vontade de citar um termo lá de Bagé mas eu não posso, tá gravando, não posso dizer. Não importa, são as pessoas, são possibilidades de aprendizagem, senão o pai nunca teria se aproximado daqueles autores que ele conviveu ali na Livraria. Quando ele fabricava, ele era o tipógrafo que iria fabricar o livro do cara, mas isso não impediu que ele conversasse com o cara, que eles estivessem ali juntos, e, de alguma maneira, este também não ficou conosco. Com todos os impedimentos que poderiam acontecer ao longo da nossa vida, ninguém parou de estudar, ninguém parou de ir aos lugares, ninguém parou de... Agora, a gente viajando pra Europa, foi uma coisa muito tranqüila. “Bom, vão me barrar na entrada”: foi interessante quando nós chegamos na Itália, eu e a minha irmã passamos e a minha filha ficou, e o guarda lá da alfândega ficou conversando com a menina, um tempão, aí depois a gente entendeu, uma gurria brasileira vai dizer que eu vou passear na Suíça... Quem vai passear na Suíça? Mas, eu tenho a oportunidade de ir e nós não vamos perder. Então, com todas essas coisas de história social, história econômica, história de raça, história de gênero, não nos impediu de ir atrás e de construir e de fazer, que algum jeito a minha avó com a coragem dela de vir pra Porto Alegre, ela já trazia isso. Uma mulher viúva, com filho, vir pra Porto Alegre... Então, de algum jeito ela nos trouxe e nos deu..., aí tem a coragem da mulher gaúcha. Então, foi uma coisa genial que foi construída ao longo desses anos todos e não é aquela coisa assim: “Mata que tu é negro que tu é forte”. Não, essa coisa tava borrada, essa coisa não precisava [ININTELIGÍVEL]. “Tu é gente, tu é gente como outros, tu vai à luta”. E a mãe tinha nos dito assim, incrível, a mãe dizia assim: “Mexo teu pé que te ajudarei”. Aí, de vez em quando, assim: “Puxa mas eu tô mexendo pra caramba...”. E as coisas que a gente teve em Porto Alegre, ao longo dessa gestão, assim, de uma prefeitura popular! E isso a gente começou com o pai, quando ele nos levava nos showmícios e apostando num partido e nós éramos Drummond, sempre fomos *gauche* na vida. Então, sempre fomos uma família de esquerda. Nunca fui, apesar de que a minha avó sofria muito e o meu pai sofreu e eu calei minha boca, não falei mais sobre isso, a avó era Getulista assim, Getulista de ter a

fotografia do Getúlio na sala. Ele era Dornelles, mas nós não éramos Dornelles dele Talvez ele tenha dado nome a algum escravo Dornelles, a grana não vem. Então, essa história, assim, aquele cara que inventou as leis trabalhistas, que possibilitou ao povo que tivesse mais dignidade e espaço de trabalho... Tu foste criado com essas histórias, assim, do movimento sindical que o pai participava. Nós, participando dos movimentos estudantis e, depois, dos movimentos sindicais. Nós, participando de lutas da cidade, Sim, as crianças juntas, com as bandeirinhas de todas as cores do PT, antes da decepção. Então, como que toda essa coisa vai nos fazendo? E isso vai passar certamente pelo meu ser professora, pela minha professoralidade, também de trazer essas questões teóricas, mas subsidiada por toda uma prática que eu aprendi na sala de aula, que eu aprendi também no quintal de casa. Assim, quando eu nasci, agora lembrei de uma musica do Chico ,veio um anjo safado, um tal de querubim, nós passamos a morar na casa da Getúlio, da Gonçalves Dias... Na casa da Gonçalves Dias tinha até telefone, já penso que chique, vim de Bagé e tem telefone na casa, quer coisa mais chique? A tia Jorgina, irmã da minha avó, continuou morando ali na Baronesa do Gravataí e eu ainda passo ali com muito carinho, Era uma casinha muito pobrezinha, limpinha, limpinha, limpinha, bonitinha, bonitinha, porque eu tinha medo que tivesse rato qualquer coisa porque era um guetinho. Mas eu não conseguia ou não se conversava, ou sei lá, não era um gueto, não era um lugar marcado ali e dali tu não pode sair pra outro lugar da cidade. Bem, ali no Menino Deus, onde eu nasci, era uma casa legal, não lembro quase nada, me lembro que me chamavam de Diacuí, porque era a época da Diacuí, aquela índia que casou com branco, foi aquele fuzuê na cidade. Imagina, uma índia casar no religioso com um branco? Então, me chamavam de Diacuí...

Humberto – Deu na revista O Cruzeiro. O Globo trazia também nas suas páginas. Não tinha Rede Globo, mas tinha O Cruzeiro.

Leni – Aí, nós viemos pro bairro Rio Branco agora morando na Mariante e na Liberdade. Depois que eu fui descobrir também que o bairro Rio Branco era um bairro onde moravam negros e tem ainda alguns espaços de negros ali no Rio Branco. Mas a gente sempre circulou no meio de todo mundo, nós tínhamos os nossos amigos negros e nós tínhamos os nossos amigos brancos. Então, como eu disse, sempre foi uma coisa borrada, não foi só... E mais forte, ainda, porque a minha avó era Batista, Deus o livre falar em coisas de religião africana. Isso era proibido dentro de casa e uma coisa também interessante é que a historia do negro, ela foi uma história oral ela não foi uma história marcada. E essa oralidade da negritude ela não era muito mexida, porque a minha avó era muito marcada com isso em função da avó e do avô dela. A avó era uma mulata, em Uruguaiana. Aí, tu já fica assim: sei que os meu antecessores vieram de algum lugar da África pra Ilhéus, mas isso é o máximo. E, aí, depois miscigenou o tempo inteiro, misturou o tempo inteiro, ai tu dizia assim – um Francês, lá? E ainda é uma família mestiça, tem bugre, tem bugre pela família da minha mãe, daquela região da Campanha tem bugre, o meu avô era filho de bugre, de índio com branco, meu avô tinha olho verde e era filho de índio com branco. Mas era uma história assim, que a gente teve pouco... e também tem uma coisa assim, das famílias mais simples, e que isso reflete até hoje, e se nós vamos na vila os nossos alunos são neguinhas, o Pato, Ronaldinho não sei o que mais, eles não tem o nome, sobrenome... Então, nos não sabemos os sobrenomes dos que vieram antes dos Dornelles,

dos Ferreira, dos Fernandes Vieira. Tudo nome muito chique, mas grana pouca, a grana é muito pouca. Então, essa coisa da negritude que agora a gente resgata na família, e que sabe e que entende, e, principalmente eu e a minha irmã Íris, e eu sou curiosa, tem que ir nos lugares pra ver como aquilo funciona, de uma parte que foi negada, foi colocada na cabeça das pessoas que isso é feio.... Não, ninguém tem cabelo ruim, todo mundo tem seus cabelos, e ninguém tem horror de seus cabelos. Claro, a não ser adolescente, que aí tudo é feio. Mas, aí se descobre gente bonita, nós somos bonitos. E isso também é interessante, porque hoje em dia quando eu começo a falar as coisas da minha família, parece que eu tenho que pedir desculpas. Tem muitas famílias assim, e nós gostamos de dizer que nós somos assim: nessa coisa de ser branco e ser preto, ser misturadinho, o bebê suíço que vai nascer, a mãe dele é descendente de italiano paulista. Paulista é paulista, não é gaúcho, então, resolveram que nome vai ter esse bebê agora? Ai, João? Mas João eles não sabem dizer, vai se Hans, não, Hans a gente não quer... e eles discutiram lá os nomes, resolveram que o bebê vai chama Lucas em homenagem à terra que a família da Ana veio da Itália pra São Paulo. Aí, os guris estão discutindo no Orkut, que não dá pra ser só assim, porque vai ser Lucas Congo, Lucas Zaire, Lucas Gana... Então, a gente sempre conseguiu brincar, nos momentos mais horrorosos sempre teve uma coisa hilária que nos chamou pra vida. De perder, e ,na hora da perda, sempre teve uma coisa que nós conseguimos... Eu acho que isso não é doença, eu acho que isso é chamar pra saúde, de nós conseguirmos ir em frente e levar adiante, sem pedir desculpa porque vive numa família que é unida, que se gosta, que se curte. Aqui, na Engenharia, que a minha irmã trabalha, eu entrei no laboratório e passou um dos engenheiros que é professor ali, e eu tava conversando com a minha irmã e ele disse assim: "Ih, as Dornelles estão juntas!". Então nisso, Humberto, de ter vindo desses lugares que a gente vinha, e não só se juntava com os amigos negros, mas também se juntava com os amigos brancos, e funcionava com os dois, foi assim que nós funcionamos sempre com todos os grupos. Tinha os judeus que moravam ali, tinha os mascates, que tanto eram judeus como eram árabes, que vinham vender os mascates na porta de casa e que a gente sabia: "Ah, o seu Fulano chegou. Ah, vamos fazer um café pro seu Fulano, deixa ele contar umas histórias pra gente, do lugar que ele veio. Talvez isso seja da mestiçagem mesmo, que tu acaba colhendo e trazendo e não negando determinados lugares de onde tu viestes. E, ali no IAPI, a mesma coisa de ser, pronto, e naquele lugar se dar com todo mundo, e não se, só do grupo dos negros ou do grupo dos brancos. Eu peguei o final do bonde. O bonde ia até ali onde começa o viaduto agora. A grande sensação do bonde quando a gente começou a crescer era saltar do bonde em movimento, e às vezes a gente pegava umas caronas e eu lembro que um dia a minha irmã chegou sem os tampões do joelho, porque a moscona tinha que saltar e botar o pé pra frente, ela salto e parou, pum! Nós entrávamos por aquele esgoto que tinha ali no viaduto, tinha um esgoto que saia lá onde é o Iguatemi agora. Nós caminhávamos por dentro daquilo ali, descobrindo... Claro que o pai e a mãe não sabiam. O túnel secreto, o túnel dos valentes, eu sempre ia se os meus irmãos fossem junto, ou um amigo valente. Eu nunca cheguei até o fim, eu sempre fui até onde é o Carrefour, agora. Aquela coisa de garoto de vila, não é de vila, é de vida, que descobria os lugares secretos que tinha na Vila. Então, a gente descobriu que aquele esgoto era limpo, que servia de escoamento da

água da chuva e que nós podíamos circular porque tinha... Agora, tu olha aqueles filmes de Nova York, como que é o colecionador de ossos, aí tinha um vão, em cima, assim. Tinha gente que caminhava naquele lugar pra ir até o Iguatemi, saía lá do outro lado mas eu não tive coragem de ir até lá, eu fui até uma parte.

Humberto – Mas e o Ramão?

Leni – O Ramão viveu muito aquilo ali de guri peralta, de guri descobrindo a vida. Mas era possível andar em todos os lugares do IAPI, tanto de dia quanto de noite. **[ININTELIGÍVEL]** podia e tem, por exemplo, ali perto da São Pedro que tu sobe aquela escadona, ali que vão, leva pra outra parte do IAPI lá onde vai ser o posto do SUS hoje em dia e tinha aquelas coisas também, a turma da São Pedro, a turma do Gonça, a turma do... Tinha uma turma que nós não gostávamos, era os burgueses da história, eu não me lembro agora qual era a turma que era burguesa da história, que sempre tinha. Não se passa sem a história dos riquinhos e o bárbaro do IAPI era ir no cinema domingo de tarde. Então, juntava-se os pila e ia com as figurinhas, com as revistinhas pra o matinê do Rei, que era o mais próximo ali, só que nós, meninas, tínhamos uma coisa, tinha que lavar a louça, e era almoço da família. Aí, ir pra avó lá na Mariante passou a não ser tão bom, porque nós queríamos ir pro cinema com a nossa turma, então tinha que negociar. Às vezes, até de convencer de trazer a avó pra cá, pra gente pode ir no cinema ali, e no cinema eles conheciam a gurizada toda ali da Vila, e podia bater o pé quando o mocinho tava ganhando, e gritar no cinema, era cinema interativo! Agora que a gente descobriu! Então, de um lugar que propiciava uma culturalidade não só daquilo que acontecia no bairro, das festas que aconteciam no bairro, mas das coisas que vinham pra nos levar pro mundo, como aquele cinema, que tinha, assim, então, aquele predião de parede morta que tem no IAPI, por exemplo, ali onde é agora a delegacia de polícia. Aquilo ali era pracinha, tinha pracinha. Agora se foi fechando e gradeando, fechando e gradeando. Não existia aquele prédio, era uma praça. Os caras vinham da Prefeitura, eu acho, projetavam o cinema, projetavam o filme ali. Então, a gente ia com cadeirinha, a gente ia até com pipoca, as famílias, e era muito legal ver as famílias caminhando pra ir assistir o filme naquele lugar,,, Tinha os desfiles da Mocidade lá na Vila, depois tinha os desfiles de carnaval, também, lá na Vila, um ponto de referência pros desfiles de carnaval, saímos no bloco. Não, vai até hoje, que são as tesouras, as tesouras começaram com um grupo de jovens que se vestiam de mulheres e saiam pra brincar e aí se transformou nas Tesouras que até hoje no dia 31 se reúnem em uma das praças ali atrás da..., até legal vocês verem, aonde é a biblioteca pública. Eles fazem um grande churrasco, aí depois vão pra casa um do outro e começam a se vestir de mulher, se vestir de padre, se vestir de não sei o quê. Nós... não tava mais conseguindo um carro de som e o samba rolando lá em cima, teve um momento que a prefeitura que nos mandava o carro de som deu uma recolhida, mas começou a se conseguir de novo. Quando era o governo PT, a gente tinha mais facilidade dessas negociações populares, então eles saem por entorno da Vila brincando carnaval, brincando no ano novo.

Humberto – 31 de dezembro, agora.

Leni – 31 de dezembro, agora. Quando vinha os shows de João Bosco tudo ali pra praça se sentava naquele lado alto ali da limpedro e ele fazia o show lá. Era muito genial.

Humberto – Isso na década de 60?

Leni – Não, agora, esses shows. Os filmes eram na década de 60-70. Só os escolhidos, muito escolhidos, e os shows vieram na década de 80.

Humberto – Fimes Cristãos?

Leni – Jesus sofrendo. Antes do Mel Gibson ele já tava perdendo sangue. Mazaroppi passava também, muitos dos filmes brasileiros. A TV já existia, mas todo mundo pegava sua cadeirinha e ia pro cinema.

Humberto – Me permanece uma curiosidade...

Leni – Desde a guerra do Paraguai, porque um primo muito próximo da minha mãe foi pra guerra do Paraguai, a gente tinha aquela foto dele antes de ir pra guerra do Paraguai, então eu lembro quando estourou a legalidade a minha irmã do Instituto queria, se alistou na Cruz Vermelha, porque, se o Brasil entrasse em guerra, ela iria pra Cruz Vermelha e era um frisson. O pai saía pro trabalho e já dizia: “Qualquer coisa que acontecer, se atirem no chão”. Então, desses momentos que o pai teve, lembro do sofrimento que foi de nos ligarmos um pro outro, porque ali tinha todo o sonho de uma abertura democrática. Então isso marcou muito, e essas coisas que a gente fala, que a gente revela, por exemplo, assim, mesmo os gurizinhos da engenharia, ele são grandes leitores de coisas humanas. E, por exemplo, assim, eu acho que essas coisas mexeu tanto com a minha filha que ela está fazendo a opção por história e ela a princípio quer estudar história, estudar a ditadura, o período da ditadura. Mas ela foi construindo, junto com a escola, desde a 8ª série e agora a gente teve chance de viajar, delas verem esses lugares onde o extremo, o totalitarismo eclodiu e o efeito disso até hoje na vida daquelas pessoas. Então, por exemplo quando a gente tava em Praga agora, ela tava muito curiosa de saber o que que aconteceu, naquele bairro judeu, como que a coisa funcionava, como que eles conseguiram derrubar a estátua de Stalin. É histórico, porque eles derrubaram Stalin. Então, toda uma coisa aqui que era nossa, que era dos nossos movimentos estudantis, que ela foi ampliando assim, que aconteceu nos outros lugares, em função dessa ditadura. Quando nós tínhamos a Pedacinho da Vida, a Amanda e a Dora chegavam a freqüentar a Pedacinho, mas ela foi pro Peixinho Dourado, lá do Pinhal, mas eles nunca ficaram sozinhos lá, eles sempre tiveram essa convivência muito próxima de Porto Alegre e de algum jeito a Dora tá fazendo administração à distância na UFGRS, lá na praia. Então, ela vai pra Osório de 15 em 15 dias pra ter os presenciais e todos os dias a noite ela tem aula em casa no PC dela. Tem que se montar uma infra-estrutura pra Dora ter a aula e ter o PC, tem que se montar uma estrutura pra que a Dora não deixe de ter aqueles livros que chegam a custar quase R\$ 200, mas que precisa pra Administração. E ai a gente economiza, e ai a gente se movimenta, e agora nós estamos muitos faceiros porque a Betinha tá fazendo graduação e a Dê também, lá na praia. que ela faz esse curso de gestão da educação oral, alguma coisa assim eu não sei direito o nome do curso. Eles estão lá, mas eles, também lá, foram construindo essa coisa da produção do saber. Talvez lá elas se diferenciam de um monte de gente, mas isso também não é impedimento delas estarem muito bem com aquele monte de gente.

Humberto – E os primos?

Leni – Se amam de paixão.

Humberto – Como tá a construção, qual o papel das tias, o papel do avô?

Leni – Assim, isso foi da mãe, do pai, nós nunca conseguimos ser competitivos, nós sempre nos mobilizamos pra ajudar um ao outro, pra cuidar do outro. Então eles eram pequeninos e eles agora contando de coisas que eles faziam lá no Pinhal quando eram pequeninos, que nós não sabíamos. É muito genial, coisas que eles descobriram na praia, as coisas que eles faziam, sabe viver a situação de praia. Então, por um período, os guris e as gurias daqui tiveram essa chance de viver o que quê é morar no Litoral, porque eles tinham esse tempo inteiro de interrupção, tanto que eram pequeninos, eu lembro de levá-los, as crianças daqui pra praia de ônibus e aquela coisa de criança na marcação do espaço, já vai chegar? Qual foi a minha história? Eu vou marcar esse lugar e aí, marcando e passando por esses lugares, até chegar na praia. Então, eles tinham, assim... a gente tem que chegar na plantação de arroz; aí, os silos eram as grandes panelas de arroz, nós estávamos chegando nas panelas de arroz, aí vinha o túnel verde, aí vinham os cômodos; aí, a gente estava chegando na casa do tio Ramão. Essas coisas assim, que dá a expectativa deles se verem de novo, porque eles eram muito amigos aqui, a Amanda adora vir com as crianças aqui e eles continuaram sendo família, porque o Ramão e a Betinha receberam sempre as crianças lá na praia, e depois de um tempo a gente alugava uma casa lá pra ficar junto com eles. Então, ia todo aquele bando pra praia e juntava comida, juntava panela, juntava tudo, o Ramão fazia o churrasco e aí a gente continuava. O Ramão, muitas vezes vinha no Natal aqui pra Porto Alegre, por causa do pai e muitas vezes a gente ia no Ano Novo pra Pinhal. Então, eles nunca perderam vínculo, a gente via assim, “Bah, mas tá passando esse filme, as gurias têm que vir pra Feira do Livro, as gurias têm que vir pra isso e pra aquilo”. Junto com os outros primos, elas nunca foram as caipirinhas da roça. Não, elas eram as primas, e eles têm... e agora, assim, a gente fica... porque agora que tu começa a olhar pra eles, que eram pequenos e agora tão jovens, como é que eles tão funcionando na hora que um precisar do outro? Como que eles tão funcionando na hora que um precisa de cuidado, e só falta a gente ter o casaco do Marx, assim, com aquela colcha de retalho da mulher do Marx. Eu tenho a proposta mas não consegui, ainda. Eu tenho que me aposentar pra fazer o **[ININTELIGÍVEL]**, pra fazer aquilo, de cobrir com carinho, como acontecia com aquela colcha, aquele que tá precisando. Então, a situação do meu irmão, ano passado, que foi uma situação... Pum, de repente nós estávamos lá com ele, no dia dos pais, ele brincando, ele feliz, porque estava conseguindo construir a casa e graças àquele projeto do Lula de construção de casas populares ele pode pensar em construir a casa... Ele sentando junto às gurias e ele sentando junto, como que nós vamos fazer, como que a gente vai pagar daqui, como que a gente vai tirar dali, e a casa começava a ser desmontada, a gente tava lá quando a casa foi desmontada, digo meu deus, agora tem que construir a casa porque agora não tem mais casa, tem que construir a casa, e aí vem aquela parte do empréstimo e tinha que se fazer o resto da casa e pagar o pedreiro e acontece toda tragédia do Ramão morrer, uma semana depois que a casa ficou pronta. O Ramão foi, quando ele tinha morrido, e ele tava vibrando porque ele era assim, ele tava lá na praia, mas ele sempre vibrou com o sucesso dos outros. Então quando os gurias passavam uma cor...

ANEXO 15

ENTREVISTA 12
Leni Dornelles, em 26/12/2007

ENTREVISTA 12

Leni Dornelles – Em 26/12/2007 – Perguntas e respostas por e-mail.

Date: Wed, 26 Dec 2007

Humberto – Até que idade você frequentou a Igreja Batista?

Leni – Até 6 anos

Humberto – Com que idade e por qual motivo ingressou na Igreja Metodista?

Leni – A convite de minha irmã mais velha, passei a frequentar a escola dominical. Este era o meu encanto com a igreja.

Humberto – Quais as influências dessas duas religiões que você identifica na sua vida?

Leni – O efeito das questões de religiosidade na minha vida foram os de tentar olhar o outro naquilo que ele é.

Humberto – O Sr. Armando também frequentou a Igreja Metodista?

Leni – Não, eramos só minhas duas irmãs e eu.

Humberto – Como opera para você, caso haja, relação entre negritude e religiosidade?

Leni – Por muito tempo e talvez até hoje, foi negada a questão de religiosidade africana. Nos criamos em função da avó materna, sob efeito da Igreja Batista. Pouco ou nada era falado sobre outra religião.

ANEXO 16

ENTREVISTA 13

Valdemar Marques Severo, em 07/12/2007.

ENTREVISTA 13

Valdemar Marques Severo – Em 07/12/2007 – Pátio da sua casa, bairro São José, Porto Alegre – Presença da esposa, familiares, pessoas amigas. Eventual interferência. Presença da estudante do curso de graduação em ciências sociais da UFRGS, Vanessa Gil, que auxilia na gravação. Entrevista gravada.

Entrevista com Valdemar Marques Severo - integrante do partido comunista em 7 de dezembro de 2007.

Humberto – O senhor teve sua vida política no interior do estado, andou um tempo fora do Brasil, depois retornou a Porto Alegre. O meu interesse, da minha pesquisa na Universidade, é recompor como no Brasil tem sido a formação do pensamento e de uma ação operária, porque o mundo intelectual sem o mundo operário não vive; quer dizer, só a idéia sem a produção não existe. O operário não se detém na produção material, ele tem a questão dos valores. Então, o senhor, sabendo qual o interesse da pesquisa, o senhor fica à vontade para contar a historia da sua vida, da sua militância, coisas que o senhor viu e viveu, pensou e pensa, o que o senhor acha e gostaria de destacar.

Valdemar – Eu entrei na Viação Férrea em 1937, fevereiro de 37, dia 21. Sempre trabalhando, serviço muito rústico, quando eu entrei era cru no trabalho, fui aprender a trabalhar na Viação Férrea, mesmo. Nessa época que eu entrei na Viação Férrea ganhava muito pouco. Naquela época o ordenado era uma miséria. Então, passei por um trabalho mais [ININTELIGÍVEL], mais forte, numa bancada. Fui trabalhar numa [ININTELIGÍVEL], era um serviço muito judiativo, muito cansativo. Era levantar máquina, limpar as locomotivas, tudo. As maria-fumaça naquela época, levantar pra poder limpar ela, pra fazer o trabalho que era necessário de ajuste. Ali, trabalhei com uma turma de uns rapazes, era quatro morenos. Eu era guri, tinha 18 anos naquela época, pode-se dizer que eu tava iniciando a vida. E trabalhei ali com eles, mas nunca fiquei atrás deles, sempre enfrentei o trabalho como tinha que enfrentar, né? Se eles pegavam um motor eu também pegava. Mas eram rapazes muito bem [ININTELIGÍVEL], rapazes muito [ININTELIGÍVEL]. Então, nessa época eu trabalhei muito tempo, dois anos ali naquele trabalho. Depois foi o chefe da oficina, mesmo que me disse: “Tu poderia passar para a bancada, trabalhar como artífice”. Eu já estava sabendo um pouco do trabalho de artífice, então continuei trabalhando de artífice. Aí, fui trabalhar num quarto de vedação, todo o material que mantinha a caloria, o movimento da máquina. Trabalhei uma época e depois passei para uma bancada em que eu só trabalhava com o [ININTELIGÍVEL]. Trabalhava [ININTELIGÍVEL]. Eu recebia o material descrito como eu ia marcar as peças e não podia ser uma coisa mal feita, senão a locomotiva saia fora da linha. Então, aí eu trabalhei muitos anos, até 1949. Eu trabalhei por ali. Nessa época apareceram as lutas da ferrovia, o que nós mais travamos foram a lutas patrióticas. Partidárias? Eu não sei sabia nada de política. Então, quando apareceram as lutas com dirigentes ferroviários, que

era uma grupo muito trabalhador politicamente, mas era tudo escondido, naquela época não se podia falar em partidos, principalmente em partido comunista, era tudo clandestino. Mas ali tinha uns operários muito trabalhadores e reivindicando as lutas nossas na ferrovia, então eu continuei na luta com eles, depois de 1945. Em 1947-1948, nós começamos a luta de declaração de guerra ao Eixo, né? Então nossos **[ININTELIGÍVEL]** saíam na cidade, nas localidades, dirigindo... declarando guerra aos alemães. Eles estavam invadindo, queriam tomar o mundo todo, então nós também declaramos contra, e na minha empresa, na minha ferrovia naquela época, tinha muito alemão, virava só em gente com posto alemão. Tinha muita gente, principalmente na chefia, porque não sei qual era o intuito do Getúlio Vargas, que dava muito a mão pro alemão, era muito ligado à Alemanha, né? Então, os alemães eram os maiores chefes que tinha, eram mais de quarenta e pouco. Então, nós travamos aquela luta enérgica e participamos das lutas patrióticas, declaração de guerra ao Eixo, fazendo com que o Getúlio declarasse guerra ao território alheio. O movimento da Alemanha não se manifestava, então nós fizemos uma luta para que o Getúlio declarasse guerra. Então, nós participávamos, nós saíamos, os ferroviários, nós saíamos a visitar as autoridades em Santa Maria, que era onde eu trabalhava. Nós íamos no prefeito, nos comandantes militares, e naquelas autoridades que resistiam por aqueles poucos. Naquela época eram poucos, não tinha Câmara de Vereadores, não tinha nada, mas aí fomos vencendo aos poucos, e aí o Getúlio declarou guerra ao Eixo. Preparamos umas forças revolucionárias incluindo os ferroviários, preparamos trem para transportar os soldados até São Paulo. Iam de trem até São Paulo naquela época, e de lá pegavam o avião até a Itália pra combater na Itália. O trabalho era muito árduo naquela época. Eu sei que, logo em seguida, terminou a guerra e nós continuamos a luta pela liberdade dos presos políticos, tinha uns camaradas presos, eu naquela época era um gurizão, mas participei ativamente na luta. Aí, nesta época nós conseguimos a anistia, saímos com o Prestes da cadeia, João Filipino Correa e aquela turma toda maior, era uma turma grande. Então, saindo da cadeia nós continuamos a luta em defesa do Petróleo é Nosso, que foi uma luta muito árdua pra nós. O presidente da Ferrovia em Santa Maria liderou a luta em defesa do Petróleo é Nosso. E nós achávamos que era uma luta patriótica, uma luta de muito valor e aí eu me entrosei na luta política mesmo. Aí, assinei ficha no partido comunista, depois que o Prestes saiu, desde aquela época, em quarenta e poucos por aí eu me filiei ao partido comunista e até hoje estou no PCB não no PSDB. O PSDB, eu acho que está ligado ao capitalismo. Porque eles têm parte nacionalista, mas estão apoiando o Lula e eu acho que o Lula não está representando mais o povo brasileiro como podia representar né?. Então em **[ININTELIGÍVEL]**, o PCB rompeu com o Lula.

Humberto – Logo no início, quando o senhor entrou pra Rede Ferroviária, como é que fazia para entrar, qual era o mecanismo para entrar na Rede Ferroviária?

Valdemar – Pra trabalhar lá?

Humberto – Pra trabalhar.

Valdemar – Era muito difícil. Eu entrei porque um rapaz morreu, então eu entrei na vaga dele. Só entrava quando saía um. Morria alguma pessoa, tinha que substituir por outra pessoa, fazia falta na locomotiva, né? Então eu entrei na vaga de um operário que morreu.

Humberto – Mas o senhor já conhecia algum outro operário lá dentro?

Valdemar – Não, não conhecia, eu tinha lá dentro um chefe de turma que era tio da Suely. Eu namorava a Suely, era começo de namoro. Então, foi ele que me conseguiu a vaga. Então, eu fiquei lá, trabalhando na Viação Férrea todo esse tempo, e em 1945 nós fizemos uma greve, mas foi uma greve muito engraçada, porque naquelas épocas os ferroviários ainda não estavam organizados. Nós não sabíamos nem o que nós éramos, estadual, federal, autárquico. Então, nós fizemos uma greve, mas foi uma barra, liderada pelo Coronel Broxado da Rocha, o Coronel-Promessa. Conseguimos, porque ele tava engatilhado [ININTELIGÍVEL], pra ele era um tratado de paz. Então, em 45 já tivemos essa greve. Logo em seguida, nós começamos a reivindicar os [ININTELIGÍVEL], nos éramos presos, éramos espancados, removidos. Em 49, os ferroviários viajavam pra outros estados e tinha um comitê ferroviário, um comitê dirigido pelo partido, que era tudo companheiro dos ferroviários que pertencia ao Comitê Estadual do Partido Comunista. Então, nós organizávamos os ferroviários ao longo da linha Rio Grande, Pelotas e todo o interior. O Butiá, como se diz, que organizou os ferroviários. Fui a Rio Grande em 49. Em 49 teve uma passeata lá, os trabalhadores, e eu tinha saído a pouco de Rio Grande e eles mataram a Angelina Gonçalves, foi morta numa passeata. Ela conduzia a bandeira brasileira e a polícia atirou nela e não respeitou nem a bandeira. Matou a Angelina e feriu o Antonio Hecker, com uma bala na [ININTELIGÍVEL], depois ele morreu. Em 50 houve uma remoção de ferroviário, aonde eu fui removido também para [ININTELIGÍVEL], no qual lá respondi a um processo, também por causa das greves. Aumentou 200 réis, naquela época, o quilo de carne e os ferroviários levantaram em greve. Fizemos uma greve estadual, porque tinha aumentado 200 réis o quilo de carne. A miséria era tão grande que 200 réis fazia diferença no nosso vencimento. Então, fizemos essa greve em 1951.

Humberto – Nessa parte organizativa, tinha um Comitê Estadual que organizava... E a formação do pensamento operário, como é que se dava?

Valdemar – O pensamento do operário era em torno das reivindicações e pelo movimento patriótico. Os operários participavam muito do movimento patriótico, das eleições diretas ou da defesa do petróleo, que foi uma luta muito árdua nossa, dos ferroviários, a partir de um tempo. E, agora a pouco, veio do Rio uma caravana de membros do comitê do Petróleo é Nosso. Vieram aqui em Porto Alegre, nos entrevistar. Entrevistaram eu, o Coronel Pedro Alvarez, o jornalista que morreu, e eles me mandaram o livro, mandaram um série de coisas do congresso que houve no Rio que eu não pude participar, porque pra mim fica difícil viajar com a idade que eu estou.

Humberto – O Senhor esta com quantos anos?

Valdemar – 88, vou fazer ano que vem, dia 5 de fevereiro. Então, essas lutas foram muito decisivas em defesa do petróleo, porque naquela época nós não tínhamos um auto para andar. O senhor não se lembra, o senhor era muito novinho, mas nós não tínhamos transporte. Quase tudo era carreta que transportava nas cidades, carreando lenha e nem fogão a gás não existia. Era mantido fogão a lenha, toda a alimentação era feita no fogão a lenha.

Humberto – O senhor chegou a freqüentar escola?

Valdemar – Não, fui aprendendo nas lutas mesmo. [ININTELIGÍVEL] O que eu estudei mais foi dentro do jornal, e no Exército eu participei de aulas, mas muito fraca naquela época. O nosso povo era muito atrasado naquela época. Tinha uma professora onde eu me criei, em Alegrete, ela não sabia nem as

quatro operações e era professora. Até as minhas irmãs aprenderam, mas eu tinha que trabalhar para sustentar a família, nós éramos uma família muito grande, nós éramos dez irmãos e o casal.

Humberto – Mas o senhor começou trabalhando em que?

Valdemar – Na campanha.

Humberto – Não, profissionalmente! O senhor começou trabalhando primeiro em que profissão?

Valdemar – De profissão não tinha, nessa época, a não ser na Viação Férrea. É a Viação Férrea que eu tenho como profissão, mas antes era trabalho manual.

Humberto – Mas antes o senhor não trabalhou em outra coisa?

Valdemar – Não... Trabalhei em uma fábrica de bebida em Santa Maria, que era a Cirylinha. Trabalhei em uma fábrica de bala, que tinha 50 moças enrolando as balas. Dali eu fui pra Viação Férrea.

Humberto – Na agricultura, o senhor trabalhou?

Valdemar – Não. Na agricultura? Na agricultura trabalhei quando guri, até os 17 anos. Trabalhava de peão de estância, trabalhei em lavoura, na agricultura. Foi um trabalho bem forçado. Daí, em 1937 me apresentei no Exército, me apresentei como voluntário, pra poder nos sairmos do campo, que era muito árdua a luta no campo naquela época. O transporte era tudo a boi, a carreta. Inclusive fazia carreteadas de Alegrete a Uruguaiana, levava uma semana, duas. Até o Osvaldo Bastos, que era um fazendeiro que tinha uma fazenda que ele alugou em Jacaraí, quando acabou o aluguel dele, ele se mudou pra Uruguaiana. Então, ele se transportou pra lá e eu e meu pai fomos levar a mudança dele toda de carreta de boi, e uma tropa de porco que ele tinha. Levamos uma tropa de porco pela estada, levamos semanas e semanas pra chegar em Uruguaiana. Era uma luta bem cansativa.

Humberto – Na Rede Ferroviária, e estando no Partido Comunista, como era a formação teórica do operário? Como é que se fazia isso?

Valdemar – Olha, era no trabalho, mesmo! Eles iam aprender a maior parte e aprender a profissão, a teoria, tudo era no trabalho. Nós entrávamos lá cru, mas chegava lá tinha uns que sabiam mais e uns iam ensinando os outros a trabalhar. A gente ia aprendendo. Quem tinha boa cabeça aprendia em seguida. Eu, principalmente, entrei lá cru e saí operário artífice, artífice de oficina.

Humberto – Artífice ferramenteiro?

Valdemar – Artífice mecânico da locomotiva. Inclusive, em 49, quando eu fui removido nós tava transformando a primeira locomotiva a petróleo, que era uma locomotiva 606, se não me falha a memória. Antes era tudo movido a carvão e a lenha, era um trabalho para os foguistas. Aquilo era desigual, bruto, saía de Porto Alegre a Santa Maria botando lenha em uma fornalha de carvão.

Humberto – Pinheirinho que o Sr. Fala era o Pinheiro Machado? Esse que o filho está na televisão, no Anonymus Gourmet?

Valdemar – Não sei, não conheço. Ele veio aqui em casa, logo que eu cheguei do exílio. Ele veio aqui fazer uma reunião comigo, o Pinheirinho. Mas não sei o que deu nele e morreu. Não sei qual foi o problema dele.

Humberto – E os escritores, assim, tipo o Pinheiro Machado? Eles faziam palestras com vocês?

Valdemar – Sim, faziam. Iam a Santa Maria e faziam. Tinha aquele que, Mosa, não me lembro como era o nome dele. Um era médico, também ia muito a

Santa Maria e fazia reunião, muita. Era continuamente aqueles debates que se faziam. O partido ajudou muitos a se esclarecer. Ajudou o povo a compreender a conquistar a democratização do país.

Humberto – Bom, aí o senhor sofreu duas ditaduras e participou de duas democratizações...

Valdemar – É, duas ditaduras. Essa aqui foi a mais... Primeira foi a do Getúlio, depois foi essa dos militares, que nessa aí me removeram. Fui posto na rua, me botaram na rua em 64, eu tinha vinte e sete anos de serviço.

Vanessa – O senhor saiu em razão da sua vida política?

Valdemar – É. Por causa da política e da liderança de classe. Nós tínhamos muitos que não era comunistas, mas eram elementos que participavam da luta reivindicatória, patriótica. Então, todos aqueles, botaram na cadeia, prenderam, removeram, foram prejudicados. A ditadura militar prejudicou todos esses.

Vanessa – E tinha gente do partido em todas... tinha artífice, ferramenteiro, em todas as áreas tinham pessoas do partido?

Valdemar – É, não tinha em todos, mas sempre tinha. Naquele tempo, o partido era muito ativo, naquela época, não é como hoje. Eram muito ativos. Então, todos aqueles, eles perseguiram. Como eu fui posto na rua. E, da minha turma, que foi posto na rua naquela época, ali cinqüenta e poucos foram postos na rua. Os da luta mesmo da ferrovia foram perseguidos, botados na rua.

Vanessa – Aí, o senhor foi para onde?

Valdemar – Aí, eu fui preso. Aí, eu fui para a prisão, sai por uma semana de folga que eles deram para mim, para eu me restabelecer, que eu estava muito judiado na prisão. Aí me deram uma semana para eu me restabelecer e voltar dali a um semana. Nessa semana eu me mandei.

Vanessa – Aí, foi para o Uruguai?

Valdemar – Aí, fui para o Uruguai. Aqui em Porto Alegre me restabeleci, melhorei da saúde e procurei os companheiros do partido, estavam tudo desaparecidos, já estavam matando, já tinham matado uns quantos. O Elói, que era presidente do partido aqui também, [ININTELIGÍVEL], espancaram ele muito. Espancavam, os milicos eram todos analfabetos. Porque, o que a gente viu é que milico não tem capacidade de dirigir uma nação, porque aqueles melhor, que nós tinha, lá no Uruguai estavam exilados. Lá no Uruguai tinham uns quantos e a gente via que eles eram uns homens capazes de liderança. A não ser, nós tinha aqui oh, naquela época tinha uma porção de generais patriotas, lutadores como era o Pedro Alvarez, era um dos campeões aqui no Estado. Tinha o Otta Barboza que era general, que eram uns caras lutador. E outros que tinham, porque hoje não se vê um militar abrir a boca nesse estado de coisas que nós vivemos, não se vê hoje um militar com voz. O Alvarez tá aí, mas o Alvarez tá reformado. Mas o Alvarez era um lutador intransigente. Por exemplo, em Santa Maria nos ajudou muito nesse sentido, ele pegava, chegava a levar o batalhão, que ele era chefe do batalhão lá do Exército, ele levava os militar dele tudo lá nos ferroviários, para quando nós fizer greve eles não querer usar os militar para nos bater, não é? Ele levava, o Alvarez, para confraternizar com nós. Mas no demais a gente não tinha. Tem muito passado que a gente até esquece, mas as coisas era tão graves que a gente ainda se lembra hoje de muita coisa.

Humberto – E vocês tinham... Em Santa Maria, a rede ferroviária era o centro do Estado, de lá que saía...

Valdemar – De lá que saia as central de greve, era tudo de Santa Maria. Era ali que a gente fazia central de greve de movimento reivindicatório, tudo de Santa Maria.

Humberto – Era central da direção da empresa, mas também era a central dos trabalhadores?

Valdemar – Dos trabalhadores.

Humberto – E vocês tinham contato com outras categorias de trabalhadores?

Valdemar – Naquele tempo era muito difícil, mas nós tinha, tudo que era trabalhador que participava, a gente tinha contato, não é?

Humberto – Por exemplo, o senhor conhecia, lá em Santa Maria, esse comitê que tinha liderança local. No Porto do Rio Grande, vocês tinham contato com o Exterior?

Valdemar – Com o exterior não, nós não... tinha que ter.

Humberto – Porque tinha muito marítimo também que era filiado ao partido, não é?

Valdemar – É. Tinha. Tinha muita gente do Exterior que vinha mesmo naquela época, que tinha contato. Praticamente todo o partido teve ligação e ajuda. Principalmente, a União Soviética ajudou muito os trabalhadores a se organizarem e a lutarem.

Humberto – E no período do Uruguai? Como era?

Valdemar – O Uruguai foi uma nação de muito valor para a gente naquela época. Penso assim não só porque nós estava lá, mas porque nos ajudou muito. Os ferroviários principalmente, os exilados, quer dizer. Lá teve o apoio de tudo quanto era forma: era médico, era advogado, era dentista. A minha mulher mesmo se curou de uma intoxicação lá no Uruguai. Tudo grátis. Naquele época, os uruguaios nos ajudaram muito. Inclusive o Partido Comunista Uruguaio. Ajudaram muito os exilados. A minha mulher lá, só ela podia vir para ao Brasil, eu não podia. Ela vinha de lá do Uruguai, vinha a Santa Maria, onde eu morava, tinha contato com os familiar tudo, pra levar notícia daqui ou dali. E, de mais, nós tinha contato com João Goulart, com Brizola, tinha contato.

Humberto – O Júlio chegou a ser do comitê central do partido depois?

Valdemar – Foi.

Humberto – Eu li naquele livro, “Doze comunistas gaúchos”, eu sei que ele teve um papel de destaque depois dessa briga aí com o padre. Parece que ele ficou aqui e depois tava difícil pra ele ficar aqui, daí o partido levou ele pra ficar à disposição do comitê central. O nome do Livro é “Doze comunistas gaúchos”, conta do Dyonélio Machado, do Júlio, são doze biografias.

Valdemar – Até um tempo, o Lucas tava aí, mas o socialismo [ININTELIGÍVEL]. No Partido Socialista, aqui em Porto Alegre, mas não me lembro o nome dele mais. A família do Lucas esta quase toda aqui em Porto Alegre.

Humberto – Tem um filho do Coronel Alvarez que está hoje no PT.

Valdemar – É, tá...

Humberto – De algum modo, vamos dizer assim, aquela geração foi ficando..., outros... alguns continuaram no partido...

Valdemar – É, teve muitos companheiros que passaram para o PT, o PT entrou como partido de esquerda, partido revolucionário. Então, muitos companheiros foram pro PT, e [ININTELIGÍVEL] do PT comunista. Inocente, né? Agora, o Lula se aliou à burguesia.

Humberto – Tem uma coisa que eu não lhe perguntei ainda. Vocês tinham Associação dos Ferroviários e conseguiram fazer o Sindicato?

Valdemar – Conseguimos, tem o Sindicato, funciona ali na Voluntários.

Humberto – Então, mantêm o Sindicato e a Associação, os dois?

Valdemar – Sim, mantêm os dois. A Associação é mais é reivindicatória, ela tá trabalhando mais em reivindicações dos ferroviários. Ela tá trabalhando mais que o Sindicato. O Sindicato tá meio parado. Eu sou sócio dos dois, e até agora prestaram uma homenagem na associação, prestaram uma homenagem ao ferroviário mais antigo, eu tenho o diploma.

Vanessa – E quando ia ter assembléia pra fazer greve, a greve era decidida em assembléia, o partido se reunia antes pra decidir? Como fazia?

Valdemar – Sim, o partido fazia uma reunião antes.

Vanessa – E como é que fazia pra convencer os outros, sem dizer que era do partido?

Valdemar – Nós conhecíamos todos, mesmo os que não eram. A necessidade obrigava eles.